

ÚLTIMO *Livro* DA TRILOGIA

3ª EDIÇÃO

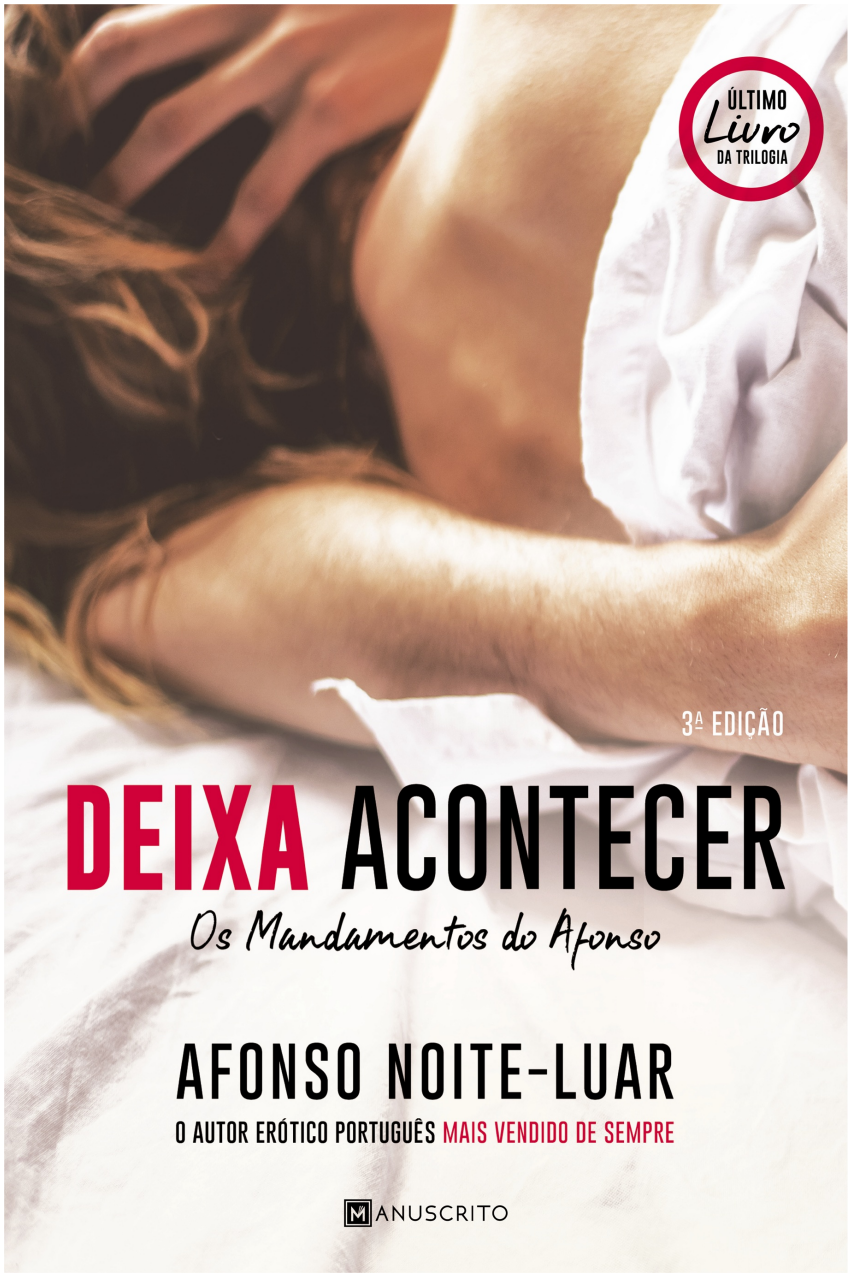
DEIXA ACONTECER

Os Mandamentos do Afonso

AFONSO NOITE-LUAR

O AUTOR ERÓTICO PORTUGUÊS MAIS VENDIDO DE SEMPRE

MANUSCRITO


ÚLTIMO
Livro
DA TRILOGIA
3ª EDIÇÃO
DEIXA ACONTECER
Os Mandamentos do Afonso
AFONSO NOITE-LUAR
O AUTOR ERÓTICO PORTUGUÊS MAIS VENDIDO DE SEMPRE
MANUSCRITO

AFONSO NOITE-LUAR

DEIXA ACONTECER

Os Mandamentos do Afonso

MANUSCRITO

facebook.com/manuscritoeditora
instagram.com/manuscrito_editora

© 2020
Todos os direitos relativos à chancela Manuscrito
encontram-se reservados para Editorial Presença, S.A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título original: *Deixa Acontecer*
Autor: *Afonso Noite-Luar*
Copyright © Afonso Noite-Luar, 2020
Copyright © Editorial Presença, S.A., Lisboa, 2020
Revisão: *Catarina Florindo/Editorial Presença*
Imagem da capa: *Shutterstock*
Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
Coleção: Romance Erótico
Este livro contém conteúdos para adultos.
Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens ou incidências são fruto da imaginação do autor ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

ISBN: 978-989-8975-59-1
Depósito legal n.º 470 051/20

1.ª edição em papel, Lisboa, julho, 2020

Mandamento n.º 51:
Deixa acontecer e se nada acontecer
é porque não era para ser.

1

Ajoelhei-me diante do **Afonso** sob o seu olhar atento e desabotoei-lhe as calças. Abri o fecho, desci-lhe a roupa e o seu pau emergiu imponente e vigoroso diante do meu rosto. Peguei nele, acrescentei um pouco da minha saliva ao seu lubrificante natural e espalhei-o a todo o comprimento. Confesso que era uma imagem prazerosa ver a minha mão, pequena e delicada, a acariciar-lhe o sexo. Um prazer intensificado pelo pormenor do verniz vermelho das unhas, que dava um toque ainda mais erótico e sedutor aos movimentos da mão. Lambi-lhe o pau desde a base até ao topo antes de o fazer deslizar para o interior da minha boca. Nesse momento o **Afonso** começou a gemer e eu percebi que estava a ir pelo caminho certo. De seguida, ele apanhou e segurou-me o cabelo atrás da cabeça e entendi-o como um sinal para aumentar a velocidade com que o chupava. Com o aumento da velocidade, aumentou também a intensidade dos seus gemidos e não podia pedir maior estímulo do que perceber que lhe estava a dar prazer. Continuei a chupá-lo intensamente e, de vez em quando, tirava o pau dele da minha boca e brincava com ele com a língua. Enquanto isso, fazia questão de o olhar nos olhos, para que ele visse como também eu sentia prazer em fazer aquilo.

Fiel a si mesmo, puxou-me pelo rosto para que me erguesse e beijou-me, apesar de a minha boca estar toda besuntada pelo seu próprio pau. Depois, rodou-me e empurrou-me para o sofá atrás de mim, fazendo-me sentar. Baixou-se diante de mim, tirou-me as botas e as calças e deixou-me a camisola e as cuecas. Enfiou a cabeça entre as minhas coxas e beijou-mas pelo lado de dentro antes de roçar com o nariz no meu sexo e de mordê-lo ao de leve. O meu corpo estremeceu todo com aquela sensação estranhamente boa, mas não tive tempo de a saborear, uma vez que, logo a seguir, ele arrancou-me as cuecas e puxou-me até à ponta do sofá.

Ergueu-me as pernas, segurando-as pela parte de trás dos joelhos, e chupou-me. Um calor começou a consumir-me o corpo numa labareda interna que iniciava na ponta da sua língua enquanto me roçava com

destreza e inteligência o clit. Não sei que malabarismos é que ele fazia com aquela língua, mas era sempre uma experiência única o sexo oral dele. O **Afonso** ergueu-se no meio das minhas pernas e, sem me olhar, agarrou no seu pau, apontou-o ao meu sexo molhado e penetrou-me até embater no fundo. Depois, sim, olhou para mim e, com um semblante frio mas ao mesmo tempo excitante, começou a comer-me com força contra o sofá. Aquela era uma posição privilegiada. Podia visualizar-lhe o rosto, o corpo e ainda ver o pau dele a entrar e a sair do meu corpo. Além disso, os seus braços fortes a prenderem-me as coxas contra o seu tronco davam-me uma sensação de bloqueio prazerosa.

Quando tentei alcançar o seu rosto para o poder tocar, ele ergueu as minhas pernas até aos seus ombros, prendeu os meus braços com as suas mãos contra o assento do sofá, inclinou-se sobre mim, dobrando-me como uma mola, e continuou a penetrar-me, agora ainda mais fundo. O seu rosto bem diante do meu ao ponto de lhe sentir a respiração ofegante e a sua cintura a embater com estrondo contra o meu rabo construíam todo um cenário eroticamente poético que me deixava extasiada.

Soltou-me, despiu-me a camisola e rodou-me para baixo, ficando apoiada sobre o assento do sofá e com os joelhos no chão. Depois, pegou no pau e esfregou-o, por fora, no meu sexo, antes de lhe bater com ele, o que me fez contrair com o sobressalto. Por fim, meteu-o dentro de mim, devagar, e foi aumentando a velocidade gradualmente até estabilizar o ritmo. Percebi que era naquela posição que ele se queria vir. Então dei azo à Inês mais perversa que existia em mim para puxar por ele e gritei:

«Fode-me! Fode-me toda e vem-te para cima de mim!»

Ele aumentou ainda mais a cadência e os seus gemidos intensificaram-se, até que tirou o pau de dentro de mim e, pouco tempo depois, senti os jatos de sémen no rabo e nas costas. Ficámos os dois naquelas posições durante um bocado. Eu debruçada sobre o sofá, enquanto o sémen me escorria pelo corpo, e o **Afonso** sentado sobre os pés, de cabeça caída, atrás de mim.

«Vai limpar-te. Talvez o melhor seja mesmo um banho.»

«Não vens comigo?», perguntei, ofegante.

«Já lá vou ter», murmurou.

Levantei-me e caminhei em bicos de pés até à casa de banho. Meti-me debaixo do chuveiro, liguei a água e deixei-me estar por um momento sem fazer nada enquanto esperava por ele. Como se estava a demorar, decidi começar a ensaboar o corpo e fui deixando as costas para o final, na esperança de que ainda chegasse a tempo de mas lavar, mas isso não veio a acontecer. Terminei o banho, vesti-me e, quando voltei para a sala, encontrei o **Afonso** sentado no sofá, só de boxers, a mexer no telemóvel.

«Pensei que ias tomar banho comigo.»

Olhou-me por cima do ombro.

«Já terminaste?», perguntou, admirado. «Foste rápida.»

«Não fui rápida, tu é que te demoraste...»

«Desculpa, perdi-me aqui no telemóvel e nem dei pelo tempo passar. Vou então tomar um duche rápido e já volto.»

Pousou o telemóvel, levantou-se e, ao passar por mim, deu-me um beijo leve e frio na testa. Fiquei por um momento a olhar para o vazio como se, de alguma forma, estivesse a colocar mentalmente a última peça de um *puzzle* invisível que andaria a montar nos últimos dias. Queria esperar mais algum tempo, mas o meu lado impulsivo não me deixou aguentar nem mais um segundo e, antes que o **Afonso** saísse do meu campo de visão, disse-lhe:

«Andas estranho ultimamente. Sabes disso, certo?»

Ele parou no meio da sala e ficou de costas para mim durante um bocado, como se estivesse à espera de encontrar a frase certa para responder àquela observação antes de se virar.

«Tens passado mais tempo comigo», começou então por dizer. «É normal veres mais facetas minhas. Se calhar não ando estranho. Se calhar sou só estranho e tu apenas me estás a conhecer.»

Dei dois passos na sua direção.

«Ou se calhar tenho passado demasiado tempo contigo...»

«Como assim? O que queres dizer com isso?»

«Não sei, **Afonso**. Eu sei que tu me deste a chave do teu apartamento e me disseste que podia vir para aqui sempre que quisesse, mas talvez eu esteja a abusar desse livre-trânsito. Voltámos há duas semanas e eu tenho passado mais noites aqui do que em minha casa. Talvez seja melhor ir mais devagar. Tenho medo de perder o encanto, algo que pode

acontecer desnecessariamente apenas por se dar um passo maior do que a perna.»

«Ei! Relaxa!», segurou-me no rosto. «Tu não perdeste encanto nenhum. Se eu ando estranho é porque sou mesmo assim. Não tem nada que ver contigo, mas entendo que isso te afete. Vou tentar melhorar esse aspeto. Prometo. Agora, sim, vou ao banho.»

Fiquei a olhá-lo enquanto se afastava e sentei-me de seguida no sofá para me calçar. Aquelas palavras não me convenceram, mas a verdade é que ele estaria muito mais perto de ter razão do que eu, pois o meu único argumento era o meu sexto sentido. O único pelo menos até ao momento em que o telemóvel do **Afonso** vibrou ao meu lado. Por sorte, ou destino, ainda consegui ver o nome do remetente da mensagem que ele acabava de receber antes de o ecrã se voltar a apagar. Mafalda. O mesmo nome da mulher que ele tanto amou e que tanto o fez sofrer ao ponto de o transformar. Sim, poderia ser qualquer Mafalda, mas eu sabia que não era.

O meu coração começou a acelerar, comecei a suar e a não conseguir pensar. A minha vontade era de pegar naquele telemóvel e ler a mensagem, mas não ia descer tão baixo. Não ia quebrar a confiança que alguém havia depositado em mim por mais que esse alguém pudesse ter quebrado a minha. Ainda pensei em esperar que ele regressasse do banho para o confrontar, mas não queria fazer nenhum disparate nem dizer nenhuma asneira com a cabeça quente. O melhor era mesmo ir-me embora, até porque estar ali já me estava a sufocar. Acabei de me calçar, peguei nas minhas coisas e dirigi-me para a saída, mas, antes de sair, voltei atrás e pousei a chave do apartamento ao lado do telemóvel dele.

2

Caminhei em passo acelerado em direção à paragem de autocarro mais próxima, como se os pensamentos e imagens dolorosos daquilo que tinha acabado de descobrir viessem a correr atrás de mim para me apanhar. Felizmente, quando estava a chegar à paragem, o autocarro também se aproximava e entrei logo, mas não tive a sorte de os pensamentos ficarem em terra. Seguiram viagem comigo e eram como um fardo cada vez mais pesado. Sentia a angústia e a raiva a fervilharem-me no peito, mas tentei agarrar-me à esperança de que tudo aquilo era só uma ilusão.

Não demorei muito a receber uma chamada do **Afonso**, e outra e mais outra, mas não atendi nenhuma. Não só porque estava zangada, mas também porque sabia que, se atendesse, não me ia conseguir conter e aquele não era de todo o momento apropriado para falarmos daquele assunto. Até que me enviou uma mensagem:

«*Foste embora sem me avisar. Aconteceu alguma coisa?*»

A vontade de lhe mandar uma indireta era muito grande, mas, mais uma vez, tive de me conter e adiar o assunto para quando estivesse mais calma. O melhor era mesmo enviar-lhe uma resposta evasiva, mas ao mesmo tempo que o deixasse a pensar.

«*Tive de vir embora. Estou no autocarro, não posso falar*.»

Quando finalmente cheguei a casa, encontrei a Filipa sentada no sofá com os joelhos junto ao peito a ver a telenovela.

«Não me digas... já se voltaram a zangar?», perguntou.

«Como assim? O que é que tu sabes?», perguntei, intrigada.

«Para vires dormir cá a casa é porque se devem ter chateado.»

Revirei os olhos e pousei as minhas coisas na mesa.

«Até parece, Filipa. Já vim cá dormir várias vezes...»

«Então quer dizer que não aconteceu nada de mal hoje?»

Fiquei a olhar para ela por um segundo, depois soltei um suspiro e sentei-me ao seu lado no sofá.

«Mais ou menos...», murmurei.

«Eu logo vi!», pegou no comando, desligou a televisão e virou-se para

mim. «Conta. O que é que se passou?»

«Sabes alguma coisa de uma Mafalda, ex do **Afonso**?»

Comprimiu os lábios e negou com a cabeça.

«Sabes que ele não é uma pessoa de desabafar sobre essas coisas, mas o que é que tem essa Mafalda?»

«Hoje estava em casa dele e sem querer apercebi-me de que recebeu uma mensagem de uma Mafalda. Não li o que é que ela dizia, mas não é difícil perceber que se trata da ex.»

«E não o confrontaste com isso?»

«Não. Não lhe disse nada. Apenas me vim embora sem me despedir, enquanto ele estava a tomar banho. Precisava de sair dali, de respirar e assentar as ideias. Isto aconteceu há minutos. Porque é que ele anda a falar com a ex?»

«Não sei, Inês, mas também não adianta estares à procura de respostas quando tens uma pessoa que te pode responder a todas as perguntas. Fizeste bem em não falares com ele de cabeça quente, mas acho que deves primeiro ouvir o que ele tem a dizer antes de fazeres julgamentos. Estou certa de que ele não te anda a enganar com a ex. Não é esse tipo de pessoa.»

«Mas então porque é que anda a falar com ela?»

«Não sei, pode ter sido algo momentâneo. Se calhar ela fazia anos e ele só lhe desejou um feliz aniversário.»

«O **Afonso** não procura ninguém. Além disso, ele anda estranho há dias. Deve ser por causa dela. Merda!»

Escondi o rosto com as mãos.

«Já te disse para não fazeres julgamentos nem tirares conclusões sem o ouvires primeiro. Vai dormir, descansa, e amanhã quando acordares, de cabeça fresca, vais falar com ele e vais perceber que tudo não passou de um mal-entendido.»

«Ele tem um talento incrível para juntar as palavras na ordem certa e enganar-me com a própria verdade.»

«Basta não lhe dares tempo para pensar. Obriga-o a improvisar. Assim é mais fácil perceber se estiver a esconder a verdade.»

O meu telemóvel começou a tocar. Era o **Afonso**.

«Atende!», atirou a Filipa ao perceber quem era.

«Acabaste de dizer para falar com ele amanhã. Não tenho tempo de

pensar numa desculpa para ter vindo embora.»

«Não te preocupes. Atende e diz que estás aqui.»

«Estou?», atendi.

«*Então? Já chegaste? Porque é que foste embora assim?*»

«Sim, já cheguei. Estou com a Filipa...»

Ela tentou dizer-me algo em surdina, mas, como não consegui perceber, tirou-me o telemóvel da mão para ser ela própria a falar.

«Estou? **Afonso**? É a Filipa. Olha, desculpa lá roubar-te a namorada, mas precisava mesmo dela aqui comigo e estamos a ter uma conversa só de mulheres. Amanhã já a tens de volta. Beijo!», desligou a chamada e devolveu-me o telemóvel. «Assim ele pensa que se passa alguma coisa comigo e não contigo, e já não tens de justificar nada. Agora ouve-me com atenção», pegou-me nas mãos e aproximou o seu rosto do meu. «Eu tenho a certeza de que haverá uma razão lógica para eles terem voltado a falar e não deve ser nenhum desses piores cenários que te estão a passar pela cabeça. Só não faças filmes. Ele tem muitos defeitos, muitas perturbações, mas é uma pessoa de valores e princípios.»

Baixei a cabeça e fiquei a olhar para o vazio.

«Vou esforçar-me para acreditar nisso...», inspirei fundo. «Mas na viagem de autocarro para cá, vinha a pensar numa coisa que não deve estar longe da verdade», fiz uma pausa e ela limitou-se a olhar-me com expectativa. «Ainda agora voltámos e já apareceu um novo obstáculo, tal como tem sido desde o início. Talvez seja mais um sinal de que não é suposto ficarmos juntos...»

«OK! Já chega!», atirou a Filipa, enquanto se levantava e me puxava com ela. «Os filmes nessa cabecinha já começaram e isso, sim, é que é um sinal de que está na hora de ires dormir. Não te quero ouvir falar mais desse assunto enquanto não falares com ele. Anda! Vai dormir e descansar, que amanhã é dia de trabalho.»

Fiz o que ela me disse como se fosse uma criança a ser mandada para a cama pela mãe e, enquanto caminhava até ao quarto, já ia adivinhando o desafio que ia ser adormecer com tantas imagens a passarem-me pela cabeça. Deitei-me, fechei os olhos e fui vendo as horas a passar e o sono sem chegar. Comecei a fazer contas às horas que me restavam para dormir e, à medida que elas iam diminuindo, ia-se

apoderando de mim uma raiva por me deixar afetar daquela forma com um mero cenário hipotético.

O alarme tocou sem que eu me apercebesse sequer de ter adormecido. Pelas contas, não deveria ter dormido mais do que três horas e percebi que aquele dia iria ser particularmente difícil. Arranjei-me o melhor que consegui e quase acabei com o corretor para esconder as olheiras, mas nada que um sorriso, ainda que tirado a ferros, não conseguisse disfarçar.

Apesar do redobrado esforço para me conseguir concentrar no trabalho, a manhã tinha aparentemente corrido bem. Tinha conseguido entregar a tempo e horas o *dossier* que a direção da empresa pedira ao meu departamento, e a sensação era de missão cumprida. Pelo menos até o Dr. Silva entrar na sala com uma pasta na mão, que reconheci de imediato. O Dr. Silva era o diretor-geral da empresa, devia ter uns 50 anos de idade e, pelo que já tinha ouvido, não era propriamente adorado ali dentro.

«Quem preparou este *dossier*?», perguntou alto, exibindo a pasta.

As cabeças ergueram-se por todo o *open space* e os ombros encolheram-se, até que levantei o braço para me autodenunciar. De imediato, dirigiu-se na minha direção e, sem discrição, deixou cair a pasta com estrondo em cima da minha secretária.

«Isto é trabalho que se apresente?!», reclamou.

Atrapalhada, assustada e envergonhada, tive de vencer a gaguez para me poder fazer entender.

«Mas o que é que... o que é que eu fiz de errado?»

«É mais fácil dizer-lhe o que é que fez direito. Parece que fez isto tudo a dormir. Estes documentos estão todos desorganizados e muitos deles, incompletos. Ainda pensei que fosse um problema nas primeiras páginas, mas quando vi que os erros se mantinham, desisti a meio. Faça o favor de retificar tudo e voltar a entregar-me isto daqui a duas horas. O tempo está a contar.»

O Dr. Silva virou-se e foi-se embora. Quando olhei à minha volta, tinha a sala inteira de olhos postos em mim. Sentia o rosto a latejar e naquele momento só queria um buraco onde me pudesse esconder. Mas nem para isso tinha tempo. Baixei a cabeça para que ninguém me visse e mergulhei naquele maldito *dossier* que me tinha roubado a manhã e que

se preparava para fazer o mesmo com a tarde.

O stresse apoderou-se dos meus músculos e o sono que me rondava os olhos desde que acordei esfumou-se. As duas horas que se seguiram foram uma autêntica corrida contra o tempo e, depois de uma última verificação, subi até ao piso da direção, carregando comigo o *dossier* e uma boa dose de culpa e vergonha. À entrada para o gabinete, encontrei a Diana, a amiga do **Afonso**, atrás de uma secretária. De vez em quando, cruzávamo-nos nos corredores ou na zona do refeitório e falávamos um pouco, ainda que quase sempre por iniciativa dela, mas ali era a primeira vez, por isso entendi o olhar de admiração quando me viu.

«Por aqui, Inês? A quem te devo anunciar?»

«Ao Dr. Silva. Tenho um *dossier* para lhe entregar.

«Mas está tudo bem, certo?»

Limitei-me a acenar com a cabeça afirmativamente, mas percebi que não fui convincente. A Diana foi bater à porta do diretor-geral, trocaram algumas palavras e depois fez-me sinal para entrar. Mal entrei, esticou-me o braço para lhe entregar a pasta e, sem dizer nada, começou a folheá-la.

«Parece-me melhor», assumiu. «Agora explique-me uma coisa», recostou-se na cadeira. «Se fez isto bem agora, porque não o fez há bocado? Porque é que foi preciso gastar mais duas horas de trabalho a fazer bem o que, pelos vistos, já sabia fazer?»

«Eu peço desculpa, Dr. Silva, não voltará a acontecer.»

«Não me respondeu.»

Com aquela deixa, percebi que o raspanete ia continuar.

«Eu hoje não estou num bom dia. Problemas pessoais que não me deixaram dormir e isso afetou-me a atenção.»

«E o que é que a minha empresa tem que ver com os seus problemas pessoais? Com certeza que este não é o seu primeiro emprego, já devia ter aprendido a deixar os problemas à porta. Eu não tenho de ter prejuízo só porque a menina se zangou com a amiga ou com o namorado. Está a perceber?»

«Como já disse, não voltará a acontecer, Dr. Silva.»

«O Carlos insiste em empregar mulheres. São todas desreguladas das hormonas e depois quem paga é a empresa», protestou com ele próprio. «Este erro perdoa-se agora porque está aqui “há dias”. Daqui a um mês,

já não se perdoa. Agora vá-se embora.»

Dois minutos de conversa com aquele homem bastaram para me deixar tonta e o alívio que senti por ter conseguido corrigir o *dossier* não compensou a sensação negativa que os comentários dele tiveram sobre mim. Quando bati a porta do gabinete, tive a certeza de que aquela figura iria ser o meu primeiro problema naquela casa. Mas não me podia dar ao luxo de ficar sem aquele emprego que apareceu em tão boa hora na minha vida.

Passei pela secretária onde estava a Diana e ela ainda se levantou, talvez na esperança de dialogar um pouco comigo, mas não me sentia à vontade. Correndo o risco de parecer desagradável, limitei-me a sorrir-lhe e apressei-me a regressar ao meu lugar.

O resto do dia de trabalho foi passado a disfarçar o meu incómodo por aquela má experiência e a desviar-me dos olhares de compaixão das minhas colegas. Quando finalmente chegou a hora de me ir embora, saí sorrateiramente, sem dar oportunidade de me perguntarem o que tinha acontecido. Ao chegar cá fora, pude finalmente respirar um ar leve e fresco que me limpou por dentro, e só nesse momento é que me apercebi de que, desde o primeiro raspanete do Dr. Silva, não tinha voltado a pensar no que tinha acontecido na noite anterior. Por um segundo, acreditei que assim iria ser o resto do dia, até que vi quem estava à minha espera junto à paragem de autocarro. Sim. Ele mesmo. O **Afonso**.

3

«O que é que estás aqui a fazer, **Afonso**? Não tínhamos combinado nada sobre vires buscar-me. Aconteceu alguma coisa?»

«Diz-me tu», devolveu, muito sério.

«A Filipa já te disse por que razão tive de me ir embora ontem.»

«Mas não me explicou porque é que tiveste de deixar a chave que te dei do meu apartamento em cima do sofá», disse, exibindo a chave presa entre o indicador e polegar.

Desviei o olhar e percebi que não podia adiar mais. Gostando ou não do que poderia ouvir de volta, tinha de o confrontar.

«Não tens nada para me dizer?»

«Se achas que tenho, então diz-me o quê.»

«Estás a jogar com as palavras, **Afonso**. Eu disse-te ontem que andavas estranho. Aliás, tens andado assim nos últimos dias. Tu disseste que era normal, mas eu não acho. Acho que tem alguma coisa que ver com a Mafalda. Aquele teu grande amor...»

Ficou a encarar-me inexpressivo, por um momento, e depois semicerrou os olhos como se estivesse a estudar muito bem o passo que ia dar a seguir. E eu odiava quando ele fazia isso.

«Porque é que dizes isso?»

«Porque me apercebi de que recebeste uma mensagem dela quando estavas a tomar banho, mas não toquei no teu telemóvel. Apenas vi. Talvez porque o universo queria que eu visse. Já que provavelmente de outra forma eu nunca iria saber. Será?»

Aproximou-se do carro e abriu a porta do acompanhante.

«Entra.»

«Não vou entrar enquanto não me disseres porque é que andas a trocar mensagens com essa tua ex.»

«Entra e eu explico-te pelo caminho.»

«Não! Estás só a tentar ganhar tempo para encontrares uma desculpa. Se é que já não te adiantaste e começaste a fazê-lo.»

«Não estou, Inês. Só não acho apropriado estarmos a falar sobre isso aqui na rua como dois desconhecidos.»

Lembrei-me do que a Filipa me tinha dito na noite anterior sobre obrigá-lo a improvisar para lhe dificultar a tarefa de me ludibriar com os seus jogos de palavras e decidi experimentar.

«Muito bem, então resume-me o motivo pelo qual tens falado com ela e durante a viagem podes desenvolvê-lo.»

Ele franziu a testa, estranhando o pedido, mas aceitou-o.

«Ela ligou-me há duas semanas. Disse que precisava da minha ajuda e eu disponibilizei-me. Podemos ir, agora?»

Ele contornou o carro e desta vez não foi preciso insistir para eu entrar, porque agora era eu quem queria.

«De que tipo de ajuda tua é que ela precisava?», perguntei mal entrei no carro, mas ele só me respondeu quando arrancou.

«A Mafalda não é daqui, é de Leiria. Mas parece que conseguiu um bom emprego numa empresa em Vila do Conde para entrar de imediato. Como ela sabia que eu era dali de perto, ligou-me a perguntar se eu sabia de algum local onde ela pudesse ficar duas ou três semanas enquanto não encontrasse um apartamento.»

«E tu disponibilizaste o teu da Póvoa...», murmurei.

«Disse-lhe que, se não fosse por muito tempo, podia ficar no meu, sim. Mas, como é óbvio, durante o período em que ela lá estivesse, o meu escritório improvisado ficaria sem efeito.»

Enchi os pulmões de ar para ver se conseguia digerir melhor aquela informação e apanhei o cabelo. Depois cruzei os braços e fiquei a olhar para a janela enquanto pensava no que dizer a seguir.

«Gostava de acreditar que não há segundas intenções tanto no pedido dela como na tua ajuda», confessei baixinho.

«Da minha parte não há. E da parte dela também espero que não haja. Entendo esse incómodo, mas não procurei nada disto.»

«Também não o evitaste, **Afonso**!»

«Preferias que lhe tivesse negado ajuda?»

«Não digo negar, mas talvez arranjar uma alternativa. Acabaste de mudar o teu escritório para lá. E agora, o que vais fazer com as tuas consultas? Vais mudar-te de novo?»

«Ambos sabemos que a tua preocupação não é como farei os meus atendimentos. Esse ponto é perfeitamente contornável e, como eu lhe fiz saber, só pode ir para lá se for por pouco tempo. Inês, relaxa, a Mafalda

faz parte do passado.»

«Se fosse só do passado, não estaria aqui, no presente. Já te esqueceste do que é que ela te fez passar?»

«Eu castigo, mas não me vingo. São coisas diferentes. Ela trocou-me, e se entendeu que era aquilo que a fazia mais feliz, então fez bem. Ninguém tem de ficar com outra pessoa por conveniência ou por pena de a magoar, pois não estaria a ser correta nem com a outra pessoa nem com ela própria. E aquilo que eu sofri com esse acontecimento foi um fardo que me coube a mim carregar. Eu só teria algo para a culpar se ela tivesse ficado comigo, mesmo querendo ou gostando de outra pessoa. Porque aí, sim, não estaria a ser verdadeira. Sei que é um cenário tentador, mas ainda prefiro a dor da verdade. E tenho a certeza de que tu és igual.»

Entretanto os semáforos ficaram vermelhos e só nesse momento percebi que estávamos a ir para casa dele.

«Não vamos para tua casa. Não me sinto confortável.»

Olhou para mim, mas não o olhei de volta. Não me disse nada durante todo o tempo em que o semáforo esteve vermelho e percebi que não iria insistir para me fazer mudar de ideias. O que não sei se era um bom ou mau sinal, mas agradeci em silêncio.

«Eu sei que isto é algo que te incomoda. A mim também não me deixa confortável, mas...», fez uma pausa. «Há uma razão forte para me disponibilizar a ajudar a Mafalda.»

«Uma razão forte?»

Demorou a responder-me.

«Sim... Apesar de tudo o que aconteceu entre nós, eu estava em dívida para com ela num favor semelhante desde a altura em que namorávamos», voltou a fazer um compasso de espera. «Durante uns tempos, o meu irmão teve de fazer uns tratamentos mais intensivos no IPO do Porto e...»

«No IPO?», interrompi. «Foi de cancro que morreu?»

Comprimiu os lábios em jeito de resposta e continuou:

«E, durante esse tempo, a Mafalda, que então estudava e vivia no Porto, disponibilizou-se a ir dormir com uma amiga e nós ficávamos no quarto dela para não termos de andar sempre para trás e para a frente entre o Porto e a Póvoa numa altura tão delicada para ele. Era eu quem

o acompanhava sempre. Até porque só nos tínhamos um ao outro. E, especialmente por isso, senti que não seria correto não lhe ceder o meu apartamento. Percebo que não gostes, mas, como vês, não podia fazê-lo de outra forma.»

Aquele ponto de vista deixava-me sem bons argumentos para contrapor e percebi que só me restava aceitar e aprender a lidar com aquela situação, que me deixava profundamente insegura.

O resto da viagem foi feito em modo reflexivo, tanto da minha parte como da dele, e só quando, finalmente, ele estacionou em frente ao meu prédio é que me lembrei de lhe perguntar:

«Como é que lhe disponibilizaste o apartamento há duas semanas se tens ido para lá dar consultas nos últimos dias?»

«Calma. Ela contactou-me há duas semanas e eu disse que sim. Mas não me disse mais nada. Também por isso é que não te disse nada. Mas parece que a situação dela voltou a ter avanços esta semana e disse-me ontem que amanhã já irá para o apartamento. Deve ter sido uma dessas conversas que tu viste no meu telemóvel. Ou seja, amanhã vou ter de me encontrar com ela para lhe entregar as chaves. Será a primeira vez que a irei ver desde que se foi embora. E gostava que tu... fosses comigo.»

«O quê? Eu vou conhecer a Mafalda? Amanhã?»

4

«Amanhã?!», exclamou a Filipa assim que lhe contei a conversa que tinha acabado de ter com o **Afonso**. «E tu vais?»

«Não me apetece muito, mas se não for, vai ser pior. Vou começar logo a imaginar coisas. Então mal por mal...»

A Filipa recostou-se no sofá e apoiou a cabeça na mão.

«Se ele disse que gostava que fosses com ele é porque te quis dar uma prova de confiança e demonstrar que, de facto, essa Mafalda faz parte do passado. Além disso, se fores com ele, ela verá isso com os próprios olhos, e se vinha com ideias, vai mudá-las logo.»

«Sim, eu também pensei nisso. Mas seja como for, já me estou a sentir profundamente insegura e isto é angustiante. Como se não bastasse, ainda tenho a sensação de que esta história está só a começar. Raios! Eu só queria um pouco de paz e sossego depois de tudo o que passei com o Victor e das mudanças que ocorreram na minha vida. Parece que só atraio problemas...»

«Tu e a tua ansiedade, Inês. Meu Deus! Não comeces a dramatizar e a sofrer por antecipação. Se tens pouca paz e sossego, significa que a tua vida está ao rubro e, de certa forma, isso é bom.»

«É bom, mas seria melhor sem fantasmas do passado.»

«Tu tens é muitos fantasmas dentro dessa cabeça e talvez seja com esses que te devas preocupar mais. As coisas são para nós aquilo que nós decidimos acreditar que são. Por isso, porque é que não olhas para este regresso inesperado da Mafalda não como uma ameaça ao teu relacionamento, mas como uma oportunidade de trabalhares essa tua insegurança?»

«Eu prefiro trabalhar a minha insegurança de livre vontade e não obrigada, como parece que estou a ser.»

«Pois, mas sem o estímulo certo, não tens o resultado certo.»

«Eu sou insegura, Filipa. Sempre fui, desde que me lembro. E estás a dizer-me que a Mafalda pode ser a solução para a minha insegurança? Parece-me mais que ela é o problema.»

«Lá está! Tu preferes ver como um problema e eu prefiro ver como

uma solução. É tudo uma questão de perspetiva. E se estás à espera de que a situação melhore para te sentires mais segura, estás muito enganada, tu é que tens de te pôr bem. A minha avó dizia-me que os ciúmes são sempre um problema nosso.»

«E o que é que ela queria dizer com isso?»

«Queria dizer que nós sentimos ciúmes essencialmente por duas razões: ou por falta de segurança em nós mesmos ou por falta de confiança na outra pessoa. Se for por falta de segurança, cabe-nos melhorar isso, se for por falta de confiança, então também temos de ser nós a afastarmo-nos. É sempre um problema e uma responsabilidade nossa, por isso não estejas à espera de que algo aconteça para te sentires melhor. Faz tu alguma coisa por isso.»

«E faço o quê? A questão é essa: faço o quê?»

«Ó Inês, não sei... Há muitos caminhos para chegares ao mesmo destino, mas não me perguntes qual é o melhor porque não me sinto à vontade para o fazer. O que eu sei é que, se dramatizares e escolheres ver isto como um problema, vai ser pior para ti. Eu conheço-te e sei que ficas a matutar muito nas coisas e deixas que elas te puxem para baixo, mas não te podes render assim.»

«Talvez tenhas razão no que estás a dizer. Talvez sejam horas de eu começar a trabalhar estes aspetos em mim porque esta sensação de insegurança é um sufoco. Mas se tu não me sabes dizer o que fazer e eu também não, então não sei quem é que...»

Fui interrompida pelo toque do meu telemóvel e a Filipa aproveitou a interrupção, levantou-se e foi para a cozinha. Era a Diana a ligar-me e eu estranhei. Tínhamos trocado números por causa de alguma eventualidade, mas era a primeira vez que me ligava.

«Estou? Diana? Fiz alguma coisa de errado no trabalho?», perguntei, ainda escaldada com o que tinha acontecido nesse dia.

«*Não, não, não!*», ouviu-se uma risada. «*Estou a ligar-te para perguntar se queres vir sair hoje aqui com a malta do escritório. - Costumamos sair às sextas. Podias vir connosco.*»

Respirei de alívio por não se confirmar o meu receio.

«Obrigada, Diana. Mas não estou mesmo com espírito.»

«*Olha que vai ser divertido. E será bom para te aproximares da equipa que trabalha contigo. Somos todas bem-dispostas*.»

«Eu acredito, mas definitivamente hoje não é um bom dia. Quem sabe numa próxima vez eu me sinta mais recetiva.»

«*Oh. Que pena. Gostava de falar contigo*...»

«Mas sobre algum assunto em especial?»

«*Mais ou menos. Nada de importante. Fica para depois. Bom descanso. E quero-te connosco da próxima vez!*»

A chamada terminou e fiquei a olhar para o telemóvel curiosa por saber o que é que ela tinha para falar comigo. Mas, como ela também tinha dito, ficava para depois porque já tinha demasiadas coisas em que pensar e tinha o jantar para preparar.

No dia seguinte, aproveitei a manhã para levar o *Biju* a passear no parque e aquilo que eu esperava que fosse um passeio matinal relaxante foi, na verdade, um treino mental intensivo de precaução. Isto porque durante todo o passeio fui imaginando os diferentes cenários possíveis do reencontro que iria acontecer naquela tarde. A minha esperança era de que talvez assim eu já não fosse surpreendida e estivesse preparada para tudo.

À hora combinada, o **Afonso** telefonou-me a avisar que já estava lá em baixo na rua e eu fui imediatamente ao encontro dele. Demos um beijo, que me pareceu demasiado frio, mas que compreendia dadas as circunstâncias, e seguimos então viagem até à Póvoa de Varzim.

Não deixava de ser um momento constrangedor, tanto para mim como para ele. Mas esforçava-me para me agarrar à ideia de que havia uma razão para nos vermos envolvidos numa situação daquelas. Pelo menos era mais fácil lidar com ela pensando assim.

«Como é que te sentes?», perguntei-lhe depois de vencer a inércia que o constrangimento exercia em mim.

«Estou tranquilo. Nem é caso para estar de outra forma.»

«Não sei se as coisas são bem assim. Vais dizer-me que eu sou a única aqui que está afetada com isto e nem sequer conheço a rapariga ou tampouco me é alguma coisa?»

«Não é caso para tanto. Só vamos lá entregar a chave e vai ser rápido porque ela já conhece a casa...», fez uma pausa à espera de uma pergunta minha, mas percebi que se referia aos tempos em que eles namoravam. «E vamos embora.»

«Quando é que foi a última vez que a viste?»

Olhou-me de relance e demorou a responder.

«Não a vejo desde o dia em que ela decidiu afastar-se. Chegámos a falar por telefone, depois disso, a propósito da morte do meu irmão e não só, mas ver... nunca mais a vi. Nem nas redes sociais.»

«E isso foi há quanto tempo?», perguntei, sabendo que estava a esgotar o meu *stock* de perguntas sobre o passado dele.

«Há alguns anos...», murmurou.

«Estás a dizer que daqui a uns minutos vais vê-la pela primeira vez desde que se afastou e depois de anos de ausência?»

Fiquei por um bocado de olhos arregalados e colados na estrada, a tentar digerir em silêncio aquela informação. Acabei por mergulhar tão fundo nos meus pensamentos, que nem me apercebi de o tempo passar. Quando dei por mim, o **Afonso** já estava a estacionar em frente ao prédio onde ficava o seu apartamento.

«Será que ela já está aqui?», questionei-o.

«Não, mas não deve demorar muito. Ela disse-me que me avisava quando chegasse. Assim aproveito para recolher primeiro umas pastas que tenho na sala. Subimos?»

Subi com ele até ao apartamento e, ao entrar, como acontecia sempre que lá ia, fui abalroada por um monte de lembranças que inicialmente eram boas e de cores vibrantes e logo depois ficaram desbotadas. Talvez muito por culpa das informações recentes acerca da futura inquilina. Ainda assim, quis dar uma volta pelo apartamento antes que ela chegasse e as desbotasse mais.

Aproveitei que o **Afonso** foi para a sala recolher os seus papéis e meti-me pelo corredor. Fui até ao quarto dele e fiz questão de me demorar por lá enquanto revivia devagar os nossos momentos ali. Voltei ao corredor e, quando me dirigia para a cozinha, tentei abrir a porta de uma outra divisão, mas não consegui. Lembrei-me depois de que já não era a primeira vez que a tentava abrir e estava trancada. Segui então até à cozinha e olhei atentamente para a mesa e o balcão — a minha imaginação começou logo a voar com as lembranças que aquelas imagens me traziam. Da última vez que tinha estado naquele apartamento fora para o ajudar a adaptar a sala para um consultório e não tive tempo, e muito menos disposição, para fazer aquele exercício

de imaginação. Mas uma vez que as coisas entre nós tinham melhorado entretanto, sentia-me mais à vontade para o fazer. Quando por fim cheguei à sala, ele estava sentado no sofá com um conjunto de ficheiros sobre as coxas.

«Andas a matar saudades?», perguntou sem me olhar.

«A matar as saudades, antes que me matem as lembranças.»

«É fácil contornar isso.»

«Ai, sim? Como?»

«Fazemos mais», respondeu e só depois é que olhou para mim. «A melhor forma de superarmos más memórias é criarmos muitas boas depois dessas, até que elas fiquem soterradas.»

Voltou a concentrar-se nos documentos que tinha em cima das pernas e eu enfiei as mãos nos bolsos de trás enquanto avaliava a possibilidade de o confrontar com umas perguntas que me estavam a surgir. Não achava o momento mais apropriado para tocar naquele assunto, mas também não antevia outro melhor.

«Eu sei que já te fiz muitas perguntas hoje sobre o teu passado, mas tenho de te perguntar isto: tu vivias aqui com o teu irmão?»

«Nos últimos tempos de vida dele, sim. Porquê?»

«Por causa da porta trancada. Tem que ver com ele, não tem?»

Ficou a encarar-me por um bocado e fiquei receosa de que tivesse levado a mal a minha conclusão. Depois, arrumou os documentos, pousou-os no sofá e caminhou até à janela.

«Era uma espécie de escritório dele. Quando estava aqui em casa, era lá que o encontrava. Passava lá muito tempo fechado. Era muito estudioso e, por consequência, muito culto e inteligente», disse com uma voz seca e pesada. «Desde que morreu, nunca mais fui capaz de lá entrar. Era um espaço muito dele. Por várias vezes abri aquela porta convencido de que tinha juntado a coragem suficiente para entrar, mas nunca consegui. E de cada vez que não conseguia, sentia-me fraco. Então decidi de uma vez trancar a porta e livrar-me da chave. Assim acabavam-se as tentativas falhadas.»

«Foi uma forma de camuflares uma fraqueza.»

«Todos nós temos pontos fracos, que vão sempre existir. E se estivermos sempre a explorá-los, então vamos acreditar sempre que somos fracos. Temos de ser inteligentes na forma como gerimos a nossa

mente. É uma ferramenta e tem de ser muito bem manuseada para estar a nosso favor e não contra nós. Aquela porta era um ponto fraco exposto diariamente. Não é mais. Simples.»

«Esconderes um problema para fazeres a tua mente acreditar que não existe e assim sentires-te melhor é viver numa ilusão.»

Aproximou-se de mim e a sua voz endureceu.

«Todo eu sou uma ilusão. Uma criação!»

Olhámo-nos profundamente nos olhos e, quando me preparava para contestar, a campainha tocou.

«É ela», murmurou. «A Mafalda chegou.»

5

Saímos do apartamento e aguardámos do lado de fora, em frente ao elevador, de onde ela deveria surgir dentro de pouco tempo. Era ridículo, mas parecia que estávamos prestes a receber alguma figura importante do Estado, tal era o *suspense* e a ansiedade à volta daquele momento. Ouviu-se o «plim» do elevador e surgiu ela. Sorriso tímido, cabelo comprido, elegante, mais ou menos da minha altura, e muito, muito bonita. A avaliar pelo que acabava de ver, conseguia entender o porquê de o **Afonso** ter gostado tanto dela e começava a deixar de entender o porquê de me escolher a mim. Dirigiu-se até nós para nos cumprimentar e, a cada passo que dava, eu ia-me encolhendo, por dentro, até me sentir pequenina. A forma como reagiu ao ver-nos dava-me a entender que já tinha sido informada de que ele não estaria sozinho quando chegasse. Envergonhada, cumprimentou-o a ele primeiro e depois a mim.

«Há quanto tempo. Que bom ver-te», disse-lhe com um brilho no olhar. «É a tua namorada, certo?»

«Sim... a Inês.»

Ficou a olhar para mim com um sorriso que não era feliz, mas também não era propriamente triste. E eu tentei sorrir-lhe da mesma forma, para não me comprometer com nenhuma posição em relação a ela. Preferi ser neutra e ficar na expectativa.

«Estás tão diferente», continuou ela com o mesmo brilho.

«Tu nem por isso... Estás igual. Mas isso é bom.»

No meu íntimo, preferia que ela tivesse engordado uns quinze quilos e tivesse deixado de fazer a depilação nos últimos dois meses, para não ser tão atraente, mas isso era o meu lado cruel a falar. A verdade é que, pelos vistos, continuava linda e atraente, como se o facto de ter regressado não fosse por si só motivo mais do que suficiente para despertar as minhas inseguranças.

«Dizem que sim, que estou sempre igual. Jovem, sonhadora e rebelde, mas às vezes não sei se isso é bom. Parece que parei no tempo. Acho que já está na hora de assentar. Olha... quem sabe não

será por aqui. O Norte sempre chamou por mim.»

Mas que boa notícia, pensei com ironia.

«É... Quem sabe...», murmurou ele.

Ficámos de repente os três a olhar uns para os outros em silêncio, o que tornou aquele momento constrangedor, e percebi que o melhor era avançar para o passo seguinte.

«Se calhar íamos entrando...»

«Sim! Vamos!», despachou o **Afonso**. «Vou mostrar-te o apartamento. Já o conheces, mas há umas manias e cuidados que preciso de te dizer sobre ele.»

Seguimos para o interior do apartamento, mas achei melhor ficar pela sala a aguardar que a visita guiada terminasse.

«Eu espero aqui», disse-lhes.

Enquanto esperava, pensei na figura que estava a fazer e quanto mais pensava, pior me sentia. A verdade é que não fazia sentido nenhum eu estar ali. Ainda que o convite tivesse partido dele, a imagem que eu estava a passar (e era isso que me deixava desconfortável) era a de uma namorada ciumenta que estava ali a vigiar o namorado. Senti-me mal e questionei-me se não tinha acabado de dar um tiro no pé. Se, por um lado, ele me fez aquele convite como uma demonstração de confiança, eu, ao aceitá-lo, estava a dar a entender que não confiava. Mas era tarde de mais para mudar os planos e só me restava agir com naturalidade. Por isso, quando me apercebi de que estavam a chegar à sala, fiz de conta que estava a arrumar umas prateleiras e, talvez assim, passasse uma imagem de que, afinal, havia uma certa utilidade em estar ali.

«E aqui é a sala e o meu consultório improvisado», apresentou o **Afonso** assim que entrou na sala. «A Inês ajudou-me a organizar este espaço, mas é algo temporário. Agora que não vou poder vir para aqui, pode ser que me apresse a encontrar um gabinete.»

«Um consultório? Mas afinal o que é que fazes?»

«Sou...», olhou para mim antes de finalizar. «*Coach*.»

«Tu tornaste-te *coach*?», perguntou, admirada. «Quem diria! Não estava mesmo nada à espera. De facto, estão muitas coisas diferentes desde a última vez. Para melhor, claro!»

«Sim, está tudo diferente. Tudo. Mesmo.»

«Já estou a ver que sim. Terão sido influências do teu irmão? Pelo que me lembro, ele tinha jeito para essas coisas também. O...», interrompeu o que ia dizer e olhou para mim como se estivesse prestes a dizer algo que não era suposto eu ouvir. «Mas olha, eu não te quero atrapalhar, se quiseres podes continuar a usar o teu espaço normalmente, até porque eu só vou estar aqui à noite.»

A sério que ela propôs aquilo comigo ali?, pensei. Eles partilharem o mesmo espaço? Ou teria sido uma proposta inocente e a minha insegurança é que me fazia ver maldade em todo o lado?

«Não! Não é preciso», respondeu ele prontamente. «Tens mais alguma dúvida sobre o apartamento?»

«Estou esclarecida.»

«Ótimo! Vou então só acabar de arrumar uns documentos que preciso de levar comigo e já te deixamos à vontade.»

«Sendo assim, aproveito e vou trazendo as minhas coisas que estão no carro para cima.»

O **Afonso** anuiu com a cabeça, foi um para cada lado e eu estava prestes a voltar a sentir-me inútil, pois era a única que não tinha nada em concreto para fazer ali. Por isso, disponibilizei-me.

«Precisas de ajuda?», perguntei à Mafalda.

«Não, obrigada! Em duas viagens consigo trazer tudo.»

«Se eu ajudar, bastará uma.»

Fui ao seu encontro e ela não insistiu para ir sozinha. Assim também aproveitava para meter conversa e saber um pouco mais sobre ela. Antes de bater a porta do apartamento, cruzei o olhar com o do Afonso e apercebi-me da sua apreensão, mas não me disse nada e eu prossegui com as minhas intenções.

Descemos as duas no elevador e naqueles segundos esforcei-me por encontrar uma pergunta para quebrar o gelo, uma vez que tínhamos deixado para trás o elemento que nos ligava, mas só quando chegámos ao piso zero é que me ocorreu uma.

«Então, conta-me, trabalhas em quê?»

«Trabalho em marketing. Estava numa empresa em Leiria ligada à indústria alimentar, mas surgiu-me esta oportunidade em Vila do Conde para trabalhar numa multinacional a ganhar quase o dobro, por isso não a podia desperdiçar. Além disso, sempre gostei da região, principalmente

depois de ter estudado cá.»

Ainda por cima era uma mulher de sucesso profissional. Parecia que, por mais que investigasse, não lhe encontraria defeitos. Não que os quisesse propriamente encontrar, mas quanto mais sabia dela, mais pequenina me sentia e isso deixava-me mal.

«Claro! Há oportunidades que só aparecem uma vez na vida, mas não é difícil estar longe da família, amigos, namorado...?»

Deu uma curta risada.

«Entendo essa questão, mas eu sou diferente. Digamos que sou um pouco desapegada. Em relação à família, gosto muito dela, mas só aos fins de semana, porque senão há muito conflito. Amigos tenho poucos e a minha melhor amiga está emigrada e só falamos por telefone. Quanto ao namorado... não tenho. Por isso não acredito que sejam entraves a esta minha nova aventura.»

De facto, era tudo o que me faltava. Além de linda, de elegante, de ter sido quem foi para o **Afonso** e do sucesso profissional que tinha, ainda era descomprometida. E eu achei que o facto de ele receber uma mensagem da ex era motivo suficiente para me sentir insegura. Claramente que o universo não estava com intenções de me testar. Com um desafio tão grande como aquele, talvez o que ele pretendesse fosse que eu desistisse sem sequer tentar.

Entretanto chegámos ao carro dela, abriu a bagageira e começou a tirar as malas para fora.

«Então e tu? És daqui? Trabalhas cá também?»

«Não! Sou de Aveiro. Tenho lá a minha família. Mas estou a viver em Matosinhos e a trabalhar no Porto, numa seguradora.»

«Boa, boa!», limitou-se a dizer, antes de dar a volta ao carro para tirar um saco que estava do outro lado do banco.

«O **Afonso** contou-me que se sentia em dívida para contigo, pois uma vez também o ajudaste a ele e ao irmão.»

Decidi puxar assunto com a informação que tinha dela.

«Sim. É verdade. Estava a ser uma altura difícil. Inclusive para mim, ainda que por outros motivos. Era o mínimo que eu podia fazer. Mas nunca pensei que algum dia viesse a retribuir-me o mesmo tipo de ajuda. A vida dá muitas voltas.»

Sorriu e baixou-se para arrumar uma mochila.

«É mesmo... Eu já não cheguei a conhecer o irmão dele.»

«Pois, infelizmente ele não resistiu à doença. Mas mesmo em vida, poucos o conheciam. Sabia-se muito pouco sobre ele. Era um rapaz fechado, sério e com um humor ácido. É tudo o que sei. Ah! E também sei que gostava de escrever. Mas agora que falas nele...», levantou-se e ficou pensativa. «Isto pode parecer estranho, mas a imagem que eu tive do **Afonso**, há bocado, foi uma imagem muito próxima da imagem que eu tenho do irmão dele. A postura e a forma de falar, por exemplo. O que faz sentido porque ele admirava muito o irmão mais velho. Eram muito próximos e falava muito nele.»

«E como é que era o **Afonso** antes? Tenho curiosidade.»

«Ajudas-me então com estas duas malas, que eu levo o resto?», pediu enquanto punha a mochila às costas.

Prontifiquei-me a levar aquelas malas enquanto ela carregava outras tantas e dirigimo-nos de volta para o prédio. Pelo caminho, ela foi-me respondendo à questão que lhe tinha feito.

«Ele era engraçado, sempre bem-disposto, meigo, conversador, sonhador e romântico. Além disso, também era mais rapaz, agora é mais homem. Entendes o que quero dizer?»

«Sim, sim, claro! Nota-se que a perda do irmão mexeu muito com ele. São experiências que nos transformam.»

«Acredito que possa ter que ver com a perda do irmão, o acidente, enfim, foram muitas coisas a acontecer ao mesmo tempo...»

«O quê? O acidente?», parei e olhei para ela.

«Sim, aquele acidente grave de carro que ele teve, mas nós já não estávamos juntos e por isso também não sei muitos pormenores. Mas ele não te contou?»

Não, não tinha contado, mas também não lhe ia dizer isso. Seria muito mau a Mafalda perceber que ele não me tinha contado algo tão marcante. A imagem que iria passar era de não ter importância suficiente na vida dele para merecer saber isso. Tive, portanto, e embaraçosamente, de fazer de conta que sabia.

«Ah! O acidente. Claro! Tens razão...»

Subimos com as malas até ao apartamento e o **Afonso** deve ter-nos ouvido a chegar porque veio logo abrir a porta. Entrámos, pousámos as malas e aproximei-me da saída onde ele estava.

«Mais uma vez, obrigada por tudo», agradeceu a Mafalda.

«Boa estadia», atirou o **Afonso**, de um jeito frio. Depois virou-se e foi embora.

«Boa estadia», repeti, embora de uma maneira mais calorosa, até porque, apesar de tudo, ela também tinha sido simpática.

«Aquela ajuda foi sincera?», perguntou-me assim que as portas do elevador se fecharam.

«Claro que sim. Se não fosse, não a teria oferecido.»

«Bom saber. Mas não se tornem amigas. Iria ser muito estranho para toda a gente.»

«Também não exageres. O tempo que passámos juntas não foi o suficiente para nos tornarmos amigas, mas foi o suficiente para ela me falar de ti. Que acidente grave foi esse que tiveste?»

6

Encarou-me por um momento e depois soltou um demorado suspiro e baixou a cabeça. Quando o elevador terminou o seu curso e as portas se voltaram a abrir, disse, antes de sair:

«Isto não vai correr nada bem...»

Dirigiu-se para o carro sem esperar por mim e eu tive de acelerar o passo para o conseguir acompanhar.

«Porque é que dizes que não vai correr bem? Porque a máscara começa a cair e os teus mistérios começam a ser desvendados?»

«Por tudo, Inês!», disse com um tom de voz enraivecido. «Por tudo! Está tudo a correr mal. Está tudo fora do meu controlo e não gosto nada do que vem aí.»

Quando se preparava para abrir a porta do carro, meti-me entre ele e o carro e impedi-o de entrar.

«Não vais conduzir nesse estado. E se vais, então não vou contigo. Serias capaz de me deixar aqui sozinha?»

«Eu estou bem! Só quero sair daqui. Quanto mais me demorar, pior será. Por isso não sei o que é que tu preferes.»

«Eu prefiro que te acalmes, só. E se eu notar que estás calmo, então irei contigo. Senão fico em terra e espero que lides bem com a culpa de me teres feito isto. Em que é que ficamos?»

«Ela não tinha nada de te falar nisso!»

«Mas sabes porque é que ela me disse?», arregalei os olhos e esperei alguma resposta da parte dele, que não veio a acontecer. «Porque pensava que eu já sabia. Afinal eu sou a tua namorada, já seriam horas de saber algo tão importante sobre ti!»

O olhar dele suavizou um pouco e eu aproveitei e continuei:

«Ela apenas teceu um comentário, mas pelos vistos nem ela sabia muito a respeito desse acidente porque parece que vocês já não estavam juntos. Mas eu fiz de conta que já me tinhas dito porque, sinceramente, senti uma certa vergonha por ser tua namorada e não saber quase nada acerca do teu passado.»

«O que é que ela te contou mais?»

«Nada de muito revelador. Apenas me disse como eras naquele tempo e um pouco como era o teu irmão. Mas vais continuar a fugir do assunto desta conversa?»

Fez um gesto reprovador com a cabeça e pôs as mãos na cintura. Depois olhou em volta e, por fim, para mim.

«Já não faz sentido continuar a guardar isto para mim, mas conto-te pelo caminho. Não aguento mais estar aqui.»

Entrámos no carro e seguimos viagem. Inicialmente, ficou em silêncio, mas percebi que estava a organizar as ideias antes de começar a falar e dei-lhe o tempo de que precisava.

«Não sei se há assim tanto para contar desse dia», começou por dizer. «Até porque me lembro de muito pouca coisa e também não tive ninguém que me pudesse relatar aquilo que aconteceu, por isso vou dizer aquilo que supostamente deve ter acontecido. Aquela altura estava a ser, sem dúvida, a pior altura da minha vida. Com o meu irmão doente e o fim do meu relacionamento, pelos motivos que foram, eu não estava a ser capaz de lidar com todo esse sofrimento. Conclusão? Comecei a refugiar-me no álcool. É... Soa até a *cliché*, mas foi a solução de recurso que encontrei naquela altura. E houve uma noite em que fiz escolhas insensatas que deram especialmente errado. Nessa noite, como em tantas outras, estive num bar, a beber. Até tarde. Sozinho, como sempre fazia. Normalmente, costumava esperar que o efeito passasse para poder regressar, mas dessa vez não quis esperar, meti-me no carro e vim embora. Deviam ser três ou quatro da manhã. Felizmente, havia pouco trânsito a essa hora e pelo que sei não atrapalhei a vida a nenhum condutor. Mas alguns quilómetros depois despistei-me, perdi o controlo do carro, embati de lado numa árvore e devo ter andado às voltas, pois o carro só parou no muro de uma casa uns bons metros à frente. Fiz alguns estragos aqui dentro», bateu com a mão no peito. «Mas até não fiquei com muitas marcas, tirando esta cicatriz. Contudo, não me livrei de ficar dois meses em coma.»

Quando terminou de fazer aquele relato, tinha tanta vontade de bater-lhe pela imprudência e estupidez como de o abraçar pelo que teve de passar.

«Tu estiveste em coma dois meses? Meu Deus, **Afonso**. Podias ter morrido por causa dessa irresponsabilidade.»

«Nessa altura, a minha vida tinha um valor diferente, mas pelos vistos não era a minha hora e ainda aqui estou.»

«Ainda aqui estás? Parte de ti, talvez. Porque, pelo que me disse a Mafalda, no tempo dela tu eras bem diferente do que és hoje.»

«Eu era um falhado. Um fraco. Era uma porcaria. É verdade que este acidente me levou muitas coisas boas que ainda hoje me atormentam, mas levou também muitas das minhas fraquezas.»

«Levou ou camuflou? Voltamos à mesma conversa?»

«Não vou discutir isso. O que posso dizer é que há um antes e um depois daquela que foi a segunda pior noite da minha vida.»

«Houve outra pior? Foi quando o teu irmão morreu?»

«Não propriamente...», murmurou.

«Ah, já percebi. Não me vais dizer. Tudo bem. Eu respeito.»

Voltámos a mergulhar no silêncio e apercebi-me de que estava a sentir-me irritada por ele não satisfazer a minha curiosidade. Consequentemente, ter essa consciência transformou a minha irritação em compaixão, ao perceber que estava a ser egoísta.

«Aquilo que eu disser nunca mais será meu», desabafou.

«O que é que queres dizer com isso?»

«Se eu opto por guardar para mim é porque opto também por deixar dentro de mim as sensações, muitas delas más, associadas a determinada informação. Ao mesmo tempo, enquanto guardo para mim, sou o único dono dela, o único responsável por ela, o único que pensa, reflete e opina sobre ela. Não interpretes isto como um segredo. Um segredo é algo que eu não posso contar, isto é algo que prefiro guardar para mim. É diferente.»

«Diferente, diferente, mas no fundo a mesma coisa. Mas como disse, respeito. Se te sentes melhor assim, tudo bem.»

«É a mesma coisa se apenas te focares no resultado. Que é o facto de eu não contar. Mas se pensares na razão pela qual não o faço, muda tudo. E não, não estou a jogar com as palavras. Já tiveste acesso a muita informação hoje que representou um grande esforço para mim. Temos de dar um passo de cada vez.»

«Posso pelo menos ver?»

«Ver o quê?»

«O local. Do acidente. Imagino que seja aqui perto.»

Notei que o apanhei desprevenido, mas percebi logo que não me iria recusar o pedido. Era como se fosse o mínimo que me pudesse dar em troca das respostas que guardou para ele mesmo. Suspirou, abanou a cabeça e inverteu o sentido de marcha.

«Não há lá nada para ver, mas tudo bem...»

Em menos de dez minutos, chegámos ao local. Encostou o carro e eu saí. Pouco depois, saiu e aproximou-se de mim. Era uma rua pouco movimentada, com casas só de um dos lados, ladeadas por muros, um passeio largo e algumas árvores espaçadas.

«Como podes verificar, não há nada para ver», disse ele. «Não há marcas na estrada, nem nos muros, nem há canteiros estragados ou árvores caídas. É só uma estrada normal. Eu vinha daquele sentido», apontou com a mão. «Despistei-me algures por aqui e fui embater, penso que na terceira árv...»

Soltou um gemido e levou a mão às costelas.

«**Afonso**? Estás bem?!»

Anuiu com a cabeça, mas com uma expressão de esforço.

«Merda! Merda! Não devíamos ter vindo aqui.»

«Não te preocupes... É só um reflexo... Isto já passa.»

Comecei a protestar comigo mesma, em silêncio. Era óbvio que aquelas lembranças o iam afetar e deixei-me levar, mais uma vez, pela minha curiosidade desmedida.

«O que é que estás a sentir, **Afonso**? Diz-me alguma coisa.»

«Uma dor, aguda, mas isto é psicológico. Está tudo bem.»

Ergueu-se, esticou-se e começou a caminhar sozinho enquanto eu fiquei junto ao carro a observá-lo e a culpar-me por ele estar naquela situação. Pouco depois, regressou com melhor aspeto, mas eu já estava convencida do erro que tinha cometido.

«Desculpa! Eu devia ter previsto uma coisa destas.»

«Já te disse para não te preocupares. Não é a primeira vez que me acontece. Já passou. Onde é que eu ia?»

«Não ias a lado nenhum, ias embora e eu é que te pedi para virmos aqui, mas já me arrependi. Já vi o que tinha a ver e já sei o que este espaço representa, por isso já podemos ir. Estás em condições de conduzir ou queres que eu leve o carro?»

«Não é preciso. Eu levo...», murmurou, antes de entrar no carro e

arrancar. «Vais querer ir para tua casa?»

Fiquei a olhar pela janela por um bocado antes de responder.

«Não. Hoje quero ficar em tua casa. Se não te importares. Não me sinto confortável em deixar-te sozinho.»

«Dizes isso por causa da minha história, do que acabou de acontecer ou... pela Mafalda?»

«Por causa disso tudo. Hoje foi um dia de muitas sensações estranhas, como se houvesse forças diferentes a tentarem afastar-nos, e não gostei. Quero ficar próxima de ti para que a força que nos une seja maior do que todas as outras. Especialmente hoje.»

«Também me parece o melhor...», disse, sem entusiasmo.

Fomos para casa dele como combinado e o resto do dia foi passado a fazer de conta que não estávamos os dois a pensar nos temas centrais desse dia: o acidente e a Mafalda. Em relação ao acidente, ele já me tinha contado o essencial e tinha receio de que lhe voltasse a dar aquela dor, por isso decidi não esmiuçar mais esse tema, pelo menos nesse dia. No entanto, em relação à Mafalda, era diferente. Ele não voltou a tocar no nome dela desde que me fez aquela pergunta no carro e eu continuava indecisa se o devia fazer ou não. Por um lado, queria saber como ele se sentia em relação àquele reencontro, mas, por outro, temia que, ao fazê-lo, estivesse a dar-lhe demasiada importância e atenção, e com isso a alimentar uma força que nos afastava. Também tinha um certo receio em relação ao que poderia ouvir dele. Mas, mais uma vez, a curiosidade foi mais forte do que eu e, no final do dia, quando já estávamos na cama, não resisti mais. Sabendo dos riscos, perguntei:

«O que é que sentiste quando a viste?»

Demorou a responder-me e pareceu-me uma eternidade.

«Foi estranho. Em especial por ela estar igual desde a última vez que a vi. Parece que não passou tempo nenhum.»

«Isso também se aplica a nível do sentimento?»

«Não vás por aí, Inês. Já segui em frente há muito tempo.»

«Isso era aquilo em que acreditavas quando ela estava longe. Continuas a acreditar no mesmo depois de a teres visto?»

«Sentir-me-ia ridículo se detetasse algum sentimento por ela depois deste tempo todo e depois de tudo o que eu mudei.»

«Vais dizer-me que ela te foi indiferente?»

«Estavas à espera que fosse? Ela não me é indiferente, mas isso não significa que ainda tenha algum sentimento por ela. Tenho, sim, parte de uma história de vida em comum. Só.»

«Isso significa que o facto de a veres mexeu contigo.»

«Vamos dormir?»

«Não sem antes me dizeres algo que me tranquilize...»

«Muito bem», ergueu-se ligeiramente e depois virou-se para mim. «O rapaz que gostava dela morreu naquele acidente. Serve?»

Deu-me um beijo no rosto, deitou-se e eu deitei-me também um pouco mais aliviada. Ainda assim, foi difícil adormecer e, pelo que me apercebi, para ele também não foi tarefa fácil, tendo em conta as voltas que deu na cama. Mas mais difícil do que adormecer foi acordar. Comecei a ouvir uns gemidos que inicialmente pensei que faziam parte do sonho que estava a ter, mas depois percebi que vinham mesmo do **Afonso** e despertei. Acendi as luzes e reparei que ele estava todo ensopado em suor. Quando lhe toquei, acordou assustado e gritou:

«Não vás!»

7

«Ei! Calma! Foi só um pesadelo!», tentei tranquilizá-lo.

Ele ofegava e olhava de um lado para o outro como se não me visse ali. Depois ergueu-se e sentou-se na cama encostado à cabeceira e eu rodei-lhe o rosto para que olhasse para mim.

«Calma, **Afonso**. Está tudo bem. Estavas só a sonhar.»

Libertou o rosto das minhas mãos e fez um esgar de dor levando de seguida a mão às costelas, na zona da cicatriz.

«Foi com o acidente que sonhaste?», perguntei, numa tentativa de perceber como ajudá-lo.

«Não... Não... Mas não deixa de estar relacionado.»

«Queres contar-me o que aconteceu nesse sonho?»

«O sonho é sempre o mesmo. Tenho-o desde que perdi o meu irmão. Ele aparece nele, mas nunca acontece nada porque ele vai-se embora e eu nunca o consigo agarrar. Merda!»

Deu um murro no colchão e logo depois peguei-lhe na mão e segurei nela, mas ele continuava sem olhar para mim.

«Tem calma, **Afonso**. Por favor! Nunca te vi assim. Normalmente os sonhos manifestam os nossos medos ou desejos e não passa disso. Mas se esse sonho é recorrente, pode ter algum significado. Onde é que ele se passa? O teu irmão diz alguma coisa?»

«Passa-se onde eu estiver. Normalmente, é ao lado da minha cama. Eu estou deitado e ele está ao meu lado. Não lhe consigo ver a cara, mas sei que é ele. No entanto, não me diz nada, só me diz “abre”, “abre” e, quando tento agarrá-lo, ele desaparece...»

Fiquei pensativa a tentar perceber se havia alguma conclusão que se pudesse tirar dali e foi então que me ocorreu uma.

«A porta!», exclamei.

Olhou-me intrigado e eu expliquei-me:

«A porta do escritório dele. Ele quer que entres no escritório dele. Quer dizer, não é ele, tu é que inconscientemente sabes que tens de lá entrar. Pode ser isso. Mas tens esse bloqueio, esse medo, e ele manifesta-se nos teus sonhos. Alguma coisa deve ter ficado mal

resolvida e isso tem-te afetado desde então.»

«Não há nada a fazer naquele escritório. Só existe sofrimento ali dentro. Eu sou sádico, não masoquista.»

Rodou sobre si para se sentar na beira da cama e eu contornei a cama para me sentar do lado dele.

«Estás a negar a realidade, não a estás a enfrentar.»

«Vês porque é que prefiro que ninguém saiba a minha história?», lançou-me um olhar agressivo. «Para evitar que deem palpites e me digam o que tenho ou não de fazer.»

«São só sugestões com o intuito de te ajudar!»

«O que me ajuda agora é um banho.»

Levantou-se da cama e precipitou-se para a casa de banho, e eu fiquei sentada na mesma posição enquanto refletia sobre o que estava a acontecer. Direta ou indiretamente, o regresso da Mafalda já estava a fazer sérios estragos e a verdade é que também eu era responsável por isso. Ela podia ter exposto a ponta do novelo acerca do passado do **Afonso**, mas tinha sido eu a começar a puxá-lo e, sabia agora, isso fazia-o sentir-se ameaçado. Talvez não fosse correto aquilo que estava a fazer, mas sentia a necessidade de ser, quem sabe, uma luz no meio da escuridão que o atormentava. Sentia que, gostando dele e estando com ele, era meu dever ajudá-lo. Ainda que para isso pudesse muitas vezes ser vista como a má da fita. E algo me dizia que a paz e o equilíbrio de que ele tanto precisava estavam intimamente ligados ao irmão.

Feita essa reflexão matinal, eram horas de preparar o pequeno-almoço, já que o sono se tinha ido embora definitivamente. Fui ao armário, vesti uma camisa dele (adorava ver-me com a sua roupa) e fui para a cozinha preparar umas torradas para nós. Não demorou muito até ele surgir à porta da cozinha. Trazia o cabelo húmido e despenteado, uma t-shirt branca e justa, calças de fato de treino e um ar apático que não agoirava nada de bom.

«Estás melhor?», perguntei com um tom despreocupado.

«Sim... acho que sim.»

«Preparei umas torradas. Queres?»

Negou com a cabeça.

«Obrigado, mas... acho que vou só beber um café.»

Não insisti. Encostei o rabo no balcão e levei uma torrada à boca

enquanto o observava a preparar o café na máquina. Naquela posição, ficava de frente para ele, mas também para um armário na parede do outro lado e fixei o olhar numa garrafa de *whiskey* na prateleira superior. Foi então que me lembrei do que ele me dizia sobre o álcool nas nossas primeiras conversas.

«Então foi por causa disso...», pensei em voz alta e ele fez-me sinal com a cabeça para desenvolver. «Foi por causa desse acidente que deixaste de beber. Tu dizias-me que tinhas deixado de beber álcool e que só bebias numa situação.»

«Porque te lembraste disso agora?»

Foi a minha vez de apontar com a cabeça para a garrafa.

«Sim. Foi por causa do acidente», explicou. «Prometi a mim mesmo que em condições normais nunca mais beberia.»

«O que queres dizer com condições normais?»

«Condições em que eu seja... eu mesmo. O que infelizmente nem sempre acontece. E por isso nem sempre os meus princípios, valores e promessas são válidos.»

Lancei-lhe um olhar desconfiado.

«E afinal que situação é essa em que podes beber?»

«Fazes muitas perguntas.»

«Sou muito curiosa», respondi de imediato. «Mas prometo que não toco mais neste assunto se me responderes a esta.»

Olhou-me de relance e bebeu o seu café com toda a calma do mundo. Pôs ainda a chávena na pia e só depois me respondeu.

«Quando o meu irmão andava em tratamentos cá no Porto, era eu quem o trazia, e quando regressávamos à Póvoa, ele pedia-me sempre para parar em Vila do Conde, num cafezito que havia ali perto da saída da autoestrada, que se chama Arcus, para bebermos uma cerveja juntos. Dizia-me que aquela cerveja fazia parte do tratamento dele, pois era um dos poucos prazeres que tinha. Por isso, depois da sua morte, eu continuei a parar lá de vez em quando, para beber uma cerveja, que dividia em dois copos, como se de certa forma ele ainda ali estivesse a bebê-la comigo. Era apenas simbólico, mas deixava-me um pouco mais tranquilo. E pronto, é esta a única situação em que, em condições normais, eu bebo álcool.»

«É de facto um gesto muito bonito e um compromisso louvável esse

que assumiste. Fico feliz por o partilhares comigo.»

Abanou a cabeça e dirigiu-se para a saída da cozinha.

«Ainda não me deste um beijo hoje...», comentei.

«Desculpa. Não está a ser uma manhã fácil.»

Aproximou-se de mim, segurou-me no rosto e deu-me um beijo demorado na testa. Soube-me bem, mas o que senti foi que me tinha tirado mais do que aquilo que me tinha dado.

Assim foi o início de um dia que eu sabia que não ia ser positivo. A postura do **Afonso** foi fria, distante e apática o tempo todo. Os discursos que tinha eram o mais sucintos possível e raramente aconteciam por iniciativa própria. Sentia claramente que só estava ali o corpo dele, pois a sua mente estava noutro lugar. Por várias vezes, tentei que falasse comigo, mas insistia na ideia de que aquele era um estado normal nele depois dos acontecimentos recentes. Eu fazia de conta que acreditava e continuava a dar o meu melhor para o fazer sentir-se bem, mas no fundo sabia que não podia fazer nada. Era angustiante aquela sensação de impotência e só me restava esperar que ele tirasse alguma conclusão daquela reflexão. Uma conclusão que acabou mesmo por chegar a meio da tarde.

«Acho que preciso de desaparecer», murmurou.

«Desaparecer? Como assim?», perguntei em sobressalto.

«Preciso de me desligar disto tudo. Ausentar-me. Estou a perder o meu equilíbrio. Vou ter de sair daqui.»

Levantou-se e dirigiu-se para o quarto, e eu fui atrás.

«O que é que queres dizer com isso? Para onde é que vais?»

«Eu tenho um local específico para onde costumo ir quando me começo a sentir assim. Chamo-lhe o meu *canto*. Não te preocupes. É uma rotina habitual e ficará tudo bem. São muitas coisas a acontecerem ao mesmo tempo e já estou a sentir o efeito.»

Pegou numa mochila e começou a guardar roupas no interior.

«Mas o que é que estás a sentir? Conta-me. Não me deixes na ignorância. Estou a sentir-me perdida.»

Parou o que estava a fazer e olhou para mim.

«Vou tentar explicar-te isto de uma forma simples. Digamos que eu tenho uma personalidade especial. Como se fosse dividida em camadas. Para ser a pessoa por quem te apaixonaste, eu tenho de estar numa

delas, mas às vezes, quando acontecem determinadas coisas, que funcionam como gatilhos, eu flutuo para outras camadas, que podem ser mais densas ou então menos densas. No fundo, é o que acontece com qualquer pessoa, mas a um nível mais extremo.»

«Isso tem que ver com o que me disseste de manhã, que às vezes não és tu mesmo?»

«Sim, mas neste momento é um pouco diferente. Não consigo pensar e é como se a minha mente entrasse num círculo vicioso que depois me arrasta para o fundo e de onde é difícil voltar. Preciso de um local neutro. Por isso é que preciso de ir para lá.»

«Mas quanto tempo precisas de estar nesse tal... *canto*?»

«Não sei, Inês... Uns dias.»

«Então e eu? O que é que é suposto fazer? Esperar?»

«Nunca te pedirei para esperares por mim. Seja que tempo for. O que te posso garantir é que volto. Dentro de uns dias. Uma semana, talvez. Eu volto. Mas não há nada que possas fazer.»

«E não posso ir contigo?»

Baixou o olhar para o chão e negou com a cabeça.

«Talvez um dia eu te leve lá. Para saberes do que falo.»

«Mais um segredo, não é?»

«Neste caso, não é um segredo. Neste caso, não dá para te contar nada. Só vendo e estando lá. Mas desta vez tenho de ir sozinho.»

Anuí com a cabeça com uma expressão que era uma mistura entre frustração e conformismo.

«Tudo bem, tudo bem... Se é isso que queres, eu respeito. Precisas de ajuda com a mala?» Negou em silêncio. «Levas-me a casa antes de ires embora?»

«Sim... Claro. Eu deixo-te em casa.»

Esperei na sala por ele e, enquanto aguardava, não sabia o que pensar ou sentir. Sabia só que estava angustiada. Já tinha uma ideia de como a mente do **Afonso** era, mas tudo aquilo era muito mais estranho e complexo do que o que tinha imaginado.

Pouco depois, ele surgiu na sala com uma mochila às costas e um saco na mão e limitou-se a olhar para mim. Levantei-me, certifiquei-me de que não me esquecia de nada e saí com ele, levando comigo uma estranha sensação de despedida.

Fomos embora e quando chegámos ele parou o carro em frente ao meu prédio, mas não desligou o motor, o que me deu a entender que não era momento para uma grande conversa.

«Vai ficar tudo bem, **Afonso**?», perguntei a medo.

«Pelo menos, melhor... Vai. Avisarei quando estiver a chegar, mas depois disso estarei incontactável. Faz parte do processo...»

«Muito bem, espero mesmo que regresses melhor. E perdoa-me se toquei nalgum assunto que não devia ou se fiz perguntas a mais. Tem uma boa viagem...»

Dei-lhe um beijo no rosto e saí do carro sem esperar nenhuma resposta. Ele só arrancou quando me viu chegar à porta do prédio e fiquei a ver o carro dele a afastar-se. Quanto mais se afastava, mais crescia em mim uma certeza. Uma certeza de que, para onde quer que ele fosse, não viria igual e não traria boas notícias para mim.

8

Tinha sido uma manhã tranquila no trabalho, mas não dentro da minha cabeça. Parecia que o estado de espírito do **Afonso** no dia anterior me tinha contagiado e eu tinha ficado como ele: apática por a minha mente estar num lugar diferente do que o resto de mim. Nesse dia, era eu que só falava para alguém se alguém falasse para mim e as respostas que dava eram monossilábicas.

Quando chegou a hora de almoço, dirigi-me para o refeitório, aqueci a minha comida no micro-ondas e fui para junto da janela, onde poderia comer em paz. Comecei a remexer a comida de um lado para o outro, como se isso criasse a ilusão na minha cabeça de me estar a alimentar e por assim me sentir menos culpada, mas a verdade é que poucas garfadas levava à boca. Conseguia perceber que aquilo que me estava a tirar o apetite não era tristeza, mas sim preocupação; no entanto, não conseguia simplesmente desligar os pensamentos. Restava somente forçar-me a fazer a minha rotina normal e esperar que, aos poucos, me fosse despreocupando.

Por diversas vezes me convidaram para me juntar ao grupo que almoçava naquele momento, mas recusei sempre. Até que a Diana também chegou ao refeitório e, sem convite e sem pedir autorização, preparou a sua comida e sentou-se à minha frente.

«Então? Como é que está a ser essa segunda-feira? Espero que esteja a ser tão má como a minha, para não me sentir tão sozinha. Perdoa-me a franqueza», disse-me com um estranho à vontade.

Não estava nada à espera daquela abordagem, que me deixou por momentos sem saber como reagir, mas também não me iria opor nem criar resistência. Deixei-me levar.

«Podes ficar descansada que não estás sozinha. Para mim, também está a ser uma manhã particularmente difícil. Como de resto têm sido estes últimos dias.»

«É estranho, parece até maldade minha, mas a verdade é que me sinto melhor quando alguém está mal como eu. Não é por querer mal à outra pessoa, nada disso, é apenas porque, de certa forma, me sinto

mais compreendida. Estar mal custa muito, mas sermos os únicos a estar mal custa ainda mais. Não é assim contigo?»

«Sim, acho que sim. Acho que somos todos assim de uma forma inconsciente. Mas porque não te está a correr bem o dia?»

«Tem que ver com o trabalho. Tive um pequeno problema para resolver e desperdicei demasiado tempo com ele quando, afinal, era fácil de resolver. Fiquei a sentir-me burra e agora tenho de compensar o tempo que perdi da parte da tarde. E tu? Disseste que andas assim nos últimos dias. Queres partilhar?»

Ela continuou a comer como se o facto de eu contar, ou não, lhe fosse indiferente e não consegui perceber se de facto era, ou se era apenas uma estratégia para disfarçar o interesse e, com isso, deixar-me mais à vontade para desabafar.

«São preocupações minhas», desvalorizei com um encolher de ombros. «Eu penso demasiado nas coisas e preocupo-me demasiado e muitas vezes sem necessidade.»

«Hum...», gemeu enquanto terminava de mastigar. «É normal. Sabes qual é o teu problema? Teres uma cona.»

Engasguei-me quando ela me disse aquilo e comecei a tossir.

«Desculpa! Desculpa!», soltei uma risada. «Não estava à espera dessa frontalidade toda.»

Também ela se começou a rir e escondeu a boca com a mão.

«Eu é que peço desculpa pela minha linguagem. Eu sou mesmo assim, não ligues. Eu sou aquele tipo de mulher que não anda com floreados e que chama as coisas pelos nomes.»

«E eu acho bem que assim seja. Por mim, não tem problema nenhum, só não estava à espera.» Fiz uma pausa antes de retomar o assunto. «Quanto ao que disseste, talvez tenhas razão.»

«Tenho, pois. Não penses que isso é um problema teu porque vais sentir-te pior. Tal como aquilo que acabámos de falar sobre não ser a única a ter um dia mau. Essa coisa de te preocupares demasiado e de pensares muito, mesmo nas coisas mais insignificantes, faz parte da nossa natureza enquanto mulheres. Está-nos no sangue. E no teu caso, sendo mais nova, isso é ainda mais intenso. Quando chegares à minha idade, que já passei os trinta e já sou mãe, toda essa lista de prioridades na tua cabeça será reorganizada. Não deixarás de ser assim, nunca,

mas saberás gerir melhor.»

«É sempre bom saber que as coisas vão melhorar, mas isso não me faz sentir melhor neste momento.»

«Mas afinal o que é que se passa? Talvez eu te possa ajudar.»

«São coisas que infelizmente não dependem de mim...»

«Mas que te afetam diretamente. Eu entendo o que estás a dizer. Tem que ver com o **Afonso**, não tem?»

Levantei o rosto para a olhar, de certa forma surpreendida pela perspicácia dela, e estive tentada a desviar o assunto, pois não me apetecia estar a voltar a tocar nos mesmos temas. Mas enquanto decidia se falava ou não, o meu silêncio denunciou-me.

«O que é que ele fez desta vez, Inês?», insistiu.

«Não sei se foi ele, se fui eu, se foi a Mafalda...»

«A Mafalda?», interrompeu. «Uma ex dele que o magoou?»

«Sim. Parece que ela voltou a procurá-lo porque precisava de um sítio para ficar e está neste momento no antigo apartamento dele. Enfim, é uma longa história. Não me apetece falar nisso.»

A Diana pousou os talheres e ficou apreensiva por um momento, mas logo depois sorriu e afastou aquela nuvem.

«O **Afonso** é uma pessoa especial. É bom na sua essência, ou seja, o coração dele é bom, o que o perturba é a sua mente. Tem uma mente muito volátil e isso acaba por ser difícil para ele e para quem se aproxima. Mas sabes uma coisa? Tu tiveste uma influência gigantesca nele. Uma influência boa. Eu notei isso.»

Foi bom ouvir aquelas palavras, mas a circunstância roubou-lhes algum brilho e sabor.

«Gostava de acreditar nisso. Eu de facto notei que estava uma pessoa diferente, e foi também isso que me fez reaproximar dele, mas parece que foi sol de pouca dura.»

«Inês... Aquilo que lhe está a acontecer afetaria qualquer um. E então a ele muito mais. Mas se há pessoa que lhe pode fazer bem e de quem ele precisa, és tu. Eu não te conheço muito bem, é a primeira vez que estamos a ter uma conversa a sério, mas conheço-o a ele e sei o quanto melhorou contigo.»

«Não sou eu que tenho de perceber isso. É ele. Mas também não me apetece estar a falar sobre isto. Parece que vivo a minha vida em função

dele e não quero que isso aconteça. Ele foi não sei para onde para poder desligar os pensamentos e eu também gostava de poder fazer o mesmo, mas não posso. Tenho de trabalhar.»

Revirei os olhos, suspirei e remexi mais uma vez a comida. Senti que a Diana ficou a olhar para mim. Sem dizer nada, levantou-se e caminhou até junto de uma das outras mesas e eu fiquei a observá-la. Baixou-se para dizer qualquer coisa ao ouvido de um colega e depois os dois abandonaram a sala. Voltaram a entrar, logo de seguida, e ela veio direta para a minha mesa.

«Vais acabar de comer ou continuar a dançar com a comida?», perguntou ainda de pé diante de mim.

«Não estou com apetite. Já não entra mais nada.»

«Então vamos arrumar isto e vens comigo.»

Pegou no seu *tupperware* e eu peguei também nas minhas coisas. Lavámos e arrumámos tudo e fui atrás dela.

9

Percorremos um corredor, subimos as escadas até ao piso superior e por fim mais outro corredor até uma porta de vidro. Tirou umas chaves do bolso para abrir a respetiva porta e saímos para um terraço, nas traseiras, que tinha uma vista privilegiada.

«Qualquer pessoa tem acesso a este terraço?», questionei-a.

«Não. Digamos que são regalias de quem namora com um membro da direção», disse com um sorriso atrevido.

Abri a boca de espanto pela novidade.

«Ah, bom! Não sabia...»

«É o Carlos, foi quem te fez a entrevista e te contratou. Mas por enquanto preferimos manter segredo para não criar boatos desagradáveis e também porque dá mais pica assim.»

Piscou-me o olho e depois foi à mala, tirou um isqueiro e o que parecia ser um charro, mas tive de fazer na mesma a pergunta:

«O que é isso?»

«Quando falaste há bocado de que precisavas de desligar os pensamentos, lembrei-me desta possibilidade. Aquele rapaz com quem fui falar é o Beto. É ele que me fornece estas coisas. Mas calma! Não é nenhum hábito meu. Só que quando me sinto mais stressada, isto ajuda-me. E tendo em conta a tarde que aí vem...»

Acendeu-o, levou-o à boca e fez cara feia.

«Ui! Este é forte!», exclamou. «Toma.»

«Não! Não quero! Não sou nada dessas coisas.»

«Não és tu que precisas de desligar o interruptor?»

«Sim, mas não quero camuflar os meus problemas.»

«Tudo bem. Eu respeito. Mas se algum dia quiseres experimentar...», sorriu. «Acho muita graça a esse teu lado inocente. Agora percebo melhor porque é que o **Afonso** gosta de ti.»

«O que é que queres dizer com isso?», perguntei enquanto abanava a mão à minha frente para afastar o fumo.

«Porque ele tem um instinto de lobo mau. E o lobo mau gosta de capuchinhos vermelhos inocentes e frágeis que se aventuram pelos

bosques. Eles gostam de nos fazer pecar. Gostam de dominar e tu gostas de ser dominada. Nesse sentido és uma presa apetecível. No entanto, dentro desse ramo há dois tipos de pessoas. As que são dominadas quando querem, porque gostam, e as que são dominadas quando querem e não querem, porque não conseguem evitar. E é aí que nós as duas nos separamos. Porque eu pertenço ao primeiro grupo e parece-me que tu pertences ao segundo.»

Fiquei a encará-la por um momento, pensativa, e de facto aquelas palavras faziam sentido e batiam certo comigo.

«Talvez...», murmurei. «Mas porque dizes isso?»

«Porque pelo que o **Afonso** me contou sobre ti e pelo que eu me fui apercebendo, tu és aquela típica mulher insegura que gosta do típico macho alfa que a faça sentir-se protegida.»

«Espera... O **Afonso** já te tinha falado de mim?»

«Sim. Desabafou alguma coisa. Nós falamos de tudo sem complexos. Ele deu-me muitos conselhos e eu dei-lhe a ele. Ensinou-me muitas coisas sobre os homens e eu também lhe ensinei algumas sobre as mulheres, mas não vamos perder o foco porque agora estamos a falar de ti. Se bem te lembras, na sexta-feira liguei-te porque queria falar contigo sobre o que se tinha passado nesse dia com o Dr. Silva. Tu não me disseste nada, mas também não demorou a chegar-me aos ouvidos. E esta conversa vem numa boa hora porque está tudo interligado.»

Voltou a levar o charro à boca e a fazer a mesma cara.

«Mas o que uma coisa tem que ver com a outra? O que se passou na sexta-feira foi um erro meu e mereci a chamada de atenção. Ainda que eu ache que podia ter sido feita de outra forma.»

«Inês, a pessoa que és lá fora, és aqui dentro. Por isso é que tem tudo que ver. Só existe uma Inês. Ela pode variar, mas não deixa de ser a mesma pessoa. O que mudam são os estímulos externos que põem a nu aquilo que és. E aqui, neste ambiente, esses estímulos são fortes. Principalmente se estivermos a falar de pessoas como o Dr. Silva, que deve ter sido muito queimado pelas mulheres ao longo da vida porque não nos suporta. As pessoas dizem que a ocasião faz o ladrão, mas não é verdade. A ocasião revela o ladrão. É muito diferente. Porque quando uma pessoa é honesta, é sempre honesta, mesmo quando ninguém está a ver ou quando nem sequer precisa de o ser. Mas quando na tua

natureza és um ladrão e recebes o estímulo certo, ele manifesta-se. O mesmo serve para uma pessoa que é infiel, ou cobarde, ou, neste caso, insegura.»

«Tu és mesmo assim ou é o charro a falar por ti?»

«Talvez eu seja mesmo assim e o charro seja o estímulo certo para manifestar o sábio que existe dentro de mim.» Sorriu. «Ouve. Na vida, na sociedade e especialmente dentro de uma empresa, haverá sempre os tubarões e o peixinho miúdo. Que normalmente é comido pelos tubarões. Dentro deste grupo, ainda há o peixinho miúdo que faz de conta que é tubarão, mas não deixa de ser o que é, e há ainda o peixe miúdo que se transforma em tubarão porque sabe aquilo que é. E saber aquilo que é, é saber que dentro de cada peixinho existe o potencial para ser um tubarão.»

«E tu achas que eu sou um peixinho que me deixo comer pelos tubarões da vida, é isso? Por causa da minha insegurança.»

«Por tudo, mas especialmente por causa disso, sim.»

«Ainda há pouco a minha colega de casa veio com a conversa da insegurança a propósito deste regresso da Mafalda, que despertou ainda mais este meu lado. E eu disse-lhe que quem me dera não ser assim, mas não consigo, nem tenho quem me ajude.»

«Porque é que achas que estou a ter esta conversa contigo?»

Nesse momento, bateram à porta de vidro. Parecia ser o Carlos, do lado de dentro, mas não tive a certeza por causa do reflexo, e a Diana apressou-se a apagar o charro.

«Tenho de perguntar ao Beto o que é que ele pôs aqui dentro. Isto está a bater-me forte, não é costume ficar a sentir-me assim», comentou em voz alta com ela mesma antes de se voltar a dirigir a mim. «Eu vou dar-te todos os conselhos e ferramentas de que precisas para te tornares uma mulher mais segura e confiante, porque eu quando tinha a tua idade também era assim, como é a maioria das pessoas, fruto da sociedade em que vivemos. E que tal começarmos mais logo? Tens tempo para um jantar? Há um restaurante bom aqui ao fundo da rua.»

Aquele convite apanhou-me desprevenida.

«Aaaaa... Sim. Acho que sim. Só tenho de avisar a minha colega de casa para não esperar por mim para jantar.»

«Boa! Então quando terminares, espera por mim lá em baixo.»

Seguiu para dentro e eu olhei para o relógio. Estava na minha hora também, mas primeiro tinha de avisar a Filipa.

«*Hoje não janto em casa. Não esperes por mim. Não sei a que horas chego, mas devo chegar tarde*», disse-lhe por mensagem.

Ela respondeu-me com um «OK» e eu regressei ao trabalho.

O estado anímico da parte da tarde foi completamente diferente do da manhã. Sentia-me mais entusiasmada e apercebi-me de que pensava mais na Diana do que no **Afonso**. As palavras certeiras dela ficaram a entoar-me na cabeça e a possibilidade de me ajudar a melhorar aquela que seria, talvez, a minha maior fraqueza deixava-me entusiasmada. Não sabia porque é que se tinha disponibilizado para me ajudar, o que eu sabia era que sentia nela uma boa energia. Via nela a experiência e sabedoria de que estava a precisar e se ela se tinha disponibilizado, não ia dizer que não.

Tal como havíamos combinado, assim que terminei o meu serviço, esperei por ela, à saída. No entanto, como se estava a demorar, decidi ligar-lhe, mas também não me atendeu. Lembrei-me depois de que me tinha dito que ia ter uma tarde atarefada, uma vez que se tinha demorado da parte da manhã, e achei melhor subir até ao piso onde trabalhava para confirmar e, caso fosse necessário, oferecer a minha ajuda. Contudo, quando lá cheguei, também não a encontrei e comecei a questionar-me sobre onde é que ela estaria e até a duvidar se eu teria percebido bem o que tínhamos combinado. Foi então que de dentro de um dos gabinetes saiu uma colega nossa que eu ainda só conhecia de vista e perguntei-lhe por ela.

«Desculpe, sabe dizer-me onde está a Diana? Eu vinha falar com ela, mas não a encontro e também não me atende.»

«A Diana? Ela já foi embora há muito tempo. Acho que se sentiu maldisposta ao início da tarde. Deve ter sido o almoço que lhe caiu mal. Até foi o Dr. Carlos que a levou para casa, mas não sei se ainda a chegou a levar ao hospital.»

«Oh, meu Deus! Não fazia ideia, mas obrigada!»

A senhora seguiu a sua vida e eu passei a mão na cabeça depois de perceber o verdadeiro motivo pelo qual ela se tinha sentido mal. E não, não tinha sido com certeza do almoço.

Já que estava automaticamente cancelado o nosso jantar, eram horas

de me ir embora e manter o plano inicial de jantar em casa com a Filipa. Apanhei o autocarro e durante a viagem de regresso tentei ligar à Diana por diversas vezes, mas sempre sem sucesso. Acabei por ter de me convencer de que, apesar de tudo, não teria sido nada grave e logo estaria bem.

Quando cheguei ao prédio e comecei a subir as escadas até ao meu andar é que me lembrei de que não tinha avisado a Filipa da reposição dos nossos planos, mas também não achei que fosse importante. Contudo, ao entrar no apartamento, percebi que estava enganada...

10

Não sabia se havia de ficar chocada, envergonhada ou se me havia de rir da visão que acabava de ter. Parecia a típica cena de filme em que o marido chega mais cedo do trabalho e apanha a mulher na cama com outro, mas neste caso com papéis diferentes. Neste caso era a Filipa, no sofá... com o Miguel. Nada naquela imagem batia certo e parecia que tinha acabado de abrir a porta para uma outra dimensão. Ela nunca foi muito de falar sobre a sua vida sexual, embora eu soubesse que tinha as suas aventuras, mas nunca pensei que se envolvesse com um amigo. Neste caso, com um amigo em comum. É claro que, na minha cabeça, não havia complexo nenhum, mas não deixava de ser uma situação peculiar.

A Filipa saiu de imediato de cima do Miguel e começou logo a vestir-se, e ele pegou numa almofada para tapar o sexo enquanto me olhava com uma expressão de constrangimento.

«Eu... eu... Não vi nada. Fiquem à vontade», disse, atrapalhada, antes de me esgueirar para o meu quarto.

Fiquei a sentir-me culpada porque, além de ter ficado com o papel de estraga fodas, proporcionei aos três um belo momento embaraçoso para mais tarde recordar. E, para piorar, lembrei-me de que, sendo pessoas próximas de mim, os momentos constrangedores não iriam ficar por ali.

Deixei-me ficar por um bocado sentada na cama, mas estava a aperceber-me demasiado dos sons que vinham da sala e por isso quis distrair-me com alguma coisa, como se assim lhes estivesse a dar um pouco mais de privacidade. Comecei então a arrumar o quarto, mesmo aquilo que já estava arrumado, enquanto não me chegasse algum sinal de que o Miguel já se tinha ido embora.

Algum tempo depois, ouvi a porta da entrada a bater e logo de seguida a Filipa abriu a porta do meu quarto o suficiente para enfiar a cabeça e espreitar para o lado de dentro.

«Estava à espera de que chegasses mais tarde...», comentou.

«Deu para perceber. Eu devia ter avisado de que afinal jantava cá em casa. Terei mais cuidado da próxima vez.»

«Não. Nada disso. A culpa é minha. Facilitei e não correu bem, mas de facto hoje estava a ser difícil lidar com a vontade. Se é que me entendes... Mas terei mais cuidado. Prometo.»

«Tudo bem, tudo bem. Isso não é o mais importante agora. Quero é saber dessa história entre ti e o Miguel.»

Sentei-me do lado da cama mais próximo da Filipa e ela entrou, fechando a porta atrás de si e depois encostando-se a ela.

«Não há história nenhuma. Somos amigos e hoje não tinha mais ninguém de confiança que me apagasse o fogo.»

«É só isso? Sexo pelo sexo? Não há mais nada?»

«Não, não há mais nada. Talvez no passado possa ter havido alguma coisa, mais da parte dele do que da minha, mas isso está completamente fora de questão. Nós não funcionamos. Somos só amigos e é assim que quero que continue. Como nos conhecemos bem e confiamos um no outro...», encolheu os ombros. «Pronto, vai acontecendo. Mas não quero falar muito nisto porque senão começo a sentir-me arrependida e já chega deste desconforto.»

«Nem penses que este assunto fica por aqui. Vais esclarecer-me algumas curiosidades. Intimidade para isso não nos falta, já que são os dois meus amigos e acabei de ver-vos a foder.»

A Filipa passou a mão no rosto e foi encostar-se na cómoda.

«Enfim... O que é que queres saber?»

«Quero saber como é que é isso de serem só amigos, porque de facto não se nota mais do que isso, mas conseguirem ir para a cama um com o outro como se estivessem a jogar às cartas…»

«Oh, Inês! Nunca ouviste dizer que os amigos são para as ocasiões?» Demos uma gargalhada em simultâneo. «É mais ou menos isso que acontece entre nós. Mas também não penses que acontece por tudo e por nada. É só quando de facto a vontade aperta e não há aquele *crush* por perto. E quando tens um amigo destes, sabes com o que podes contar. E sabes que podes confiar. E no dia seguinte continua tudo como se nada tivesse acontecido.»

«Mas como é que isso começou? Desculpa a curiosidade. É que quando são duas pessoas que se conheceram e começaram a falar e a sair, já sabemos que, mais tarde ou mais cedo, a coisa dá-se. Mas vocês eram amigos e a dada altura lembraram-se de que até poderia ser

interessante irem para a cama?»

«Mais ou menos. Deixa-me explicar-te melhor antes que comeces a fazer filmes na tua cabeça mais interessantes do que aquilo que realmente aconteceu e eu me sinta mal.» Revirou os olhos. «É claro que nunca me passava pela cabeça envolver-me com o Miguel porque nunca o vi como uma hipótese sequer. Pelo menos conscientemente. Mas há algum tempo, numa festa em que por acaso estávamos os dois, eu já estava um pouco bebida, e ele pelos vistos também, e começámos a dançar um com o outro. Mais na brincadeira do que outra coisa. A verdade é que, por algum motivo, continuámos a dançar noite dentro cada vez mais próximos, até que nos começámos a beijar. Não me lembro bem. Do que me lembro é de sentir que estava a fazer algo errado e isso dar-me ainda mais vontade de continuar. Talvez tenha sido essa a força motriz daquela noite.»

«Então e depois? Foi preciso dar o passo seguinte.»

«E o passo seguinte foi dado nessa mesma noite. Abandonámos a festa, fomos para o carro dele e fodemos no banco de trás. Nessa altura, confesso que já estava perfeitamente sóbria, no entanto, já não dava para deixar a meio. Tinha de ir até ao fim. Naquele momento soube bem, porque aquela sensação de estar a fazer algo que era impensável para mim deu-me uma adrenalina deliciosa. O pior foi quando o tesão passou e veio o arrependimento.»

«Um arrependimento que pelos vistos também passou.»

«Passou, mas não foi logo. Isto foi um abalo na nossa relação porque é impossível continuares a olhar para a pessoa da mesma forma depois de um acontecimento desses. E eu confesso que pensei que não seria capaz de disfarçar o suficiente para vocês não se aperceberem de que havia algo de errado ali.»

«Fizeste um bom trabalho. Parabéns! Mas não sei se perdoo o facto de me teres escondido isso», brinquei. «Continua.»

«Pronto, e basicamente ficámos distantes desde aí e até nos evitávamos, mas como pertencemos ao mesmo grupo de amigos, era muito difícil não nos cruzarmos. Até que, com o tempo, fomo-nos habituando e, uma vez ultrapassada essa sensação de arrependimento, voltaram as oportunidades e as circunstâncias favoráveis. Mas desta vez tive uma conversa com ele e esclareci que não havia qualquer intenção

da minha parte que não fosse a minha satisfação sexual com alguém da minha confiança. Ele concordou e nunca houve stresses. E é isto. Somos aquilo que o **Afonso** chama de amigos das fodas.»

«Mas ele sabe deste vosso envolvimento?»

«Não! Quer dizer, só se o Miguel lhe tiver contado. Espero que tenha cumprido o acordo e tenha guardado segredo. Mas também se ele descobrisse, com certeza de que se ia sentir orgulhoso, até porque foi ele que me introduziu este conceito.»

«Foi? Nada que me admire, então.»

«Sim. Ele dizia-me que na altura também tinha uma amiga das fodas e que era algo muito positivo para ambos. Acho que se chamava Diana ou qualquer coisa assim, e a verdade é que...»

«Desculpa?», interrompi. «Disseste Diana?»

11

Aquela informação apanhou-me de surpresa e não me soube nada bem. Contudo, guardei os meus pensamentos e comentários para mim e fiz de conta de que não fazia ideia de quem poderia ser essa Diana. Agora entendia a proximidade deles para, segundo ela, falarem de tudo sem complexos, incluindo sobre mim. Pelos vistos, o **Afonso** era para a Diana o que o Miguel era para a Filipa e comecei a perceber que eu era a pessoa com a mente mais fechada daquele grupo. Apesar de achar bem que o fizessem, já que, segundo o que me contou depois a Filipa, apenas acontecia quando nenhum dos dois tinha um compromisso com alguém, não me sentia capaz de o fazer. Seja como for, comecei a antecipar algum desconforto em relação à forma como iria interagir com a Diana depois de saber aquilo, logo no dia em que tinha sentido afinidade com ela. E logo no dia em que tinha encontrado a Filipa e o Miguel naquelas circunstâncias. Era como se, de repente, descobrisse que todas as pessoas próximas de mim não eram quem eu pensava, ou então que, afinal, eu vivia numa realidade paralela. A verdade é que desde aquela conversa e aquelas descobertas, comecei a questionar-me sobre se havia algo de errado ou de limitado em mim. Estaria eu a ser complexada e preconceituosa? Estaria eu a ser antiquada ao pensar e sentir-me assim?

No dia seguinte, regressei ao trabalho e, na primeira oportunidade, a Diana veio ter comigo para me explicar o que tinha acontecido e pedir-me desculpa. No entanto, eu limitava-me a ouvi-la enquanto me esforçava por afastar as imagens perversas com que a minha imaginação me presenteava sobre os envolvimentos entre ela e o **Afonso**. Não estava a ser fácil dissociar a Diana-colega-de-trabalho da Diana-amiga-das-fodas e isso tornou-se ainda mais evidente quando ela quis reagendar o nosso jantar e eu inventei uma desculpa claramente forçada para não ir.

Nos dias que se seguiram, não foi muito diferente. Ela continuava a procurar-me e eu continuava inevitavelmente fria, distante e pouco faladora. Por um lado, queria passar a imagem de que não sabia de

nada (e quem me dera não saber mesmo), para não manchar a nossa relação, mas, por outro, sentia que não ficaria bem enquanto não falasse com ela. Ainda assim, continuava a guardar para mim, talvez por estar à espera de me habituar à ideia ou então que ela me encostasse à parede e não me desse outra hipótese que não fosse dizer-lhe o que se passava. Felizmente, ou infelizmente, tinha uma boa desculpa para o meu afastamento, uma vez que já a tinha posto a par da situação delicada com o **Afonso**.

Em relação a ele, continuava sem notícias. Não fazia ideia de onde estava nem do que estava a fazer. Tudo o que sabia era que, segundo ele, voltaria dentro de alguns dias. Talvez uma semana. O que, de certa forma, me ajudou a suportar melhor a sua ausência por pelo menos saber, mais ou menos, quando terminaria. Em contrapartida, à medida que a semana caminhava para o fim e eu imaginava que o seu regresso estaria para breve, o meu nervosismo e ansiedade começavam a aumentar para níveis desagradáveis. Até que, na sexta-feira à noite, recebi uma mensagem dele no telemóvel que me fez disparar o batimento cardíaco:

«*Estás por casa?*», perguntava.

«Sim, porquê?»

«*Estou aqui em baixo*.»

12

Naquele momento, eu estava com a Filipa na cozinha a acabar de arrumar a loiça do jantar e comecei a ficar atrapalhada. Não estava sequer minimamente apresentável e nem sabia se havia de descer ou convidá-lo para subir. Um dilema que a Filipa resolveu.

«Diz-lhe para subir», disse enquanto enxugava as mãos. «Eu vou para o meu quarto e é como se não estivesse aqui.»

Lançou-me um olhar seguro antes de sair da cozinha e abandonou-me de telemóvel na mão e chinelos de quarto nos pés. Sem mais tempo para pensar nem opções por onde escolher, disse-lhe para subir e fui esperá-lo à porta do apartamento.

Fiquei a observá-lo a partir da entrada enquanto ele subia as escadas e vi que trazia a sua habitual expressão séria e um olhar tão negro quanto a roupa. Quando chegou junto a mim, baixei ligeiramente a cabeça e fiz-lhe sinal para entrar.

«A Filipa não está?», questionou.

«Está no quarto e vai ficar por lá.» Ele caminhou para o outro lado da sala e ficou de costas. «O retiro fez-te bem?»

«Deu para refletir sobre a confusão...», disse, espreitando-me por cima do ombro, mas sem se virar.

«Mas conseguiste encontrar o equilíbrio que procuravas?»

Virou-se para trás e ficou a olhar para o chão por um momento antes de erguer o rosto para mim.

«Mais ou menos. Imagina uma sala cheia de pessoas que conheces e subitamente instala-se uma confusão total nessa sala em que já não sabes quem é quem. Se começares a observar mais atentamente, começas a perceber quem é quem, mas a confusão continua. Basicamente, foi isso que consegui neste tempo em que estive ausente. Não me livrei da confusão, mas agora consigo identificar quem é quem e o que estão a fazer.»

«E chegaste a alguma conclusão?»

«Cheguei à conclusão de que não posso controlar os meus pensamentos ou sentimentos, mas posso controlar as minhas ações,

atitudes e decisões. Não só posso, como é meu dever.»

«Porque é que eu tenho a sensação de que me vais dizer alguma coisa que me vai magoar?»

Notei que respirou fundo e o seu olhar arrefeceu ainda mais.

«Inês... Eu estou preso às minhas próprias leis. Que são baseadas nos meus princípios e valores. E no meu universo...»

«Não venhas com essa história do teu universo!»

«Deixa-me acabar!» Pus as mãos na cintura e desviei o olhar do dele. «A partir do momento em que deixo de ser fiel aos meus princípios, deixo de ser eu. Deixo de me orgulhar daquilo que sou. E os meus princípios estão acima das minhas vontades.»

«Isso significa o quê?»

«Significa que eu não traio, porque, independentemente da tentação ou das circunstâncias propícias, o meu princípio de integridade e respeito por quem depositou a sua confiança em mim está acima disso. Significa que eu não minto, posso fazer muitas coisas com a verdade, mas não minto, porque a tentação da mentira não está acima dessa minha lei. E significa também que se estou com alguém é porque estou inteiro ao lado dessa pessoa. E se eu não consigo estar inteiro, então não posso estar com ela...»

Comecei a sentir uma amargura no fundo da boca que se alastrou para a garganta e peito em forma de aperto.

«Então é isso que me queres dizer? Que não podes estar comigo porque não te sentes inteiro? O que é que te falta?»

«Não é o que me falta, é o que tenho a mais.»

Abanei a cabeça ao perceber onde queria chegar.

«A Mafalda... Claro», murmurei. «Foi essa a conclusão a que chegaste neste tempo em que estiveste no retiro? De que, afinal, ainda gostas dela? Ou será que...», congelei com a ideia que me ocorreu. «Ou será que esse retiro foi feito na Póvoa?»

Fulminou-me com um olhar reprovador.

«Inês! Acabei de dizer que era incapaz de trair e estás a sugerir que passei este tempo com ela?»

«Estás a acabar comigo para ficar com ela, não é?»

«Estou a afastar-me de ti para ficar sem nenhuma.»

Os meus olhos ficaram húmidos e não percebi se era da desilusão ou

da impotência que estava a sentir naquele momento. Arrumei para trás das orelhas os fios soltos de cabelo e sentei-me na lateral do sofá para disfarçar a fraqueza nas pernas.

«Podias ficar com qualquer uma de nós e queres fazer-me acreditar que te estás a afastar de mim para ficares sozinho?»

«Estou a fazer isto para ser o mais correto possível contigo. Ou será que me queres a qualquer preço? Será que me aceitas ao teu lado em qualquer tipo de condições? Acho que se te respeitas minimamente, não vais aceitar nada menos que tudo. Deves, sim, querer-me ao teu lado, mas inteiro. E com a cabeça focada exclusivamente em ti. Isto não foi nada que eu tenha escolhido. E agora não é nada que eu consiga propriamente evitar. Aquilo que posso evitar é ser incorreto com as pessoas próximas de mim. E por vezes a melhor forma de o conseguir é afastar-me.»

«Faz como quiseres, **Afonso**...»

«Nunca disse que era o que eu queria.»

«No fundo, isto não é nenhuma surpresa», continuei como se não o estivesse a ouvir. «Nós sempre estivemos condenados ao fracasso. Seria uma questão de tempo até aparecer mais um obstáculo. Só não pensava que aparecesse tão depressa e que fosses tão rápido a desistir de nós. Esperava um pouco mais de luta.»

«E a luta vai continuar aqui dentro!», grunhiu por entre os dentes enquanto batia com o indicador na testa. «Não vou é sujeitar-te a ti e a mim a viver uma relação a meio gás por causa da porcaria da minha mente instável. Entendes? Podes chamar-me de fraco ou cobarde, mas eu continuarei a acreditar que o faço porque sou íntegro e porque tenho a coragem de me retirar quando sei que não posso dar à pessoa que está comigo aquilo que ela merece. Cobardes são aqueles que se deixam ficar ao lado de alguém mesmo não estando bem e empatam a vida da outra pessoa, que já poderia ter seguido em frente e encontrado alguém melhor.»

«Se estão os dois juntos, a luta é dos dois!», gritei.

Voltou a afastar-se e ficou por um momento em silêncio.

«Só estou a tentar ser coerente e justo contigo, Inês.»

«Claro que estás. Afinal de contas, eu voltei para o meu ex depois de nos termos envolvido. Por isso acaba por ser justo que também tu voltes

para a tua ex depois de termos estado juntos.»

«Eu não quero voltar para ela!», rosnou.

«Também supostamente não te queres afastar de mim e, no entanto, vais fazê-lo. Isso do querer e não querer muda de um dia para o outro. Mas não te culpo... Quem sou eu para o fazer...»

«Não te quero arrastar para um poço que te pode fazer mais estragos do que esta minha decisão. Estou preso às minhas leis e elas dizem-me que tenho de me afastar.»

«Vai logo então, **Afonso**, antes que eu comece a chorar. Não quero que voltes atrás por pena», disse sem o encarar.

Caminhou devagar até à porta e eu adiantei-me para a abrir.

«Parece que este *hall* de entrada é o nosso local favorito para despedidas», comentei quando ele já estava do lado de fora.

«Sabes, Inês...», fez uma pausa. «Às vezes gostamos tanto de uma pessoa, que temos de a deixar ir.»

Assim que terminou aquela frase, fechei a porta e apressei-me para o meu quarto, mas não a tempo de a Filipa não me apanhar.

«Então? Como é que correu?», perguntou-me.

«Fez o que tinha de ser feito. Agora, se me permites, vou para o meu quarto. Preciso de chorar até adormecer.»

13

Na manhã seguinte, acordei ao sabor dos beijos de um dos amores da minha vida, o meu *Biju*. Não sabia como é que ele tinha entrado, pois tinha deixado a porta fechada, mas quando me ergui da cama, vi a Filipa encostada na ombreira da porta a olhar para mim com um olhar apaziguador e fiquei esclarecida.

«Achei que merecias um pouco de amor incondicional pela manhã», disse antes de se vir sentar na minha cama.

«Sim, de facto não há melhor forma de acordar. Obrigada por este mimo. Não é, pequenote? Hoje vieste dizer bom dia, foi?», rejubilei enquanto lhe afagava o dorso.

«E esses olhos que parecem duas batatas?», perguntou ela.

Encolhi os ombros e comprimi os lábios.

«Já sabes porque é que estão assim...»

«Oh! Mas o que é que lhe deu desta vez?», protestou.

«Não sei. Não sei, Filipa. Deve estar confuso por causa deste regresso da Mafalda e por todas as mudanças que daí advieram. Só sei que decidiu afastar-se, supostamente para ser coerente.»

«Aquele gajo tira-me do sério! Desculpa lá, mas nunca vi nada assim.» Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro ao fundo da cama. «Eu tenho de falar com ele.»

«Não!», gritei, ao ponto de assustar o *Biju*. «Nem pensar! Não faças isso! Parece que fui fazer queixas à amiguinha. Não quero ninguém ao meu lado, por favor. Como ele disse, e muito bem, não posso aceitar nada menos que tudo e se ele está confuso em relação ao que sente, fez bem em afastar-se», disse-lhe, com convicção, enquanto me tentava convencer do mesmo.

«Confuso? Ele está é parvo, Inês. Ele gosta de ti. E qualquer pessoa que o conheça minimamente bem percebe isso. Por mais complexo que ele possa ser. Ele está a cometer um erro.»

«Não me digas isso, não sei se é de esperança que eu preciso agora. Acho que é mais de coragem para seguir em frente.»

«Mas não vais fazer nada? Vais deixá-lo desperdiçar a única mulher

por quem ele realmente sentiu algo de importante desde que o conheço? Não pode ter sido uma casualidade.»

«Filipa!», lancei-lhe um olhar imperativo. «Promete-me que não vais tentar convencê-lo de nada, por favor!»

«Está bem, está bem! Olha, vais ficar aí o dia todo?»

«Não, mas também não estou com grande vontade de sair.»

«Não te preocupes que eu tiro-te da cama.» Abeirou-se de mim e puxou-me os lençóis para trás. «Anda! Salta daí!»

«Eu não tenho nada para fazer, Filipa. Deixa-me ficar aqui um pouco mais a lamentar a minha existência», ironizei.

«Sabes o que é que te fazia bem? Uma corridinha no parque, daquelas que costumavas fazer. Vai ajudar-te a desanuviar.»

«Correr? Agora? Nem vontade tenho de sair da cama.»

«Correr, sim! Vamos lá mexer esse rabinho.»

Puxou-me pelo braço para me fazer sentar na beira da cama e começou a vasculhar no meu armário à procura de roupa desportiva para eu vestir. Depois passou-me umas *leggings* para as mãos, uma camisola de alças e um casaco.

«Fiz-te a papinha toda. Só falta ir correr por ti», brincou.

«Oh! Estavas a ir tão bem, só faltava o último passo.»

«*Biju?* Anda!», chamou ela. «Vou pôr-te ração na taça.»

Pegou nele e saiu do quarto para me deixar vestir à vontade.

Acabei por me deixar levar pelo incentivo dela. Talvez precisasse mesmo daquela corrida para sacudir as emoções negativas da noite anterior e para voltar a sentir-me viva. Vesti-me, pus os fones, selecionei a *playlist* de treino e fui para o Parque da Cidade.

O objetivo era cansar-me o suficiente para chegar a um ponto em que não pensasse em nada para além da minha respiração. No entanto, pouco depois de ter iniciado a corrida, o meu telemóvel começou a vibrar com uma chamada da Diana. Ainda ponderei atender, mas além de já não ter fôlego, a vontade não era muita e deixei tocar até que ela desistisse. Se fosse algo realmente importante, voltaria a ligar e dessa vez eu atenderia. Acabou por não voltar a ligar, mas pouco depois enviou-me uma mensagem:

«*Planos para logo à noite?*», perguntava.

Que desculpa é que eu ia dar desta vez? Foi o meu primeiro

pensamento. Não queria ser desagradável, mas se não tinha aceitado os convites durante a semana, também não seria naquele dia, com um estado anímico ainda mais em baixo.

«Este fim de semana não dá para mim. Desculpa. Talvez para a semana», respondi, antes de retomar a corrida.

Ela não me disse mais nada e eu fiquei com a sensação de que desta vez já não tinha acreditado tanto naquele «não», mas como trabalhávamos juntas, não faltariam oportunidades de eu me esclarecer, caso fosse necessário.

Acelerei a passada para voltar a atingir a velocidade cruzeiro e mergulhar naquele estado meditativo em que só a minha respiração importava, mas mais uma vez não correu como esperava. Quanto mais metros eu percorria, mais casais apaixonados via. Parecia que tinham combinado todos ir passear para o parque naquela manhã. Não sei se sempre foi assim e eu antes é que apenas não reparava, mas a verdade é que, depois de me aperceber de que isto estava a acontecer, piorou. Cheguei ao ponto de ver uma mulher a falar ao telemóvel e imaginar que estaria a falar com o namorado e a dizerem um ao outro o quanto se amavam e eram felizes. Até que admiti para mim mesma que era o meu lado masoquista a atrair aquela realidade e a criar ideias dolorosas na minha cabeça para me magoar. Tive mesmo de me render, dar meia-volta e ir para casa.

Quando cheguei, fui direta à cozinha beber um copo de água e o *Biju* veio enroscar-se nas minhas pernas com a mesma felicidade de alguém que já não me via há um mês. Fiz-lhe festas na cabeça e bebi o meu copo de água. Entretanto a Filipa surgiu à porta da cozinha de mala ao ombro e vestida com roupa de sair.

«Vieste mais rápido do que eu pensava», disse ela ao mesmo tempo que abria o frigorífico para tirar um iogurte líquido.

«Mas vá lá que desta vez estás um pouco mais vestida.»

Lançou-me um sorriso irónico.

«Até já fazes gracinhas! Parece que te fez bem a corrida.»

«Mais ou menos. Comecei a ver casais apaixonados por todo o lado e fiquei enjoada. Tive de me vir embora.»

«A nossa mente é tramada. Olha... Tu foste correr e enquanto estava a vestir-me, comecei a pensar na conversa que tivemos no teu quarto e

acho mesmo que tens de fazer alguma coisa.»

«Outra vez o mesmo discurso, Filipa? Eu não vou fazer nada, não tenho de fazer nada. Ele foi embora, agora ele que venha.»

«Sim, tens razão, eu concordo plenamente contigo, mas às vezes não é assim tão linear e temos de ser flexíveis.»

«Tu não vais sair?», perguntei para mudar o assunto.

«Sim, já vou, mas tinha de te dizer isto antes de sair. Sabes que a vida gosta de nos testar e não sabes se esta é uma dessas situações em que passa para ti a responsabilidade de fazer algo.»

Virou-se e saiu da cozinha e eu fiquei a questionar-me se havia alguma mensagem escondida naquela frase.

«O que é que queres dizer com isso?», perguntei desde o corredor quando ela já tinha a porta da entrada aberta.

«Não sei, Inês. Parecendo que não, o **Afonso** já te conquistou duas vezes. Talvez agora seja a tua vez de o conquistar», disse antes de sair e bater a porta atrás de si.

14

A segunda-feira chegou e, com ela, um novo dia de trabalho. Apesar de não haver dias bons para se terminar uma relação, a verdade é que o facto de ter sido na sexta-feira permitiu-me recuperar o suficiente durante o fim de semana para poder estar concentrada no trabalho. Por isso, mentalmente e com um selo de ironia, enviei a mensagem «grata pelo cuidado» ao **Afonso**.

A meio da manhã, entrou o Dr. Silva no departamento e, como já era habitual sempre que ele entrava, desci a cadeira e mergulhei ainda mais na secretária para reduzir as possibilidades de ser notada por ele e ainda menos de fazer contacto visual. No entanto, pelas frinchas da minha divisória, fui controlando por onde ele andava. Vi-o a conversar com duas colegas ao fundo da divisão e, pelo aspeto, não me parecia muito animado. Olhou para um lado e para o outro e dirigiu-se para o lado da sala onde ficava a minha secretária. Assim que me apercebi disso, restringi o meu campo de visão ao ecrã do computador e comecei a digitar aleatoriamente para ele perceber que eu estava ocupada, ainda que não conseguisse raciocinar direito só pelo facto de aquela figura estar por perto.

«Você!», rosnou para mim por cima da divisória.

Estremeci toda com o impacto da voz repugnante dele.

«Diga, doutor, em que posso ajudar?», respondi atrapalhada.

«Preciso que analise estes dados relativamente ao mês passado e que me faça um relatório com os dados mais importantes para ser mais fácil de interpretar. Se puder, faça gráficos, porque não tenho paciência para muitos números e palavras. Está bem?»

«Desculpe, doutor, eu posso tentar, mas penso que seria mais seguro serem os colegas do departamento comercial.»

«Está a empurrar o trabalho para os outros, é isso?»

«Não! Claro que não, Dr. Silva, é só porque não é da minha área de competência. Nunca trabalhei com estes números e não quero cometer nenhuma falha. Mas claro que posso fazer.»

«Em primeiro lugar, há uma colega do departamento comercial que

está a faltar e o departamento está sobrecarregado. Em segundo, se lhe estou a dar este trabalho a si é porque sei que é capaz de o fazer. Terceiro, mas não menos importante, eu é que decido quem é que faz o quê. Se lhe estou a dizer para fazer isto, faz e não reclama. Estamos entendidos?»

«Si... sim... Claro, doutor!»

«Ótimo! Se não souber fazer alguma coisa, levanta-se da cadeirinha, dá corda a esses sapatinhos e vai perguntar aos colegas do departamento comercial. Mais alguma questão?»

«Sim. Quando é que quer o relatório pronto?»

«Preciso dele para esta tarde, por isso pode já tratar deste assunto e depois continua o que estava a fazer. Quando estiver pronto, dá-me um toque e passo cá a buscá-lo. Isto é rápido de fazer.»

«Com certeza, é só porque tenho dezenas de processos de clientes para fechar ainda hoje e posso não ter tempo.»

«Então acho melhor apressar-se.»

O semblante indiferente e insensível que me lançou antes de se ir embora, como se fosse um adolescente a expressar um «e?», remexeu-me toda por dentro e deu-me uma náusea profunda. Comecei a ferver e a transpirar de raiva e stresse por causa dele e das visões que já estava a ter do dia que me esperava. Alonguei o pescoço, respirei fundo três vezes e peguei nos papéis que me tinha deixado em cima da mesa. Numa primeira leitura, não consegui perceber nada, talvez por causa dos nervos, mas aos poucos aqueles números que inicialmente não passavam de símbolos começaram a ganhar forma na minha cabeça. Mesmo assim, não me livrei de ir chatear por diversas vezes os meus colegas do departamento comercial, que, para piorar, estavam com pouco tempo e paciência para me ajudarem.

Quando finalmente chegou a pausa para o almoço, as minhas colegas do departamento saíram e eu, sabendo da falta que aquela hora me ia fazer, acabei por ficar um pouco mais para acabar, pelo menos, um diagrama que estava a fazer. Pouco depois, entrou no *open space* a Diana, à minha procura, pois certamente que lhe hão de ter dito que tinha ficado para trás.

«A adiantar trabalho ou apenas uma forma extrema de evitares cruzar-te comigo aqui dentro?», questionou ela ao entrar.

«Evitar cruzar-me contigo?», fiz-me de desentendida.

«Sim, pois! Desde que tivemos aquela conversa sobre os peixinhos e tubarões que sinto que me andas a evitar e quando não consegues, não estás confortável. Não digas que não porque a minha intuição não me costuma enganar. É porquê? Por causa da minha forma de falar desinibida? É por eu fumar umas coisas de vez em quando? Tens medo de que eu te desencaminhe? O que é?»

«Não é nada disso. Como te disse, estes últimos tempos não têm sido fáceis e parece que não vão melhorar. E se fiquei aqui, não foi para te evitar, mas para adiantar este trabalho extra que o Dr. Silva decidiu dar-me. Isso é tudo impressão tua.»

«Inês!» Olhou-me com um ar inquisidor. «Já viste que eu não tenho papas na língua e que digo o que tenho a dizer às pessoas com a maior sinceridade possível. Gostava que fizesses o mesmo.»

Fixei-a por uns segundos e depois rendi-me, relaxei os ombros, recolhi os braços e recostei-me na cadeira.

«OK. Está bem. Talvez haja mais qualquer coisa que me anda a incomodar, mas também não sei como falar nisto sem me sentir constrangida. Tem que ver contigo e com o **Afonso**...»

«Diz logo. O que é que se passa entre mim e ele?»

«Parece que vocês são... Como é que é o termo...», fiquei pensativa. «Amigos... das fodas, é assim que se diz?»

«Sim, e o que é que tem?»

Tinha de admitir que não esperava aquela reação. Um pouco mais de espanto e inquietação seriam expectáveis. Em contrapartida, fiquei eu sem saber como reagir.

«O que tem é isso, e não me parece pouco. Talvez para ti seja algo normal. Para ti e pelos vistos não só», comentei ao lembrar-me da Filipa e do Miguel. «Mas talvez eu ainda tenha uma mente um pouco fechada e faz-me alguma confusão saber que tu e o **Afonso**... Pronto, tu sabes. Parece que sou amiga de uma ex dele.»

«OK. Já deu para perceber que há muito trabalho para fazer aí nessa cabecinha, mas eu compreendo perfeitamente o que queres dizer e como isso te incomoda. E por saber isso é que eu e ele decidimos guardar segredo. Não sei se foi ele que te contou...» Neguei com a cabeça. «Mas também não interessa. Essa é uma informação que, não

sendo relevante, só vem gerar conflito desnecessário. Eu não sinto nada por ele além de carinho e de amizade, e ele igual por mim. E a prova disso é que eu, de certa forma, ajudei-o a ficar contigo e ele ajudou-me a conquistar o Carlos. Se quiséssemos mais do que uma amizade, não o iríamos fazer, como deves imaginar. Compreendo que te faça confusão, mas, princesa...» Aproximou o rosto do meu. «Vamos lá abrir esses horizontes.»

Levantei-me, saí da minha divisória e afastei-me uns passos.

«Está bem que eu posso ter uma mentalidade um pouco antiquada, mas uma situação destas seria estranha para qualquer pessoa. E saber que se envolviam e que ainda se podem envolver faz-me sentir um pouco deslocada e até a mais aqui no meio.»

«Não nos vamos envolver porque tanto eu como ele estamos em relacionamentos, logo, isso nem sequer é uma possibilidade.»

«Tu até podes estar, ele já não...»

Fez-se silêncio e ficámos a olhar uma para a outra.

«A sério? Foi por causa dessa Mafalda?»

Encolhi os ombros e levantei as mãos.

«Provavelmente. Mas não vou falar sobre isso. Não há tempo. Tenho muito trabalho hoje e ainda nem almocei.»

Fui pegar na minha lancheira e dirigi-me para o refeitório.

«Tudo bem. Seja como for, não está ele, mas estou eu, por isso tira lá essa ideia da cabeça», prosseguiu enquanto caminhava ao meu lado. «E mesmo que eu não tivesse ninguém, não o conseguiria fazer, como é óbvio. Mas não te vou obrigar a acreditar nisso. Quando me conheceres melhor, vais perceber isso por ti mesma. No entanto, aviso já que, se estiveres a pensar continuar estranha comigo, eu vou continuar a pressionar-te até cederes.»

Parei a meio do corredor e olhei para ela.

«O que é que queres de mim, Diana?»

Fez um compasso de espera enquanto me analisava.

«Vem! Eu explico-te enquanto almoçamos.»

Seguimos até ao refeitório, preparámos a nossa comida, ocupámos a mesa mais discreta do espaço e só depois continuou:

«Ouve, Inês, o primeiro motivo pelo qual eu gasto o meu latim contigo é baseado na lei zero da termodinâmica. Já ouviste falar?» Fiz cara

estranha. «Basicamente, ela diz o seguinte: se dois corpos A e B estão separadamente em equilíbrio térmico com C, então A e B estão em equilíbrio térmico entre si. Transpondo isto para a nossa realidade, é mais ou menos assim: se tu tens afinidade com o **Afonso** e se eu tenho afinidade com o **Afonso**, então nós as duas temos afinidade uma com a outra. E acho que tu própria já percebeste isso. E o segundo motivo, que é o mais importante, é que eu olho para ti... e vejo a Diana que eu era há uns dez anos.»

«A sério? Mas tu pareces tão diferente de mim...»

«Porque tenho mais anos, mais experiência e mais desilusões que me obrigaram a crescer, a criar defesas e a inventar ferramentas para me proteger nesta selva. Eu era muito insegura, cheia de tabus e complexos com o meu corpo e a minha sexualidade. Para tu teres a noção de como eu era tão diferente do que sou hoje, quando tinha a tua idade, nem sequer...», olhou para um lado e para o outro e baixou a voz. «Eu nem sequer me masturbava. Acreditas? Achava que não precisava porque, se quisesse ter prazer, não me faltava quem mo desse. Como se uma coisa substituísse a outra.» Deu uma gargalhada. «Mas isto passa pela cabeça de alguém?»

«Ai não substitui?», perguntei, admirada.

«Estás a brincar comigo, Inês?»

Olhou-me como se eu tivesse acabado de fazer a pergunta mais parva de sempre e senti-me desconfortável.

«Não estou. Eu nunca senti necessidade nem curiosidade.»

«Oh, meu Deus!» Tapou o rosto com as mãos. «Só podes estar a brincar comigo. Estás a dizer-me que tu nunca te masturbaste? Nunca, nunca? Oh, Inês! Eu era assim quando tinha a tua idade, mas eu tinha a tua idade há dez anos, é diferente!»

«Sim, eu sei, mas nunca senti falta, pronto!»

«Claro que não sentiste! Nunca experimentaste!» Apercebeu-se de que tinha falado alto de mais e voltou a conter-se. «Esse tipo de complexos já não se usa. Vamos lá atualizar essa mentalidade. Se de facto quiseres tornar-te uma mulher mais segura, vais ter de abrir mão de muitos medos, tabus e preconceitos porque, parecendo que não, eles limitam os teus horizontes, fecham-te numa bolha e fazem-te acreditar que viver a vida é pecado.»

«Mas eu estou bem como estou, não acho que precise assim tanto de mudar. Só preciso é que as pessoas à minha volta sejam justas, verdadeiras, que se respeitem e me respeitem.»

«Não, Inês. Tu precisas é de ser dura para não te deixares dobrar por qualquer um e precisas de uma vez por todas de ganhar tomates, desculpa mais uma vez a expressão, mas é mesmo assim, para lutares por aquilo que queres e recusares aquilo que não queres. E eu estou a dizer-te isto porque quem me dera a mim que há dez anos me aparecesse uma Diana vinda do futuro e me dissesse o mesmo. E agora vais fazer o quê?»

Respirei fundo e fiquei a encará-la por um momento.

«O que é que eu vou fazer? Vou acabar de comer no escritório porque tenho muito trabalho e pouco tempo.»

Peguei na minha salada e voltei para a minha secretária.

O resto da tarde foi passado em alta rotação para conseguir cumprir com o meu dever e, pelos vistos, também o dever ou o capricho de mais alguém. Assim que terminei o relatório que o Dr. Silva me pediu, dei-lhe um toque, como me havia pedido para fazer, e retomei o trabalho que estava a fazer inicialmente e que já estava demasiado atrasado. Contudo, ele acabou por se demorar e só voltou a aparecer no meu departamento ao final da tarde.

«A colega lá em cima está a queixar-se de que ainda não recebeu os processos todos e você sabe que ela precisa de os ter antes da hora de fecho, senão não os consegue submeter», reclamou.

Eu já tinha pegado no relatório para lho dar e voltei a pousá-lo quando percebi que não era isso que o tinha trazido ali.

«Sim, eu sei disso, e estou a dar o meu melhor para fechar todos os processos, só que o doutor pediu-me este relatório e eu acabei por gastar tempo com ele que agora me está a fazer falta.»

«Esse relatório é rápido de fazer, não gastou muito tempo.»

«Gastei porque não estou habituada a lidar com aquele tipo de documentos. Foi a primeira vez, doutor. Tive de recorrer aos meus colegas para me explicarem várias coisas.»

«Se via que estava a gastar muito tempo com isso, deixava o relatório para depois e continuava com o seu trabalho, que era a sua prioridade, certo?», insistiu com um tom de voz hostil.

«Certo, tem razão, mas eu só fiz o relatório primeiro porque o Dr. Silva me disse que precisava dele para esta tarde e disse também para tratar logo deste assunto e depois prosseguir com o que estava a fazer. Eu até me lembro de lhe dizer que poderia não ter tempo, mas pensei que fosse algo urgente.»

«Se fosse algo urgente, eu teria dito!», continuou a protestar. «Precisava do relatório hoje, mas se não fosse hoje, podia ser amanhã. Agora os processos não são para mim, são para a empresa e ela está acima de mim. Você também tem de pensar um bocadinho, não acha? Também lhe pago para pensar.»

«Tem razão, doutor, peço desculpa...», encolhi-me.

«Cansado desta incompetência», resmungou baixinho. «Agora vai acabar o trabalho que lhe competia fazer e só vai embora quando ele estiver pronto. Nem que esteja aqui até às dez da noite.»

Virou-se e dirigiu-se para a saída.

«Doutor?», chamei. «O relatório. Esqueceu-se de o levar.»

«Depois deixe-o com a Diana. Agora não tenho tempo.»

Apercebi-me da raiva a borbulhar dentro de mim e com ela a súbita vontade de estragar alguma coisa para libertar aquela frustração e sensação de injustiça. Mas quando me apercebi de que já estava a amassar o relatório, controlei-me. Voltei a respirar fundo várias vezes e continuei a fazer o trabalho que, como tinha dito o Dr. Silva e muito bem, me competia fazer. Consegui terminá-lo mesmo na hora do fim do meu turno e foi como se o meu corpo fosse uma marioneta acabada de ser abandonada pelo marionetista: os ombros relaxaram, os braços caíram, a cabeça tombou e suspirei de alívio. Ainda assim, reconhecia bem vivo dentro de mim um sentimento de raiva a corroer-me. Peguei no relatório e subi até ao piso de cima para o entregar à Diana.

«O Dr. Silva pediu-me para o deixar contigo...», disse-lhe.

«Fica descansada! Eu amanhã já lho entrego.»

«Ele não está?»

«Não. Já foi embora. Saiu há bocadinho.»

Apercebi-me de um relaxamento instantâneo do meu corpo e fiquei parada e indecisa a olhar para ela.

«Precisas de mais alguma coisa, Inês?»

«Não! Era só isso. Obrigada.» Sorri sem brilho, voltei-me para me ir

embora e parei logo depois. «Ou talvez precise.» Olhou-me com expectativa e eu aproximei-me da sua secretária. «Preciso de deixar de ser um peixinho. Preciso de ser dura e segura. E se tu acreditas que me podes ajudar, então vamos a isso.»

Os olhos dela brilharam de entusiasmo.

«Linda menina! Estava a ver que não!» Rejubilou. «Então trata de avisar a tua amiga de que não vais jantar a casa porque hoje vais jantar comigo. Não há tempo a perder.»

15

A Diana pediu-me para esperar por ela na receção enquanto arrumava as suas coisas e eu aproveitei também para ir buscar a minha mala e ligar à Filipa a avisá-la.

«Vou jantar aqui pelo Porto. Devo chegar tarde», disse-lhe.

«*Deves, deves! Isto é algum teste que me estás a fazer?*»

«Não é teste nenhum. Relaxa. Prometo que aviso quando for para casa e com tempo suficiente para se voltarem a vestir.»

«*Hummm... Está bem. Diverte-te, então. Estás a precisar*.»

Desta vez, a Diana não me deixou na mão e, pouco depois de me sentar nos sofás junto à receção à sua espera, ela surgiu de telemóvel ao ouvido, fazendo-me sinal para sairmos. Entretanto percebi que o tema da chamada era o filho e com quem é que ele iria ficar depois da escola, mas fiz-me de desinteressada para a deixar mais à vontade.

«Parece que os ventos estão a teu favor», enalteceu assim que desligou a chamada. «Já decidiste onde é que vamos jantar?»

«Eu?», perguntei admirada. «Eu é que tenho de escolher?»

«Não tens de escolher, eu é que quero que escolhas.»

«Mas porquê eu? Tu é que és daqui, deves conhecer melhor que eu. Eu conheço dois ou três e nem sei se são o teu estilo.»

«Então vamos a um desses e assunto arrumado.»

«Eu costumo ir a um que fica ali perto das Virtudes...»

«Não!», disparou. «Se costumas ir a esse, não estaremos em pé de igualdade. Escolhe um que não conheças tão bem.»

Estranhei tanta complicação, mas não disse nada.

«OK, está bem. Deixa-me pensar. A minha colega de casa falou-me num de que gostou muito, ali perto dos Aliados. Chama-se Flor qualquer coisa... Flor... Flor dos Congregados. É isso mesmo. No entanto, não sei onde é exatamente nem se tu vais gostar. Mas pode ser?»

«Se eu vou gostar ou não, só saberei depois de lá ir. Vá! Vamos andando para o carro e tu procura na net onde é que ele fica.»

Fiz o que me disse e fomos para o carro. Quando já estávamos a caminho do restaurante, a Diana decidiu perguntar-me:

«O que é que te fez mudar de ideias durante a tarde? Tendo em conta que ao almoço ainda estavas muito relutante.»

«Continuo a achar que o problema não é meu, mas talvez a solução possa ser. Acho que foi esta a minha grande conclusão durante a tarde. E muito por causa do Dr. Silva.»

«Mais um stresse com ele, não foi?»

«Digamos que sim. A arrogância e injustiça dele deixam-me fora de mim. Nunca se passou nada disto contigo?»

«Dele para comigo? Não! Nem pensar. Quer dizer, no início, lembro-me de que ele também tentava vergar-me, mas não teve sorte porque nessa altura eu já não era a Diana de há dez anos. Já sabia estabelecer limites, já sabia impor-me, já não era tão tolerante e acanhada. Ou, por outras palavras, tão insegura. Sabes que estas pessoas como o Dr. Silva, no fundo, são também elas extremamente inseguras e com grandes défices de confiança e de autoestima. Por isso, quando se apanham em cargos de poder, é normal que usem e abusem dele para se sentirem importantes e valorizados. E o medo e a obediência dão-lhes esses balões efémeros de confiança.»

«Mas será que essas pessoas não têm noção de como falam para as outras? Não têm a mínima empatia nem consciência? Este tipo de coisas afeta-me imenso e mal consigo reagir.»

«Vou contar-te um segredo que te será muito útil em qualquer ambiente, especialmente nos profissionais. A água desloca-se sempre no sentido de menor resistência. Com as pessoas, e especialmente com estas, funciona da mesma maneira. Elas buscam os caminhos de menor esforço e normalmente nesse caminho existe uma pessoa com graves crises de confiança que vira comida de tubarão. Num ambiente como aquele em que vivemos, há sempre um elo mais fraco, há sempre um caminho de menor resistência. A pergunta que te faço é a seguinte: quando um chefe ou um colega tenta dominar todos à sua volta, mas ninguém se deixa dominar, quem é que sai dominado? Quem é que é o elo mais fraco?»

Sorri como se tivesse feito uma descoberta incrível.

«É o próprio...», murmurei.

Sorriu-me de volta, orgulhosa, e concentrou-se na estrada.

Quando chegámos ao restaurante, sugeriu que eu entrasse à frente e,

por isso, acabei por ser eu a falar com o empregado e a pedir uma mesa. Guiou-nos até ao piso de cima e sugeriu-nos uma mesa do canto que foi aceite por unanimidade. Deixou-nos os menus e depois afastou-se.

«Agrada-te alguma coisa?», perguntei-lhe.

«Tudo, desde que seja bom. Mas o que é que tu sugeres?»

«Eu gosto de peixe, por isso ia para o robalo grelhado, mas não tens de comer o mesmo, pede algo que seja mais ao teu gosto.»

«Por mim, está bom! Se é essa a tua sugestão, eu aceito.»

«Mas é isso mesmo, uma sugestão. Agora se não gostares, vou ficar a sentir-me culpada por ter escolhido este prato.»

«Eu estou a confiar em ti. Será que não posso?»

«Em mim, podes, no entanto, não é algo que dependa de mim.»

«Se eu não gostar, vou ficar desconfortável e tu vais ficar desconfortável porque eu fiquei desconfortável, porque a escolha do restaurante e do prato foi tua, mas está tudo bem na mesma.»

Não, não estava, pensei para mim, mas não tive tempo de passar para palavras porque, entretanto, chegou o empregado de mesa a perguntar pelos pedidos. Durante o tempo em que ele esteve junto de nós, a Diana não abriu a boca. Fui eu que decidi os pratos e as bebidas e ela só acenava com a cabeça e encolhia os ombros. Aquele comportamento não estava a bater certo com a imagem que ela tinha passado e comecei a perceber que havia ali qualquer coisa que me estava a escapar. Por isso, assim que o empregado recolheu os nossos pedidos e se afastou, confrontei-a.

«OK! Já chega, Diana. Qual é o teu plano? A ideia do jantar foi tua, no entanto, passaste para mim a responsabilidade de todas as escolhas. É um costume teu ou foi só comigo?»

Ela começou a rir-se à gargalhada e eu fiquei com cara de parva à espera de que ela terminasse de rir para me explicar.

«Desculpa. Eu estava só a ver quando é que me ias fazer essa pergunta. Ainda te aguentaste bastante tempo. Não estás habituada a lidar com este tipo de responsabilidades, pois não?»

«Confesso que não. Também nunca saí com ninguém que as empurrasse para mim como tu as empurraste.»

«Também nunca te irias interessar por alguém assim. Querendo ou

não, a tua tendência é para te aproximares de pessoas que sejam, por natureza, dominadoras. Porque isso significa que serão elas a mandar, a escolher e a tomar decisões. Logo, tu ficas automaticamente ilibada de qualquer responsabilidade, seja por dar certo ou errado. Isto acontece porque, na verdade, és insegura, dás demasiado valor ao que as pessoas pensam a teu respeito e estás sempre à espera de ser julgada. E esse papel de submissa, e muitas vezes neutro, protege-te desses julgamentos.»

«Nunca tinha pensado nas coisas dessa forma, mas sim, faz sentido. Como é que sabes isso tudo? Pareces uma especialista.»

«Sei porque como te disse eu também era assim e nós reconhecemos os nossos semelhantes à distância. Não é por ser especialista em alguma coisa. Sou especialista em mim mesma. Só.»

«E é isso que estamos aqui a fazer? Foi por isso que quiseste vir jantar comigo? Foi para me testar?»

«Não, foi essencialmente para te transmitir estas coisas, mas vi nesta saída uma boa oportunidade para as pôr em prática.»

«E isto é suposto tornar-me mais segura e confiante? Então e se me disseres que odiaste o espaço e o prato que escolhi? Vou ficar a sentir-me muito mal e não vou querer repetir.»

«Se eu não gostar, que se foda. Tu fizeste o melhor que sabias com as melhores ferramentas que tinhas à mão e ainda com as melhores intenções. Vais culpar-te de quê? Se eu não gostar, tu assumes a responsabilidade e lidas com as consequências como uma mulher crescida que és. Porque é isto que te faz crescer. Não é continuares na sombra das pessoas da tua vida, com o rabinho entre as pernas para contornares as responsabilidades. Tu só ganhas confiança e segurança quando tomas decisões, ciente de que pode dar para o torto, mas sabendo também que vais lidar com as consequências. E aquilo que fiz hoje foi obrigar-te a tomar decisões. Hoje limitei-me a ser a pessoa que tu és ao lado das outras.»

Entretanto o empregado de mesa trouxe os nossos pratos.

«Espero que gostes», disse reticente.

«E se não gostar, vais fazer o quê?»

«Vou... Aceitar?», respondi com uma pergunta como se estivesse a ser avaliada e quisesse dar a resposta que ela queria ouvir.

«Eventualmente, sugerir alguma alternativa. Não sei... Temos sempre a hipótese de irmos ao McDonald's. E é aqui perto.»

«Boa! Termos um plano B ajuda sempre a sentirmo-nos mais seguros e a passar essa mensagem à outra pessoa. Mas isso são outras questões. O importante hoje é focar na mensagem. E a mensagem de hoje é tomares mais decisões, por mais insignificantes que sejam, para que isso te dê confiança. Se correr bem, perfeito, se correr mal, aceitar, aprender e seguir em frente.»

«OK! Vou começar a fazer mais isso.»

«Atenção que eu não disse que basta começar a tomar decisões que deixas de ser insegura, mas é um começo. É um bom primeiro passo, mas há mais. Que hão de ficar para outras saídas.» Sorriu e levou uma batata à boca. «Está bom, o peixe?»

«O peixe, sim, mas as batatas parecem cruas e sem sal.»

A cara que fez demonstrou que concordava comigo, mas não verbalizou. Concentrámo-nos na refeição e, pouco tempo depois, alguma coisa atrás de mim chamou a atenção dela.

«O empregado vem aí. De certeza que nos vai perguntar se estamos a gostar e tu vais dizer o que me disseste das batatas.»

«O quê? Vou dizer o quê?»

«Então? Estão a gostar? Está tudo bom?», perguntou o empregado assim que chegou, sem me dar tempo de pensar.

«Sim, tudo ótimo», respondeu prontamente a Diana. «A minha amiga é que acho que não está muito contente.»

«Eu?» Arregalei os olhos para ela e depois virei-me para o empregado. «Aaaaa... são as batatas», acabei por confessar, envergonhada. «Pareceram-me um pouco cruas e sem sal, mas de resto estava tudo ótimo e não tenho nada a dizer.»

«Mas quer que troque? Eu posso ir buscar outras.»

«Não, não! Obrigada. Não se preocupe. Está tudo bem.»

O homem foi-se embora e eu inclinei-me sobre a mesa para lhe sussurrar entre dentes:

«Porque é que me obrigaste a fazer isto?»

«Foi só um exemplo. Mais uma vez, a oportunidade surgiu e eu aproveitei-a. Basicamente, isto foi para te mostrar que não podes comer e calar. Se há algo que te incomoda, se há algo de que não gostas, se

há algo que é feito diretamente para ti e vai contra aquilo que tu entendes ser o teu bem-estar ou integridade, tu tens de falar. Tens de deitar cá para fora. Tens de fazer a outra pessoa sabê-lo. O que acontece com muitas pessoas como tu e como eu quando tinha a tua idade é que comem e calam e andam a vida toda a engolir sapos. Não pode ser. E uma das coisas que eu aprendi com o **Afonso** tem que ver com isso. Ele contou-me que um dos seus mandamentos dizia qualquer coisa do género "se fode bem, diz-lhe, se fode mal, também". E faz sentido, porque se a pessoa não sabe que fode mal, como é que vai melhorar? Como é que vai mudar alguma coisa? Se nos calarmos, vamos continuar mal fodidas e eles mal convencidos. E isto aplica-se a tudo o resto. Eu sei que é bonito sermos simpáticos, mas quando é uma crítica construtiva, o mundo agradece. Pronto, e eu achei que este era o momento de dizer isto.»

«Se eu saio por aí a dizer a toda a gente do que é que não gosto, estou tramada. Acho que nunca mais me calo.»

«Não foi bem isso que eu disse, mas se é algo que afeta diretamente o teu bem-estar, não custa nada fazer o alerta. E se for feito com gentileza, como acabaste de fazer, melhor ainda.»

«E achas que é o que tenho de fazer com o Dr. Silva?»

«Primeiro de tudo, é um princípio que tens de adotar para ti mesma. E quando o interiorizares, estou certa de que saberás quando, como e com quem o deves pôr em prática.»

Assenti com a cabeça e terminámos os nossos pratos. Quando o empregado nos perguntou pela sobremesa, o procedimento foi o mesmo: ela não disse nada e fez-me escolher. Contudo, daquela vez já não me sentia tão pressionada e insegura. Não só porque ela já tinha revelado a sua estratégia, mas também porque decidi aplicar a técnica do «que se foda», como ela me tinha dito.

No que restou do jantar, os meus pensamentos pendiam entre a conversa que estava a ter com a Diana e a conversa que estava a ter comigo mesma sobre as infinitas possibilidades que se abriam diante de mim caso eu conseguisse fazer o que ela me sugeria. Até que, inevitavelmente, esses pensamentos foram parar ao **Afonso** e, misturadas com eles, as palavras da Filipa nesse fim de semana. Mas só quando pagámos a conta, vestimos os casacos e saímos para a rua é

que tive o atrevimento de tocar no assunto.

«Disseste-me hoje à tarde que o **Afonso** te tinha ajudado a conquistar o Carlos. Pensei que ele fazia isso apenas com homens. Não sabia que também dava orientações às mulheres.»

«Bom, supostamente foi uma exceção por eu ser amiga. Eu também sei seduzir um homem, mas este foi especialmente desafiante e pedi-lhe alguns conselhos para não fazer asneiras. E devo dizer que foram muito úteis. Embora eu já estivesse à espera, não fosse essa a área de trabalho dele. Mas porque perguntas?»

«Não sei... Acho que são bichos que a Filipa, a minha colega de casa, me anda a meter na cabeça. Lembrou-se de me dizer que agora talvez fosse a minha vez de conquistar o **Afonso** porque ele já me conquistou duas vezes. Como se isto fosse uma questão de equilibrar as contas. Ela tem insistido na ideia de que ele gosta de mim, mas que precisa de ajuda para ver isso. Como se, ao afastar-me, estivesse a compactuar com um erro que ele estaria a cometer. Mas tenho medo de que isto me esteja a dar falsas esperanças.»

«Tu não achas o mesmo que ela?»

Enquanto refletia na resposta, refletia também na pergunta e na forma como ela, assim como muitas das anteriores, tinha sido feita. Apercebi-me de que a Diana estava a adotar uma postura sem compromisso. Ou seja, em vez de me dar as respostas, fazia-me chegar a elas através das suas perguntas, como qualquer profissional faria no seu lugar, e agradeci-lhe em silêncio por isso.

«Acho», respondi, por fim. «Mas mais uma vez tenho medo de estar a deturpar a realidade com aquilo que é a minha vontade.»

«Se é aquilo em que acreditas, então acho que deves fazer alguma coisa. Pelo menos até te convenceres de que não dá.»

«Pois, essa ideia começou a ganhar forma na minha cabeça depois de me teres contado que ele te tinha ajudado a conquistar o Carlos e principalmente depois da conversa ao jantar...»

«Espera!» Parou e agarrou-me no braço para me parar também. «Estás a sugerir virar o feitiço contra o feiticeiro?»

«O que é que queres dizer com isso?»

«Aplicar nele as técnicas que me deu a mim. É isso?»

«Não sei!» Abanei a cabeça. «Isto foi só uma ideia parva que

começou a ganhar forma na minha cabeça nos últimos minutos. Não ligues. Aliás, esquece isto que acabei de te dizer.»

«Não! Nem pensar. Eu acho genial. Aliás, eu adoraria ver isso a acontecer. E se for para o bem dos dois, perfeito!»

Aquela disponibilidade surpreendeu-me pela positiva.

«Bom... sendo assim... o que é que devo fazer?»

«Já te explico pelo caminho.»

16

Fomos para o carro e seguimos para minha casa. Pelo caminho apercebi-me de que a confiança e o poder que tinha sentido no restaurante, pelo facto de ela ter passado para mim a responsabilidade de todas as escolhas, se ia desvanecendo. Com certeza muito por culpa do meu regresso à posição de ouvinte aprendiz.

«Em primeiro lugar, tenho de te dizer que cada caso é um caso», começou a Diana, enquanto conduzia. «No entanto, os homens são muito semelhantes entre si, bem mais do que as mulheres, por exemplo, que são mais heterogéneas, e o **Afonso**, ainda que se destaque entre os demais, não deixa de ser homem. Não deixa de ser essa a sua natureza. E quando te baseias nela para definires como seduzir um homem, é muito difícil falhares.»

Olhou para mim à espera de alguma reação.

«Sou toda ouvidos. Continua. Que natureza é essa?»

«A natureza do homem é o instinto primordial de caçar.»

Fiquei por um momento a refletir sobre aquela ideia.

«E nós somos as presas, é isso?»

«Eu sei que é uma forma muito selvagem de ver as coisas, mas é também uma forma simples e realista. Aos olhos deles, sim. Somos as presas. No fundo, somos um pedaço de carne apetitoso que eles anseiam devorar, mas agora faço-te uma pergunta: quando nos deparamos com um animal feroz que corre mais do que nós e tem mais força do que nós, o que é que nunca podemos fazer?»

«Correr? Fugir?»

«Exatamente. E porque é que não o devemos fazer?»

«Porque nesse caso é certo que virá a correr atrás de nós.»

«Claro! Porque nesse momento tu assumes perante o teu oponente que és uma presa e ativas o instinto predador dele. A natureza dele diz-lhe para correr atrás de ti, caçar-te e comer-te.»

«Mas afinal devo fugir ou não?»

«Sim. Mas com sabedoria. Isto eu já tinha percebido há muito e o **Afonso** veio confirmar essa ideia, mas falou-me numa técnica muito

engraçada que é a técnica do toca e foge. Ou seja, lanças a bomba, atiças o predador e foges. Dificilmente ele não irá atrás de ti. Até podes ser uma presa que não o atraia muito, mas quando fazes isto, estás a mexer com a natureza e o instinto dele. Por isso é mais forte do que ele ir atrás de ti. Depois o segredo é simples: é conseguires aguentá-lo neste “toca e foge” o maior tempo possível para que ele se afeiçoe a ti. Para que não se contente em comer-te só uma vez e desaparecer, porque, afinal, tu obrigaste-o a despender muita energia para te caçar. Estou a contar-te isto e a imaginar um leopardo a correr atrás de uma gazela na savana», riu-se.

«Confesso que estava a acontecer um filme semelhante na minha cabeça. Gostei dessa analogia e acho que faz sentido, mas não estou a perceber como é que isso funciona na prática.»

«Não faltam exemplos de como é que isto funciona na prática. Olha, o **Afonso** dizia-me várias vezes para fazer algo do género dar-lhe muita atenção num determinado dia, como, por exemplo, trocar mensagens com ele até às quatro da manhã, mas depois ignorá-lo no dia seguinte ou nos dias seguintes. Isto é uma forma de tocar e fugir. Aparentemente, isto dá cabo deles. Quer dizer, dá cabo de qualquer pessoa. Outra técnica é combinares um encontro com ele e no dia desmarcas com a desculpa de que aconteceu um imprevisto qualquer. Isso será uma facada no ego e nos planos dele que o vai deixar irritado, mas ao mesmo tempo desejoso. Porque a imagem que vais estar a passar é a imagem de que queres, mas não assim tanto. Queres, mas não é uma prioridade. Queres, mas se não for ele, é outro, o que o obrigará a empenhar-se para vencer a concorrência. E enquanto perde tempo a pensar em estratégias e em planos para aplicar contigo, está a dedicar-te tempo e atenção, o que resulta quase inevitavelmente em paixão. E o mesmo funciona quando vais um pouco além. Imagina que sais com ele e até se envolvem. Dão uns beijos e uns amassos. É normal que ele queira mais nessa noite. E o que é que tu vais fazer? Vais dizer que não. Que acabe à mão. E vais embora. Acredita, ele não vai descansar enquanto não tiver o que quer. Eles são assim.»

«O problema é que, quando têm, deixam de querer.»

«Eu sei, eu sei. Mas nesse aspeto a culpa é maioritariamente nossa porque, com a paixão, acabamos por dar-nos como garantidas. Somos

demasiado transparentes e eles percebem logo que estamos no papo. Ou seja, como eles precisam de caçar e como já fomos caçadas, perdem o interesse e vão à caça de outras. O grande desafio é, portanto, não sermos tão transparentes e deixá-los sempre na dúvida. Mas, para isso acontecer, temos de ser mais confiantes, seguras e independentes. Que é talvez o teu ponto fraco.»

«Pois, mas já estou a ver que isso implica muita estratégia da minha parte e eu não tenho muito jeito para essas coisas.»

«Inês, és livre de te limitares ao teu charme natural e quem gostar gostou, quem não gostar não gostou. Contudo, quando esse charme ainda por cima é uma boa estratégia, os resultados serão muito mais do teu agrado. Como tudo na vida. Eu posso ter o melhor produto do mercado, mas se não tiver uma boa estratégia para o vender, não vou tirar o melhor proveito dele.»

Cruzei os braços e fiquei pensativa.

«Sim, tens razão. Mas como é que posso aplicar essas técnicas? Ele está sempre um passo à minha frente.»

«Ele só está um passo à tua frente no universo dele. Por isso é que ele criou o seu próprio universo, com as suas próprias leis e aqueles mandamentos todos. Foi precisamente para poder estar sempre um passo à frente de toda a gente que se aproximava. Para poder ter tudo sob controlo porque isso deixa-o mais seguro e tranquilo. Desta vez, és tu que estás a ir atrás, mas ele não pode perceber isso. Seria a morte do artista. Os homens gostam que andem mulheres atrás deles, mas eles vão sempre querer a que lhe dá mais trabalho. A que o desafia mais. A que lhe dá para trás e sabe quando dizer que sim e que não. Por isso vais reconquistar o **Afonso** fazendo-o acreditar que ele é que tem de te reconquistar.»

Lembrei-me do que tinha acontecido quando ele regressou do Brasil e percebeu que eu tinha voltado para o Victor, e aquelas palavras fizeram ainda mais sentido na minha cabeça.

«Por acaso aconteceu isso recentemente...», confessei num murmúrio. «Eu dei-lhe para trás, mesmo sabendo que gostava dele e que o queria, mas não foi nada calculado, foi algo natural em mim. E sim, percebi que isso o deixava maluco.»

Entretanto chegámos a minha casa e a Diana estacionou o carro e

desligou o motor para finalizar a conversa.

«Inês, os homens chegam ao ponto de instintivamente alimentarem discussões para nos tirar do sério e começarmos a discutir. E tudo para quê? Para depois terem de nos seduzir de novo e nos fazerem amansar. E fazem estas coisas inconscientemente. É como um vício ou uma necessidade. E, acredita, eles não se importam nada de ter de conquistar-nos a vida toda. Até agradecem. E nós também. Por isso agora o que vais fazer é o seguinte: vais aguardar pacientemente uns dias até surgir uma oportunidade de te cruzares com ele em algum lugar e, quando esse momento chegar, vais fazê-lo acreditar que, afinal, não sentes assim tanto a sua falta e que estás bem sem ele. E nada como um olhar seguro e um sorriso confiante para passar essa mensagem. Por isso vê se começas a pôr em prática as dicas que te dei ao jantar. Combinado?»

Inspirei fundo e arregalei os olhos enquanto tentava assimilar tanta informação de uma vez.

«Sim, acho que sim. Vou tentar, pelo menos.»

«Linda menina. Assim é que eu gosto de ver.»

Despedi-me e, assim que saí do carro, ela voltou a chamar-me:

«Inês! Só mais uma coisa. Em relação àquela história de não... sabes... brincares aí em baixo. Vê se vences essa barreira. Não te vai morder os dedos e além disso funciona como uma espécie de válvula de escape para quando a fome apertar e não quiseres cometer nenhum erro.» Riu-se. «Por isso, podes começar já hoje.»

17

«Não me digas que já decidiste seguir com a tua vida e começar a sair com alguém», comentou a Filipa a partir da casa de banho, assim que me ouviu a entrar.

«Que exagero. De facto, saí com alguém, mas é uma colega lá do trabalho. Olha... É a Diana, a tal amiga do **Afonso**?»

Veio até mim de escova de dentes na boca e olhos arregalados.

«Estás a falar a sério? Como é que é possível?»

«Ela trabalha comigo, foi através dela que ele arranjou trabalho para mim, mas não vou contar a história toda. Já falei com ela sobre isso e está tudo bem. Já encerrei esse assunto.»

«Bem! Estás mesmo encurralada. A tua colega de casa é amiga dele, a tua colega do trabalho era a amiga das fodas dele e ainda há pouco conheceste a ex. Imagina se saíssemos as quatro.»

Lançou a provocação e regressou para a casa de banho.

«Pelo menos teríamos do que falar a noite inteira e nem precisávamos de mudar de assunto.»

Fui ao quarto pousar as minhas coisas e depois voltei para junto dela e aguardei à porta da casa de banho.

«Estive a pensar nessa tua conversa de ser a minha vez de conquistar o **Afonso** e talvez tenhas razão», disse-lhe. «Pelo menos devo tentar fazer alguma coisa. Nem que seja para ter a certeza de que fiz tudo o que podia ter feito e assim desistir em paz.»

Enxaguou a boca, encostou-se ao lavatório e cruzou os braços.

«Fazes bem em ver as coisas dessa forma. Se der certo, ótimo, mas se não der, pelo menos ficas mais descansada e isso vai ajudar-te a seguir em frente. Eu também estou aqui e não te vou deixar tentar vezes a mais. Aliás, eu acho que esse é que é o verdadeiro mal, não é tentar mais do que uma vez, é não saber desistir. E eu sei que tu sabes que esse momento ainda não chegou. Além disso, se precisares da minha ajuda, estarei disponível. Eu ajudei-o a conquistar-te, por isso também posso fazer o contrário.»

Sorriu-me, afagou-me o braço e foi para o quarto. Deixei-me ficar ali, a

meio da porta, por um bocado e comecei a reparar na banheira e no bem que me iria fazer um banho de imersão naquele momento. Fui buscar uma roupa interior lavada e meti-me na banheira com água tépida até ao pescoço. Fechei os olhos numa tentativa de relaxar, mas começaram a vir-me de imediato as lembranças dos piores episódios daquele dia e voltei a abri-los como se isso afugentasse aqueles pensamentos. Pouco depois, dei por mim a refletir em tudo o que a Diana me tinha explicado sobre mim própria, sobre a vida e sobre o **Afonso**. Tinha sido muita informação de uma só vez, mas sentia que o essencial tinha ficado retido, assim como também tinha ficado retido o desafio que me propôs quando se despediu de mim: masturbar-me. Senti-me ridícula quando confessei que não o fazia, mas mesmo depois disso, e do desafio que me lançou, continuava sem entender a necessidade, e por isso acreditava que não era desta que me convencia. Pelo menos até me aperceber dos meus olhares constantes para o chuveiro. *Não! Nem penses. Não precisas disso. Não és tarada nem estás desesperada*, repetia várias vezes dentro da minha cabeça. Tentei afastar aquelas ideias como se fosse, de facto, algum pecado, mas por onde quer que empurrasse os meus pensamentos, iam sempre parar ao mesmo. Já tinha ouvido muitas histórias a respeito do chuveiro, mas nunca tinha posto sequer a hipótese de lhe dar um uso menos convencional. Contudo, a conversa e o desafio da Diana tinham funcionado como uma espécie de gatilho que mudou isso por completo.

Quando senti o meu ritmo cardíaco a acelerar, percebi que já não havia volta a dar e tive mesmo de pegar nele. Apurei os ouvidos para saber se a Filipa estaria por perto e quando conclui que não, liguei o chuveiro, acertei a temperatura e mergulhei-o na água. O meu batimento cardíaco continuava a aumentar assim como o sentimento de culpa, mas já era tarde de mais para voltar atrás. Afastei as pernas, aproximei o jato de água do meu sexo e estremeci. Voltei a repetir o movimento, desta vez mais devagar, e a sensação já não me apanhou desprevenida. Era estranha, boa, mas nada de extraordinário. Eu diria que era uma sensação mais relaxante do que prazerosa e comecei a pensar que talvez não estivesse a fazer as coisas como deve ser. Lembrei-me então de experimentar fora da água. Sentei-me na ponta da banheira e apontei de novo o chuveiro para o sexo. Desta vez a sensação foi mais intensa e

senti o meu corpo a contrair-se como se os diferentes músculos estivessem a receber pequenos choques. Estava a ser surpreendentemente bom, mas, entretanto, a Filipa bateu à porta e eu atrapalhei-me.

«Posso entrar?», perguntou. «Preciso de toalhitas!»

Apressei-me a desligar o chuveiro e a mergulhar na água.

«Sim, sim! Claro. Entra...»

Entrou, foi direta à gaveta onde estavam as toalhitas e voltou a sair, enquanto eu me deixei estar mergulhada na água até ao pescoço a recuperar do susto que acabava de apanhar.

Uma vez interrompida a brincadeira, e por consequência o clima, decidi terminar também o banho e saí. Vesti umas cuecas, um *top* e fui para o quarto. Ao passar em frente ao meu espelho, parei e fiquei a olhar para o meu corpo. Não foi a melhor visão do mundo. Já não me adorava antes e depois do novo afastamento do **Afonso,** que, apesar de tudo, me fazia sentir valorizada, a minha autoestima não estava nos melhores dias. Quanto mais me olhava, mais me censurava e, de repente, parecia que aos meus olhos estava tudo mal. Em contrapartida, começou a apoderar-me uma sensação de «tanto faz» e de «que se foda» que me trouxe uma saborosa desinibição e me devolveu o atrevimento que havia sentido momentos antes na casa de banho. Com essa sensação, voltaram também os mesmos pensamentos e o meu coração voltou a acelerar. Já não havia forma de contornar aquela ideia e percebi que tinha de a levar até ao fim.

Tranquei a porta do quarto e fui para a cama. Encostei-me à cabeceira e fiz um longo compasso de espera. Depois levei a mão, devagarinho, até ao baixo-ventre e deslizei-a para dentro das cuecas para sentir o meu sexo. Apalpei-o e senti-o apenas. Não era nenhuma novidade fazer aquilo, mas fazer aquilo com aquela intenção era. Por isso o meu nervosismo. Despi as cuecas, encolhi ligeiramente as pernas e voltei a sentir o meu sexo. Acariciei-o ao de leve e introduzi, lentamente, o meu dedo médio. Cerrei os olhos como se estivesse a fazer algo que não devia, mas não parei. Comecei os movimentos de vai e vem com esse dedo e, à medida que me fui habituando àquela sensação, o meu corpo começou a relaxar. Passado algum tempo, decidi introduzir também o meu dedo anelar e continuei com os movimentos. Sentia o meu corpo a

reagir, mas muito devagar. Não sabia se era normal e por isso não pude dizer se estava a fazer alguma coisa mal.

Com os dedos bem lubrificados e até já enrugados, comecei a brincar com os lábios do meu sexo e fui-me apercebendo de novas sensações, até que, ao passar pelo clit, o meu corpo contraiu-se todo. Tinha sido a sensação mais intensa que tinha tido desde que comecei a tocar-me e decidi apostar mais nele com o meu dedo médio. A minha excitação começou a subir rapidamente e o meu corpo a reagir por todos os lados, especialmente a barriga e as coxas. De vez em quando escapava-me um guincho e voltava a comprimir os lábios para não me denunciar. Continuei a estimular-me diretamente no clit, pois a sensação não era muito diferente de quando o **Afonso** me fazia sexo oral e sabia onde é que aquele caminho ia dar. Contudo, quando já me doía a barriga de tanto me contrair, sabia que alguma coisa estava prestes a acontecer e isso assustou-me. Decidi parar e recostei-me na cama, ofegante, extasiada, culpada, e com a certeza de que, depois daquilo, eu nunca mais seria a mesma.

18

Estava a regressar do trabalho de autocarro quando a minha mãe me ligou e me fez sentir uma filha desleixada.

«*Estou? Filha? Há quanto tempo! Não tens ligado ultimamente. Está tudo bem?*», disse ela assim que atendi.

«Desculpa! Estes últimos tempos têm sido muito atribulados e ocupados e parece que nunca arranjo um momento bom para te telefonar. Mas está tudo bem... E o pai como está?»

«*As fisioterapeutas dizem que ele está a evoluir muito bem e eu também o noto mais animado. Quando vens cá?*»

«Sabes que agora sem carro não é tão fácil e não consigo ir tantas vezes, mas prometo que irei em breve. Tenho saudades.»

«*Nós também temos muitas saudades tuas.*»

A voz nostálgica da minha mãe fez-me sentir ainda mais culpada. Sabia que não estava a fazer tudo o que estava ao meu alcance para lhes dar a atenção que mereciam. Foquei-me tanto em ganhar e poupar dinheiro para os ajudar com os tratamentos de fisioterapia do meu pai, que acabei por deixar de ter tempo para eles. Mas se havia lição que eles me haviam dado era de que o dinheiro nunca compensará o tempo, porque o dinheiro vai e volta, mas o tempo só vai. E a pensar nisso, naquele momento, fiz o melhor que podia e passei toda a viagem a falar com a minha mãe. Só quando o autocarro parou na minha paragem é que nos despedimos.

Não encontrei a Filipa em casa, mas encontrei uma pia cheia de loiça para lavar que me ia fazer companhia nos próximos minutos, por isso arregacei as mangas e pus mãos à obra. Enquanto lavava a loiça, foi inevitável não pensar no que tinha feito na noite anterior com um jato de água morna semelhante e senti um certo embaraço comigo mesma. Agora, à distância do tempo, e vencida a adrenalina do momento, tudo parecia mais ridículo e desajustado à imagem que tinha de mim, mas, mesmo assim, não voltaria atrás.

A Filipa chegou a casa quando já estava a terminar aquela tarefa e comecei a pensar que tinha sido tudo pensado.

«Parece mesmo que estavas à espera que eu terminasse de lavar a loiça para chegares a casa e te livrares deste trabalho.»

«Oh! Desculpa. Hoje não tive tempo para nada e andei sempre a correr. Mas eu trato sozinha do jantar para compensar. Além disso, também trago boas notícias. Quer dizer... depende...»

«Ai, sim? E que boas notícias são essas?», questionei-a enquanto enxugava as mãos.

«Parece que o Miguel terminou finalmente o curso de arquitetura e quer celebrar, como se precisasse de algum motivo para o fazer, com pompa e circunstância. Ou, como quem diz, num bar com os amigos e a beber. Como é óbvio, convidou-nos e, como é natural, o **Afonso** vai lá estar. Parece-me o momento ideal para um reencontro. O que é que me dizes?»

Apanhou-me desprevenida e apeteceu-me dizer logo que não, por não me sentir preparada para cumprir o plano traçado pela Diana. Por outro lado, era uma oportunidade que não podia desperdiçar porque não sabia quando haveria outra. Arrumei o cabelo para trás das orelhas e cruzei os braços, pensativa.

«Quando é que vai ser isso?»

«Este fim de semana.»

Voltei a recolher-me ao meu silêncio por um bocado.

«Tudo bem. Eu vou a essa festa», disse, por fim.

E num piscar de olhos, o fim de semana chegou.

19

Era o dia em que supostamente nos reencontraríamos e eu tentei não pensar muito nisso nem dar muita importância. Não só para não colocar demasiada pressão sobre mim, que só iria atrapalhar, mas também para me precaver de eventuais desilusões. Foquei-me apenas na parte que dependia de mim e, quanto ao resto, que fosse o que tivesse de ser. Pelo menos era assim que eu queria pensar.

A festa, que seria mais uma espécie de *meeting* do Miguel e dos seus amigos, ia acontecer no Romanoff, um pub na baixa do Porto, para onde eu e a Filipa nos dirigimos no carro dela. Estacionámos no parque subterrâneo por baixo da reitoria e fomos a pé até ao bar. Pelo caminho, ela acendeu um cigarro e perguntou-me:

«Queres que eu descubra se o **Afonso** já chegou?»

«Não! E também não quero falar nele. Eu sei que estou aqui para o ver e para que ele me veja, mas não estou à espera de nada. Não tenho plano nenhum e não quero ter.»

«Entendido! Que seja feita a sua vontade.»

Chegámos ao bar e o Miguel estava à entrada, acompanhado pelo porteiro, a receber os seus conhecidos. Só quando o vi é que me lembrei de que era a primeira vez que estava com ele desde que o encontrara em casa com a Filipa. Contudo, não lhe notei qualquer desconforto quando se apercebeu da nossa chegada. O que, por sua vez, anulou automaticamente que eu o pudesse vir a ter.

«Sejam bem-vindas, meninas!»

«Obrigada! E parabéns, senhor arquiteto», congratulei.

«Já sabem, quando precisarem de um projeto assim com umas linhas contemporâneas, falam comigo. A partir de agora já vale!»

Seguimos para dentro do bar e disse baixinho à Filipa:

«Confesso que admiro a forma como vocês se comportam tão naturalmente como simples amigos e fodem como se não houvesse amanhã no sofá lá de casa. Faz-me confusão. Mas admiro!»

A Filipa não comentou a provocação e limitou-se a reagir com um encolher de ombros.

Tinha de admitir que estava nervosa. E mesmo que quisesse acreditar que não, o batimento cardíaco acelerado desmentia-me. Os meus olhos rapidamente palmilharam o espaço à procura de um rosto que conseguissem identificar, mas não detetaram nada. Não havia sequer uma figura semelhante à do **Afonso** e, incrivelmente, comecei a acalmar. Apercebi-me de que, de uma forma inconsciente, eu desejava que ele não estivesse ali para não ter de me sujeitar a nenhuma sensação desconfortável nem ao compromisso de fazer alguma coisa. Porém, sabia que estaria só a adiar uma inevitabilidade e se era para ser, então que fosse logo.

A Filipa foi direta ao balcão pedir uma sidra para ela e um Ginger Ale para mim e ficámos a aguardar. O espaço não estava cheio, mas não faltava muito. Claro que nem todos os clientes eram convidados do Miguel, mas não sabia dizer quem era e quem não era.

Entretanto, apercebemo-nos de dois rapazes altos que se colocaram atrás de nós à espera de que fôssemos servidas para fazerem os respetivos pedidos e pouco depois um deles perguntou:

«Também são amigas do Miguel?»

A Filipa olhou para mim e depois para eles.

«Sim, somos», respondeu. «Vocês também?»

Consentiram com a cabeça.

«Bem me parecia que te conhecia de algum lado», disse o outro para a Filipa. «Deve ser de um desses churrascos do Miguel.»

«De facto, a vossa cara não me é estranha, agora que estou a olhar com mais atenção. E como é que se chamam?»

«Nuno», disse um.

«Zé Diogo», atirou o outro.

«Filipa e Inês», falou ela por mim.

Pelo meio, o empregado de balcão trouxe-nos as bebidas e nós afastámo-nos para lhes dar o lugar.

«Vocês estão acompanhadas?», perguntou o Nuno.

«Uma pela outra», usei da palavra para marcar presença.

«Nós também. Por isso está a bater tudo certo até aqui.»

Entendi onde é que ele queria chegar, mas dispensava o *flirt*, embora até fossem ambos razoavelmente apetecíveis. Fiz sinal com o olhar à Filipa para cortarmos aquela tentativa de sedução pela raiz e ela parecia

estar de acordo, mas depois, por instinto, olhei para a entrada do bar e vi o Miguel aos abraços com o **Afonso**.

«Ele acabou de chegar», sussurrei-lhe.

Virou-se para trás para ver o que eu estava a ver e depois voltou-se para mim e encarou-me com um ar calculista.

«Quando a vida te dá uma oportunidade, mas não te dá tempo de pensar o que fazer com ela, tu agarra-la e depois descobres.»

«O quê? Não são horas para estar com frases do Facebook!»

Olhou de lado para os dois rapazes que se tinham aproximado de nós e a sua expressão dizia claramente para os usarmos para lhe fazer ciúmes, mas eu não gostei nada daquela ideia.

«Não!», disse-lhe em surdina.

Ela mandou-me calar encostando o indicador aos lábios e trocou de lugar comigo para ser eu a ficar de costas para a entrada.

Os dois tinham acabado de ser servidos nesse momento e, quando se voltaram para nós, a Filipa interveio:

«Então e vamos brindar a quê? Ou a quem?»

Pareceram surpreendidos e olharam um para o outro.

«Eu brindaria ao Miguel e às suas festas, que são sempre um baú de oportunidades imperdíveis», sugeriu o Zé Diogo.

«Parece-me perfeito!», rejubilou a Filipa com claro exagero.

Fizemos o brinde com o devido aparato enquanto me esforçava por manter a postura entusiasmada que a Filipa me exigia com o olhar, até que o Miguel chegou junto de nós, trazendo o **Afonso** debaixo do braço e na outra mão um copo meio cheio de cerveja. O meu olhar cruzou-se de imediato com o dele e ficámos por um segundo a fixar-nos um ao outro.

«Estão a brindar sem mim?», protestou o Miguel.

«Sem ti, mas a ti», esclareceu o Nuno.

«Ah, bom! Pelo menos isso. Vocês já se conheciam, certo?»

«Mais ou menos, mas já estamos a tratar de resolver isso», disse a Filipa, sorridente, com um tom provocatório.

«Ótimo! Assim é que eu gosto. Então agora brindemos como deve ser porque a estrela da noite já chegou!»

Voltámos a fazer um brinde, mas o **Afonso** adotou uma postura contida, pelo que consegui ver pelo canto do olho.

«Bem! Agora tenho de repetir com o resto do pessoal senão ficam com ciúmes», riu-se. «Eu já volto daqui a pouco.»

«Eu vou contigo...», disse o **Afonso**, lançando um olhar a mim e à Filipa antes de se afastar.

Retomámos a nossa conversa, mas eu já não conseguia prestar atenção. Ia apenas por arrasto e assentindo com a cabeça para criar a ideia de que estava a participar. Por diversas vezes, a Filipa puxava-me para a conversa através do gancho «não é, Inês?», mas na minha cabeça só me questionava se ele estaria a olhar para mim. Queria encontrá-lo com o olhar, mas não estava no meu campo de visão e não me queria virar para trás. Precisava de uma desculpa para mudar de posição e, como também estava com vontade de ir à casa de banho, aproveitei. Pousei o meu copo e, quando me virei, vi-o junto ao Miguel a falar com um pequeno grupo de pessoas. Nesse preciso instante, ele também olhou na minha direção e tive a certeza de que me estava a vigiar pelo canto do olho.

Fui então à casa de banho e fiz tudo sem pressas. Tive ainda tempo de retocar a maquilhagem e só depois regressei. Mas no momento em que saí da porta da casa de banho, uma mão agarrou-me pelo braço e rodou-me 180 graus até me encostar à parede. À minha frente, a figura dele, dura, fria e sexual. A sua boca a cerca de 20 centímetros da minha e a sua mão firme a segurar-me o braço.

«Estás a tentar provocar-me?», grunhiu.

«Eu? Fazer isso a alguém que escolheu de livre vontade afastar-se de mim seria rebaixar-me. E eu não aceito isso.»

«Sabias que eu vinha e não deixaste de vir.»

«Posso dizer-te o mesmo. Se vim foi porque me convidaram. Não vou deixar de ir a algum lado só porque estás lá. Não tenho nada contra ti e muito menos contra o Miguel, por isso não vejo razão nenhuma para não ter vindo. Mais razões deves ter tu e mesmo assim vieste. Eu estou bem. Tu não?»

Semicerrou os olhos e percebi que aquilo tinha mexido com ele.

«Não vou dizer que não quero que estejas bem, mas também não me peças para acreditar nisso.»

Soltei o meu braço da mão dele e deixei-me estar encostada à parede a segurar a minha mala junto ao ventre.

«Eu não digo que estou bem no sentido de não estar afetada. Digo que estou bem porque aceito e compreendo que tu tenhas as tuas perturbações e que elas te façam cometer erros, mas uma vez que não queres a minha ajuda, não há nada que eu possa fazer. Sendo assim, é mais fácil seguir em frente. E é o que estou a fazer. Já não sou uma adolescente para andar a chorar pelos cantos. Estou a permitir-me conhecer novas pessoas e experimentar novas coisas. Há males que vêm por bem. Tu deves ser um deles.»

«E dá para ver que não perdeste tempo, mas eu sei que isso é tudo para me fazeres ciúmes», disse com um tom desafiante.

«Estás a falar de quê? Do Nuno e do Zé Diogo? Se bem reparaste, nós já estávamos a falar com eles antes de tu chegares, logo, com certeza não era por tua causa. Mais uma vez, eu não deixei de gostar de ti, **Afonso**. Como é óbvio. Mas agora estou descomprometida, tal como a Filipa, e não devemos nada a ninguém. Posso envolver-me com quem quiser e tu sabes bem que o sexo é uma boa ferramenta para ultrapassarmos fases menos boas.»

«Se for feito com quem deve ser!», rosnou.

«Só sabemos se nos faz bem ou mal depois de experimentar.»

Voltou a agarrar-me no braço.

«Estás a jogar comigo, Inês. Não me fodas!»

«Achas mesmo? Achas que tenho jeito para isso? Sabes melhor do que ninguém que não.» Ficou calado e o seu silêncio deu-me razão. «Agora tenho de ir porque estão à minha espera.»

Desviei-me dele e regressei para junto do meu grupo.

Ao mesmo tempo que sentia uma boa adrenalina dentro de mim por ter conseguido encarnar aquela *persona*, também me assolava um medo enorme de que ele tivesse assumido aquelas palavras como verdades absolutas e desistisse definitivamente de mim. Mas tinha de arriscar uma estratégia e assumi o risco.

Entrei na conversa deles e mantive-me de costas para o resto da sala, para o **Afonso** perceber que não estava preocupada em saber onde é que ele estava. Já a Filipa não parava de me lançar olhares, com certeza curiosa para saber o que é que eu e ele tínhamos falado, mas não estava a conseguir chamar-me à parte. Até que esvaziou o copo que tinha na mão e encontrou a desculpa perfeita.

«Preciso de encher o copo. Vens comigo?», pediu-me.

Sorri para os dois rapazes e fui com ela.

«Conta-me tudo! O que é que estiveram a falar?»

«Parece que o facto de estar acompanhada o afetou.»

«Boa! Vês como fizemos bem em agarrar a oportunidade?»

«Sim, mas não gosto de ir por esse caminho, Filipa. Eu quero que fique comigo porque me quer e não porque não me quer com outros. Isso seria o ego e o sentimento de posse a falarem.»

«Não vejas por esse lado, até porque tiveste receio que isso tivesse acontecido da última vez por causa do Victor e percebeste que afinal não era bem assim. Interpreta esta posição como um choque para ele abrir os olhos e ver o que pode estar a perder.»

«Pareces a Diana a falar», murmurei.

«É... Devemos ter andado na mesma escola.»

«Oh, não!», exclamei ao ver quem tinha acabado de chegar.

«O que foi?»

«O que é que a Mafalda está aqui a fazer?»

20

«A Mafalda?!», exclamou a Filipa. «Qual delas é?»

«A de casaco castanho.»

«É muito bonita.»

«Obrigada pelo incentivo», ironizei.

«Oh! Desculpa. Mas tu és mais ainda», brincou.

«Eu já sei que ela é muito bonita, o que não sei é o que está aqui a fazer. Será que foi ele que a convidou? Ou foi o Miguel?»

«Mas o Miguel conhece-a de onde?»

«Não faço ideia, Filipa. Nem sequer consigo pensar.»

«Eu vou descobrir.»

«Onde é que tu vais?»

Saiu disparada na direção do Miguel e eu não fui a tempo de a deter. Tive de disfarçar porque não queria que a Mafalda me visse nem me apetecia regressar para junto dos dois rapazes, por isso apliquei o velho truque de pegar no telemóvel e fazer de conta que estava a fazer algo de importante. Discretamente, fui acompanhando os seus movimentos, assim como a conversa entre a Filipa e o Miguel, mas não encontrava o **Afonso** em lado nenhum.

Ela tinha chegado acompanhada por uma outra rapariga e ficaram paradas junto à entrada a observar o espaço, que estava bem mais preenchido do que quando eu entrara. Naquele momento, queria muito acreditar que ela não tinha sido convidada e que a sua presença era uma mera coincidência, mas isso significaria que o universo estava a trabalhar contra mim e percebi que nenhuma justificação me agradava. A Filipa regressou, entretanto, e vinha com cara de quem trazia respostas.

«Não foi o Miguel que a convidou», começou por dizer. «Aliás, ele nem sabia quem era. Mas também não me parece que tenha sido o **Afonso**. Ele não seria parvo o suficiente para o fazer sabendo que tu poderias estar aqui.»

«Não vou pôr as mãos no fogo por essa teoria.»

«Das duas, uma: ou foi mera coincidência ou então foi algures através do Facebook. O Miguel disse que publicou qualquer coisa sobre o

encontro aqui neste bar e ele e o **Afonso** trocaram comentários. Ela pode ter visto e sabia que ele ia estar aqui.»

«Mas isso significaria que ela veio atrás dele.»

«Pois é... Não melhora muito a situação», admitiu.

«Já agora, onde é que ele está? Não o estou a ver.»

Começou a olhar em volta.

«Não estás a ver quem queres, mas já foste vista por quem não querias. Parece que a Mafalda está a vir nesta direção.»

«Merda!», vociferei. «Já estou arrependida de ter vindo.»

«Relaxa, que eu estou aqui para segurar as pontas.»

Dei um gole na minha bebida, que já estava quente, e tentei parecer surpreendida quando chegou junto de nós.

«Olá! Não esperava ver-te por aqui», cumprimentou.

«Eu é que não...», respondi em jeito de desabafo.

«Eu vim com uma colega lá da empresa. Decidimos dar um saltinho até ao Porto, já há muito tempo que não saía aqui na baixa. Então o **Afonso** também deve andar por aqui, presumo. Assim aproveitava e falava com ele por causa do apartamento.»

Não entendi qual a necessidade de falar com ele pessoalmente sobre o apartamento, pois podia ligar-lhe ou mandar mensagem já que tinha o contacto dele, mas não me dizia respeito.

«Sim, estava aqui há pouco. Olha, por falar nele...»

Vislumbrei-o no meio da multidão e a Mafalda seguiu o meu olhar para ver onde ele estava, mas a minha linguagem corporal deve ter sido demasiado reveladora, pois ela apercebeu-se de que algo não estava bem.

«Oh, não! Se calhar fui inapropriada agora...»

Olhou para mim e para a Filipa, atrapalhada.

«Não, não! Está tudo bem. Não tem mal nenhum.»

«Peço desculpa... Não sabia e nem me tinha apercebido.» Limitei-me a lançar-lhe um sorriso despreocupado. «Acho que é melhor ir buscar a minha bebida.»

Afastou-se de nós e eu e a Filipa ficámos a olhar uma para a outra e percebi que estávamos a pensar no mesmo.

«Ela acabou de descobrir que vocês terminaram», murmurou.

«Acabei de lhe abrir uma autoestrada, não foi?»

Lançou-me um olhar apreensivo e depois olhou para os dois rapazes que nos estavam a fazer companhia porque um deles fazia sinal para nos aproximarmos.

«Anda comigo.»

Agarrou-me pela mão e levou-me até eles.

«Já sabem o que vão fazer depois disto?», perguntou o Nuno.

«Provavelmente vamos para casa, porquê?», disse a Filipa.

«Estamos a pensar ir para o Via Rápida. Querem vir?»

«Isso é muito longe», murmurei.

«Tenho o meu carro aqui na rua de trás. Não têm de andar muito. Ou então vamos até ao Plano B, está lá um bom DJ hoje.»

O Plano B era um outro espaço noturno que tinha movimento até mais tarde e ficava muito perto do local onde estávamos, mas, embora não me sentisse bem ali, também não me iria sentir melhor se saísse, porque não os poderia ver e a minha imaginação iria atormentar-me. Além de que eram óbvias as intenções daqueles dois amigos e eu não me sentia disponível, apesar do que tinha dito ao **Afonso**. Por isso mesmo, torci o nariz e a Filipa decidiu deixar o convite em *stand by* com um «talvez» e mudou de assunto.

Contudo, pouco depois apercebi-me do **Afonso** a conversar com a Mafalda e a amiga, e o meu ritmo cardíaco acelerou. Bati no braço da Filipa para que ela visse o mesmo que eu e também ela ficou alterada.

«Pensando bem, acho que vamos aceitar os vossos convites», disse a Filipa para os rapazes. «Mas só se formos agora.»

«Perfeito! Por nós pode ser!»

«Filipa!», murmurei enquanto lhe apertava o braço.

Fez uma expressão como que a pedir-me para confiar nela e levou-me pela mão. Os dois rapazes seguiram no nosso encalço, mas, antes de sairmos, ela fez questão de se dirigir ao Miguel para lhe dizer para onde estávamos a ir e talvez assim garantir que dava tempo de o **Afonso** nos ver a sair com eles. Eu continuava sem gostar daquele teatro para chamar a atenção e criar ciúmes, mas funcionava quase como uma marioneta nas mãos dela e aceitava esse papel.

Seguimos os quatro para o Plano B e pelo caminho comecei a fazer contas à vida de como é que ia acabar aquela história. A Filipa ia à minha frente ao lado do Nuno e eu ia atrás ao lado do Zé Diogo, e

parecia que os casais fictícios já estavam definidos.

Entrámos no Plano B e descemos para o piso inferior. O ambiente era bastante diferente do bar anterior. Claramente não era a minha praia, mas continuava a confiar. Os dois quiserem ir buscar bebidas e aproveitei para falar com a Filipa.

«Tu estás a dar-lhes esperanças e sabes que eu não me vou envolver com ninguém. Parece que os estamos a usar!»

«Não estamos a usar ninguém. Eu estou a divertir-me e tu estás a fazer-me companhia. Pensa assim. Não tens de fazer nada.»

Quando voltaram, traziam um *shot* para cada uma, mas eu recusei-me a beber, pois uma de nós tinha de conduzir, e a Filipa acabou por beber os dois. Conversámos por um momento e seguimos os quatro para uma pista de dança.

À medida que íamos avançando, era como se me fosse dirigindo para um beco sem saída porque sabia perfeitamente que, mais tarde ou mais cedo, eles iam tentar alguma coisa e eu só lamentava por aquele que me escolhesse a mim, pois não teria sorte. Além disso, queria descontrair e divertir-me para não pensar no que é que o **Afonso** poderia estar a fazer no Romanoff e via-me de repente em mais um dilema entre o certo e o errado.

Não demorou muito até a Filipa começar a dançar mais próxima do Nuno e deixei-me levar também pelo Zé Diogo. Mas de repente olhei para o meu lado e assustei-me com a visão que tive, que mais parecia uma aparição. Mas das boas.

Era o próprio **Afonso**, que me puxou para junto dele, fazendo-me embater contra o seu peito e beijando-me de seguida.

21

«Porque é que fizeste isso?», confrontei-o.

«Porque me apeteceu e no fundo a ti também.»

Sem me dar tempo de resposta, pegou-me pelo braço e levou-me para fora da pista até uma zona menos movimentada, encostou-me à parede e voltou a beijar-me com força. Foi tudo tão rápido e intenso, que não consegui fazer nada a não ser ceder aos impulsos dele, que coincidiam também com a minha vontade.

No fundo, acabou por ser o meu salvador, porque mais um pouco e, provavelmente, iria envolver-me com o rapaz, e conhecendo-me como conheço, depois ficaria a sentir-me culpada. Mal por mal, pelo menos que fosse com alguém por quem nutrisse algum sentimento além de atração sexual.

Continuou a beijar-me intensamente enquanto me prendia contra a parede, me apertava o rabo com uma das mãos e me agarrava por trás do pescoço com a outra. Também eu não resisti em sentir-lhe o sexo duro com a minha mão por cima das calças e a imaginá-lo dentro de mim. Naqueles segundos o tesão anulou por completo o meu lado racional e não me importei se alguém nos estaria a ver ou não, até que me caiu a ficha e afastei-o.

«Para, **Afonso**! O que é que estás aqui a fazer? Estás com medo que me roubem, é? Não sou propriedade tua.»

«Estás a vingar-te de mim. Por isso é que estás a fazer isto!»

«Não me estou a vingar porque não me fizeste mal nenhum. Estou apenas a seguir com o meu caminho. E pelos vistos é um caminho que tu não queres fazer comigo, por isso...»

Voltou a encostar-me contra a parede e a calar-me com a boca. Mais uma vez também os meus sentidos se desligaram e imperou o instinto sexual durante alguns segundos. Acariciei-lhe o peito e depois o rabo e puxei-o para mim para lhe sentir o pau duro encostado no fundo da minha barriga.

«Já chega!», atirei depois de se voltar a ligar a razão. «Estavas bem acompanhado lá em cima, porque vieste atrás de mim?»

«Não tenho nada que ver com a presença dela naquele bar. Não sei como apareceu lá e não sei porque estamos a falar disso.»

«Porque será? Porque isto tudo é por causa dela.»

«Nunca disse isso. Se me afastei, foi por minha causa.»

«É uma forma diferente de dizer o mesmo. Eu vou voltar para a pista porque me estava a divertir e quero continuar.»

Tentei sair dali, mas no fundo só desejava que ele não me deixasse e continuasse a persistir, e ele assim fez. Puxou-me pelo braço e voltou a colocar-me na posição em que estava.

«E achas que é correto aquilo que estás a fazer?»

«Há algo mais correto a fazer do que seguir com a minha vida e aproveitá-la, uma vez que não devo nada a ninguém?»

«Deves-me o tesão que estás a sentir, e se fui eu que o despertei em ti, sou eu que tenho de dar conta dele.»

Voltou a beijar-me e depois sussurrou-me ao ouvido:

«Se vais foder com alguém esta noite... é comigo.»

«Sou um pacote completo, **Afonso**», sussurrei também. «Se não pretendes a minha alma, não te darei o meu corpo.»

Agarrou-me no sexo e apertou-o com firmeza, fazendo-me perder momentaneamente as forças nas pernas.

«Tens a certeza?», rosnou de dentes cerrados.

Sentia-me quase a ceder, pois a vontade fervia-me por dentro e a excitação ameaçava rasgar-me as costuras. Foi nesse momento que me lembrei da conversa que a Diana tinha tido comigo quando fomos jantar fora. Havia-me dito que num momento como aquele ele iria querer mais, mas que eu teria de dizer que não, caso quisesse que ele continuasse a lutar por mim. Sabia que tinha chegado o momento perfeito para pôr em prática essa dica, mas ao mesmo tempo tinha de vencer a enorme vontade de lhe dar o que ele queria (e eu). Por isso foi preciso descer às profundezas de mim mesma para resgatar a força necessária para o fazer. Pus a minha mão sobre a mão dele, que me estava a agarrar no sexo, e disse-lhe:

«Para me voltares a ter, vais ter de trabalhar muito.»

Depois afastei-o definitivamente e fui-me embora.

Era para regressar para junto da Filipa, mas lembrei-me de que ele poderia vir atrás de mim e a minha saída em grande perderia impacto,

então fugi para a casa de banho. Desconfiava de que, se ele continuasse a persistir, eu dificilmente iria resistir por muito mais tempo. Não só porque o desejava, mas principalmente por causa da abordagem que ele tinha feito, que era exatamente da forma que mais me excitava e ele melhor do que ninguém sabia isso. Precisava de fazer tempo para ele me perder o rasto, desistir e ir para casa com aquele desejo por cumprir, e a casa de banho era um lugar estratégico. Contudo, não tinha nada para fazer lá e para não estar parada a olhar para as outras raparigas, entrei para uma das divisórias.

Irritava-me a capacidade que o **Afonso** tinha de me deixar com vontade. Era como se soubesse o código secreto do meu corpo e mente para ativar aquele meu estado e tinha consciência de que depois de ativado demoraria muito tempo a passar. A não ser que fizesse sexo. Mas essa hipótese estava fora de questão. Por muito que quisesse, não podia deixar cair a personagem que tão bem vinha a encarnar até ali. Foi então que me lembrei de mais uma dica que a Diana partilhara comigo na noite do jantar e rapidamente uma voz conservadora dentro da minha cabeça me chamou louca. A Diana tinha-me dito que a masturbação funcionava como válvula de escape para aliviar a pressão e nos ajudar a resistir. Pensei que não havia melhor momento do que aquele, mas ao mesmo tempo não havia pior local do que aquele, e num primeiro instante afastei a ideia. O problema é que a hipótese já tinha sido colocada e era tarde de mais. Estava possuída pelo tesão e se me voltasse a cruzar com o **Afonso** naquela noite, iria deitar tudo a perder. Tinha de fazer alguma coisa, por isso voltei a dar uso à lei do «que se foda», forrei o tampo da sanita com papel higiénico, baixei a minha roupa, sentei-me e comecei a tocar-me.

Enquanto me masturbava, não parava de abanar a cabeça em jeito de reprovação pela figura que estava a fazer. Ao mesmo tempo, repetia para mim mesma que só me estava a sujeitar àquilo por uma questão de emergência, para evitar estragar o meu plano. Tinha esperança de que talvez assim me sentisse menos constrangida e culpada, mas não estava a resultar muito. Uma semana antes, aquele cenário estaria completamente fora de questão e, no entanto, ali estava eu a meter os dedos numa casa de banho pública.

Se da primeira vez sentira que era errado, daquela vez era tudo

errado e talvez por esse motivo, a adrenalina e o prazer eram os máximos. Tremia por todos os lados e sentia o coração a latejar no pescoço, ao mesmo tempo que fazia o que podia para abafar os gemidos. Senti-me a chegar ao clímax muito mais depressa do que da primeira vez e não era difícil perceber as razões. Contudo, ao contrário da vez anterior, não parei quando estava prestes a atingir o orgasmo, pois algo me dizia que, se não me viesse naquele momento, então tudo aquilo teria sido em vão ou até teria piorado a situação. Por isso continuei a dedilhar o clit até começar a sentir impulsos musculares descontrolados e me começar a vir com múltiplas contrações vaginais. Só parei quando já não saía mais nada de dentro de mim e acabei debruçada sobre as minhas pernas, de cotovelos apoiados nas coxas e cabeça apoiada nas mãos. Tinha sido uma sensação intensa e estranhamente boa que me espremeu toda e me deixou extasiada. Vir-me já não era uma novidade há algum tempo, mas tendo em conta aquele contexto e uma vez que tinha sido eu sozinha a consegui-lo, aquele orgasmo tornou-se inédito e deu-me uma saborosa sensação de poder.

Recuperado o fôlego e a força nas pernas, arranjei-me e saí, ainda cambaleante, para me ir apoiar num dos lavatórios.

«Está tudo bem?», apressou-se uma rapariga a perguntar.

Não consegui controlar um sorriso e respondi-lhe:

«Melhor é impossível.»

Ela ainda ficou por uns segundos a observar-me e depois saiu. Só nesse momento é que me apercebi que se calhar pensava que eu estava bêbeda e depois da minha resposta com certeza que ainda ficou a acreditar mais nisso. Mas não me preocupei minimamente. Ajeitei a roupa, apanhei o cabelo, lavei as mãos e saí.

Dirigi-me para a pista onde tinha deixado a Filipa com os dois rapazes que nos estavam a fazer companhia e pelo caminho já me ia preparando para a ver aos beijos com o Nuno, que era com quem sentia mais afinidade. Também me ia preparando para o caso de reencontrar o **Afonso**, ainda que preferisse voltar a vê-lo noutro dia. Pelo menos sabia que, se me cruzasse com ele, seria capaz de resistir à tentação e isso deu-me uma certa confiança. No entanto, para minha surpresa, quando cheguei à pista, não vi nenhum rosto conhecido. Nem Filipa, nem Nuno,

nem Zé Diogo, ou sequer o **Afonso**. Fui procurar na outra pista e também não reconheci ninguém. Decidi então ver no piso superior e pelo caminho já estava a telefonar à Filipa, mas não me atendeu. Voltei a insistir, mas sem resultado e comecei a ficar preocupada. Ela não iria embora sem me dizer nada. Algo não estava a bater certo. Lembrei-me de que talvez o porteiro soubesse de alguma coisa e fui perguntar.

«Desculpe, viu sair uma rapariga mais ou menos da minha altura, calças justas, cabelo liso e casaca preta?» Torceu o nariz e eu decidi acrescentar mais pormenores. «Ela deve ter saído acompanhada por dois ou três rapazes.» Voltou a torcer o nariz. «Um deles tinha uma barba forte e trazia uma camisa tipo ganga.»

«Não estou a ver, menina. Não me recordo.»

«Eu acho que sei de quem está a falar», disse uma colega dele, sentada num banco alto por trás. «Saiu acompanhada de dois rapazes altos. Reparei que estava um pouco bebida.»

«Merda!», protestei comigo mesma.

«O que é que se passa?», disse uma voz familiar atrás de mim.

«**Afonso**? Ainda estás aqui?»

«Mas não ia ficar por muito mais tempo.»

«É a Filipa, não sei onde é que ela está. Acabaram de me dizer que ela saiu e eu já lhe tentei ligar, mas não me atende.»

«Deve ter ido para outro bar.»

«Se foi, preciso de saber qual.»

Despachei-me a sair daquele bar e ele veio atrás de mim. Já cá fora, olhei para um lado e para o outro e nada.

«Mas é assim tão urgente?»

«Sim! É urgente! Ajudas-me a procurá-la ou não?»

«Está bem. Eu ajudo. Claro. Já perguntaste ao Miguel?»

«Ainda não. Ia ligar-lhe a seguir.»

«OK. Eu ligo-lhe e tu continua a ligar para a Filipa a ver se ela atende. Entretanto vamos procurando aqui nas redondezas.»

Infiltrámo-nos entre as pessoas e levantei a cabeça a ver se a identificava. Fui entrando também nos bares à medida que ia passando por eles, mas continuava sem sinais dela.

«O que é que o Miguel te disse?», perguntei-lhe assim que me apercebi de que ele já tinha guardado o telemóvel.

«Não sabe dela. Quanto aos amiguinhos, ele só tinha o número desse tal Nuno, mas também não lhe atendeu a chamada.»

«Merda! Não estou a gostar nada disto!»

«Mas afinal o que é que se passa? Porque é que estás tão preocupada? Ela parecia bem animada com o tipo de barbas.»

«O mal é esse. Estava animada porque já tinha bebido e anda algures por aí com dois tipos que nos queriam comer. Percebes onde quero chegar? Temos de a encontrar e rapidamente!»

22

Acelerámos o passo e juntos palmilhámos as Galerias de Paris de uma ponta a outra, até que me lembrei de uma coisa.

«Ela não está aqui. Estamos a perder tempo.»

«Terá ido para casa de algum deles?»

«Acho que não... Espero que não... A Filipa contou-me que uma vez também bebeu de mais com o Miguel e acabaram juntos no carro dele. Por isso acredito que possa ter acontecido o mesmo.»

«Muito me contas...», murmurou.

Levei a mão à boca ao aperceber-me do que tinha dito.

«Ups! Já falei de mais, mas não é hora para estar com explicações. Preciso de telefonar ao Miguel. Vem comigo!»

Comecei a caminhar apressada e pus a chamar.

«*Então? Já encontraste a nossa Nemo?*»

«Miguel, isto é a sério!», reclamei. «Preciso que me digas qual é a cor e a marca do carro do Nuno que estava connosco.»

«*Ui... a marca não sei, mas acho que é um carro branco*.»

Não lhe dei tempo de me perguntar «porquê» e aumentei a passada, focada em chegar àquele carro o mais depressa possível.

«Inês, existem centenas de carros brancos por aqui. Como é que estás à espera de o encontrar? Vamos pensar primeiro.»

«E eu já pensei. Quando estávamos no Romanoff, esse Nuno convidou-nos para ir com eles para o Via Rápida e quando eu me queixei de que era longe, ele disse que tinha o carro na rua de trás e não teríamos de andar muito, por isso, se eles a levaram para o carro, devem tê-la levado para lá. Pode ser que tenhamos sorte!»

A partir desse momento foi o **Afonso** a tomar a dianteira da nossa busca e rapidamente chegámos à rua que eu acreditava ser aquela a que o Nuno se tinha referido, mas não havia carro nenhum branco. Ainda assim, espreitámos para o interior de cada um deles, mas não vimos nada de suspeito. Dobrámos a esquina para uma rua mais movimentada, mas novamente sem resultados e eu já me sentia a entrar em pânico porque a minha cabeça começava a desenhar os piores

cenários. Se algum deles se concretizasse, não sabia como é que me iria perdoar, pois com certeza que se eu não tivesse saído da beira dela, nada de mal lhe teria acontecido.

Meti-me depois por uma rua paralela à primeira, mas esta com muito menos movimento do que a anterior, e descemos por ela, eu de um lado e o **Afonso** do outro, enquanto espreitávamos para o interior de cada um dos carros. A esperança já estava quase a morrer quando vislumbrei movimentos dentro de um deles. Era branco, por isso só podia ser. Corri para ele, espreitei para o interior e vi os vultos de um casal. Bati no vidro sem me preocupar com a probabilidade de estar errada e quando olharam para mim, vi que as minhas suspeitas estavam certas. Eram a Filipa e o Nuno. Abri a porta e encontrei-a no colo dele em sutiã, mas só estavam eles.

«Eu só espero que vocês estejam os dois sóbrios e que isto tudo não passe de um engano!»

«Ei, amiga! Há quanto tempo! Porque me abandonaste?»

Estava visivelmente alterada e nem pensei duas vezes. Agarrei-a pelo braço e tirei-a de cima dele. Quase ao mesmo tempo, o **Afonso** abriu a porta do outro lado e, ao ver aquele cenário, percebi que nem colocou a hipótese de estarmos equivocados e puxou de imediato o Nuno para fora. Agarrei no rosto dela e tentei que olhasse para mim, mas não conseguia abrir bem os olhos.

«Filipa, o que é que estás aqui a fazer?», gritei-lhe.

«Ai, Inês! Que estraga fodas que tu me saíste!», protestou, sem olhar direito para mim e deixando tombar a cabeça.

«Tu estás bêbeda, Filipa! Eu deixava-te foder se soubesses o que estás a fazer. Assim, não. Veste a roupa e vamos embora.»

Peguei na camisola dela e passei-lha para as mãos, mas ela começou a puxar as mangas de um lado para o outro e vi que nem isso conseguia fazer. Tive de vestir-lha eu.

Do lado de fora, ouvia o **Afonso** aos gritos com o rapaz e comecei a ficar também preocupada sobre o que se estaria a passar, por isso, assim que lhe vesti a camisola, fui ter com eles.

«Este cabrão está sóbrio, sabia muito bem o que estava a fazer», disse o **Afonso** assim que cheguei junto dele.

Estava a agarrá-lo pela camisola e a encostá-lo ao carro.

«Era para isto que lhe estavas a oferecer bebidas? Para te aproveitares dela?», gritei-lhe, também consumida pela raiva.

«Não! Claro que não! Ela bebeu e eu bebi também.»

«Estás a dizer isso para te ilibares, seu cobarde de merda?», vociferou o **Afonso**, apertando-lhe ainda mais a gola. «Vê-se bem que tens consciência de tudo. És desses filhos da puta que fodem mulheres bêbedas? É mais fácil, não é, estupor?»

«Não é nada disso! Estávamos apenas a divertir-nos. Eu queria e ela também queria. Ninguém forçou ninguém!»

«Ela está alcoolizada! Logo, o que ela quer ou deixa de querer não se pode levar a sério!», defendi. «E se tu estás sóbrio, tinhas a obrigação de ter percebido isto, mas não te interessou. A prova disso é que aproveitaste que eu me afastei para saíres com ela.»

«Não é nada disso que vocês estão a pensar. O Zé Diogo disse que tu te tinhas afastado com um gajo e como não voltaste, pensámos que te tinhas ido embora e ela também quis ir. Depois o Zé Diogo afastou-se para não fazer de vela e ficámos só nós.»

«Vês como ele se lembra direitinho de tudo o que se passou? Está mais sóbrio do que nós e mesmo assim estava prontinho a foder uma rapariga bêbeda, não era?!»

Desferiu-lhe um soco na barriga.

«Calma, **Afonso**! Também não precisas de lhe bater. Mas espero que já tenha aprendido a lição de que se ele está sóbrio e a outra pessoa, não, então é dever dele protegê-la e não aproveitar-se dela! Independentemente do interesse ou vontade que essa pessoa tenha demonstrado. Pode ser que agora aprendas a ser um homem!»

«Tipos como tu metem-me nojo e envergonham-me!», rosnou o **Afonso** junto ao rosto dele antes de o empurrar.

Voltei para junto da Filipa e encontrei-a com as pernas já fora do carro e com o chão vomitado.

«Oh, meu Deus. Olha para isto… Vamos embora daqui.»

Peguei-a pelo braço e pu-lo à volta do meu pescoço.

«Eu ajudo!», disse o **Afonso**, segurando-a do outro lado.

Fomos embora, amparando a Filipa de cada lado e disfarçando o melhor possível para não a expor.

«É melhor eu levar-vos a casa», sugeriu ele.

«Não! Não é preciso. Viemos no carro dela, mas eu já o conduzi algumas vezes, por isso não será novidade.»

«Mas onde é que vocês estacionaram?»

«Por baixo da reitoria.»

«Ainda temos de andar um bocado e pelo meio vamos cruzar-nos com muita gente. Era melhor eu levar-vos.»

«Não vale a pena complicarmos muito. Se me ajudares a levá-la até ao carro, é o suficiente. Depois eu tomo conta dela.»

Resignado, remeteu-se ao silêncio e assim permaneceu até chegarmos ao carro. Pelo caminho, ainda parámos duas vezes para ela vomitar, mas foi melhor ser naquela altura do que depois na viagem, o que me obrigaria a uma logística maior.

«Obrigada pelo que fizeste hoje por nós», agradeci.

«Só não faço mais porque não queres.»

«Não é por não querer, é porque não vale mesmo a pena. Ela está finalmente em segurança e isso é o mais importante.»

«Mas não fiquei convencido de que ele tenha aprendido a lição.»

«Pois, mas denunciá-lo também não adiantará de nada.»

«Há muitas formas de ensinar o que é certo e errado.»

Enfiou as mãos nos bolsos da casaca.

«O que é que queres dizer com isso?»

«Quero dizer que tipos deste género mancham a reputação de homens como eu e que não podemos ficar à espera de que a vida ou a justiça os ponham no lugar. Avisa-me quando ela estiver melhor.»

Rodou sobre si e foi-se embora.

«O que é que vais fazer, **Afonso**?», gritei de onde estava, mas ele nem se virou. «Não te metas em problemas, por favor!»

Via-o a afastar-se e sabia que ia fazer alguma coisa que não devia, mas atrás de mim tinha a minha melhor amiga, dependente, e não tive escolha. Entrei no carro e levei-a para casa.

Quando chegámos, obriguei-a a beber dois copos de água e fi-la tomar um banho antes de a ir deitar. Já a tinha visto algumas vezes mais animada por causa do álcool, mas não me lembrava de a ver naquele estado ao ponto de vomitar. A verdade é que eram poucas as vezes em que tinha saído com ela e nem sempre partilhámos casa, por isso havia uma boa parte do seu historial que eu desconhecia.

Decidi ficar junto dela, sentada ao seu lado na cama, para o caso de precisar da minha ajuda, mas também eu acabei por adormecer pouco tempo depois. Só me apercebi disso quando a Filipa acendeu a luz para ir à casa de banho a meio da noite. Não tinha reparado nas horas quando chegámos, mas a julgar pelo último registo que tinha em mente, não tínhamos dormido mais do que três horas.

«Como é que te sentes?», perguntei-lhe quando regressou.

«Com a cabeça pesada e com a sensação estranha de ter feito merda esta noite. Tenho uma ideia do que se passou, mas as lembranças têm muitas lacunas.»

«Parece que quando bebes em festas como as de hoje, tens tendência a acabar no carro do tipo com quem estás a dançar.»

Sentou-se na cama e tapou o rosto com as mãos.

«Meu Deus! Que vergonha.» Respirou fundo e expirou. «Eu até estava a curtir a cena do rapaz, mas confesso que, se não estivesse tão bebida, não ia além de uns amassos. Isso é verdade.»

«Pois, mas ao contrário de ti, esse Nuno sabia o que estava a fazer e não tinha nada de se aproveitar do teu estado.»

«Não ia ser nenhum fim do mundo, mas fizeste bem em interromper a festa. A verdade é que o induzi em erro...»

«Olha, queres ver que agora a vítima disto tudo é ele? Tu não o induziste em erro, ele é que te conduziu para o erro.»

Olhou-me com um ar de sono.

«OK. Tens razão. Mas felizmente apareceu a minha salvadora no momento certo e esta história teve um final feliz.»

Deu-me um abraço frouxo em jeito de brincadeira.

«Em parte, eu também tive responsabilidade porque desapareci a meio e por isso também te devo um pedido de desculpas. Mas o **Afonso** puxou-me e não tive tempo de te dizer nada.»

«Não me digas que também foram dar uma por aí?», sorriu.

«Não fui fazer nada disso. Quer dizer... Bem, não interessa. Não aconteceu nada entre nós. Além de uns beijos, pronto. E ele ajudou-me a encontrar-te e a trazer-te para o carro. Por falar nele, lembrei-me de que tenho de lhe mandar uma mensagem a dizer que já estás melhor porque adormeci e esqueci-me. Bom...» Levantei-me. «Felizmente correu tudo bem, não te aconteceu nada de mal, estás na cama e em

segurança e já posso ir dormir descansada.»

«Sim, podes ir. E obrigada! Foste um amor!»

«Não podes ser sempre tu a tratar de mim.»

Fui para o meu quarto e quando peguei no telemóvel para enviar a mensagem ao **Afonso,** vi que tinha uma do Miguel.

«*Liga-me assim que puderes*», dizia.

Tinha recebido a mensagem há cerca de uma hora e não me tinha dito mais nada entretanto. Quis acreditar que era por não ser nada de importante, mas não pude deixar de lhe telefonar.

«Estou? Miguel? Porque me pediste para te ligar?»

«*É por causa do **Afonso**... Não trago boas notícias.*»

23

«O que é que aconteceu, Miguel?»

«*O **Afonso** foi agredido esta noite.*»

«O quê?! Por quem? Como é que ele está?»

«*Não sei por quem, ele não quis falar sobre o assunto. Estou no Hospital de São João com ele. Esteve a fazer alguns exames para despistar alguma fratura e estamos à espera dos resultados. Mas em princípio não terá nenhum mal maior.*»

«Meu Deus! Como é que isso foi acontecer?

«*Não sei, mas achei que devia contar-te. Tentei avisar primeiro a Filipa, mas pelo que sei,* não está em condições...»

«E fizeste bem!»

Entretanto a Filipa surgiu à entrada do quarto.

«O que é que se passa?», perguntou com um ar preocupado.

«Acho que o **Afonso** foi agredido esta noite, está no hospital. Não sei o que aconteceu, mas desconfio», disse para ela, antes de voltar a dirigir-me ao Miguel. «Eu queria ir aí, mas...»

«Vai!», incentivou a Filipa. «Eu já estou bem, não te preocupes comigo. Leva o meu carro e vai para lá!»

«*Podes vir, se quiseres, mas não valerá de muito. Só deixaram entrar um acompanhante com ele. Até eu fiquei cá fora.*»

«Se tu ficaste cá fora, quem é que entrou com ele?»

«*Pois, também acho que não vais gostar dessa parte... Quem entrou com ele foi a Mafalda...*»

«Ai a Mafalda também está aí?», perguntei-lhe retoricamente enquanto olhava para a Filipa.

«Agora é que tens mesmo de ir!», disse ela em surdina.

«*Sim, está. Ela e também a amiga. Elas estavam comigo quando eu soube do **Afonso** e fizeram questão de vir também.*»

A Filipa não parava de me fazer sinais para eu me despachar a ir para lá e ofereceu-me a chave do carro.

«Eu vou ter convosco. Já falamos», disse antes de desligar.

«Disseste que desconfiavas do que é que tinha acontecido, o que é

que querias dizer com isso?»

Não quis preocupá-la com as minhas teorias, principalmente teorias que a pudessem fazer sentir-se culpada, pois já bastava eu sentir-me assim. Mas no fundo eu sabia que tinha alguma coisa que ver com o que se tinha passado entre ela e aquele rapaz.

«Quis dizer que o **Afonso** gosta de ser o justiceiro, mas quase sempre isso traz mais problemas do que soluções. Tens a certeza de que ficas bem?», perguntei ao pegar-lhe na chave.

«Sim, fico! Vai lá e não te esqueças de me dar notícias.»

Despachei-me a ir para o hospital e avisei o Miguel assim que cheguei. Pediu-me para esperar à entrada para não nos desencontrarmos e não demorou muito a vir buscar-me.

«Alguma novidade?», perguntei assim que o vi.

«Pelo que sei, não tem nada partido nem nada de grave, são mesmo só hematomas e algumas escoriações. Estão só à espera da indicação do médico para se virem embora, mas vamos até lá dentro para junto da Maria Leonor. A amiga da...»

Fiz sinal com a cabeça de que sabia de quem é que estava a falar, dispensando o esclarecimento, e seguimos para dentro.

«Já me podes detalhar o que aconteceu?»

«Bom, começando pelo início, nós estávamos lá no Romanoff e vocês as duas saíram com o Nuno e um amigo que ele trouxe. O **Afonso** estava a falar com a Mafalda e a Maria Leonor e eu juntei-me. Algum tempo depois, ele perguntou-me se sabia para onde é que vocês tinham ido e bazou também. Presumo que tenha ido ter convosco porque, entretanto, vocês ligaram-me por causa da Filipa. Acabei por ficar a fazer-lhes companhia, à Mafalda e à Maria Leonor, e apresentei-lhes algum pessoal. Ficámos por ali o resto da noite, até que recebo uma nova chamada do **Afonso** a dizer-me que tinha havido confusão e que ele tinha ficado “substancialmente debilitado” — palavras dele. Eu disse que ia ao seu encontro e a Mafalda, que estava junto de mim quando ele ligou, insistiu que queria vir comigo porque se apercebeu de que era alguma coisa má. Com ela, veio a amiga. E pronto, chegámos junto dele e vimo-lo de facto um bocado amassado. Tranquilo, mas amassado. Depois não queria ir ao hospital nem queria fazer nenhuma denúncia na polícia. Esta parte respeitámos, mas ao hospital teve de vir. E viemos

todos no meu carro.»

«E continuas sem saber o motivo dessa confusão, não é?»

«Foi sempre muito vago quando tocávamos no assunto.»

Chegámos então à sala de espera onde estava a Maria Leonor, que me recebeu com um sorriso tímido, e sentámo-nos junto dela. Mas mal tivemos tempo de aquecer os nossos lugares porque logo uma porta se abriu do nosso lado para dar saída ao **Afonso**. Como já sabia, vinha acompanhado pela Mafalda, que o amparava pelo braço, mas por muito que preferisse ser eu no lugar dela, a minha única preocupação era o bem-estar dele. E se ela tinha contribuído para isso, então só lhe podia estar grata.

Ele surgiu a mancar, trazia um penso na testa e uma mão com ligaduras, mas o que mais me chocou foram os olhos e os lábios inchados. Vê-lo assim, sabendo como estava tão bem algumas horas antes, foi ainda mais dramático.

Assim que o vi, aproximei-me dele e deu para entender que não estava à espera de me encontrar ali.

«Eu pedi-te para não te meteres em problemas! Olha como é que estás, **Afonso**. Caramba! Se eu soubesse, tinha-te deixado levar-nos a casa e assim nada disto teria acontecido.»

«Não me avisaste quando a Filipa ficou melhor.»

«Desculpa! Adormeci a olhar por ela, mas pelos vistos também não fizeste o que te pedi, por isso estamos quites.»

Olhei para a Mafalda para ela não pensar que a estava a ignorar e, antes que pudesse dizer alguma coisa, o Miguel intrometeu-se:

«Então, campeão? Pronto para um novo *round*?»

«Só preciso das luvas», brincou.

«Precisas é de repousar e esperar que o corpo regenere», retorquiu a Mafalda. «Não convinha era que passasses esta noite sozinho para o caso de sentires dores, e também para teres quem te ajude a andar ou a ir buscar alguma coisa por ti. Não concordam?»

«Eu estou bem. Se não for mais depressa, é mais devagar. Com mais ou menos dores. Só preciso que me levem ao carro.»

«A Inês vai contigo», atirou o Miguel para nosso espanto. «Tomas conta dele? Estás de carro. Podes levá-lo a casa. E ele que não pense que vai conduzir agora. O carro dele fica aí e depois que o venha buscar.

Assim é mais prático para toda a gente. Eu levo a Mafalda e a Maria até ao carro delas e vocês vão diretos. Também és a pessoa que de todos nós melhor conhece a casa dele, por isso é muito mais fácil. Se não te importares. E ele também não. Ficamos assim combinados?» Olhámos uns para os outros e ninguém ripostou. «OK! Boa! Vamos embora. Ou queres que te leve às costas?»

Pensei em amparar o **Afonso** do outro lado, mas seria muito estranho eu ir de um lado e a Mafalda do outro, como se estivéssemos a lutar pelo mesmo osso. Depois lembrei-me de que o meu carro estava longe e não fazia sentido ele ir a pé até lá e encontrei a desculpa perfeita para evitar um momento constrangedor.

«É melhor ir buscar o carro para o **Afonso** não ter de andar muito e vocês esperam aqui à saída», sugeri.

Fui buscar o carro e naqueles minutos sozinha não parei de pensar nas inúmeras peripécias que aconteceram naquela noite. Aquilo que parecia ser uma inocente saída para celebrar a conquista de um amigo revelou-se uma montanha-russa de emoções. E tudo apontava para que a viagem naquela montanha-russa ainda não tinha terminado porque acabava de me comprometer em levar o **Afonso** a casa e ainda ficar a tomar conta dele.

Parei o carro próximo da saída do hospital onde eles estavam e abri a porta para que o Miguel o ajudasse a entrar. A Mafalda ficou mais para trás ao lado da amiga e depois aproximou-se de mim para me entregar a casaca dele, que ainda segurava, mas não me disse nada. Assim que bateu a porta, despedi-me e fomos embora.

«Agora que ninguém nos ouve, já me podes contar o que é que realmente aconteceu? Sem ocultar partes», perguntei.

Olhou para mim, depois para a estrada e não disse nada.

«Foi o Nuno, não foi? O murro que lhe deste soube-te a pouco e achaste que devias castigá-lo mais. Foi isso?», insisti.

«Não propriamente», acabou ele por dizer. «É verdade que era minha intenção voltar a encontrá-lo, mas não o vi mais nessa noite. Em contrapartida, cruzei-me com o outro amigo dele. Que me reconheceu mais rapidamente a mim do que eu a ele. O que, confesso, me fez sentir lisonjeado.» Ironizou. «E pelos vistos esse amigo já tinha recebido informações sobre o que tinha acontecido e achou que devia interpelar-

me para tirar justificações. Ele e os tipos que estavam com ele. A partir daí foi uma bola de neve que, como podes ver pelo meu estado, não consegui conter sozinho. Mas desconfio de que essa vingança pelo amigo que viu a sua foda interrompida não tenha sido o principal motivo para tanta raiva.»

«Então qual foi?»

«É claro que não gostamos de ver alguém a estragar a foda a um amigo, mas dói muito mais quando o fazem connosco. E parece que eu lhe fiz isso esta noite.»

Franzi o sobrolho a tentar perceber onde queria chegar e quando finalmente percebi, a minha boca abriu de perplexão.

«O Zé Diogo...», murmurei. «Eu não acredito...»

«Parece que te salvei de te envolveres esta noite com um tipo muito temperamental e com um ego muito sensível.»

«Eu não acredito que até isto foi por minha causa...»

«Não foi por tua causa. Foi por causa dele. Ou melhor, deles.»

«Nem me quero lembrar de que estive a dançar com esse gajo. Que nojo! E que raiva! Mas porque é que são assim?!», questionei-o mais em jeito de protesto do que de curiosidade.

«Isso não é importante agora. O importante é que eu evitei que te envolvesses com esse tipo e tu conseguiste evitar que a Filipa se envolvesse com o outro, por isso correu tudo bem.»

«Tudo bem? Olha o estado em que estás!»

«O estado em que estou é de consciência tranquila e não posso pedir mais do que isso no final de uma noite destas.»

Remeti-me ao silêncio por um bocado enquanto ia protestando comigo mesma e com os homens deste mundo. Ao meu lado, o **Afonso** também parecia pensativo, mas desconfiava de que aquilo que lhe ocupava os pensamentos não seria o mesmo.

«Como é que está o teu pai?», perguntou-me.

Olhei para ele intrigada com a pergunta.

«O que é que te deu para quereres saber do meu pai agora?»

«Vi-me neste estado e lembrei-me dele. Só isso.»

«Tenho falado com a minha mãe sobre ele. Diz-me que tem melhorado bastante, mas acho que ainda está como tu o viste...»

Assim que terminei de dizer aquilo, veio-me à memória o momento em

que fui com ele a casa dos meus pais. Lembrei-me de que a dada altura, quando lhe estava a dizer o que o meu pai tinha partido aquando da queda do telhado de nossa casa, ele tinha começado a ficar pálido e teve de ir para a casa de banho. Depois do que tinha descoberto recentemente sobre o acidente que o **Afonso** tivera, aquela indisposição fazia mais sentido na minha cabeça. Contudo, não quis tocar no assunto porque já chegava de desgraças.

«Mas não o tens visitado?», questionou.

«Já há algum tempo que não. Desde que vendi o carro que tem sido mais difícil, então tenho ido menos vezes.»

«Pois...», fez uma longa pausa. «Em relação a isso, tenho um segredo para te contar e uma coisa para te mostrar.»

«Um segredo? Do que é que estás a falar?»

«Quando chegarmos a minha casa, já vais ver...»

24

Apesar das minhas tentativas para desvendar que segredo era aquele, o **Afonso** não se descoseu a viagem toda, até que chegámos ao prédio onde vivia e acabou a espera. Estacionei na rua em frente e ajudei-o a sair. Entrámos no prédio e ao contrário do que eu previa, em vez de subirmos, descemos para o estacionamento.

«Não sei o que me queres mostrar, mas não tens de me levar lá. Não estás em condições para andar. Basta dizeres-me o que é e eu fico a saber. A não ser que não tenhas palavras para descrever.»

«Tenho palavras, sim, mas não é a mesma coisa.»

Saímos para o estacionamento subterrâneo do prédio que eu já conhecia das vezes em que chegava e saía com ele, mas não virámos para o lado onde normalmente ele tinha os seus dois carros, o que me deixou ainda mais intrigada. Caminhámos um pouco mais até chegarmos próximo da parede do lado oposto e ele não precisou de dizer nada porque os meus olhos detetaram de imediato o que me queria mostrar. Era o meu *Mini Cooper,* que me tinha visto obrigada a vender para poder ajudar o meu pai com os tratamentos.

«Oh, meu Deus! É o meu carro!», exclamei. «Quer dizer, era. O rapaz que mo comprou vive no mesmo prédio que tu?»

«Vive...», murmurou.

«Que coincidência engraçada!»

«Vive no meu apartamento», complementou.

Encarei-o com um ar desconfiado a ver se me esclarecia.

«Não é aquilo que estou a pensar, pois não?»

«Fui eu que te comprei o carro, Inês.»

«O quê? Como assim? Não estou a perceber. Então e aquele rapaz que mo comprou? Tu estavas lá comigo. Tu viste.»

«Foi tudo encenado. Esse rapaz era um cliente meu. Fui eu que lhe pedi para fazer isso por mim porque já te tinha tentado ajudar e tu recusaste. Assim foi uma forma de o fazer sem que te sentisses em dívida para comigo. Sabia que precisavas do dinheiro com urgência e a mim não me fazia falta, então comprei-te o carro.»

«Mas eu lembro-me de que recebi uma chamada da pessoa interessada, que me fez uma oferta. E até estava contigo. Aliás, tu disseste para exigir mais dinheiro. Isso também foi encenado?»

«Sim, na verdade quem te ligou foi o Miguel. Obviamente, com a voz disfarçada. Depois quem apareceu para oficializar a compra teve de ser o Paulo porque não sabias quem era. Fi-lo porque sabia que se o vendesses a outra pessoa qualquer, dificilmente conseguirias um bom negócio e acabaria por te fazer mais falta o carro do que o dinheiro que ele te teria dado. E consegui evitar isso.»

«Não, não, não! Há tantas coisas erradas nisto. Nem sei por onde começar, **Afonso**. Pensei que esse faz de conta tinha acabado quando foste para o Brasil. Que figura parva que me fizeste passar com toda essa história. Eu pensei mesmo que tinha conseguido um grande negócio e afinal foi tudo uma mentira.»

«Não foi uma mentira, foi uma forma de acelerar um processo que iria acontecer mais tarde ou mais cedo. O objetivo depois passava por vendê-lo ou dar-lhe uma utilidade qualquer e obviamente ter um retorno. Entende isto como uma oportunidade de negócio da minha parte e como um investimento meu.»

«Um investimento que está aqui parado na garagem! Tu não precisas de três carros para nada. Eu sei que foi com a melhor das intenções, mas enganaste-me. Deste-me uma falsa alegria. E eu prefiro uma dor sincera a uma falsa alegria. Raios, **Afonso**! Agora apetecia-me bater-te, mas já se adiantaram a mim...»

«Eu trouxe-te aqui precisamente porque o carro está aqui parado. Ainda não tive tempo de lhe dar um destino e como a ti te faz falta, era para saber se querias andar com ele enquanto penso no que fazer. Assim já não tens desculpas para não ires visitar os teus pais.»

«Não! Nem pensar! Eu não quero nada dado nem quero viver na ilusão de que as coisas correm bem, por isso tu vais vender esse carro e eu vou devolver-te o dinheiro que me deste a m...»

«Ai! Ai!», queixou-se com aparato.

«O que é que aconteceu? Está a doer-te o quê?»

«O corpo todo...»

«Isso foi só para mudares de assunto, não foi?»

«Não estás em condições de duvidar de mim, já que tenho o melhor

argumento de todos para me queixar de dores.»

«Acabaste de me dar mais um motivo para o fazer. E só não me vou embora agora porque prometi tomar conta de ti.»

«Então é melhor cumprires a promessa para não ficares com a consciência pesada. Em relação ao carro, tens o lado da boa intenção e o lado da má conduta e eu identifico-me com ambos. Agora tu escolhes a qual é que deves dar mais importância. Vamos?»

Seguiu à minha frente em direção ao elevador e eu fiquei para trás a olhar para ele e para o meu antigo carro. Não sabia se havia de ficar chateada ou enternecida com o gesto dele, mas naquele momento dava-me mais jeito ficar chateada porque, caso contrário, ia tornar-me demasiado sentimental e isso iria trazer-me mais problemas. Por isso, recuperando as opções que me tinha dado, optei por me focar na sua má conduta para me poder precaver de possíveis ilusões.

Subimos até ao apartamento dele, sem que eu tivesse usado da palavra, e assim que entrámos, ele perguntou:

«Já decidiste onde vais descansar?»

«Onde tu não estiveres...»

«Então eu fico no sofá e tu ficas na minha cama.»

«Não, nem pensar. Estás todo magoado, tens de dormir o mais confortável possível. Não te preocupes comigo.» Acompanhei-o até ao quarto e sentei-o na cama. «Eu fico na sala e deixo as portas abertas daqui até lá. Se precisares de alguma coisa, chamas.»

«Não gosto das portas abertas, sinto-me desprotegido.»

«Então eu fecho a porta e devo ouvir-te na mesma.»

«Se esta dor no peito não me tirar o fôlego.»

«Então ligas-me, que eu atendo.»

«Se me garantires que atendes a chamada durante o sono e não a recusas por pensares que é o alarme.»

«Afinal o que é que tu queres, **Afonso**?»

«Quero que me ajudes a tirar a roupa porque senão quando finalmente terminar de a tirar, já serão horas de me vestir.»

Cada vez entendia menos o que ia na cabeça dele, pois não muito tempo antes tinha decidido afastar-se de mim e naquela noite parecia que eu era tudo o que ele queria. Entre avanços e recuos, já não sabia quem é que estava a tentar seduzir quem, mas começava a acreditar

que talvez fosse resultado da minha postura. Talvez estivesse a dar frutos essa história de criar a ideia na cabeça dele de que tinha de me seduzir e de se esforçar para obter a tão desejada recompensa. Porque, afinal, só o difícil interessa. Só a luta torna saborosa a vitória. O meu desafio era, portanto, encontrar o equilíbrio certo entre o dar e o tirar. E numa circunstância atípica daquelas, não era propriamente uma tarefa acessível para uma principiante.

«Não me parece que estejas assim tão debilitado, mas também não vou discutir isso contigo. É tarde, estamos os dois cansados e quanto mais cedo formos dormir, melhor. Eu ajudo-te.»

Aproximei-me dele e comecei por descalçá-lo. Depois tirei-lhe a camisola, com algumas queixas dele pelo meio, e fiquei chocada com as nódoas negras e arranhões que tinha no tronco. Apeteceu-me tocar-lhe, como se de alguma forma o meu toque lhe atenuasse as mazelas, mas não quis correr o risco de parecer inconveniente e contive-me. Por fim, ajudei-o a despir as calças e a deitar-se.

«Deita-te aqui ao meu lado.»

«**Afonso**... Já te disse como é que seriam as coisas.»

«Não te estou a pedir para dormires comigo. Entendo que na tua cabeça não faça sentido e tens toda a razão. Mas não te vou deixar dormir no sofá, como é óbvio. Deitas-te aqui ao meu lado e descansas. Não vou tentar nada. Fica tranquila.»

«Agora até pareces aqueles miúdos que têm medo do escuro e pedem à mãe para dormir com eles. Está bem. Eu fico. Mas não me vou meter debaixo dos lençóis porque, como tu disseste, não é para dormirmos juntos, é apenas para dormir ao teu lado.»

«Tudo bem, então pega numa manta que está no armário.»

Fiz como ele disse, pousei as minhas coisas na mesinha de cabeceira e deitei-me do lado dele com a manta por cima.

Ao contrário do que previa, não adormeci logo. Apesar do sono e do cansaço, ainda não tinha organizado os ficheiros todos dos acontecimentos recentes para poder arrumar as pastas e dormir descansada. Ainda que eu gostasse de cuidar do **Afonso**, aquele papel não deixava de ser desconfortável para mim porque podia ser igualmente desempenhado por uma namorada, uma amiga ou mesmo uma mãe. E não ter a certeza de qual desses papéis é que eu estava a

interpretar desinquietava-me a mente.

«Também não consegues adormecer?», perguntou baixinho.

«Estou a pensar no quão inesperado é estar aqui.»

«Não estavas à espera de acabar na minha cama hoje.»

«Não estava à espera de 90% das coisas que aconteceram hoje. Mas sabes bem o que tiveste de passar e sofrer para conseguires que eu dormisse ao teu lado, por isso espero que o valorizes.»

O silêncio com que me respondeu foi a prova de que ficou a refletir naquelas palavras e confesso que preferi assim.

Acabei por adormecer pouco depois, como se aquela conversa tivesse interrompido a cadeia de pensamentos que me afugentava o sono, e quando voltei a acordar, já o dia ia longo. Olhei para o lado e não vi o **Afonso**. Apurei os ouvidos e também não me apercebi de nenhum movimento pela casa. Mas quando me preparava para pegar no telemóvel para ver as horas, vi algo que me deixou intrigada.

25

Em cima do meu telemóvel, pousada sobre o ecrã, estava uma chave. Pelo aspeto, era uma chave interior e tinha um formato antiquado. Claramente tinha sido o **Afonso** a deixá-la ali, em cima do telemóvel, para garantir que eu a visse e percebesse que era para mim. Peguei nela e fui até à sala para lhe perguntar. Encontrei-o no sofá, em tronco nu, com o computador sobre as pernas.

«Como é que estão essas dores?»

«Ainda bem presentes, mas o inchaço já está a atenuar e os meus movimentos estão mais fluidos.»

«Posso ver?»

Fechou o computador e pousou-o ao lado. Depois agachei-me entre as pernas dele, para o ver de perto, e peguei-lhe na mão.

«Sim, parece que o inchaço está a abrandar, em contrapartida, as nódoas negras estão com pior aspeto, mas é normal. Logo, logo vão embora e estarás como novo outra vez.»

«Acredito que sim. E tu, dormiste bem?»

«Não foi o melhor sono da minha vida, mas deu para descansar.» Sentei-me também no sofá e mostrei-lhe a chave. «Podes explicar-me que chave é esta?»

Fez um compasso de espera antes de me responder.

«É a chave do escritório do meu irmão...»

«Pensei que te tinhas livrado dela.»

«Na verdade, tinha-a escondido numa gaveta qualquer e acabei por lhe perder o rasto, o que acaba por ser o mesmo. No entanto, há uns dias estava à procura de um relógio antigo que a minha avó me deu quando tinha uns 13 ou 14 anos e, em vez de encontrar o relógio, encontrei essa chave. Nunca mais a tinha visto desde que a escondi e encontrei-a pouco tempo depois de termos falado sobre a possibilidade de voltar a entrar naquela divisão. Não ligo muito a estas coisas, mas parecia mesmo uma espécie de sinal.»

«E porque é que a pousaste sobre o meu telemóvel?»

«Porque quero que fiques com ela. Se aceitares, claro.»

«Mas para quê? O que é que é suposto eu fazer com ela?»

«Percebi que se for eu a decidir quando entrar naquele escritório, provavelmente vou continuar a adiar como fiz este tempo todo. Então talvez seja melhor entregar essa decisão a alguém em quem confie e reconheça essa capacidade. E só podias ser tu.»

«Queres que seja eu a decidir quando deves entrar lá? Por mim, já o tinhas feito há muito tempo, mas agora que me passas essa responsabilidade, já não sei se penso da mesma forma.»

«Não quero que entendas isto como uma responsabilidade, mas sim como uma ajuda. Um empurrão. Isto é mais ou menos como aquelas pessoas que decidem fazer um salto de *bungee jumping*. Elas tomaram essa decisão de livre vontade, mas quando olham para o abismo, põem em causa se é mesmo aquilo que querem e resistem, e adiam o mais possível à espera de que a coragem chegue. E um empurrão resolve todos esses dilemas. Mas, a sermos empurrados, que seja por alguém em quem confiamos.»

«Sim, eu percebo o que queres dizer, só não percebo é porque me estás a pedir isso a mim e porque o estás a fazer agora.»

«Quando vi a chave, lembrei-me logo de ti e da conversa que tiveste comigo, mas não disse nada porque não achei oportuno. Mas depois de ver a forma como te preocupaste comigo e cuidaste de mim esta noite, mesmo depois do que te fiz e faço passar, tive a certeza de que, independentemente das nossas circunstâncias, queria que fosses tu a dar-me este... empurrão.»

«Nem sei bem o que dizer. Isso significa que se eu te dissesse para o fazermos hoje, tu não te irias opor?»

Encolheu os ombros e cerrou os dentes.

«Bom, hoje... Não estou nas minhas melhores condições, mas és tu quem tem a chave agora, por isso tu é que mandas.»

Comecei a questionar-me se aquilo era mesmo assim como me estava a dizer ou não passava de uma manobra para nos manter próximos e ligados, para que eu não seguisse com a minha vida como lhe disse que ia fazer.

«Até que ponto é que isto não é uma forma de me manteres a meia distância para evitares que me envolva com outro?»

Abanou a cabeça, surpreendido com a minha teoria, e eu quanto mais

pensava nela, mais pontos encontrava a favor.

«O que é que queres dizer com isso? Como é que isto te impediria de te envolveres com outra pessoa?»

«**Afonso**, se há alguém que conhece muito bem este jogo, és tu. Mas estas coisas são como os truques de magia: se os fizeres muitas vezes à mesma pessoa, ela começa a perceber como são feitos. Sabes bem que, ao dares-me desafios que tenham que ver contigo, como este, vais obrigar-me a manter-me por perto e, inevitavelmente, a pensar em ti. Tu sabes que eu tenho sentimentos por ti e estás a tentar ganhar tempo para encontrares o teu equilíbrio antes de me perderes por completo e evitares arrepender-te de alguma coisa.»

Bateu duas palmas de congratulação.

«Parabéns pela tese que acabaste de apresentar. E a verdade é que não tenho muitos argumentos para a contrapor. Tu tens todo o direito de seguir em frente com a tua vida e estares com quem quiseres neste momento. Independentemente do que sentes por mim. E eu não tenho o direito de te pedir para esperares que eu fique bem. Também por isso é que nunca o fiz. O que te posso garantir é que não é essa a minha intenção. Pelo menos conscientemente. Se te pedi isto agora foi porque achei que era o momento apropriado.»

«Pediste agora, mas não quiseste que fosse agora», continuei, claramente mais preocupada em defender a minha ideia do que em ouvir a dele. «E porquê? Porque quanto mais tarde for, mais tempo tu me aguentas aqui. E com o carro a mesma coisa. Por isso é que aproveitaste para mo mostrar hoje e o disponibilizaste para eu andar nele porque isso significaria que teríamos mais um assunto pendente. Nada melhor para me fazer esperar por ti do que assuntos pendentes. Meu Deus! Agora tudo começa a encaixar-se na minha cabeça. E quanto mais penso, mais sentido faz.»

Levantei-me e afastei-me ligeiramente.

«Ei! Calma! Estás a criar o teu próprio filme e a ficar chateada com ele. Brevemente até eu começo a acreditar nele também.»

«Se for isso que estás mesmo a fazer, seja de uma forma consciente ou não, é muito injusto, **Afonso**, mas sabes uma coisa? Acho que já notaste que a minha postura mudou. O meu *chip* já mudou e esta Inês já abriu os olhos para muitas coisas. Por isso não contes apanhar-me

desprevenida em situações como esta. Já estás melhor, certo? Acho que já não precisas de vigilância.»

«Já queres ir embora?»

«O meu compromisso era tomar conta de ti enquanto fosse necessário, mas vejo que a noite te fez muito bem.»

«Estava a contar que pelo menos almoçasses aqui...»

«Estou com o carro da Filipa, não sei se lhe vai fazer falta e não convém demorar-me. Não vim aqui com segundas intenções. Vim com um propósito e esse propósito parece-me estar cumprido. Vou buscar as minhas coisas, está na minha hora.»

Dirigi-me ao quarto e ele ainda perguntou:

«Isso quer dizer que não vais aceitar o pedido que te fiz?»

Não lhe respondi logo e aproveitei a viagem até ao quarto para pensar no que era suposto dizer-lhe, tendo em conta o equilíbrio entre aquilo que eu queria, o que eu devia e o que ele merecia. Foi então que me ocorreu uma ideia que, além de me agradar, também ia ao encontro do que a Diana me tinha dito para fazer. E quando regressei à sala, já pronta para ir embora, aproximei-me dele, ainda sentado no sofá, e partilhei-a:

«Não... Não vou recusar o teu pedido. Se achas que sou a pessoa certa para te dar esse empurrão, como disseste, e conseguires fazer o que há muito tens adiado, eu aceito essa responsabilidade. Mas se me vais prender a ti com esse desafio, então eu vou prender-te a mim com o desafio de me levares a esse *canto* misterioso para onde costumas ir uns dias quando estás mal. E isto não é uma negociação. Se foi dito, foi escrito. Fico à espera.»

Sabia que tinha de largar a bomba e sair de cena, mas quando me dirigia para a saída, ele voltou a interromper-me:

«Antes ou depois de cumprires o teu desafio?»

Boa pergunta, pensei para mim. Ainda que, à primeira vista, pudesse parecer indiferente, não era bem assim. Se eu lhe dissesse que ele deveria cumprir primeiro o seu desafio, eu ficaria dependente dele para cumprir a minha parte; se fosse ao contrário, era ele que ficaria dependente de mim. Desta forma, seria eu a decidir o tempo mínimo em que ele estaria em dívida para comigo, ficando eu na mó de cima. E não desperdicei a oportunidade.

«Depois», atirei antes de sair.

Vim embora e pelo caminho comecei a pensar na forma como tinha agido com ele. Por várias vezes, nas diferentes conversas que tivemos, fiquei surpreendida comigo mesma pelas respostas que lhe dava, pela coragem que depositava em cada uma delas e ainda pelas conclusões que tirava. Parecia mesmo que algum clique se tinha dado em mim naqueles últimos dias e acreditava que esse clique iria ajudar-me a evitar toda uma sequência de acontecimentos menos bons. Naquele momento, sentia-me capaz de perceber, dizer e fazer coisas que há uns tempos não seria, e isso deixava-me orgulhosa. Em vez de ser um peão no jogo de tabuleiro do **Afonso**, eu escolhi ser também uma jogadora e isso mudava tudo. Talvez a Filipa e a Diana tivessem razão e todas aquelas peripécias que se desencadearam depois do regresso da Mafalda tivessem o propósito de fazer despertar em mim um novo eu mais seguro.

Quando cheguei a casa, chamei pela Filipa e não obtive resposta. Voltei a chamar e voltei a não ter resposta. Pensei que estivesse a dormir e fui bater à porta do quarto. Como não ouvi nada, tentei abrir a porta, mas estava trancada.

«O que é que queres?», ouviu-se do outro lado.

«O que é que eu quero? Primeiro, queria saber se estavas em casa, mas agora quero saber porque é que não me respondeste mais cedo e porque é que tens a porta trancada.»

Ouvi o ranger da cama, que me dava a indicação de que se estava a levantar, e logo depois a porta abriu-se.

«Pensa um bocado e pode ser que chegues a uma conclusão. Eu dou-te uma pista: tem que ver contigo e tem que ver com ontem.»

Mal me disse aquilo, dirigiu-se para a cozinha e fui atrás dela.

«Como assim? O que é que fiz de errado ontem?»

«Eu pensava que podia confiar em ti, afinal...»

Encheu um copo de água e começou a beber.

«Mas é claro que podes confiar em mim.»

«Posso? Então porque foste contar ao **Afonso** de mim e do Miguel, sabendo que era um segredo? O Miguel ligou-me há pouco para saber como estava e disse-me que o **Afonso** lhe falou disso ontem à noite. Parece que, de repente, já todos sabem. E se já era desconfortável tu

saberes, imagina agora.»

Levei as mãos à cara e cerrei os dentes.

«Desculpa, desculpa! Foi por causa do pânico de não saber onde estavas e saiu-me quando me lembrei da história daquela festa e do carro. E olha, foi precisamente isso que me ajudou a encontrar-te a tempo. Eu sei que me devia ter controlado, mas saiu-me e havia coisas mais importantes naquela hora.»

«Seja como for, acabaste de me dar mais um motivo para não te contar coisas da minha vida. Vou acabar de ver a minha série.»

«Então e o almoço?», perguntei quando ela já ia no corredor.

«Faz para ti, o meu estômago ainda está em recuperação.»

Voltou para o quarto e eu encostei-me ao balcão e soltei um suspiro para sacudir o sentimento de culpa. Pouco depois, o meu telemóvel vibrou e peguei nele. Era uma chamada da Diana.

«*Estou? Amiga?*», disse ela. «*O que é que vais fazer de 19 a 21 deste mês? Tens alguma coisa marcada?*»

Comecei a fazer contas e vi que eram dias de semana.

«Tenho, pois. Tenho o trabalho. Como tu, certamente.»

«*Mas não tens mais nada, pois não?*»

«Não, não tenho, mas porquê?»

«*Precisava de saber. Então não marques nada porque, se tudo correr bem, terei uma novidade incrível para te dar. Mas conto-te amanhã pessoalmente. Beijo!*»

E desligou.

26

No dia seguinte, quando regressei ao trabalho, estava ansiosa por encontrar a Diana para que me contasse a tal novidade. Por isso, na primeira oportunidade, apressei-me a ir ter com ela e, assim que me viu, a sua expressão foi de entusiasmo.

«Já me podes contar agora?», perguntei-lhe.

«Bem! Não perdeste tempo!» Fechou a pasta que tinha à sua frente e levantou-se. «Tomamos um café?»

Anuí com um subtil encolher de ombros e segui-a até à máquina de café que ficava num troço de corredor pouco movimentado. Tirei um *cappuccino* para mim e ela, um café curto.

«Antes de te contar a novidade, quero saber como é que têm sido estes dias. Tens posto em prática os meus conselhos?»

«Sim, acho que sim. E acho que não me estou a sair mal, mas isso só o tempo dirá. Reencontrei-me com o **Afonso** este fim de semana e pude experimentar algumas dessas técnicas...»

«E como é que foi? Conta-me!»

«Ui! A minha pausa não dá para tanto. É uma longa história, pois aconteceu um pouco de tudo nessa noite. Depois conto-te. O que posso dizer é que fiz o que me aconselhaste e parece que dá resultado e tem mesmo influência na mente masculina. Foquei-me em mostrar-lhe que estava bem sem ele e disposta a seguir com a minha vida. Confesso que foi engraçado ver o efeito que provoquei nele. Mas no fundo sei que isso não demonstra que me quer, pode apenas demonstrar que não me quer com outros. Seja como for, também já lhe transmiti que, se não me quiser perder definitivamente, vai ter de se esforçar e começar a correr atrás do prejuízo.»

«Boa! É assim mesmo, miúda!»

Levantou a mão e demos um *high five*.

«Mas isto ainda é muito estranho para mim. Eu já percebi que a sedução é como um jogo e estou a tentar seguir as regras.»

«É isso mesmo! E agora é só ires alimentando esse jogo o tempo suficiente para ele ficar viciado», riu-se.

«Ah! E houve uma outra coisa que também experimentei...»

«Ai, sim? O quê?»

«Foi... aaaa... pronto... se calhar nem devia dizer isto.»

Espreitei o corredor para confirmar que não estava ninguém por perto ou a olhar para nós e tentei fazer um gesto com os dedos que demonstrasse da melhor forma o que queria dizer.

«Tu meteste os dedos?!», perguntou com espalhafato.

«Chiu! Fala baixo! Mais ou menos. Quer dizer, sim, mas foi numa situação de emergência. Aliás...», fiz uma pausa. «Nem sei se isto é normal porque foi num local público.»

«Oh, meu Deus! Isso é incrível! Eu tenho uma amiga...» Olhou para os lados e baixou a voz. «Que diz que só se masturba em locais públicos. Diz que isso a excita bastante. E também porque depois não tem de se preocupar em limpar nem arrumar nada.»

«Mas eu não disse isso. A situação de emergência surgiu e foi onde tinha de ser. Foi uma vez sem exemplo. Mas fiz mal?»

«Não! Claro que não, mulher. Locais públicos, ao ar livre, em casas de amigos, festas privadas, no carro, no avião, no duche do ginásio, ui! Puxa por essa imaginação.»

«OK, OK, OK! Já percebi. Não estava a pedir uma lista e dispenso aquilo que acabei de imaginar. Apenas sentia necessidade de desabafar isto e de ter a certeza de que não tinha feito nada de muito estranho e perverso, mas já estou esclarecida.»

«E foi bom ou não foi bom?»

«Foi uma sensação nova. E boa. Mas não está nos meus planos repeti-la muitas vezes. Foi uma exceção.»

«E não te sentiste uma mulher diferente?»

«Não sei... Tenho-me sentido diferente estes dias, mas acho que é por causa de tudo um pouco. Não é só por isso.»

«Aaaaah! Mas não negas que possa ter que ver.»

Não parava de sorrir e o seu olhar transbordava de orgulho.

«Sim, não nego, mas também não garanto. Bom, já chega deste assunto. Diz lá que novidade é essa que tens para mim.»

«Tudo bem, vamos ao que interessa.» Deu o último gole no café e depois continuou. «É o seguinte: vai haver um congresso em Madrid com representantes de todas as filiais que a seguradora tem pela

Europa. Isto acontece todos os anos e por norma vão dois ou três representantes de cada filial. Este ano era suposto ir o Carlos e eu. Mas depois ele lembrou-se de que isso ia dar muito nas vistas e era melhor não irmos juntos. E como ele já foi várias vezes e eu nunca fui, sugeriu que fosse eu na vez dele e que levasse comigo alguém que eu quisesse. E pronto, lembrei-me de ti. O que dizes?»

Fiquei a encará-la de olhos arregalados com tal proposta inesperada e aproveitei para terminar o meu *cappuccino* enquanto pensava numa resposta para lhe dar.

«Nem sei o que dizer. Gosto da ideia, mas estou aqui "há meia dúzia de dias", não sei se sou a pessoa indicada para ir contigo.»

«Se eu te escolhi, é porque és. Vens comigo ou não?» Chamaram pela Diana algures de um gabinete e começou a pressionar-me com o olhar. «Vens ou não? Preciso de uma resposta.»

«Está bem, está bem, eu vou contigo a esse congresso.»

«Linda menina! Já sabes os dias, vai preparando as malas!»

Apressou-se a regressar para a sua secretária para dar resposta a quem a tinha chamado e eu ainda me deixei ficar por alguns segundos a refletir sobre o convite que acabava de aceitar. Não houve tempo de me esclarecer do que é que se tratava exatamente e não sabia se estava à altura para representar a empresa fora do país com tão pouco tempo a trabalhar ali, mas fiquei entusiasmada.

Revelada a novidade, era tempo de voltar ao trabalho e, quando me preparava para abandonar a zona das máquinas para descer as escadas até ao piso inferior, dei de caras com o Dr. Silva, que acabava de as subir enquanto falava ao telemóvel.

«Já que está aí, tire-me um café e leve-o ao meu gabinete», pediu sem qualquer gentileza.

Dirigiu-se para o gabinete sempre a falar ao telemóvel e eu fiquei a olhá-lo do ponto onde estava, estupefacta. De imediato, uma irritação apoderou-se de mim, embora não fosse necessário muito esforço para ficar assim quando o assunto era o Dr. Silva. Mas o descaramento dele em ordenar-me um café levado ao gabinete era mais uma prova da falta de noção e abuso de poder daquele homem. Não me importaria de tirar um café a quem quer que fosse, desde que o pedido fosse feito com a gentileza exigível, mas isso era algo que, pelos vistos, não abundava

nele. No entanto, apesar do «por favor» não ter sido proferido, e como não me custava nada fazê-lo, fui tirar-lhe um café e levá-lo ao gabinete. Bati à porta, ouvi um «sim» e entrei. Ainda estava a falar ao telemóvel e decidi pousar o copo na secretária e dirigir-me para a saída, mas, antes que pudesse sair, ele retificou o pedido:

«Olhe, tire-me antes um curto.»

Voltei-me para trás e estava com o braço estendido para mim a segurar no copo, mas mais preocupado com a chamada do que propriamente comigo. Aliás, nem tinha a certeza se ele se lembrava de que a minha função não era tirar cafés. E foi nessa teoria que escolhi acreditar para não me sentir ainda pior por acatar o pedido.

Agarrei no copo e abandonei o escritório. Ainda pensei em beber o café para não o deitar fora, mas só de imaginar para quem ele estava destinado, tive náuseas.

Tirei um novo café, desta vez como ele pediu, e enquanto olhava para o café a cair no copo, muitas asneiras me passaram pela cabeça, mas, mais importante do que isso, comecei a encher-me de coragem para lhe dizer o que ele precisava de ouvir. Ainda que não me custasse nada fazer aquilo, aquele não era o meu papel e parecia-me o momento ideal para o confrontar com isso.

Peguei no copo e, quando entrei no escritório e olhei para ele, parecia que toda a coragem que tinha acumulado naqueles segundos tinha ficado à porta. Voltei a sentir-me cobarde, frágil e pequenina perante aquela figura desprezível.

Olhou para mim, pegou no copo, confirmou se estava ao seu gosto e, com a outra mão, entregou-me um monte de folhas.

«Já que vai para baixo, leve-me esta papelada e entregue aos seus colegas do departamento comercial.»

Agarrei no monte de papéis e fiquei bloqueada a olhar para ele à espera de que as palavras que eu lhe queria dizer vencessem a resistência imposta pelo medo da sua reação.

«Não me diga que quer uma gorjeta!», zombou.

Engoli as palavras que me disse, empurrei para baixo as que não lhe cheguei a dizer e fui-me embora.

Voltei ao trabalho e aquele bloqueio continuou a remoer-me durante o resto da manhã. Pensava que as palavras da Diana e as recentes

mudanças de atitude que conseguira demonstrar ao **Afonso** me tinham dado a confiança e segurança suficientes para enfrentar também o Dr. Silva, mas parecia que na hora da verdade continuava a quebrar. Tinha de admitir que a motivação que trouxera do fim de semana tinha sofrido um corte substancial depois daquela tentativa gorada e temi que isso afetasse os meus recentes avanços. No entanto, não havia nada a fazer a não ser refletir sobre o que me estava a impedir de me impor perante aquela figura e ninguém melhor para me esclarecer acerca disso do que a Diana. Por isso, quando a voltei a ver, desta vez no refeitório, aproveitei.

«Pensei que agora com os teus conselhos e os resultados que tive com o **Afonso,** ninguém me ia parar, mas afinal não é bem assim», desabafei com ela assim que me sentei à sua frente.

«O que é que aconteceu desta vez?»

«Oh! É o Dr. Silva!», barafustei. «Fez-me andar a tirar cafés e nem um "por favor" ou um "obrigado" me disse. Que raiva! E por causa da pessoa que era e da forma como me tratou, em vez de ser um simples favor para mim, foi um pequeno exercício de rebaixamento. E eu, feita parva, na hora da verdade, acanhei-me.»

«É engraçado, porque costumo vê-lo a passar por mim para ir à máquina tirar os próprios cafés.»

«Isso só me faz sentir pior, Diana. E não é engraçado.»

«Desculpa, estava a ironizar, mas é verdade o que disse. E sabes porque vai ele? Talvez porque não haja ninguém por perto com essa função determinada, nem ninguém que se sujeite a aceitá-la.»

«Pois, pelos vistos há alguém. Mas porque é que não me consigo impor e opor? Porque é que bloqueio?»

«Porque tens medo de alguma coisa. E esse medo advém naturalmente de alguma insegurança tua. No fundo, isto é como um novelo e temos de pegar na ponta e desenrolar. E a ponta é precisamente esse medo. Por isso, do que é que tens medo?»

«Tenho medo da reação dele e que me despeça, claro.»

«Pronto. É um medo legítimo, mas porque é que achas que tens medo de perder este emprego? Porque não acreditas que consegues outro tão bom ou melhor do que este em tempo útil. Certo?»

«Sim, acho que sim...»

«Pronto. Aí está a razão pela qual não te consegues impor. Porque no fundo não confias suficientemente em ti para resolveres os problemas que te pode trazer essa nova posição. Tu consegues reconhecer, pelo menos, que esse tratamento não é digno, o que já não é mau de todo, mas esse medo impede-te de agir contra o Dr. Silva e tu acabas por permiti-lo e tolerá-lo. E infelizmente isso acontece com tantos de nós e nas mais variadíssimas situações. Mas se queres que isso deixe de acontecer, das duas, uma: ou ligas o "que se foda" dentro dessa cabecinha e seja o que Deus quiser, ou começas a fazer o exercício de mentalização de que se conseguiste este emprego, também consegues outro tão bom ou melhor. E mesmo que não seja tão bom ou melhor, onde pelo menos te tratem bem. Quando te consciencializares disso, estou certa de que esse "que se foda" ligar-se-á naturalmente e esse bloqueio desaparece.»

«Isso na teoria é fácil, mas na hora...», murmurei.

«Não me venhas com essa lengalenga. Se conseguiste aplicar com o **Afonso**, também consegues com o Dr. Silva e com qualquer pessoa com quem te cruzes. Basta teres estes conceitos assimilados. Vê se aprendes comigo, que eu não duro sempre. Os teus pensamentos não devem dominar as tuas ações, mas sim o contrário. Porque tens mais controlo sobre as ações do que sobre os pensamentos, que são mais voláteis e imprevisíveis. Deixa-me ver se me ocorre algum exemplo». Ficou pensativa por um bocado. «Imagina quando estás triste e tens pensamentos desanimadores, tu tens tendência a agir de acordo com os pensamentos, como qualquer pessoa. Ficas mais por casa, abominas a diversão, ouves músicas melancólicas. Isto é o tipo de coisas que não podes fazer. Tens de fazer precisamente o oposto para contrabalançar esses pensamentos e afugentá-los, senão eles vão ganhar cada vez mais força. Choras o que tens a chorar, mas depois, mesmo sem vontade, tens de rir e cantar. E em casos como o Dr. Silva, se tens medo, tens de ir na mesma. Se te sentes insegura, tens de levantar a voz na mesma.»

«Sim... eu sei... mas eu só ajo de acordo com aquilo que sou.»

«Se ages de acordo com o que és, vais continuar a ser o que és. Se ages de acordo com aquilo que queres ser, vais começando a tornar-te naquilo que queres ser porque os resultados que obténs vão começando

a moldar-te. Isto funciona para os dois lados. Tu deves ter reparado nisso com o **Afonso**. Tu tomaste uma atitude, ainda que não fosse esse o teu estado de espírito, e essa atitude trouxe-te um resultado, e esse resultado melhorou o teu estado de espírito, e essa melhoria deu-te ainda mais força para mais atitudes. É um sistema circular que se autoalimenta. Não é incrível?»

«Estás a dizer que tenho de tomar uma atitude com o Dr. Silva, independentemente do meu medo, e esperar que essa atitude me traga bons resultados. E se não trouxer?»

«Se não trouxer, é como no dia do nosso jantar. Aceitas, superas e, acima de tudo, sentes-te orgulhosa de ti mesma por teres conseguido levantar a voz para impor as tuas vontades e estabelecer os teus limites. Está bem, pequenina? Agora, come.»

Era impressionante como as palavras dela me galvanizavam. Não havia dúvidas de que, quando me sentisse mais descrente, bastava falar com ela para me sentir de novo motivada. E foi esse estado de espírito que tentei manter o resto do dia. Um dia que culminou com uma visita inesperada lá na empresa.

Quando chegou a minha hora, arrumei as minhas coisas e dirigi-me para a saída. À minha espera, sentado nos sofás da receção, estava o **Afonso**, com o seu ar atrevido e seguro de si mesmo, e com um aspeto visivelmente melhor. Fitei-o com um ar inquisitivo e ele esclareceu de imediato a sua presença.

«Dei-te uma chave, mas não tive oportunidade de te dar esta», disse, exibindo a chave do *Mini Cooper*.

«**Afonso**, já falámos sobre isso. Podes levar a chave de volta. Já te expliquei que não quero nada dado.»

Avancei para a saída e ele saiu atrás de mim.

«Para levar a chave, tenho de levar o carro porque trouxe-o comigo.» Vi o carro estacionado na rua em frente. «E não estou a dar. Estou a emprestar. Assim não tens desculpas para não visitares os teus pais. Isto tudo foi indiretamente para os ajudar a eles, que até foram muito simpáticos comigo quando lá fui. Por isso agora não é correto privá-los de verem a filha com regularidade.»

«Mas eu não me sinto bem. Não quero e não gosto.»

«Pois, mas eu também não me sinto bem em ter o carro parado em

casa e tu a precisares dele. Entendes que também é desconfortável para mim, certo? Por isso aceita esta cedência enquanto não encontro uma solução melhor. É só uma cedência, prometo.»

Estendeu-me as chaves mais uma vez e eu soltei um suspiro e baixei o olhar para o chão antes de o encarar de novo.

«Se eu aceitar, é por muito pouco tempo, garanto-te.»

«Então estamos de acordo nesse aspeto.» Abanei a cabeça e agarrei nas chaves. «Agora vou precisar que me dês boleia para casa, uma vez que vim neste carro. Levas-me?»

27

Seguimos então para o carro e, assim que entrei, uma estranha nostalgia abalroou-me. Não era só a sensação de voltar a sentir o meu carro, mas também o contexto em que aquilo acontecia. Era como se tivesse voltado a viver um passado que tinha sido incrível, mas com a amargura de já não me pertencer. E o que tornava aquela nostalgia estranha era que tanto se aplicava ao carro como ao **Afonso**. Ambos, de certa forma, me haviam pertencido e tinham sido incríveis, mas naquele momento nenhum me pertencia e, ainda assim, ali estava eu, na companhia dos dois.

«Saudades?», perguntou-me.

«Talvez... Mas tenho aprendido a deixar no passado aquilo que lhe pertence para não boicotar um futuro que pode ser melhor.»

Aquela frase saiu melhor do que eu estava à espera e acabou por soar a indireta, mas também não a justifiquei e deixei-o pensar o que tivesse de pensar. Liguei o carro e pu-lo em marcha.

«Recuperaste bem», comentei para puxar assunto.

«Pelo menos as dores já foram embora.»

«Então já não há desculpas para não abrirmos aquela porta.»

Olhou-me para tentar perceber se estava a falar a sério.

«Se não te importares de ir lá, estando lá a Mafalda...»

«Ai essa é a tua nova desculpa para adiares o inevitável?»

«Seria uma desculpa que daria a mim próprio se ainda tivesse o poder de decidir quando entrar naquele escritório.»

«Parece que está a ser difícil encontrar um apartamento para ela. Era isso que tinha para te dizer no sábado?»

«Falou-me disso, sim. Disse que não estava a encontrar nada ao seu gosto e que poderia ter de ficar lá mais algum tempo.»

Assenti com a cabeça, tentando passar a imagem de que aquela informação não me fazia diferença, mas o meu silêncio inadvertido denunciou o meu desagrado.

«Em relação ao facto de ela estar no teu apartamento, não te preocupes. Será quando tiver de ser. Com ou sem ela lá. E não, não

será hoje, por isso podes ficar descansado. A Mafalda disse-me que depois te ligava para perguntar como estavas...»

«Sim, ligou-me ontem, mas vamos continuar a falar dela?»

Nem eu sabia porque estava a puxar aquele assunto. Talvez porque sentia que tinha ganho muitos pontos recentemente e isso me dava esperança de ouvir algo que me agradasse sobre aquele tema. Além disso, também me sentia mais segura e conformada caso tivesse de ouvir algo menos agradável.

«Só estava a comentar. É quase inevitável não vir à conversa, já que foi a razão de nós estarmos como estamos.»

«Eu já te disse que a razão sou eu, Inês. Raios!», gritou.

Logo depois, baixou a cabeça e agarrou nela como se estivesse a tentar conter-se. Aquela reação surpreendeu-me e assustou-me. Na impossibilidade de encostar o carro, abrandei.

«Que reação foi essa? O que é que se passa?»

Não me respondeu logo e notei que a sua respiração estava pesada. Decidi não insistir, pois não sabia o que ia na cabeça dele e não queria piorar a situação. Aos poucos, foi ficando mais calmo, até que voltou a libertar a cabeça e a descontrair.

«O problema sou eu, Inês... Só isso», repetiu num murmúrio.

«Não sei de quem é o problema, **Afonso**. Talvez até seja meu. O que sei é que foi depois de ela voltar que tu te afastaste, por isso não tenho muitos motivos para acreditar no contrário.»

«Sim, foi depois de ela voltar, mas isso não significa que me tenha afastado por causa dela. Pelo menos, diretamente. Acho que já te transmiti esta ideia por diversas vezes.»

«Se a desenvolvesses, talvez isso me ajudasse a entendê-la.»

Fez uma demorada pausa antes de me satisfazer o pedido.

«Até ao fim do meu relacionamento com a Mafalda, eu era uma pessoa romântica, carinhosa e meiga», começou então por explicar. «E depois do fim, tornei-me numa pessoa insensível, arrogante, fria, agressiva, etc. Tudo isto como um mecanismo de defesa para dominar a dor que me assolava. E depois do acidente, tornei-me ainda noutra. Que nem era uma coisa nem outra. Era um meio termo entre o bem e o mal. Entre a noite e... o luar. E é nesse equilíbrio que eu tento manter-me desde então. No entanto, o regresso da Mafalda foi como um portal que

se abriu ao meu passado. E dele saíram muitos fantasmas em forma de lembranças que tentam empurrar-me de volta para a fase mais negra da minha vida. Uma fase da qual resultaram consequências que me atormentam ainda hoje. Não foi há muito tempo que voltei a uma fase idêntica, depois da morte do *Dark*, e não foi nada bonito. No fundo, ele era como uma boia que me ajudava a manter à superfície, até porque era o meu melhor amigo e companheiro, mas foi-me tirado à força. Mais tarde, o sentimento que descobri por ti foi como uma mão que me agarrou e me impediu de me continuar a afundar em mim mesmo.»

«E decidiste soltar essa mão porquê?»

«Porque esta espécie de portal que se abriu é como uma força que me puxa para baixo e eu não quero correr o risco de te trazer comigo. Tive de libertar-te. Não tens de levar com estes distúrbios. Não tens de sofrer com os meus desequilíbrios.»

«Essa é uma escolha que deveria ser feita por mim! Mas claro...», soltei um suspiro irónico. «Claro que tu não podias arriscar ser novamente trocado ou abandonado por eventualmente eu não suportar esses teus distúrbios. Ou então por não conseguires corresponder às minhas expectativas por não te sentires nas tuas totais faculdades. E para ti foi mais seguro adiantares-te. Agora faz tudo mais sentido na minha cabeça.»

«O que é que estás a querer dizer com isso?»

«Estou a querer dizer que a tua intenção foi apenas dissolver um compromisso que te começou a aterrorizar uma vez que as coisas começaram a sair do teu controlo. No entanto, nunca esteve nos teus planos deixar-me ir totalmente e perder as coisas boas que poderia dar-te. Por isso é que decidiste afastar-te, mas continuas a procurar-me e a seduzir-me. O teu único trauma é com o compromisso e, por sua vez, com a possibilidade de seres novamente deixado por alguém que, quero acreditar, tu amas. Uma possibilidade que ganhou força por causa desse portal que se abriu, como dizes.»

Pude aperceber-me pela minha visão periférica de que ele ficou a considerar a explicação que eu tinha apresentado.

«Eu não seria assim tão cobarde», disse sem convicção.

«Eu gostava de acreditar que não, mas quem me garante que não o estás a fazer de uma forma inconsciente? Ainda ontem colocaste essa

hipótese quando te confrontei com um cenário semelhante. Disseste-me que pelo menos conscientemente não o estavas a fazer. Às vezes temos atitudes que não sabemos de onde vêm e afinal não passam de manifestações de medos e inseguranças nossas. Hoje mesmo percebi isso lá no trabalho quando... Bem, não interessa. Mal por mal, gostava de acreditar que é esta a razão para me mandares embora, mas ainda assim me manteres a meia distância, já que o outro cenário que me ocorre é bem pior...»

Ergueu o rosto para mim à espera de que eu esclarecesse que cenário era esse e como eu já estava a chegar ao prédio dele, decidi aguardar. Assim que parei o carro, tirei o cinto e continuei:

«O outro cenário que me ocorre é que estás a manter-me a meia distância porque queres estar disponível para tentares de novo com a Mafalda. Desta forma isso não implicaria uma traição, já que isso seria ir contra os teus princípios, mas ao mesmo tempo permitia-te voltar para mim caso essa tentativa falhasse. Isto é, claro, se eu te aceitasse de volta. O que não seria provável.»

«Não, não, não!», negou compulsivamente.

Não percebi se aquela negação perentória era resultado da sua convicção ou se, pelo contrário, era uma forma de se convencer.

«Sabes que não seria um caso raro. O que mais há são homens assim. E eu não queria estar no papel das mulheres que sabem o que está a acontecer, mas não querem admitir para não se sentirem ainda pior pela figura que fazem à espera desses homens.»

«Não chames homens a esses tipos. Eles não merecem esse título. Não passam de ratos cobardes», vociferou com raiva. «Se a versão anterior já era improvável, esta nem hipótese chega a ser. Aliás, se eu me afastei de ti, foi precisamente para ser o mais íntegro possível e continuar a merecer o título de homem.»

«No entanto, continuas a procurar-me...»

«Talvez tenhas razão...»

Suspirou de um modo lento e pesaroso. Os ombros abateram ligeiramente e, a julgar pela sua linguagem corporal, parecia que se tinha rendido, finalmente, aos meus argumentos.

«Talvez o motivo para isto tudo estar a acontecer seja um medo meu. O meu medo de sofrer por tua causa, não vou negar, mas acima de tudo,

e principalmente, de te magoar de uma forma que poderia ter evitado. Foi por isso que me afastei, mas às vezes o meu egoísmo fala mais alto e faz-me esquecer daquilo que é o mais correto. Mas prometo que me vou esforçar para que isso não volte a acontecer. Obrigado por essa chamada de atenção.»

Saiu do carro e eu comecei a pensar que tinha dito algo que não devia. Aquela reação não tinha sido prevista por mim.

Saí também do carro e fui atrás dele.

«Onde é que vais? Eu chamei-te à atenção para que pudesses corrigir, mas parece que para ti é mais fácil desistir.»

Parou e virou-se para mim.

«A melhor forma de corrigir é manter-me longe de ti e já percebi que não o estou a fazer como devia, mas agora vou fazê-lo.»

«Não disseste que querias merecer o título de homem? Acho que homem que é homem enfrenta os problemas. Não foge deles.»

«Não estou a fugir dos problemas, estou apenas a evitar arrastar-te para o meio deles. Nesta pequena conversa mostraste-me vários exemplos da pessoa que não quero voltar a ser. Exemplos daquilo que eu teria feito sem qualquer remorso no intervalo de tempo entre o afastamento da Mafalda e o meu acidente. Talvez sejam já subtis manifestações desse monstro que ainda vive algures aqui dentro. Não quero que sejas mais uma vítima.»

Voltou-se de novo e seguiu para a porta do prédio.

«Então e o desafio que me propuseste e a chave que me deste?»

«Deita-a fora», atirou sem se virar.

«Merda! Porque é que tens de ser assim?»

Aquela última pergunta saiu-me mais como um desabafo do que como uma pergunta, pois nem sequer foi proferida com volume suficiente para ser ouvida.

Ele desapareceu para o interior do edifício e eu entrei no carro e arranquei, transmitindo para o pedal do acelerador a irritação que me consumia naquele momento. Esqueci-me até de que não conduzia aquele carro há já algum tempo, mas parecia que o meu organismo não se tinha desabituado.

Assim que estacionei em frente ao meu prédio, o meu telemóvel começou a tocar e vi que era a minha mãe. Pensei em rejeitar a

chamada e telefonar mais tarde, mas não queria ser injusta com a minha mãe por causa do **Afonso** e por isso atendi.

«Estou, mãe? Como é que estás?»

«*Estou bem, filha. Já sabes quando é que vens cá?»*

«Olha, por acaso, já consegui um carro para ir aí.»

«Que bom! Sabes, o teu pai já conseguiu dar uns passos sem ajuda hoje, foi muito especial. Até foi por isso que te liguei. Tive pena de que não estivesses aqui para ver.»

«Oh! Mas que boa notícia! E chegou numa altura em que estava mesmo a precisar. Estava a pensar ir aí no fim de semana.»

A minha mãe continuou a falar e, enquanto a ouvia, comecei a lembrar-me das palavras da Diana nesse mesmo dia sobre como usar as ações para combater os pensamentos e estados anímicos menos bons. E percebi que depois daquela fase desgastante que estava a viver com o **Afonso** (e de mais uma reviravolta), talvez fosse boa ideia antecipar uma visita aos meus pais. Algo me dizia que essa visita seria boa para mim. E não era apenas pelas saudades.

«Sabes que mais, mãe?», interrompi-a. «Eu não vou aí no fim de semana. Vou já amanhã.»

28

Assim que saí do trabalho, fiz-me à estrada até Aveiro.

Como ia de carro, era uma viagem de ida e volta que se fazia facilmente durante a semana, ao final do dia. Caso tivesse de ir de transportes públicos, teria de esperar pelo fim de semana para ser viável em termos de tempo útil, daí a diminuição da frequência das visitas a casa dos meus pais. Mas já não tinha a desculpa do carro e, além disso, tinha uma infinidade de razões para os visitar, por isso não podia esperar mais e aproveitei aquele final de dia.

A viagem até Aveiro fazia-se em menos de uma hora e pelo caminho tive tempo de refletir no momento que estava a atravessar na minha vida, com especial foco no campo do amor.

Tinha consciência de que aquilo que estava a viver com o **Afonso** não era saudável, uma vez que era indefinido, instável, cansativo e desgastante, mas, ao mesmo tempo, não me sentia preparada para abandonar o barco. Sabia que, ao continuar assim, não demoraria muito a passar por cima do meu amor próprio. Contudo, enquanto sentisse que valia a pena e que havia condições para reverter as mudanças recentes, sentia-me na obrigação para comigo mesma de fazer alguma coisa. Tal como de desistir caso me apercebesse do contrário.

A minha mãe veio receber-me à porta ao aperceber-se da minha chegada e imaginei logo qual seria a sua primeira pergunta.

«Então não tinhas vendido o carro?»

«Também tinha muitas saudades tuas, mãe», cumprimentei-a em jeito de indireta, ao mesmo tempo que lhe dava um abraço. «Sim, mãe, vendi-o, mas a pessoa que mo comprou teve a gentileza de mo ceder para te vir visitar. Já viste que sorte?»

«Oh, filha, sabes que nunca fui a favor disso, já te disse que não precisavas de o ter vendido, pois a gente ainda tem algumas poupanças.»

«Não me faz diferença nenhuma. Eu comecei a pagar os tratamentos, agora quero acabar. É o mínimo que posso fazer por vocês e para mim será uma grande conquista.»

«Mas foste vender o carro e agora vens cá poucas vezes, por isso não me parece que tenhamos ficado a ganhar.»

«É só até arranjar um mais baratinho, mãe. E, entretanto, ando com este... emprestado. Está tudo controlado.»

«Então, mas vendeste o carro a alguém conhecido?»

«Foi o **Afonso** que o comprou...»

«Quem? O teu namorado?»

«Já nem sei, mãe. Onde é que está o pai?»

«Está lá dentro. Precisas de ajuda para levar alguma coisa?»

«Não trouxe nada, só uma enorme vontade de vos abraçar.»

Seguimos para dentro de casa e fui direta ao quarto do meu pai. Encontrei-o sentado numa poltrona adaptada a um dos cantos e, assim que me viu, os seus olhos brilharam. Não vi os meus, mas não tive dúvidas de que refletiam o brilho dos dele.

«Como é que está o meu super-herói?»

«Um super-herói que pensava que podia voar», brincou.

Se havia coisa que admirava no meu pai era o seu positivismo e sentido de humor. Por pior que as coisas estivessem, havia sempre uma saída de emergência, um plano B, um ponto de vista de onde as coisas pareciam menos graves. E ele era um especialista a encontrá-lo. Não tinha dúvidas de que essa forma de encarar a vida tinha sido o melhor tratamento para a sua recuperação.

«A mãe contou-me que já dás uns passos sem ajuda de ninguém. Posso ver esse truque?»

«Quem não gosta de se sentir de novo criança?»

Eu e a minha mãe ajudámo-lo a levantar-se, e ele depois caminhou sozinho até à porta do quarto e voltou, ainda que eu e ela estivéssemos sempre por perto, não fossem as forças faltar-lhe a qualquer momento. Soube-me pela vida ouvir os meus pais a relatarem os avanços dos últimos dias, uma vez que, enquanto os ouvia, senti uma esperança que já não me lembrava de sentir. Quando voltámos a sentar o meu pai, e já depois de eu estar a par de todas as novidades, a minha mãe agarrou-me pelo braço e levou-me para a cozinha.

«Anda, vem ajudar-me a preparar o jantar e enquanto isso aproveitas e contas-me o que se passa.»

«O que se passa? Como assim? O que queres saber?»

«Quero saber o que se passou com o **Afonso**. Acabaram?»

«Oh! Não vou falar sobre isso, mãe. Já tenho duas mulheres a aconselharem-me diariamente, não preciso de mais uma.»

«Pois, mas nenhuma delas é tua mãe. Podes começar.»

Ela tinha razão e deixou-me sem outra alternativa que não fosse contar-lhe. Enquanto preparávamos o jantar, fiz-lhe um breve resumo dos acontecimentos recentes com o **Afonso**, embora sem referir partes que me comprometessem muito. Ela limitou-se a ouvir-me com atenção e depois disse de sua justiça:

«Em primeiro lugar, deixa-me que te diga que aparentemente tu tens uma queda para rapazes assim meio complicados e não gosto muito disso, mas enfim, a vida é tua e tu é que sabes. Pelo menos, este agradou-me mais do que o anterior e isso dá-me alguma esperança, mas também não é a mim que tem de agradar, é a ti. O que te quero dizer é que não basta haver amor para duas pessoas ficarem juntas. Não basta gostarem uma da outra. Se eu e o teu pai estamos prestes a completar 25 anos de casados, não é só porque gostamos muito um do outro, é também porque, além de esse sentimento existir e de ser recíproco, nós somos muito compatíveis. E isso é fundamental para uma relação durar. E durar com qualidade. Mas nestes 25 anos é claro que passámos por várias fases. Como todos os relacionamentos. E algumas delas nada boas. Mas quando elas aparecem, é preciso perceber se é daquelas fases que vêm e vão ou daquelas que vêm e ficam. Porque isso muda tudo. No teu caso, como me disseste que isto começou com o regresso dessa rapariga do passado dele, mas que ela em breve se vai embora, pode indicar que se trata de uma fase passageira. Digo eu...»

«E o que fazias para ultrapassar essas fases com o pai?»

«O que é que eu fazia? Olha... Tentava ser compreensiva. Mas sem ser demasiado», ressalvou em tom de alerta. «E depois tentava lembrar-me, a mim e a ele, do que tínhamos sido e do que ainda poderíamos ser se acreditássemos mais em nós. Percebes?»

«Mais ou menos...», murmurei.

Pegou num pacote de massa e despejou-o dentro da panela, e eu, que não tinha muito mais em que a pudesse ajudar no jantar, tratei de pôr a mesa. Pouco depois, juntou-se a mim.

«Estava aqui a lembrar-me de que uma vez, ainda tu eras pequenina,

as coisas entre mim e o teu pai não estavam nada bem. Ele andava preocupado por causa do trabalho e eu também andava com uns problemas e estávamos a passar uma fase mesmo difícil. Até que me lembrei de pegar em ti e nele e irmos passar um fim de semana fora. Mas não foi a um lugar qualquer. Fomos passar um fim de semana à terra onde nos tínhamos conhecido e onde acho que nunca tínhamos voltado. Olha, pareceu remédio santo porque as coisas foram começando a entrar nos eixos desde então.»

«Essa ideia de voltar ao ponto de partida foi para se lembrarem do quão desafiante e ao mesmo tempo recompensadora foi essa caminhada que fizeram juntos? Foi bem pensado», sorri.

«Olha, filha, foi do que me lembrei. Podia ter-me dado para pior, mas por acaso até correu bem.»

«Talvez porque nesse tempo as pessoas não eram de desistir de uma relação logo à primeira dificuldade.»

«Era uma época diferente, hoje em dia o que a juventude gosta é de andar a saltar de um ramo para o outro como os macaquinhos e de andar a picar aqui e acolá como as galinhas. Mas enfim, mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, e este mundo é para quem o consegue acompanhar.»

Aos poucos, a conversa foi-se desviando do tema, até que dei por mim a debater com a minha mãe as peripécias dos últimos episódios da nossa telenovela favorita. Pronto o jantar, eu mesma trouxe o meu pai para a sala, na sua cadeira de rodas, e jantámos juntos sem pressa de me vir embora. Fiz mesmo questão de esperar que chegasse a hora de eles se irem deitar para me despedir. Passava já da meia-noite quando entrei no carro para regressar ao Porto.

Na viagem, agora sem distrações e sozinha comigo mesma, as palavras da minha mãe voltaram à minha cabeça. No início, aquele episódio que me contou de quando a relação com o meu pai não estava muito bem não se encaixava no meu caso, mas aos poucos comecei a ponderar a possibilidade de estar errada. Como tinha algum tempo até chegar a casa e tinha de pensar em alguma coisa, comecei a estudar o leque de possibilidades de como poderia tirar proveito da sabedoria da minha mãe. Lentamente, as ideias começaram a ganhar forma, até que, quando cheguei a casa, uma delas me pareceu razoável e concretizável.

No entanto, estava dependente de terceiros para a levar avante.

«Então? Como é que estão essas saudades dos papás?», perguntou a Filipa desde a casa de banho assim que me viu entrar.

«Foi pouco tempo, mas soube-me muito bem.»

Aproximei-me da casa de banho. A Filipa estava debruçada sobre o lavatório, de pinça na mão, a fazer as sobrancelhas.

«Se ficarem mal, não gozes comigo.»

«Vão ficar perfeitas, fica tranquila. Olha uma coisa...» Ela congelou e olhou-me através do espelho à espera de que eu continuasse. «Como é que estão as coisas com o Miguel?»

«Estariam melhores se não nos tivesses apanhado e se não tivesses falado de mais com quem não devias.» Cerrei os dentes, aceitando a boca. «Mas porque é que queres saber?»

«Porque tive uma ideia e vou precisar da ajuda dele...»

29

Parecia-me uma boa ideia e, além do mais, era simples e prática, mas era necessário esperar por uma boa oportunidade, que só viria a surgir precisamente no dia da viagem para Madrid. Nesse dia e nos dois seguintes, eu e a Diana tínhamos sido dispensadas, por isso tinha a manhã livre para fazer o que tinha planeado.

Vesti uma roupa desportiva, meti o meu *Biju* no carro, devidamente acomodado, e fui até ao parque onde o **Afonso** ia quando queria fazer as suas corridas matinais.

O plano era o Miguel pedir ao **Afonso** para o avisar quando fosse correr para que se pudesse juntar a ele. E, numa dessas vezes, que não poderia ser das primeiras, para não ser óbvio, o Miguel iria avisar-me de que iam correr, e eu, por «coincidência», estaria por lá a passear o meu *Biju*. O que de resto já era habitual, apenas não era no parque onde eles iam correr. Como também ele já tinha feito algo semelhante comigo, e também com a ajuda de amigos em comum, aquela era, portanto, uma excelente oportunidade para retribuir o gesto e reeditar o nosso primeiro encontro. Ao mesmo tempo, era uma forma de testar se aquilo que a minha mãe fez com o meu pai, de voltar ao ponto de partida, dava mesmo resultado.

Assim que cheguei ao parque, coloquei a trela no meu cão e fomos dar um passeio. O Miguel tinha-me dito que naquela manhã o **Afonso** o tinha convidado para irem correr e por isso era previsível que àquela hora eles também estivessem ali.

Mais do que nunca, senti que os papéis se tinham invertido, tal como a Filipa já havia augurado tempos antes, e como a arte da conquista não era propriamente a minha praia, só me restava imitar quem de verdade entendia disso.

Quando iniciei o passeio, apercebi-me de que o meu coração estava acelerado, mas depois de uma pequena volta e algumas paragens pelo meio, já que o *Biju* queria marcar todas as árvores pelas quais passávamos, a minha ansiedade foi diminuindo. E foi talvez esse relaxamento que permitiu que eu tivesse uma reação de genuína

surpresa quando, mesmo à minha frente, surgiram eles a caminhar, já visivelmente cansados e suados. Os olhares deles caíram de imediato em mim e eu estanquei.

«Olhem só quem é que encontramos aqui», gracejou o Miguel em jeito de cumprimento, sob o olhar intrigado do **Afonso**.

«O que é que vocês estão aqui a fazer?», indaguei.

«Eu vim desanuviar a cabeça, ele veio queimar esta barriguinha», brincou o Miguel, afagando a barriga do amigo. «E tu?»

«Passear o *Biju*...»

Ele aquiesceu com a cabeça e deixou que um ambiente constrangedor se instalasse antes de se afastar.

«Bom! Eu espero por ti no estacionamento.» Bateu-lhe no ombro e retomou a corrida. «Gostei de te ver, Inês.»

Ficámos por um momento a vê-lo afastar-se e depois o **Afonso** focou o olhar em mim e no *Biju*.

«Vieste passeá-lo para longe», comentou desconfiado.

«Não passeio o meu cão sempre no mesmo parque, desta vez por acaso viemos a este.» Percebi que a melhor forma de parecer um acaso era demonstrar que não queria aquele encontro. «Mas nós já íamos embora, não é, meu pequenote?» Baixei-me para afagar o pelo do *Biju*. «Não deixes o Miguel à tua espera.»

Retomei também eu a marcha em direção ao estacionamento, mas como sabia que ele também ia para lá, a probabilidade de se oferecer para me fazer companhia era muito elevada.

«Eu faço-te companhia.»

Juntou-se a mim na caminhada até ao estacionamento e eu ia sorrindo por dentro com aquela pequena conquista. Alguns passos à frente, foi ele a iniciar o diálogo.

«É dia de semana, estás de folga?»

«Mais ou menos, tenho uma viagem de negócios para fazer hoje e a empresa deu-me o dia para preparar a mala.»

«Mas tu preferiste vir passear com o cãozinho.»

«Eu sou mulher, **Afonso**. A mala já está pronta há muito.»

A expressão dele foi de quem tinha consciência de que acabara de se precipitar na conclusão. E, talvez por isso, decidiu mudar de assunto quase de imediato.

«Não me disseste mais nada depois daquela despedida à porta do meu prédio. Vejo que agora te empenhaste tanto quanto eu em evitar entrar em situações de indefinição.»

«Tento evitar porque não gosto de estar nessas situações, mas também não gosto que me imponham alguma condição que eu não queira e não ache que seja estritamente necessária, principalmente se também não é o desejo da outra pessoa. Como foi o caso. Mas estou a tentar respeitar a tua escolha e deixar entregue ao destino a responsabilidade de fazer ou não alguma coisa. Mas a julgar por este encontro, parece que ele está a mexer os cordelinhos.»

«É... Parece um *dejà vu*», murmurou. Depois, deu mais alguns passos em silêncio e continuou: «A principal diferença é que tu ainda tens o teu *Biju*, mas eu já não tenho o meu *Dark*.»

«E não pensas adotar outro?»

«Não! O *Dark* era o *Dark* e nenhum outro o poderá substituir. Admito que inicialmente o comprei pelo seu aspeto físico. Havia uma razão concreta para eu querer um Husky Siberiano, mas...»

«Por ter traços físicos semelhantes aos de um lobo, não é?» Olhei-o de relance e o olhar dele estava fixo no horizonte. «Posso saber que ligação é essa que tens com os lobos?»

«Não são animais maravilhosos?», indagou com nostalgia.

«São bonitos, mas não gostava de me cruzar com nenhum.»

Apercebi-me de que já estávamos a chegar ao estacionamento e abrandei a passada para aproveitar mais aquele bocadinho.

«Por norma, eles não atacam humanos, a não ser que se sintam ameaçados. Mas é um animal com que me identifico, que faz parte da minha história e que teve influência na pessoa que sou.»

«A tua tatuagem...», murmurei.

«O que é que tem a tatuagem?»

«Disseste-me uma vez que era o desenho das marcas deixadas pelas garras de um lobo. Será que já foste atacado por algum?»

Soltou um riso fugaz.

«Não!», respondeu prontamente. «Mas já convivi de perto com eles, quando era mais novo.»

«Então tem alguma coisa que ver com o *Dark*?»

Desta vez, já não me respondeu tão depressa.

«Também não. Surgiram na mesma altura e mais ou menos com o mesmo propósito, mas não estão diretamente ligados.»

«E se antes não me disseste a história por detrás dessa tatuagem, muito menos o farás agora. Estou certa?»

«A contar, que seja no local apropriado.»

«E que local é esse?»

«Saberás quando te contar. Se algum dia te contar.»

Entretanto chegámos junto do meu carro e, uns metros à frente, vi que o Miguel fazia alongamentos num banco de jardim. Sabia que o pretexto óbvio para estarmos juntos tinha, teoricamente, chegado ao fim, mas não estava com ideias de me ir já embora. Por um lado, precisava de um assunto novo, por outro, não queria passar a ideia de que estava a puxar conversa.

«Já resolveste a situação deste carro?», questionei-o.

«Estou a tratar disso.»

«Ai, sim? E o que é que já fizeste, posso saber?»

«Já tomei a decisão de tratar disso.»

Cruzei os braços e fulminei-o com o olhar.

«Depois da decisão, é preciso ação. Eu agradeço-te a disponibilização do carro, que já me deu jeito para visitar os meus pais, mas ficou claro que o empréstimo seria por pouco tempo.»

«Ainda não me disseste para onde é essa viagem de negócios», disse ele para mudar de assunto.

«É importante?»

«Falaste nisso e fiquei curioso.»

«Madrid. É um congresso com diferentes filiais da seguradora. Mas depois de amanhã já estarei de volta.»

«Muito bem... E vais só tu?»

«Vou eu e a Diana», respondi prontamente.

«Vais a Madrid com a Diana?», perguntou. A expressão dele mudou e pareceu-me que não gostou da notícia. «Será que vais aguentar a pedalada dela? Ainda por cima numa cidade espanhola?»

«O que é que queres dizer com isso?»

«Nada em especial, a mentalidade espanhola é completamente diferente da daqui. Mais aberta e mundana. Penso que tem muito que ver com ela, mas para ti será mais... desafiante. Só isso.»

Agora tinha a certeza de que não lhe agradava muito a ideia de eu ir para Madrid com a Diana e não pude desperdiçar aquela oportunidade para picá-lo e deixá-lo ainda mais incomodado.

«Tenho convivido com ela e acho que me tem feito muito bem. Sinto que a minha mente está mais aberta e, consequentemente, os olhos também. E isso permite-me ver coisas que não via antes. Nomeadamente, muitas oportunidades e possibilidades.»

«E Madrid é repleta delas...», pensou em voz alta.

«Mais do que no Brasil?»

«Não conheço tão bem, mas não será muito diferente. Contudo, quando fui para o Brasil, foi em trabalho.»

«Mas de certeza que te divertiste de diferentes maneiras, até porque não devias justificações a ninguém. Comigo é igual. Vou em trabalho, mas na esperança de também me divertir.»

Ele já não conseguia disfarçar o incómodo e aquilo estava a dar-me um gozo particular, mas não quis explorar demasiado.

«Bem, é melhor ir andando. Ainda há um conjunto de coisas que queria fazer antes da viagem e não me posso atrasar.»

Peguei no *Biju* e pu-lo no carro. O **Afonso** manteve-se por perto a observar-me e quando entrei no carro, ele interveio.

«Vê se me trazes uma lembrança de Madrid.»

Aquela proposta apanhou-me de surpresa.

«Queres uma lembrança de uma viagem que não fizeste?»

«Lembrei-me de te pedir, mas só trazes se quiseres.»

Aquela era mais uma estratégia, voluntária ou não, de me fazer pensar nele durante a viagem, já que teria de pensar no que trazer. Contudo, até gostei da ideia e do que nela estava implícito, por isso fiz de conta que não sabia das suas verdadeiras intenções.

«Pode ser que te traga qualquer coisa. Se te trouxer, eu mesma passo em tua casa quando vier para te entregar. Se não passar lá, já sabes que não há lembrança para ninguém.»

Aquiesceu com a cabeça e liguei o carro. Ficou a observar-me enquanto fazia as manobras e não arredou pé enquanto não desapareci do seu campo de visão.

Fui para casa e aproveitei o tempo que ainda tinha livre para verificar a mala de viagem e certificar-me de que não me faltava nada, mas, a

meio da tarefa, fui interrompida pelo telefonema de um número que não conhecia. Não gostava nada de atender aquelas chamadas, mas pensava que podia ser alguma coisa importante e acabava sempre por atender. Como foi o caso.

«Estou? Quem fala?»

«*Olá, Inês. É a Mafalda, do apartamento. Precisava de falar contigo. Tens um minuto?*»

30

Por não conhecer o número, já supunha que fosse alguém que eu não esperava, mas mesmo assim nunca pensei que fosse a Mafalda. Além de que não fazia ideia de como é que ela tinha conseguido o meu número. Mas esforcei-me para parecer natural.

«Olá, Mafalda... Por acaso estou com um pouco de pressa, pois tenho uma viagem para fazer hoje, mas tenho um minuto, sim.»

«*Sendo assim, se calhar é melhor ligar noutra altura*.»

«Não, não, podes falar. O que é que era?»

«*Não é nada de importante. Tu tinhas-me dito que trabalhavas numa seguradora e achei que poderias esclarecer-me algumas questões. Mas se estás ocupada, fica para depois*.»

Se já não estava à espera de uma chamada da Mafalda, muito menos esperava que o objetivo dessa chamada fosse profissional. O que, convenhamos, não sabia se era melhor ou pior.

«Se for dentro da minha área de conhecimento, claro que sim. O que é que querias saber? Queres fazer algum seguro?»

«*Mais ou menos, queria primeiro saber como funciona.*»

«Pois, nesse caso, eu não sou a pessoa mais entendida porque não trabalho diretamente com isso, e estou lá há pouco tempo, mas posso perguntar no trabalho e depois digo-te. Se quiseres.»

«*Talvez o melhor seja passar lá pessoalmente. Mas já vi que não vais estar por lá hoje. Quando é que voltas?*»

Inclinei a cabeça e fiz uma expressão desconfiada, como se ela me pudesse ver através do telefone.

Não seria eu a explicar-lhe as burocracias do processo, por isso não entendia por que motivo é que isso era relevante. Ou será que tudo não passava de uma forma de saber quanto tempo é que eu estaria fora? Comecei a ficar intrigada e, com isso, indecisa sobre como responder àquela questão. O melhor, pensei eu, era ser o mais evasiva possível.

«Podes passar lá quando quiseres, temos um balcão à entrada e as meninas de lá vão explicar-te tudo direitinho.»

«*Ah, ok. Obrigada...*» Fez-se silêncio. «*Assim que puder, passo lá, então. Tem uma boa viagem*.»

Desliguei a chamada e fiquei a olhar para o telemóvel a refletir sobre o que tinha acabado de acontecer. Não me tinha agradado muito aquela chamada e agradava-me ainda menos não saber quais as intenções por detrás dela. A suspeição de que alguma coisa estava a acontecer algures nas minhas costas era desinquietante, mas não quis que isso perturbasse o meu entusiamo com a viagem que estava prestes a fazer e arrumei o assunto numa gaveta mental.

Chegada a hora, agarrei na mala e segui para o aeroporto. Quando cheguei, avisei a Diana, que me disse que já estava na zona de embarque, portanto fui direta para lá. Encontrei-a sentada num dos bancos metálicos voltados para a pista a mexer no telemóvel.

«Vejam só quem chegou!», rejubilou assim que se apercebeu da minha aproximação. «Como é que está essa ansiedade?»

«Estou a tentar manter-me tranquila.»

«Vai correr tudo bem e vai ser divertido.»

«A julgar pela maneira como falas, nem parece que vamos numa viagem de trabalho.»

«A viagem é de trabalho, o espírito é de aventura.»

Piscou-me o olho e lançou-me um sorrisinho malicioso. Nesse momento, tive a certeza de que aquela viagem com a Diana iria pôr à prova muitos dos meus tabus.

31

A viagem Porto-Madrid foi bastante tranquila. A Diana passou praticamente todo o voo a contar histórias que viveu nas diferentes cidades espanholas por onde passou, desde Corunha a Ibiza, e eu limitei-me a ouvi-la, deliciada. Cada vez entendia melhor o fascínio que ela tinha pela cultura espanhola. Não só pelas aventuras que me relatava, mas principalmente pelo sorriso com que o fazia. Em relação a Madrid, pelos vistos, só lá tinha passado uma noite, numa escala em regresso a Portugal, e não a tinha impressionado muito. Contudo, parecia entusiasmada para criar novas memórias e contava comigo para o fazer.

Assim que aterrámos no aeroporto de Madrid, seguimos de metro para Chamberí, a zona da cidade onde ficava o centro de congressos e também o hotel onde íamos ficar. Fizemos o *check-in* e subimos até ao quarto, que ficava no 12.º piso. Era um quarto *twin*, com duas camas de solteiro juntas uma à outra. Tinha também uma porta grande de vidro que dava acesso a uma varanda voltada para um extenso espaço verde que eu decidi ir logo ver. Àquela altura, a visão ia muito além daquele parque e dava-nos uma vista linda sobre a cidade. Logo atrás de mim, veio a Diana.

«Belo quadro este, com o pôr do sol», comentou. «Mas fica para apreciar depois porque temos de ir ao centro de congressos fazer as nossas inscrições e levantar o material para amanhã.»

Pousadas as tralhas, voltámos a descer e caminhámos até ao centro de congressos, que ficava a uns 200 metros do hotel. Quando chegámos, deparámo-nos com um mar de gente à entrada com o mesmo propósito que nós e percebemos que não íamos sair dali tão cedo. Restava-nos, por isso, aguardar pela nossa vez.

Enquanto esperávamos, íamos conversando e, na falta de uma ideia melhor para passar o tempo, avaliando os trajes das nossas colegas e atribuindo notas de 0 a 10. Até que, a dada altura, fomos abordadas por um sujeito mais ou menos da nossa altura, de barba e com uma calvície já bastante visível, embora não aparentasse ter muito mais do que 30

anos.

«Me desculpem, mas esse sotaque português é delicioso! Não resisto ouvir um pouco mais de perto», disse ele sorridente.

Era brasileiro e a julgar pelo crachá que trazia, ou fazia parte da organização ou já tinha feito a inscrição.

«Nós também gostamos muito do vosso sotaque», disse a Diana em nome das duas. «Não esperava encontrar alguém do Brasil por cá. Pensei que era um congresso só para a Europa.»

«Eu sou brasileiro, mas estou trabalhando cá em Madrid já faz algum tempo. E estou ajudando na organização também.»

Olhámos uma para a outra e apercebi-me de que nos ocorreu às duas o mesmo pensamento. Se ele fazia parte da organização, provavelmente conseguiria fazer-nos poupar algum tempo.

«Que bom ter alguém na organização que fala a mesma língua», prosseguiu a Diana. «Deixa-nos mais à vontade. Confesso que não estava à espera de encontrar aqui tanta gente. Gostávamos de aproveitar para dar uma volta aqui pela zona ainda hoje, mas vejo que já não vamos conseguir, porque ainda vai demorar...»

A Diana fez uma expressão combalida e eu vi-me obrigada a entrar no papel, correspondendo com um sorriso apagado.

«Se vocês quiserem, posso dar uma ajuda», sugeriu.

«A sério?», exclamou a Diana como se não estivesse à espera.

«Claro! Me deem vossos nomes e me aguardem do lado de fora. Vou pegar umas coisas e já volto.»

Ele anotou os nossos nomes, foi-se embora e a Diana virou-se para mim e abriu os braços à espera da minha ovação.

«Simples assim, pequenina. Aprende com a mamã!»

Fomos para fora, como ele nos pediu, com certeza para evitar conflitos com as outras pessoas que também aguardavam pela sua vez, e não demorou muito a regressar para junto de nós, desta vez carregando dois sacos de pano.

«Esse é *pra* você.» Entregou o primeiro saco à Diana. «E esse é *pra* você.» E depois a mim. «No interior tem umas coisinhas que vocês vão precisar para amanhã. Assim como um crachá igual a esse aqui que precisam trazer para entrar. ‘Tá bom?»

«Muito obrigado pela gentileza», agradeci.

«É a primeira vez aqui em Madrid?»

«A minha, sim. No caso da Diana, é a segunda.»

«Mas é como se fosse a primeira», retificou. «Não tive tempo de ver nada da última vez, por isso se tiveres alguma sugestão...»

«Mas querem saber pontos turísticos ou...»

«Não, isso eu vejo no Google. Queremos saber é de locais noturnos e experiências diferentes que podemos ter por aqui.»

Parecia que a Diana tinha entrado a pés juntos e até eu me senti abalroada pela sua frontalidade. Ele olhou para mim, talvez em busca de uma confirmação, e eu sorri, envergonhada.

«Legal! Eu frequento algumas boates na zona, se quiserem, eu posso mostrar *pra* vocês.»

«Perfeito! Nada melhor do que termos um entendido na zona para nos levar aos locais certos e nos fazer poupar tempo.»

Arregalei-lhe os olhos para a tentar demover, mas ignorou.

«Onde vocês estão hospedadas?»

«Naquele hotel ali», indicou a Diana com a mão.

«Beleza! Então a gente se encontra na entrada às 23h00. Ah! Me perdoem, não me apresentei, meu nome é Lorenzo.»

Ele voltou lá para dentro e, assim que se afastou o suficiente, eu aproximei-me da Diana e confrontei-a.

«A sério que acabaste de convidar um estranho para sair connosco numa cidade desconhecida? Sabes lá se ele nos leva para um local estranho que só ele conhece e nos ataca.»

«Relaxa, princesa. Ele parece ser boa pessoa. E está a trabalhar aqui, logo, acabamos por pertencer ao mesmo meio. E para terminar, somos mulheres, ou seja, não temos assim tanto interesse para ele.»

Foi-se embora e tive de acelerar o passo para a alcançar.

«O que é que queres dizer com isso?»

«Tu não reparaste que o rapaz é gay?»

«Eu sei lá se é, não lhe perguntei nem ele me disse.»

«Tinha até uma pulseira metálica LGBT, mulher. Por isso fica tranquila, que não se vai fazer a ti. Vamos.»

Aproveitámos para dar uma volta pelo quarteirão, mas não demorou a anoitecer e decidimos encurtar o passeio e regressar ao hotel. Tomámos um banho, vestimos uma roupa de sair à noite e descemos para jantar

no restaurante do hotel.

«Às vezes parece que eu é que já sou mãe e tu, a miúda de vinte e poucos anos», desabafei com ela em voz alta.

A Diana pousou os talheres, limpou a boca e olhou para mim.

«Inês, não é por seres novinha que tens de te comportar como uma adolescente numa viagem de finalistas, nem é por eu já ter um filho que tenho de me limitar às tarefas e comportamentos de mãe. Antes de ser mãe, sou mulher, e antes de ser mulher, sou uma alma aventureira e desejosa de viver e experienciar as sensações magníficas que a vida tem para oferecer. Há tempo para tudo e momentos para tudo, só temos de nos adaptar.»

«Eu sei, eu sei, e é o que vou tentar fazer.»

«Ótimo! Linda menina! Desliga lá esses alarmes e descontrai. A vida acontece quando ignoramos os sinais de perigo.»

Quando terminámos de jantar, fomos para a sala de estar junto à receção do hotel e aguardámos lá pelo Lorenzo. Passavam cerca de dez minutos depois da hora combinada quando ele entrou no hotel e se dirigiu até nós:

«Vamos a la *fiesta*?»

32

Pegámos nas nossas malas e seguimo-lo para o exterior.

«Vocês têm alguma preferência?», questionou-nos.

A Diana olhou para mim antes de lhe responder.

«Não propriamente. Deixamos ao teu critério.»

«Legal! Estava pensando levar vocês no Almagro, que é uma zona aqui de Chamberí com muitos bares e boates. É bem pertinho. Uns quinze minutos. Vocês estão de acordo?»

«Sim!», respondemos em uníssono.

O facto de não ser muito longe do hotel deixava-me mais segura e ajudava-me a relaxar. Ainda que não quisesse, o meu cérebro começara a criar os diferentes cenários possíveis para aquela saída, a maioria deles pouco agradáveis, e, por consequência, já calculava também as possíveis soluções para cada um. Era, mais uma vez, uma forma de me precaver para qualquer eventualidade. O primeiro passo era, obviamente, estar atenta ao caminho, para ser capaz de regressar ao hotel por mim própria caso fosse necessário.

Apanhámos o metro e saímos logo duas estações à frente. Assim que abandonámos a estação, seguimos por uma grande avenida e logo depois enveredámos por uma rua secundária, perpendicular a esta. A forma descomplicada como o Lorenzo nos conduzia demonstrava que conhecia bem aquele percurso e isso transmitia-nos confiança. Não se via muita gente na rua, mas os bares pelos quais passávamos estavam cheios e pareciam animados. Entretanto o Lorenzo parou diante de um deles e voltou-se para nós.

«Este é um bar típico de Madrid», começou por explicar. «É bem bonitinho, ótimo para tomar um *chope* e conversar.»

«É aqui que costumas vir?», questionou a Diana.

«Bom... Mais ou menos... Não sei se já repararam, mas eu sou gay. Então eu costumo frequentar uns barzinhos gays. Mas como não sei se vocês estão *afim*, pensei num desses aqui.»

A Diana arregalou os olhos para mim, entusiasmada.

«Claro que estamos *afim*! Vamos lá!»

«Beleza!», atirou o Lorenzo, retomando a marcha.

Nunca tinha entrado num bar gay, mas até tinha curiosidade.

Caminhámos mais uns metros, até que ele voltou a parar em frente a outro bar e fez-nos sinal com a cabeça para o seguirmos. Antes de a Diana entrar atrás dele, olhou para mim para ver a minha reação e eu fiz-lhe um sinal de incentivo com a cabeça.

Logo depois da porta de entrada, descemos por uma longa escadaria com muito pouca iluminação, que dava acesso à pista principal. À medida que íamos descendo, a música intensificava-se e o ar quente e denso encharcava-me os pulmões. Ainda a meio das escadas, tivemos de nos desviar de um casal de homens que se beijava violentamente contra a parede. Era como se cada degrau que descia fosse um passo em direção a um submundo grutesco, intumescido de sexo, que tinha tanto de excitante como de perturbador.

Assim que chegámos à pista, repleta de gente, tinha definitivamente mergulhado numa realidade à qual não estava habituada. Em cima do balcão do bar, estava um rapaz a dançar. Pelo que me pareceu, tratava-se de um mero cliente que se apoderara do palanque. Era magro, tinha o cabelo rapado dos lados e a *t-shirt* enrolada, de forma a exibir os abdominais. Por baixo, trazia umas calças justas e uns saltos altos. Confesso que invejei a desenvoltura com que se movia em cima daqueles tacões.

Quando me concentrei na pista, vi um pouco de tudo. Homens com homens, mulheres com mulheres, beijos a três, travestis e *drag queens*. As indumentárias eram vistosas e alternativas e a energia que aquelas pessoas emanavam era contagiante.

Entretanto, apercebi-me de que o Lorenzo se tinha afastado e estava a conversar com duas pessoas que eu supus serem suas conhecidas e aproximei-me da Diana.

«Isto é muita informação para assimilar de uma vez», gritei-lhe ao ouvido para me poder fazer ouvir por cima do ruído.

Soltou uma gargalhada.

«Tem mais graça do que uma mesa redonda e três cervejas. E por falar em cerveja, acho que vou buscar uma. Queres?»

Inspirei fundo enquanto pensava e ela tomou aquilo como um sim e não esperou pela minha resposta. Fiquei sozinha a apreciar a multidão,

sem me misturar nela, e pouco depois fui abordada por uma rapariga, franzina, de cabelo curto e azulado.

«Hola, guapa, que tal?»

Fiquei sem saber como reagir e sorri atrapalhada.

«Te estoy mirando hace tiempo.»

Entendi mais ou menos o que ela quis dizer, mas continuava sem saber o que responder e limitei-me a agradecer.

«Muchas gracias!»

«Tu pareja?»

«Eu quê?», perguntei, aproximando o meu rosto dela.

«Se es tu novia!»

Olhou na direção do balcão e percebi, pelo contexto da situação, que me estava a perguntar se éramos namoradas.

«Não, não! No!»

«Es muy hermosa.»

Entendi que era algum elogio e respondi em conformidade.

«Muchas gracias, mas eu não hablo espanhol.»

Entretanto a Diana regressou para junto de mim e a rapariga do cabelo azulado afastou-se com um sorriso.

«Não me digas que acabaste de ser abordada por uma mulher!», exclamou a Diana ainda segurando as duas cervejas.

«Acho que sim...»

Voltou a rir-se à gargalhada.

«Qual é a graça, Diana?»

«Eu acho genial.» Passou um dos copos para a minha mão. «Imaginas-te a ter uma aventura com uma mulher?»

«Eu? Não!», respondi com uma convicção que se foi desvanecendo à medida que pensava melhor no assunto. «Tu sim?»

«Não seria a primeira vez. Quer dizer, sexo só com uma mulher nunca experimentei, mas já entrei numas aventuras engraçadas. Além disso, dar uns beijinhos é divertido. Vamos dançar?»

A Diana agarrou-me pela mão e levou-me juntamente com ela para o meio da multidão. Foi um autêntico mergulho no caos. À medida que ia avançando, a cerveja que a Diana me trouxe ia diminuindo e não era porque eu a estava a beber. Aliás, ainda nem a tinha provado. Movíamo-nos quase por osmose, deslizando pelo meio dos corpos suados que

nos ensopavam. Assim que encontrámos uma pequena clareira, instalámo-nos, mas mal tínhamos espaço para levar o copo à boca.

Mesmo ao meu lado, estava um casal de lésbicas que se beijavam com a vontade da primeira vez e eu fiquei colada a olhar para elas e a pensar no que a Diana me tinha dito.

«Queres experimentar?», atirou a Diana, sorridente, ao perceber que eu estava muito atenta àquelas duas.

Neguei gentilmente com o dedo e dei um gole na cerveja.

Para onde quer que olhasse, via alguém aos beijos e comecei a pensar que talvez fôssemos as únicas que tínhamos ido ali «só para ver». A pressão era muita, não podia negar, mas a curiosidade e a vontade de experimentar nem por isso.

Junto a um dos cantos, consegui vislumbrar mais um par de homens aos beijos, com a particularidade de um deles estar com a mão dentro das calças do outro, e relativamente perto deles, a olhar para mim, estava a miúda do cabelo azulado. Parece que ela se tinha mesmo encantado por mim e eu não sabia se me havia de sentir lisonjeada ou incomodada com isso. Passado algum tempo, voltei a olhar na direção onde ela estava para confirmar se continuava atenta a mim e os nossos olhares voltaram a cruzar-se. Nesse momento percebi que tinha de fazer alguma coisa, senão ia pensar que lhe estava a dar sinais e eu não queria passar aquela ideia.

«Está muito calor aqui em baixo, preciso de apanhar ar, vamos um pouco até lá acima?», gritei ao ouvido da Diana.

Ela aceitou a sugestão, voltou a pegar-me pela mão e foi à frente a abrir caminho até à escadaria.

Quando chegámos ao piso superior, ainda trazia meio copo de cerveja e ela percebeu que não era a minha bebida favorita.

«Dá cá que eu bebo isso.» Pegou-me no copo e bebeu de uma vez o que sobrava. «Confessa, aquela mistura lá em baixo estava a fazer-te alguma confusão, não estava?»

«Não!», neguei com veemência para parecer credível. «Eu estou a gostar da experiência, apenas me sinto um pouco deslocada. O que é normal, uma vez que não estou muito habituada.» Fiz uma pausa, mas, como ela não disse nada, continuei: «Eu vi toda a gente aos beijos lá em baixo e como não vim com ideias de me envolver com ninguém, é como

se estivesse ali num regime de meia pensão e não em regime de tudo incluído, entendes o que quero dizer?»

Aquiesceu com a cabeça, como se já adivinhasse.

«Isso é perfeitamente normal. Também não estava à espera de outra coisa. Mas é bom viveres de perto outras realidades porque assim ficas a conhecer ainda melhor a tua. Isto é um bom exercício para expandir a nossa mente. E uma mulher de mente aberta tem outro encanto», rematou com um piscar de olho.

«Uma mente aberta não assusta os homens?»

«Os mais inseguros, sim. Porque temem não conseguir tomar conta do recado. Quanto aos outros é só uma questão de nunca perdermos a nossa postura. Os homens adoram uma mulher que não diga não a nada. Principalmente antes de experimentar. Por isso, se queres um conselho, nunca digas que não farias isto ou aquilo. Diz, no mínimo, talvez, dependendo das circunstâncias.»

«E se ele quiser mesmo experimentar?»

«Experimentas! Também não vais ficar sem nenhum bocado. É mais uma experiência para riscar da lista. Mas se não estiveres muito disposta a isso, podes sempre negociar.» Fiz cara estranha e ela aproximou-se mais um pouco para explicar. «Por exemplo, os homens costumam pedir muito o famoso *ménage*. Nem te vou perguntar se já experimentaste porque imagino que não. No entanto, pedem sempre que seja com outra mulher. Caso tu não estejas muito para aí virada, é simples, dizes que por ti é na boa, mas que primeiro queres experimentar com dois homens. Assim ele já vai pensar duas vezes se isso é ou não assim tão importante para ele. Além de que, desta forma, não és sempre tu a ceder.»

Ia agradecer-lhe a dica quando irrompeu pela porta de entrada um grupo de mulheres em histeria. Pelos ornamentos, notava-se que se tratava de uma despedida de solteira e estavam bastante animadas. Contei pelo menos seis mulheres quando passaram por nós em direção a uma grande porta que existia no fundo daquele piso. A porta estava tapada com duas grandes cortinas vermelhas que elas ultrapassaram sem que pudéssemos vislumbrar o que estava do outro lado. Ainda não tínhamos reparado naquela passagem, mas parecia haver bastante movimento na outra divisão. A curiosidade foi mais forte que nós e

decidimos ir espreitar.

Assim que afastámos ligeiramente as cortinas, caiu-me o queixo com a visão que tive. À nossa frente, um homem alto e bonito, que eu supus estar a controlar as entradas. Olhava-nos, sorridente, enquanto segurava um monte de bilhetes numa das mãos. Contudo, aquele homem tinha um uniforme peculiar, isto porque estava todo nu, apenas com uns sapatos, meias e uma tanga vermelha com uma tromba de elefante.

«Hola, chicas! Van a entrar?»

33

Olhámos uma para a outra para tentarmos perceber a opinião de cada uma, mas ambas percebemos que já era tarde de mais para voltar atrás. A Diana, mais uma vez como porta-voz da dupla, confirmou a intenção com um abanar da cabeça e logo o homem, de porte atlético, esticou-nos dois cartões e deu-nos as boas-vindas com um movimento de braço antes de voltar a recolher-se.

Não era um espaço amplo, a decoração resumia-se a duas cores, preto e vermelho, e as mesas de que dispunha eram pequenos círculos onde se reuniam, no máximo, quatro pessoas. Os funcionários, fossem homens ou mulheres, trajavam de forma semelhante, ou seja, roupa interior vermelha e calçado. À exceção do *barman*, que, talvez por ser mais friorento, usava ainda um pequeno laço ao pescoço. Certo é que todos eles aparentavam frequentar o ginásio regularmente porque exibiam corpos esculturais.

«Sentamo-nos?», indaguei.

Apesar de ter muita gente, o espaço não estava apinhado, e ainda havia uma ou outra mesa livre.

«Sim, mas antes vou dar uso ao meu melhor castelhano para pedir um *gin* tónico. E tu, o que é que vais querer?»

«Bebo do teu, se não te importares.»

Assim que a serviram, encaminhámo-nos para uma das mesas livres que ficava junto ao que aparentava ser um palco com uns trinta centímetros de altura. Por trás do palco, um cortinado vermelho estendia-se a todo o comprimento da parede, dando ainda mais ênfase ao erotismo que emanava daquele espaço.

«Oh, meu Deus!», exclamei ao lembrar-me do Lorenzo. «Não dissemos nada ao Lorenzo e nem temos nenhum contacto. Ele vai pensar que nos fomos embora.»

«Relaxa. Aparentemente não faltavam conhecidos dele lá em baixo e não duvido de que se esteja a divertir muito.»

Uma voz tomou conta dos altifalantes do bar por uns breves segundos, mas falou tão depressa, que não conseguimos perceber

nada. No entanto, a julgar pela exultação que se gerou na sala, dava para ver que se tratava de algo bom. Momentos depois, quando um homem alto, bonito e bem composto (mais um) surgiu por trás das grandes cortinas vermelhas, ficou esclarecido o motivo daquela excitação. De imediato a Diana bateu-me no braço e fitou-me de olhos arregalados e boca aberta, recompondo-se na cadeira.

«Oh, meu Deus!», exclamou. «Viemos na hora certa!»

O homem estava elegantemente vestido de fato e trazia consigo, arrastando atrás de si, uma cadeira que colocou devidamente centrada no palco. Se as mulheres da sala já estavam excitadas, ainda mais ficaram quando a música *jazz* deu lugar à batida sedutora da música de *striptease*. O homem começou por tirar o casaco e pousá-lo sobre as costas da cadeira. Depois, fez movimentos sensuais, ao mesmo tempo que alargava o nó da gravata para, no fim, a atirar para o chão. Continuou com a dança sedutora até que pousou um pé sobre a cadeira e abriu a camisa de uma só vez, expondo o seu tronco moreno e tonificado para delírio da assistência. Por sorte, ou azar, eu e a Diana estávamos numa das mesas mais próximas dele, o que me fazia sentir privilegiada, mas ao mesmo tempo intimidada, já que o artista fazia questão de olhar as pessoas nos olhos e por várias vezes o fez comigo.

A dada altura, estava já ele em tronco nu, levantou um dedo para a assistência e apontou para a cadeira. Eu só percebi que aquele gesto era a pedir uma voluntária quando a Diana me agarrou no braço e o levantou. Logo a seguir, o grupo de mulheres da despedida de solteira que estava a um dos cantos ergueu a voz para sugerir que fosse a amiga noiva a escolhida. Contudo, o *stripper* não se deve ter apercebido e eu, sem sequer ter tempo de pensar, já estava a ser conduzida por ele pela mão até à cadeira em cima do palco. Assim que me sentou, fulminei a Diana com o olhar, enquanto ela parecia divertir-se mais do que uma criança na Disneylândia.

O *stripper* sentou-se logo no meu colo, com o tronco voltado para mim, e o público delirou. De seguida, pegou-me nas mãos e fê-las deslizar pelo seu tronco abaixo, antes de as conduzir até ao seu rabo, que, como se previa, estava tão firme quanto o resto do corpo. Depois, ergueu-se ligeiramente, segurou-me nos braços contra o seu tronco e começou a fazer movimentos ondulatórios com o corpo. Movimentos

esses que fizeram com que a sua barriga roçasse no meu rosto por diversas vezes, e o seu sexo, no meu peito, ainda que não fosse bem percetível. Pelo menos, naquela posição o meu rosto ficava escondido da plateia, que ansiava, com certeza, por saber qual estaria a ser a minha reação, e isso atenuava a vergonha.

De seguida, virou-se para o público e voltou a pegar-me nas mãos e a fazê-las deslizar desde os peitorais até ao fundo da barriga, separando-as, depois, para cada uma das pernas, numa viagem que durou quase até aos joelhos. Entretanto, o seu rabo musculado ia-me prendendo contra as costas da cadeira, não me dando, por isso, muita margem de manobra para me desviar.

A sala voltou a manifestar-se com maior efusividade quando ele começou a tirar o cinto e, logo depois, arrancou as calças de uma só vez, obviamente preparadas para o efeito com um fecho de velcro a todo o comprimento de cada um dos lados. Por baixo, trazia umas cuecas de padrão tigresa, com a particularidade de terem uma abertura circular enorme do lado de trás, que praticamente expunha todo o seu rabo bem à frente do meu rosto.

Mal tirou as calças, deu uma volta por trás de mim sem nunca deixar de me tocar com a mão. Assim que voltou a surgir do meu lado, caiu de costas sobre as minhas pernas, ficando com o topo da cabeça encostado ao fundo da minha barriga, e começou novamente a fazer os movimentos ondulatórios com o corpo. Tinha de confessar que era uma visão magnífica e extremamente sexual, não obstante as dezenas de olhares postos em nós.

Deslizou para o chão por entre as minhas pernas e fez mais uns passos de dança, numa versão sensualizada do ato sexual, antes de regressar ao meu colo. Voltou a sentar-se sobre mim, de frente para o público, encostou-se e pegou-me nas mãos para as passar pela zona das suas virilhas quentes. Aquela foi, talvez, a sensação mais intensa que tive desde o início do *striptease*. No entanto, durou menos de três segundos, porque logo de seguida ele deixou-se cair para a frente, apoiando-se no chão com as mãos, e começou a fazer movimentos pélvicos no meu colo. Nesse momento olhei para a Diana e ela estava a fazer uns gestos com as mãos que sugeria que eu o apalpasse e, como eu até tinha alguma curiosidade, entrei no papel e apertei-lhe os glúteos

para regozijo da plateia.

Logo após este número, ele levantou-se, pegou-me pela mão e acompanhou-me de regresso à mesa, antes de se despedir com uma vénia e desaparecer pelos cortinados.

«Amiga! Mas que momento! Estiveste perfeita!», elogiou a Diana com a mão no peito.

Tinha a boca seca do nervosismo e resolvi dar um gole no *gin* tónico da Diana antes de lhe responder.

«Foi, foi! Porque é que não te ofereceste tu?»

«Porque este momento fazia-te mais falta a ti do que a mim.»

«Que vergonha...», murmurei, tapando o rosto.

«Deixa lá! Ninguém te conhece. Além disso, qualquer mulher nesta sala adoraria ter um corpinho daqueles a roçar-se todo nelas. Especialmente aquelas meninas da despedida de solteira.»

«Que por sinal faria mais sentido para elas do que para mim.»

«No fundo, também tu estás numa despedida. Não de solteira, mas de uma Inês antiquada e desatualizada.»

Estava a conversar com a Diana e a sensação de estar a ser observada e comentada estava a dar cabo de mim. Não tinha feito nada de mal, mas era como se tivesse perdido o anonimato que tanto me reconfortava e, com ele, o à-vontade. Queria ir-me embora, mas desconfiava de que, se dissesse o verdadeiro motivo à Diana, ela me obrigaria a aguentar só para me fazer vencer essa barreira.

«Não gosto da ideia de estarmos aqui sem dizer nada ao Lorenzo», desabafei. «Não lhe devemos justificações, mas acho de mau tom e não gostaria que me fizessem o mesmo.»

Ela fez uma expressão desinteressada, mas depois apercebi-me de que pensou melhor no assunto e deu-me razão.

«Assim que terminar o meu *gin*, vamos.»

Terminou a bebida em pouco tempo e eu ainda dei mais um trago para ajudar. De seguida, abandonámos o espaço e regressámos ao bar gay que ficava no piso de baixo.

«Estás a vê-lo?», perguntei à Diana.

Negou com a cabeça enquanto olhava a multidão de pescoço esticado. Depois infiltrou-se nela e eu fui atrás. Não demorou muito até reencontrarmos o Lorenzo. Estava encostado a um dos pilares aos

beijos com outro homem. Fitámo-lo por um momento e ele acabou por nos ver, apressando-se a vir ter connosco.

«Onde vocês foram? Pensei que tinha perdido vocês.»

«Fomos só ao andar de cima apanhar ar», respondeu a Diana, antes de me olhar com um sorriso atrevido.

«Vocês me disseram que estavam procurando experiências diferentes e me lembrei de uma bem diferente. Se vocês estiverem *afim,* a gente passa lá ainda hoje.»

Olhei para o relógio e depois para a Diana.

«E que experiência seria essa?», questionei.

«Venham comigo, já vos mostro.»

34

O Lorenzo seguiu para as escadas em direção à saída e fomos atrás dele. Já no exterior, olhou para um lado e para o outro, denotando que não tinha a certeza sobre que lado escolher, e optou por ir pelo lado oposto ao que tínhamos vindo.

«E o rapaz com quem estavas?», questionou a Diana.

«Na verdade, não estava sendo tão bom assim.» Meteu as mãos nos bolsos do casaco justo. «Estava precisando de uma boa desculpa para dar o fora dali. Não tinha a pegada de que eu gosto.»

Eu e a Diana trocámos um sorriso dissimulado.

«Estou a ver... Então e para onde é que estamos a ir?»

«Para um espaço noturno diferente...», divagou. «Mas, confesso, nunca entrei lá e não sei se estou preparado.»

«Se for um bar de *strip,* não vale a pena porque acabámos de ir a um», disse eu na minha inocência.

O Lorenzo soltou uma gargalhada.

«Já sei onde vocês foram apanhar ar. Mas esse barzinho é muito *soft* comparado com aquele que vos vou mostrar.»

Comecei a ficar intrigada e até um pouco receosa, mas não quis dizer nada antes de tempo e mantive-me em silêncio. Enveredámos por uma rua perpendicular, atravessámos uma avenida, descemos uma escadaria e parámos à entrada de uma rua sem saída. Ao fundo, três pessoas conversavam junto a uma porta iluminada por um candeeiro exterior. Acima da porta, um letreiro vertical indicava o nome do espaço com letras sensuais que não consegui distinguir. Parecia um cenário de filme e deu-me um arrepio.

«Um pouco assustador, verdade?», indagou o Lorenzo. «Bom, eu nunca entrei ali, mas tenho uma galera que já entrou e me diz que acontece de tudo ali dentro.»

«Tudo? Mas tudo tipo o quê?»

«Tudo o que tenha que ver com sexo.»

«É um bordel, basicamente. É isso?»

«Não! É um bar, normal, mas com sexo a acontecer em todo o lugar e

aos olhos de todos. Toda a gente é igual ali dentro, mas não têm de fazer nada. Podem só ver. Segundo me disseram.»

A expressão que a Diana me fez foi de quem sabia que aquela proposta era um pouco arrojada para mim.

«Parecem-me demasiados olhares», admiti. «Não sei se é o tipo de local onde me sentirei confortável...»

«Foi só uma sugestão», defendeu-se o Lorenzo.

Torci o nariz e a Diana entendeu que não ia acontecer.

«Eu alinhava facilmente, mas se ela não quer, eu também não vou. No entanto, agradecemos muito a sugestão.»

«Eu compreendo. São muitas pessoas e muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Sendo assim, vamos embora?»

«É melhor, também já é um pouco tarde.»

Assim que chegámos ao quarto de hotel, tirei o calçado e deixei-me cair sobre a cama, já a Diana foi direta para a casa de banho.

«Mas que noite...», pensei em voz alta.

«E só não foi mais incrível porque não quiseste», respondeu a Diana desde a casa de banho.

Fiquei por um momento, de olhar fixo no teto, a refletir.

«Achas que devíamos ter entrado?»

Esperou até sair da casa de banho para me responder.

«Eu quero que expandas a tua mente e a tua consciência, mas não tens de fazer isso tudo numa noite.»

«Também não sou uma mente assim tão fechada, Diana. Já fiz muitas coisas que não sabia que era capaz e até foram experiências interessantes. Apenas nunca entrei num espaço desses. Tudo o que envolve mais do que duas pessoas faz-me alguma confusão.»

«Como o Lorenzo disse, não tinhas de fazer nada, podias só ficar a ver. Também tem o seu encanto. Se bem que eu acho que prefiro ser vista do que ver. Mas se te faz confusão, aí está algo que podes experimentar mudar. Seja como for, já não será hoje porque temos de ir dormir. Restam-nos umas cinco horas de sono.»

Apesar das poucas horas de sono e do cansaço da noite anterior, acordei relativamente bem e animada para o dia que nos esperava, ao contrário da Diana, que parecia estar com um humor mais sensível. O

congresso iniciava-se às 9h00 e a essa hora já estávamos instaladas nos nossos lugares e com o pequeno-almoço tomado. O congresso ia decorrer dentro de um grande pavilhão com lugar para umas mil pessoas e seria todo ele feito em inglês. Seria dividido em duas partes distintas, uma de manhã e outra à tarde, sendo que a meio de cada uma delas haveria um *coffee break*. Como acordei com energia, dispensei o café ao pequeno-almoço, mas arrependi-me uma hora depois de ter começado a primeira conferência porque o sono começou subtilmente a fazer das suas. Quando dei por mim, estava a piscar os olhos em câmara lenta e a cabeça tombava-me sem querer, o que começava a ser constrangedor. Por isso, assim que o apresentador avisou que se ia dar início ao *coffee break* da manhã, fui direta à zona das máquinas de café, enquanto a prioridade da Diana foi a secção dos bolos. Aparentemente, não era a única que estava com sono, pois, apesar da corrida, quando cheguei junto às máquinas de café, já muitas pessoas estavam à minha frente, sendo que reconheci uma delas.

«Lorenzo!», chamei.

Ele voltou-se para trás e o seu rosto abriu-se num sorriso.

«Que bom te ver, Inês. Também dormiu pouco, né?» Respondi com um encolher de ombros. «Me perdoe aquela sugestão de ontem. Talvez tenha exagerado um pouquinho.»

«Não. Nada disso. Eu é que não estou muito habituada a esses ambientes e além disso já estava um pouco cansada.»

«Eu compreendo, sabe... Também sou um pouco assim. Talvez por isso é que ainda não fui lá.» Fez uma pausa para se concentrar nas pessoas à sua frente e depois aproximou o seu rosto do meu. «Sabe o que é que eu acho? Eu acho que me preocupo demasiado com o que as outras pessoas pensam. Esse é o meu problema.»

«E deixas de fazer muitas coisas por causa disso, não é?»

«Talvez... É como se meu mundo fosse um Big Brother em que está sempre alguém vendo e julgando o que eu estou fazendo. Parece que nunca tenho privacidade. Mesmo sozinho.»

Estava a ouvi-lo e a identificar-me com cada palavra que dizia. Também me sentia assim constantemente e talvez fosse essa a razão de me sentir mal por imaginar-me a fazer coisas que até gostaria de experimentar. Mas cingi-me ao papel de ouvinte.

«E tens alguma técnica para contrariares isso?»

«Não. Apenas me esforço para não pensar muito nessas coisas. Mas às vezes era bom ter um botãozinho para desligar.»

«Às vezes dava jeito, sim...», murmurei.

«Por conta disso, só assumi a minha homossexualidade há muito pouco tempo. Pouco depois de me mudar para a Europa. Como aqui ninguém me conhecia, foi um pouco mais fácil. Mas lá no Brasil, eu simplesmente não conseguia porque a opinião das pessoas que conhecia era realmente muito importante para mim.»

«Imagino que te sintas muito melhor agora.»

«Me sinto um pouco mais livre, sim. Sabe... a necessidade constante de agradar o outro e o medo constante de desiludir o outro nos fazem viver em função do outro e a gente acaba não vivendo a nossa vida. É uma prisão verdadeiramente sufocante.»

Percebi que o Lorenzo aproveitara aquela conversa de ocasião para desabafar um pouco sobre a sua vida, mas acreditei que não o tivesse feito se não sentisse afinidade comigo. Talvez por causa dessa afinidade, não consegui evitar uma certa compaixão por ele, até porque, pela forma emotiva como ele falava, quase conseguia sentir a sua amargura na minha boca.

«É normal importarmo-nos com o que os outros pensam, não podemos é permitir que isso nos feche dentro de uma gaiola.»

«A verdade é que ninguém está assim tão importado com a gente, Inês. Nós é que achamos isso porque, no final de contas, estamos no centro da nossa vida e pensamos que também somos o centro da vida das pessoas. Sofremos tanto porque achamos que sabemos o que o outro pensa sobre nós, mas isso é somente a nossa opinião projetada no outro. Sabe uma coisa? Aproveite e viva a sua vida uma vez que, na verdade, ninguém se importa assim tanto. E isso é bom. Acredite. Isso é libertador.»

Entretanto uma das máquinas ficou livre e o Lorenzo aproveitou, de seguida ficou outra máquina livre e eu fui tirar o meu café, acabando por perder de vista o Lorenzo.

Regressei para junto da Diana, que estava com um copo de sumo na mão e uma fatia de bolo na outra, e tive a sensação de que tinha ficado lá atrás, junto às máquinas de café, a falar com o Lorenzo, porque as

suas palavras ainda me entoavam na cabeça.

«Não vais comer nada? Este bolo está delicioso.»

«Não quero, vou ficar-me pelo café, a ver se desperto.»

«Bem precisas, pareces um pouco alheada.»

Pouco depois, o *speaker* voltou a fazer uso da palavra e toda a gente regressou aos seus lugares para assistir ao que restava da primeira parte do congresso. O sono deu-me tréguas após o café e ajudou-me a estar um pouco mais atenta. No entanto, não percebi se essa vigilância toda era mérito do café ou do zumbido desinquietante que a conversa que tivera com o Lorenzo tinha deixado dentro da minha cabeça. Era como se aquele zumbido me estivesse a tentar transmitir alguma coisa e eu não conseguisse perceber o quê.

Finda a primeira parte, eu e a Diana fomos almoçar e, para me prevenir da moleza que o almoço me daria, tomei mais um café.

A parte da tarde pareceu-me, contudo, mais interessante e estimulante e, talvez por isso, não me apercebi do tempo a passar. Quando dei por mim, o *speaker* estava a fazer os agradecimentos e, pouco depois, as pessoas começaram a levantar-se.

«O que é que achaste?», perguntou a Diana.

«Achei a segunda parte melhor do que a primeira, mas pode ter sido apenas o efeito da cafeína.»

«Meu Deus! Eu estava desejosa de que acabasse. Já não podia ouvir aquela gente. No início estava a ser uma seca, e no fim parecia que estava no início. Era vira o disco e toca o mesmo. Bem, o que interessa é que já acabou e estão cumpridas as nossas obrigações. Agora temos uma última noite para aproveitar em Madrid.»

«E já tens planos para esta noite?»

«Ainda não, mas espero bem arranjar alguma coisa, porque se passar a bola para ti, provavelmente acabamos a tomar um chá no café da esquina e a deitarmo-nos antes das 23h00.»

Subitamente, depois daquela indireta, que eu compreendia e aceitava, o zumbido desinquietante que estava na minha cabeça desde a conversa com o Lorenzo desapareceu. Percebi que aquela noite poderia ser uma excelente oportunidade de pôr em prática as palavras dele: «*Aproveite e viva a sua vida porque, na verdade, ninguém se importa assim tanto.*»

«Hoje quando ia tomar um café cruzei-me com o Lorenzo e ele falou-me um pouco da vida dele e tenho de admitir que me identifiquei em parte. Eu acho que aquilo que me impede de fazer muitas coisas, como isso da masturbação, é a sensação de estar a ser julgada por alguém, mesmo que esteja sozinha.»

«E estás. Estás a ser julgada por ti própria», disse sem papas na língua. «Mas a que propósito veio essa conversa?»

Fiz uma pausa e comprimi os lábios.

«Porque... estava a pensar terminar o que ficou a meio.»

Parou e olhou para mim de olhos semicerrados.

«O que é que ficou a meio que eu não me apercebi?»

«A cena do bar. De ontem. Não chegámos a entrar...»

«Estás a pensar ir lá hoje?», perguntou estupefacta.

«Não sei, é uma hipótese», retomei a passada. «Mas é como o Lorenzo me disse esta manhã, às vezes era bom ter um botãozinho para desligar este Big Brother mental.»

«Oh, mulher! Já podias ter dito isso há mais tempo. Eu tenho esse botão de que tanto precisas aqui comigo.»

Ela começou a remexer na mala e fiquei intrigada com o que ia tirar ali de dentro.

35

«Estás a falar a sério, Diana?»

«Queres melhor do que isto para desligares?», perguntou segurando um charro na ponta dos dedos.

«Lembra-te do que aconteceu da última vez», alertei, relembrando o momento em que se sentiu mal no trabalho.

«Isso foi um percalço, acontece, mas desta vez obriguei o Beto a fazê-lo à minha frente para não haver enganos. Como deves imaginar, tinha de vir prevenida para Madrid.»

«Tudo bem, mas também não é preciso tanto. Guarda isso.»

«Se mudares de ideias, diz, mas em que é que ficamos? Com ou sem botão, é para irmos àquele bar de que o Lorenzo falou?»

«Acho que sim. Porque não? Ele disse que podíamos só ver. E eu também não quero mais do que isso. Mas gostava de ter essa experiência. Saber como é. E já que estamos aqui...»

«Então, perfeito! Já temos planos para esta noite!»

Ela rejubilou com a notícia e seguimos para o hotel. Tomámos um banho, vestimos uma roupa adequada, que no meu caso se resumia a uma blusa, uma casaca de pele, calças de ganga e uns ténis brancos, e descemos até ao piso zero, onde ficava o restaurante.

Se, por um lado, o zumbido desaparecera no momento em que percebi que era a altura ideal para me permitir experienciar coisas diferentes, por outro, ao assumir isso em voz alta, trouxe-me o peso do compromisso de não voltar atrás.

Assim que terminámos o jantar, saímos do hotel e caminhámos até à estação de metro mais próxima. Apanhámos o metro em direção a Almagro, a zona de Chamerí onde havíamos estado na noite anterior, e quando chegámos, a Diana quis ir primeiro a outro bar. O objetivo era apenas beber qualquer coisa e descontrair um pouco antes de seguirmos para o nosso destino, quase como se fosse um aquecimento antes do jogo. Mais uma vez, dispensei o álcool e limitei-me a fazer-lhe companhia enquanto apreciava o ambiente e me deixava envolver naquela energia latina. Cumprido o aquecimento, era hora de irmos ao

que interessava e abandonámos o espaço. Quando chegámos por fim à rua sem saída onde ficava o bar, comecei a visualizar mentalmente vários olhos postos em mim, a julgarem-me por estar num local daqueles, e estanquei.

«Não me digas que te vais arrepender agora!»

«Não...», murmurei.

De facto, o meu problema naquele momento não era a falta de coragem, mas sim os meus tabus e complexos que começavam a entrar em ebulição por se sentirem ameaçados.

«Acho que já me estou a julgar e ainda nem fiz nada», desabafei. «Achas mesmo que isso que trouxeste pode ajudar-me?»

Lançou-me um sorriso atrevido e olhou para os dois lados da rua deserta antes de abrir a mala e tirar o charro.

«O efeito varia de pessoa para pessoa, mas já me dirás...»

Pegou num isqueiro, acendeu-o, deu uma baforada e passou-mo logo de seguida. Peguei nele e encarei-a, receosa, já que nunca tinha feito nada daquilo. Depois levei-o à boca e suguei o fumo a medo. De imediato, o meu tórax reagiu e comecei a tossir. A minha cabeça latejou como se me tivessem acabado de dar um murro na alma, arremessando-a contra a parede. A Diana tirou-me o charro da mão, não fosse eu estragá-lo, e ficou a observar-me.

«Estás bem?»

Aquiesci com a cabeça e tossi mais algumas vezes. Ela deu outras duas passas e voltou a oferecer-mo. Eu neguei.

«Uma não te vai fazer nada», avisou. «Até porque deitaste tudo fora. Dá pelo menos mais uma, mas mais longa.»

Confiei nela e fiz como me disse. Se da primeira vez a minha alma tinha sido atirada contra a parede, desta vez tinha batido na parede e saído disparada, levando com ela os meus tabus.

«Acho que já podemos entrar», disse-lhe por entre soluços.

36

Caminhámos até à entrada do bar e naqueles escassos metros deu para sentir bem o efeito do psicotrópico em mim. A minha visão tinha-se afunilado e a única coisa que estava focada era a entrada do bar ao fundo daquele beco. A Diana seguiu à minha frente e foi ela que falou com os seguranças à entrada, depois agarrou-me pela mão e puxou-me para dentro. Subitamente, tive a impressão de que as colunas do bar estavam dentro da minha cabeça, pois o som parecia-me absurdamente alto. À nossa frente estendia-se um corredor estreito que, aos meus olhos, aparentava ser mais longo do que aquilo que realmente era. Umas luzes vermelhas nos cantos inferiores do corredor guiavam-nos através dele. De resto, a pouca iluminação que havia era toda vermelha, o que, a par da escuridão, formava um espectro diabólico e sedutor. A música, como não podia deixar de ser, era imersiva e visceralmente erótica.

A Diana não me largava a mão e caminhava um passo à minha frente ao longo do corredor. A dada altura, as paredes opacas do corredor deram lugar a grandes janelas sem qualquer barreira física que permitiam vislumbrar o que acontecia do outro lado. A visão, essa, foi estranha e intimidante. Logo do lado de dentro, à distância de uma parede e bem à frente dos nossos olhos, um rapaz, que deveria ser mais ou menos da minha idade, era chupado por uma mulher que deveria ter entre 50 a 60 anos. Ele, de calças pelos joelhos e a segurar a camisa pelo umbigo, e ela, nua da cintura para cima, ajoelhada diante dele a deleitar-se com o seu pau. Os seios da senhora balançavam ao sabor dos movimentos que fazia com a cabeça e o rapaz rugia de prazer na direção do teto.

Atrás deles, o cenário era mais rocambolesco. Em cima de uma cama redonda, três homens e duas mulheres fornicavam entre si. Enquanto uma delas era comida de quatro por um dos homens e chupava o pau de outro, a outra mulher era devorada pelo terceiro homem ao mesmo tempo que lambia as mamas da outra. Apesar de nunca ter visto nada semelhante ao vivo e a cores e de imaginar que me fosse sentir

desconfortável, isso não aconteceu. Muito pelo contrário, foi uma imagem bastante prazerosa.

Demos mais uns passos e comecei a sentir os meus olhos pesados. De repente, parecia que tudo estava a acontecer em câmara lenta e uma sensação de êxtase começava a apoderar-se lentamente de mim. A Diana, à minha frente, não parava de sorrir e eu sorria com ela. A impressão de que as colunas estavam dentro da minha cabeça ainda se mantinha, mas agora não era por o som estar demasiado alto e sim por parecer que tocavam só para mim.

Mais à frente e do lado oposto, voltou a abrir-se uma nova janela para outra das divisões, à semelhança da anterior, e voltámos a parar para espreitar para dentro. No entanto, não éramos as únicas, pois num dos cantos da divisão um casal de meia-idade apreciava com atenção e contenção o que acontecia à sua frente. Não era difícil de perceber que também era a primeira vez deles e estavam ainda à procura de coragem para se envolverem.

Em cima da cama, o cenário era particularmente curioso. Um homem, também ele de meia-idade, com uma barriga avantajada e calvo, embora com bastante pelo por todo o lado, estava deitado de costas, nu, e de pernas levantadas. Entre as pernas dele e de pé do lado de fora da cama, estava um travesti que o penetrava devagar. Mas havia mais. Do lado do homem calvo, ajoelhada sobre o colchão, estava uma mulher, que eu supus que fosse a própria esposa, a masturbá-lo ao mesmo tempo que ele era penetrado pelo travesti. A Diana olhou-me, também ela com os olhos meio abertos, e deu uma gargalhada que a fez desequilibrar-se. Amparei-a da melhor forma que consegui e aproveitámos a deixa para continuarmos a explorar aquele espaço com uma vontade de rir cada vez maior. Não propriamente por causa do que estávamos a ver, mas especialmente por causa do que tínhamos experimentado antes de entrar.

Logo à frente, e a meio do corredor, um outro homem, nu da cintura para baixo, fodia uma mulher contra a parede. Ela tinha o vestido subido e estava de costas para ele, sendo que este a agarrava por trás do pescoço, segurando-a contra a parede. Ao passarmos por trás deles, a Diana fitou-me com um sorriso atrevido e decidiu acariciar o rabo desnudo do homem. Ele não ligou e continuou empenhado na sua tarefa

de foder aquela mulher. A expressão dela foi de quem tinha acabado de tirar uma pipoca do balde do lado sem que o dono reclamasse e incentivou-me a fazer o mesmo. Pegou-me na mão e pô-la também junto à nádega do homem. Por um bocado ficámos as duas ali, cada uma com uma mão em cada nádega, a dar um incentivo extra ao homem para penetrar a mulher.

Mais à frente, o corredor desembocou numa zona *lounge*, mais larga e com alguns sofás onde homens e mulheres se deleitavam com os corpos uns dos outros. Uma das mulheres que chamou mais a minha atenção estava sentada entre dois homens com os respetivos órgãos sexuais de fora. Um deles estava sentado sobre as costas do sofá e estava a ser masturbado por ela, enquanto o outro, sentado sobre o braço do sofá, agarrava na cabeça dela e enfiava-lhe o seu pau na boca. Ao mesmo tempo, a mulher recebia sexo oral de uma outra ajoelhada no chão à sua frente.

Do lado do sofá, iniciava-se um curto e ainda mais estreito corredor e na lateral desse corredor havia uma porta que permitia vislumbrar, do ponto onde estava, algum movimento na divisão a que dava acesso. Movida pela curiosidade e desinibição, fui ver o que estava a acontecer naquele quarto. Logo à entrada deparei-me com dois homens de costas que obstruíam a entrada e que me olharam por cima do ombro sem grande interesse. Era provavelmente o quarto mais pequeno de todos e, com a quantidade de pessoas que estava, não havia espaço para mim. Pelo que consegui ver a partir daquela entrada obstruída, duas mulheres, com idades bastante diferentes, faziam sexo na cama ao centro do quarto enquanto em volta vários homens assistiam. Alguns, inclusive, masturbavam-se enquanto assistiam àquela cena. Não me demorei muito por ali e regressei pouco depois ao *lounge*.

A Diana não me tinha acompanhado na miniexcursão àquele quarto e quando voltei percebi porquê: ela estava aos beijos com outra mulher. Pisquei os olhos, passei a mão no rosto para me certificar de que estava a ver bem e aproximei-me. Sim, era mesmo ela, pude confirmar. Nesse momento ela abriu os olhos e, ao aperceber-se da minha presença, sorriu. Depois agarrou-me por trás do pescoço, puxou-me e juntou a minha boca à delas num beijo triplo. Num primeiro momento, não soube como reagir. Nunca tinha beijado uma mulher, muito menos duas ao

mesmo tempo, e foi uma sensação estranha. Mas se no meu estado normal, eu conseguia desligar os alarmes por breves momentos quando a excitação era demasiada e o tempo para pensar muito pouco, naquele momento aconteceu o contrário. Eles já estavam desligados e, no instante em que a minha boca se juntou à delas, ligaram-se. Mas ligaram-se durante um segundo, porque o efeito psicotrópico deitou-os abaixo logo de seguida e eu entreguei-me àquele beijo. Apesar de estranho, era divertido e foi assim que o meu cérebro o interpretou.

Entretanto a Diana afastou a outra mulher e ficámos só as duas. Encostou-me à parede e, por entre risos, continuámos a beijar-nos. A sensação era completamente inédita. Os lábios macios, o rosto liso e tudo o resto que a diferenciava, naturalmente, de um homem eram uma novidade para mim. A boca de uma mulher era, de facto, um conjunto de sensações distintas, a começar, desde logo, pela sua delicadeza e suavidade, que eu não havia sentido antes em mais boca nenhuma. Tinha consciência de que, em condições normais, aquilo seria muito improvável de acontecer, o que me dava uma adrenalina extra e me excitava ainda mais.

Continuámos a brincar com a boca e língua uma da outra, até que a Diana me desabotoou as calças e me abriu o fecho. Nesse momento parei de a beijar e encarei-a com um olhar de quem perguntava «o que é que estás a fazer?», mas sem parar de me rir. Ela respondeu-me enfiando a mão dentro das minhas calças e apertando-me o sexo por cima das cuecas. A minha boca abriu-se, os meus olhos arregalaram-se e ela limitou-se a sorrir. O facto de eu não me opor foi como se lhe dissesse «continua», pelo que ela avançou e passou a mão para o lado de dentro das cuecas acariciando-me diretamente o sexo. As minhas unhas cravaram-se nos braços dela por reflexo àquela sensação e depois introduziu um dedo dentro de mim. Não conseguia acreditar que aquilo estava mesmo a acontecer e sentia-me muito mal com isso, mas ao mesmo tempo só queria que ela continuasse. E a verdade é que ela me fez a vontade, ainda que eu não tivesse proferido uma única palavra. Ela continuou e continuou com força e velocidade metendo e tirando o dedo de dentro de mim. Os meus músculos começaram a contrair-se e eu abracei-me a ela e apertei-a contra mim para me segurar. Não demorou muito até me sentir quase a vir e tive de a afastar, antes que

me viesse ali, na roupa.

Voltei a apertar as calças e ajeitei o cabelo. Não sabia se era um efeito secundário do charro ou da respiração ofegante enquanto ela me tinha estado a masturbar, mas sentia a boca seca.

«Preciso de beber água», gritei para ela.

«Só se for na casa de banho», gritou de volta.

Virei à minha direita na direção oposta àquela de onde tinha vindo e nem reparei se a Diana vinha atrás de mim. Quando um pouco mais à frente encontrei as casas de banho e olhei para trás é que percebi que não. Entrei e fui direta a um dos lavatórios. Abri a água, molhei a boca e só depois é que me olhei ao espelho. Os meus olhos estavam vermelhos e o meu cabelo, despenteado. Estava realmente com mau aspeto. Um fungar do lado oposto da casa de banho chamou a minha atenção e quando olhei para ver o que era, uma mulher com um aspeto ainda pior do que o meu coçava o nariz e sacudia as mãos. Não era difícil perceber o que tinha acabado de fazer. Fitei-a por um momento e depois voltei a olhar para mim. Uma súbita vergonha abalroou-me e decidi passar água pelo rosto, acabando por despertar mais do que aquilo que estava à espera. A sensação de constrangimento aumentou e com ela uma ligeira sensação de arrependimento. Quanto mais me olhava ao espelho, mais consciência tinha do meu estado e pior me sentia. Talvez já tivesse visto e experienciado o suficiente ali dentro, pensei. Voltei a molhar a boca e saí à procura da Diana.

Quando me preparava para regressar ao ponto onde me tinha separado dela, passei por mais um quarto que atraiu a minha atenção e deixei que a curiosidade falasse mais alto. À semelhança de outros quartos, também este tinha uma cama redonda, toda ela assente no chão. O mobiliário, de resto, resumia-se praticamente a isso. Em cima dela, uma mulher, que aparentava ter pouco mais de 40 anos, estava na posição de quatro a ser penetrada por um homem. À sua frente, todo vestido e encostado à parede, estava um outro, aparentemente mais velho, a filmar a cena com um telemóvel. Assim que me apercebi do telemóvel, recuei ligeiramente, mas continuei atenta ao que se estava a passar. *Estariam eles a fazer um filme porno amador bem à frente dos meus olhos?*, questionei-me. Atrás do homem que a devorava estavam outros quatro, todos sem calças e com os respetivos sexos na mão.

Estavam a acariciar-se, mas ao contrário do último cenário em que os homens se masturbavam com a cena lésbica na cama, estes estavam apenas a preparar-se para entrarem em ação.

O homem que segurava o telemóvel levantou uma mão e fez um sinal circular no ar com o dedo. Por sua vez, o homem que fodia a mulher deu a vez ao seguinte, e este pegou nela, virou-a de barriga para cima e começou a penetrá-la. Pelo que podia perceber, aquilo tratava-se de uma espécie de rodízio sexual. Quando me preparava para continuar o meu caminho, o meu cérebro, que estava um pouco mais racional depois de ter passado a água no rosto, apercebeu-se, com algum *delay*, de um pormenor. Voltei atrás e olhei de novo a mulher. Na nova posição em que ela estava, conseguia ver-se uma das suas mãos que agora segurava o braço do homem que a estava a penetrar. Nessa mão era possível vislumbrar uma aliança semelhante à que se podia ver na mão do homem que segurava o telemóvel. *Oh, não!*, exclamei mentalmente. Aquele era o marido dela. Afinal não era a gravação de um filme porno amador, era a concretização de mais um fetiche de um casal de meia-idade.

Fui-me embora e quando finalmente cheguei à zona *lounge* onde tinha deixado a Diana, não a encontrei. Procurei numa divisão e noutra e nem sinal dela. Para piorar a procura, a luz era muito pouca, as pessoas estavam ao molho e a minha consciência era intermitente. Comecei a ter um *dejà vu* em relação à noite em que me perdi da Filipa e a encontrei no carro com um tipo e não gostei da sensação. Acelerei o passo, apurei a visão o melhor que consegui e fui ver nas divisões que me faltavam. Viria a encontrá-la num dos quartos próximos da entrada, mas, como já adivinhava, não estava apenas a assistir à diversão dos outros. Também ela estava a divertir-se com a cabeça entre as mamas de uma mulher. Sem pedir licença, agarrei-a pelo braço e trouxe-a para fora do quarto.

«A sério, Diana? Há sítios melhores onde pores a boca.»

Ela ia para me dar um beijo e eu detive-a. Depois agarrei-a pela mão e conduzi-a até à casa de banho para lhe passar também um pouco de água no rosto. O efeito das duas passas que dei no charro já estava a passar, mas ela tinha dado mais do que eu e, pelo sorriso parvo que tinha na cara, podia ver que no caso dela ainda durava. Molhei as mãos e passei-lhas pelo rosto e pescoço na esperança de que fizesse com ela

o que tinha feito comigo e saímos dali.

Já no exterior, dei-lhe a mão, não fosse ela tropeçar em alguma coisa por causa da visão afunilada, e comecei a caminhar com a estação de metro em mente. Depois olhei o relógio e lembrei-me de que àquela hora já não havia metro, pelo que optei por procurar uma praça de táxis. A Diana continuava a rir-se e eu, embora já sem tanta vontade, ainda partilhava algumas gargalhadas com ela.

Apanhámos um táxi e regressámos ao hotel. Quando chegámos, a euforia dela já se tinha desvanecido, mas aparentemente a vontade de rir dera lugar a outra vontade também bastante intensa.

«Estou esfomeada», murmurou ela.

«E onde é que estás a pensar comer a esta hora?»

«Tens moedas?»

Esvaziámos os bolsos e ela gastou todas as moedas que tínhamos nas máquinas de *vending* para tirar sandes e chocolates. Depois seguimos para o quarto e fomos comer, mas só quando terminámos é que ganhei coragem de tocar no assunto da noite.

«O que é que acabou de acontecer, Diana?»

Ela levantou os olhos para mim e encolheu os ombros.

«Parece que acabaste de dar o teu primeiro beijo lésbico.»

«Mas isso significa que...»

«Claro que não!», apressou-se a interromper com uma gargalhada. «Foi só uma experiência. Não significa nada em especial, apenas que durante aquele tempo te libertaste de uma série de preconceitos sem sentido. Ainda que com uma ajuda extra.»

Pus as mãos no rosto e abanei a cabeça.

«Eu ainda não acredito que nos comemos», desabafei.

«E não foi divertido? Foi uma brincadeira. Não mais do que isso. Eu acho a boca e o corpo de uma mulher bem interessantes, mas não dispenso um pau dentro de mim, como é óbvio.»

«E o Carlos?»

«O Carlos adora a ideia de me ver com outra mulher. Ele tem uma mente muito aberta. O que prova que é um homem seguro.»

«Aconteceram muitas coisas erradas esta noite, Diana.»

Quanto mais pensava no assunto, mais a realidade me caía em cima e me trazia a desagradável sensação de peso na consciência.

«Sabes o que é errado? A ignorância. É dizer que não sem provar. É falar mal sem conhecer. É vir ao mundo e não viver.»

Foi à casa de banho tratar da sua higiene pessoal antes de dormir e depois fui eu. Quando por fim nos deitámos, e antes que eu adormecesse, a Diana quis fazer um último apontamento:

«Em relação àquilo que aconteceu e que vimos esta noite, já sabes... o que acontece em Madrid fica em Madrid.»

37

Acordei no dia seguinte muito tranquila depois de um sono profundo. Já há muito tempo que não dormia tão bem, mas foi precisamente essa tranquilidade com que acordei que me preocupou, porque não me lembrava de ter ouvido o alarme. Ao meu lado, a Diana ainda dormia e a luz que vinha do exterior parecia matinal, mas quando decidi ver as horas, assustei-me. Era quase meio-dia, o que significava que o nosso voo partia dentro de pouco mais de duas horas. Saltei da cama e fui acordar a Diana.

«Acorda! Estamos atrasadas para ir para o aeroporto.»

Ela soltou um desolador «foda-se» e levantou-se da cama. Apressámo-nos a vestir, arrumámos as malas, fizemos o *check-out* e apanhámos o primeiro táxi que passou por nós. Assim que o táxi nos deixou no aeroporto, corremos para os controlos de segurança e quando chegámos à fila junto à porta de embarque, pudemos finalmente respirar de alívio. Pelo menos até me lembrar de que ainda tinha de levar uma lembrança para o **Afonso**.

«Guarda as minhas coisas», disse para a Diana. «Já venho!»

Dei uma corrida pelas inúmeras lojas de *souvenirs* do aeroporto, até que o meu olhar se deteve num objeto que me chamou a atenção, porque me fazia lembrar de mim e do **Afonso** ao mesmo tempo. Nem pensei mais. Levei mesmo aquele.

As últimas palavras da Diana na noite anterior não tinham sido uma mera expressão, porque durante toda a viagem até ao Porto não tocámos uma única vez no assunto sobre aquela noite. De certa forma, a ideia de segredo dava um outro encanto e misticismo ao que tinha acontecido, ao mesmo tempo que camuflava qualquer constrangimento que pudesse haver em falar disso.

Aterrámos no Porto e à saída o Carlos esperava pela Diana. Assim que ela chegou junto dele, deu-lhe um beijo e uma sensação de culpa apoderou-se de mim. O que não era de admirar, tendo em conta que nos havíamos comido à grande na noite anterior. Mas aliviava-me um pouco a consciência saber que, segundo ela, era algo que ele gostava de ver.

No entanto, ele não tinha visto nada. Nem tinha consentido com nada e isso mudava tudo. Mas, como ela tinha deixado bem claro, o que acontecia em Madrid ficava lá.

«Olá!», cumprimentei depois eu com um aperto de mão.

«A viagem foi boa?», perguntou ele, mais dirigido a mim do que a ela, já que certamente se mantiveram em contacto.

«Sim. Foi bastante...» Olhei a Diana de lado e arrependi-me logo de seguida. «Foi uma viagem bastante elucidativa. Serviu para entrar melhor dentro do universo da empresa.»

«E parece que se divertiram, não foi?»

Naquele momento fiquei na dúvida se ela lhe tinha dito alguma coisa, e a sensação que tive foi inédita e muito desconfortável para mim – sentia-me uma amante.

«Um pouco. Houve tempo para tudo...», respondi receosa.

«Boa. Era suposto ter ido eu com a Diana, por isso espero bem que tenha aproveitado, já que foi fazer a minha vez, pois era o que eu teria feito», disse ele, com um sorriso altivo.

Achei irónico ele ter dito aquilo, porque, por momentos naquela viagem, eu tinha literalmente tomado o lugar dele e não me sentia propriamente orgulhosa disso.

Eles seguiram para o carro do Carlos e eu dispensei boleia até ao meu, já que o tinha deixado no parque P6, que ficava a uns cinco minutos a pé. Assim que entrei no carro, recostei-me no assento e respirei fundo várias vezes. Aliviada a tensão no corpo, eram horas de entregar ao destinatário a lembrança que trouxera.

38

Antes de ir a casa dele, resolvi passar primeiro na minha para deixar as coisas, tomar um banho e comer qualquer coisa. Com toda a azáfama do regresso, não houve tempo para tudo e não queria que ele me visse naquelas condições. Assim que me arranjei e me voltei a sentir fresca e composta, peguei na mala com a lembrança que tinha trazido e arranquei para casa dele. Quando cheguei, toquei à campainha, disse quem era e ouviu-se o som da porta de entrada do prédio a destrancar. Entrei, subi e, ao chegar ao apartamento dele, encontrei a porta entreaberta. Espreitei para o interior e não vi ninguém. Dei três batidas na porta e esperei autorização para entrar. Pouco depois, surgiu o **Afonso** à entrada da cozinha e fitámo-nos à distância e em silêncio por um momento. Trazia umas calças de fato de treino e uma camisola de alças larga que permitia vislumbrar os braços, ombros e parte do peito. A imagem que me veio à cabeça foi a do *stripper* da penúltima noite e comecei de imediato a imaginá-lo a despir-se para mim ao som de uma música sensual. Trazia também um pano de cozinha ao ombro, o que indicava que deveria estar ocupado.

«Entra.»

Voltou para dentro da cozinha sem esperar por mim. Eu entrei, fechei a porta, pousei a minha mala no sofá e, quando cheguei à cozinha, encontrei-o junto à banca da loiça com um prato e uma esponja na mão. Do ponto onde estava, tinha uma visão completamente diferente do corpo dele. Como a camisola que trazia era larga e a abertura para os braços era bastante grande, dava para vislumbrar a tão sedutora zona das costelas. Além disso, e tendo em conta a posição inclinada sobre a banca, o seu rabo ficava ligeiramente empinado, conferindo-lhe um ar ainda mais atraente. Ou então era tudo uma ilusão criada pelo aumento da minha libido depois das experiências recentes em Madrid.

«Como é que correu a viagem?», perguntou-me.

Decidi encostar-me na mesa ao centro da cozinha por trás dele antes de lhe responder.

«Foi um pouco diferente daquilo que imaginei. Um diferente para

melhor. Posso dizer que foram dois dias intensos.»

«Se foste com a Diana, calculo que sim.»

Se da primeira vez o vi de frente e da segunda o vi de lado, agora estava a vê-lo de costas e a minha mente ganhava cada vez mais asas. Contudo, mais do que a visão do seu rabo, que lhe enchia as calças de fato de treino, e das costas largas, que pareciam rasgar-lhe a camisola, aquilo que de verdade me estava a excitar era o facto de o ver a lavar a loiça. Podia parecer uma tarefa banal do dia a dia, mas aquela imagem tinha realmente impacto em mim. Talvez por, mais uma vez, ser uma demonstração da sua independência e autossuficiência. Não era a primeira vez que o via a lavar a loiça, mas sempre que o via a desempenhar alguma tarefa doméstica, despertava um certo encantamento em mim. A prova disso era o meu batimento cardíaco acelerado e a ligeira pressão que começava a sentir no baixo-ventre, sinais óbvios de que a temperatura do meu corpo tinha escalado substancialmente.

«Porque é que dizes isso?», questionei-o.

«Porque eu conheço-a bem. Sei que vive a vida com intensidade e não seria de outra forma em Madrid.»

Olhei-o de cima a baixo e chupei os lábios, indecisa se havia de contar-lhe o que me tinha vindo à mente, mas arrisquei.

«Eu sei que vocês eram amigos das fodas.»

Ele olhou-me por cima do ombro sem mudar de posição nem tirar as mãos da água e percebi que ponderava justificar-se, mas desistiu logo depois. (Não tenho a certeza se preferi assim.)

«Já vi que ainda houve tempo para partilharem segredos.»

«Ela não me contou nada, eu é que acabei por descobrir. E não foi nesta viagem. Aliás, nem falámos de ti. Estávamos demasiado ocupadas com... coisas novas.»

«Dispenso pormenores, prefiro não saber o que fizeram.»

Era efetivamente um assunto que o incomodava e eu sabia que podia usar aquilo a meu favor para o afetar.

«Também não estava a pensar contar.»

«Então e... saberes isso acerca de mim e dela não te incomodou? Parecem muito próximas.»

Se eu tinha usado um trunfo para o afetar, ele não tinha feito por

menos e retaliou usando a mesma técnica.

«No início, talvez um pouco, mas depois de conhecer o contexto, acabei por compreender. A verdade é que o facto de ter aberto um pouco mais a mente nos últimos tempos ajudou a aceitar isso melhor. E depois desta viagem a Madrid ainda mais», devolvi.

Voltei a insistir na ferida e desta vez parecia que o tinha levado ao limite. O **Afonso** voltou-se para trás e, sem secar as mãos, agarrou em mim com um braço ao fundo das costas e uma mão no meu pescoço e sentou-me na mesa, ficando entre as minhas pernas.

«O que é que fizeste em Madrid?», vociferou por entre os dentes. «Parece que estás com muita vontade de me dizer.»

Não me vim espontaneamente naquele momento por pouco. Gostar daquelas abordagens era mais forte do que eu.

«Não te devo explicações. Estás a molhar-me toda.»

«Estou a molhar-te ou a deixar-te molhada?», grunhiu com a boca bem próxima da minha.

Por acaso, estava a referir-me à mão molhada que me agarrava no pescoço, mas depois de ele ter dito aquilo, percebi que as duas expressões se adequavam ao momento.

«A molhar-me!», frisei sem querer admitir.

«Andaste a foder com algum? Ou foi alguma orgia?»

«Quem é que tu pensas que eu sou?»

Tentei afastá-lo, mas sem fazer a força suficiente para o conseguir, apenas a necessária para me sentir presa. Tinha de admitir que aquela sensação me dava um prazer enorme.

«Se não o fizeste, então não terás problema em negar!»

«Tu queres é saber o que é que andei a fazer.»

Puxou-me, virou-me de costas para ele e fez-me debruçar sobre a mesa, debruçando-se de seguida por cima de mim. A sua cintura estava encostada ao meu rabo e eu conseguia sentir bem o seu pau. Por dentro, morria de tesão, mas sabia que tinha de resistir.

«Se não negares, vou entender isso como um sim.»

«Não! Não fiz nada dessas coisas!», gritei.

«Quero saber se te envolveste com alguém!» Demorei a responder e ele insistiu, agora mais alto: «Sim ou não?!»

«Não tens nada que ver com isso, **Afonso**!»

«Tarde de mais. Fiz a pergunta, agora se não responderes, será um sim para mim», rosnou junto à minha orelha, mas eu mantive-me calada. «O que é que achas? Os espanhóis beijam bem?»

«Eu não disse que me envolvi com algum espanhol!»

«Então de que nacionalidade era ele? Ou será que... não era um ele, mas uma ela?», sussurrou com cólera ao meu ouvido.

Estava cada vez mais próximo da verdade e eu não queria que ele soubesse, até pelo compromisso que tinha assumido. E de todas as formas de fugir ao assunto, escolhi a que mais me interessava.

«Vais continuar a fazer perguntas ou vais foder-me de uma vez?», atirei para meu espanto e, pelos vistos, dele também.

39

«Uuuuh! Estou a ver que foi transformadora, essa viagem!»

Puxou a minha cintura ligeiramente para trás, para ter espaço para desapertar as minhas calças, e desceu-me a roupa, expondo-me o rabo. Tentei erguer o meu tronco para me apoiar com os cotovelos, mas o **Afonso** agarrou-me por trás do pescoço e voltou a encostar-me ao tampo da mesa, subjugando-me por completo.

«Está quietinha!», ordenou ele.

Quanto mais ele me dominava, mais excitada ficava.

Manteve-me firme contra a mesa com uma das mãos e com a outra começou a descer a sua roupa. Naquele momento, sentia-me a explodir de prazer e só imaginava o pau dele a entrar dentro de mim. Era uma sensação completamente diferente. Muito mais intensa do que o normal e não conseguia encontrar uma explicação. Na posição em que estava, não conseguia ver bem o que ele estava a fazer, mas senti-o meter dois dedos dentro de mim.

«Hummm... Molhadinha!», rejubilou. Depois ouvi um som que dava a entender que os tinha chupado. «E saborosa!»

O meu corpo estremeceu quando ele roçou o seu pau do lado de fora do meu sexo. Fê-lo algumas vezes e eu, em silêncio, só lhe implorava para que o metesse logo. Sentia-me completamente molhada. Mais do que aquilo, só quando me vinha.

Finalmente, ele meteu a cabeça do seu pau dentro de mim e enterrou-o por completo logo depois num só movimento firme e impetuoso. Escapou-me um guincho que não percebi se era de prazer ou de dor. Recuou e voltou a penetrar-me violentamente, chocando com estrondo contra as minhas nádegas. Tinham sido só duas estocadas e eu não sabia se ia aguentar muitas mais. Tremia por todos os lados. O coração, sentia-o no pescoço. E as contrações no fundo da minha barriga e no períneo eram ininterruptas.

Com o pau todo dentro de mim, voltou a inclinar-se sobre as minhas costas, agarrou-me pelo cabelo e insistiu:

«Vais dizer ou não vais dizer o que andaste a fazer lá?»

Assim que terminou a pergunta, esbofeteou-me uma nádega e escapou-me outro guincho.

«Já te disse que não vou dizer nada!», respondi, desta vez mais empenhada em irritá-lo do que em guardar o segredo.

Ele rosnou e mordeu-me levemente o maxilar. Depois voltou a erguer-se e, sem soltar a mão do meu pescoço, que me esborrachava o rosto contra o tampo da mesa, penetrou-me de novo violentamente. Depois mais uma e outra vez e eu não aguentei mais. Tive de o afastar de mim com o rabo para me poder vir à vontade ao mesmo tempo que soltava um gemido queixoso. Ele apercebeu-se do sucesso das suas investidas e não esperou que eu recuperasse daquele primeiro e tão desejado orgasmo. Voltou a introduzir o seu membro duro e vigoroso dentro de mim e penetrou-me mais algumas vezes de rajada. As penetrações eram firmes, profundas e desprovidas de qualquer gentileza, e nem eu queria ou esperava que fosse de outra forma. Mais algumas estocadas e o meu corpo voltou a sucumbir ao extremo prazer que me incendiava. Toda a minha zona pélvica se contraiu e vim-me, de novo e intensamente, ao ponto de sentir o líquido que havia expelido escorrer-me pelas coxas.

Não conseguia entender muito bem a razão de me sentir tão sensível. Não era raro atingir o orgasmo, mas daquela vez tinha sido muito simples, rápido e eficaz. Talvez fosse um conjunto de situações que se tinham alinhado para me fazerem explodir de prazer. Nomeadamente o facto de ser o **Afonso**; o facto de ser daquele modo agressivo como eu gostava e, de certa forma, também imprevisível; o facto de já há algum tempo não ser efetivamente fodida e, com certeza, o facto de ter vindo a adiar e, consequentemente, a acumular alguns orgasmos nas últimas horas. Tudo isto compilado resultou naquele estado supremo de prazer.

O **Afonso** não abrandou e continuou a penetrar-me com a mesma veemência, mas eu simplesmente já não aguentava mais. Sentia-me a caminhar para um lugar desconhecido com toda aquela ebulição dentro de mim e essa sensação assustou-me.

«Para, para, para! Por favor. Não aguento mais», implorei.

«Magoei-te?»

«Não, não!», respondi pronta e ofegantemente. «Mas preciso de parar e respirar, senão ainda rebento.»

Aquela confissão foi um mimo para o ego dele e isso não era

propriamente o que mais abonava a meu favor, mas era o que eu estava a sentir e não tinha capacidade naquele momento de fazer qualquer raciocínio mais complexo do que aquele.

Afastou-se de mim e eu deixei-me estar imóvel naquela posição enquanto não tinha a certeza de que as minhas pernas já tinham restabelecido as suas forças para me poderem segurar.

«O que é que foi isto que acabou de acontecer?», perguntou.

«Isso pergunto eu. Tu é que tomaste a iniciativa.»

«Tu querias que o fizesse.»

«E pelos vistos tu também querias fazê-lo.»

Aproveitei para me recompor. Não só a nível de vestuário e cabelo, mas especialmente a nível físico e emocional.

«Acho que nunca neguei que o queria, mas como uma das minhas leis é não aceitar nem deixar que aceitem nada menos que tudo, eu decidi não te dar pouco por não te poder dar tudo. Que é aquilo que mereces. Mas acabei de quebrar essa regra...»

«E se não a quebraste antes foi porque eu não deixei...»

«O que é que mudou para que hoje tenha sido diferente?»

«As circunstâncias são diferentes e a vontade superou-me. Há dias assim. Só isso. Tens água fresca? Tenho sede.»

Ele olhou-me intrigado, denotando que também ele devia estar confuso em relação às minhas pretensões, e dirigiu-se ao frigorífico, pegou numa garrafa de água, encheu um copo com ela e entregou-mo. Sorvi metade da água enquanto ele me observava atentamente encostado ao balcão. Ao beber a água, reparei no armário em frente e a prateleira onde tinha visto a garrafa de *whiskey* estava vazia. Aquilo deixou-me intrigada e pousei o copo.

«Não me digas que bebeste aquela garrafa de *whiskey*.»

Olhou de soslaio para a prateleira.

«Na verdade, deitei-a fora. Não fazia sentido ter algo associado a uma fase negra da minha vida tão perto de mim. E quando me lembraste de que a tinha, percebi que estava a mais.»

Soube-me bem o sossego que aquela resposta me deu.

«Fico contente que assim seja, mas vê se pões ali alguma coisa. Confesso que me faz confusão ver uma prateleira vazia.»

«Não vou pôr ali nada só por pôr.»

«Olha, podes pôr a lembrança que te trouxe de Madrid. Assim passas a ter por perto algo que te lembre de uma fase boa.»

«Estava a ver que nunca mais tocavas no assunto. O que é?»

«Eu vou buscar.» Corri até ao sofá onde estava a minha mala, peguei na lembrança e regressei com o mesmo entusiasmo para a cozinha. «Toma!»

40

«Uma miniatura em porcelana de dois bailarinos», murmurou enquanto observava a miniatura, ainda dentro da caixa que lhe havia entregado. «Suponho que estejam a dançar tango.»

«Pois, isso já não tenho a certeza, mas vale pela intenção.»

«Não deixa de ser curioso. Antes de ires, encontrámo-nos num parque enquanto passeavas o teu cão, que por acaso foi mais ou menos como nos conhecemos, e no regresso dessa viagem, trazes uma lembrança que nos remete para o dia em que te levei a uma aula de dança de tango argentino, que foi um dos nossos primeiros encontros. Serão tudo coincidências?»

«Em relação ao parque, já falámos sobre isso, e em relação a essa miniatura, foi o que consegui encontrar à última hora no aeroporto. Dá graças por me ter lembrado a tempo, senão não tinha trazido nada. Mas não te esqueças de que foste tu que me pediste uma lembrança. Dá cá isso.» Peguei na caixa e retirei a miniatura do interior. «Vamos pô-la no seu devido lugar.»

Aproximei-me do armário e tive de me esticar para a conseguir colocar na prateleira vazia.

«Vês? Até fica bonita», enalteci. «E é bem mais bonita do que uma garrafa de *whiskey,* além de trazer memórias bem melhores.»

Ele estava a fitar-me com um ar lascivo e parecia até que não estava a prestar atenção ao que eu estava a dizer.

«Não acabei...», murmurou.

«Não acabaste o quê?»

No início, não estava a perceber, mas depois fez-se luz.

«Ah! Já percebi. Não acabaste, mas eu, sim», atirei com um encolher de ombros, como se não fosse problema meu.

«Sabes que não sou de deixar fodas a meio.»

Ia dizer-lhe para a acabar à mão, mas depois lembrei-me de que podia jogar um pouco com a situação.

«Pois, mas já não vai ser hoje», respondi num tom altivo.

A oportunidade de sair novamente por cima tinha aparecido e eu não a

podia desperdiçar. Ainda que o coração (e o corpo) me pedisse para ficar mais um pouco, sabia que tinha mais a ganhar se fosse embora naquele momento e o deixasse a desejar. Além disso, ao ser eu a decidir o fim de uma conversa ou o fim de um encontro indicava que era eu que estava no controlo da situação e talvez assim demonstrasse que era uma mulher confiante. O que, segundo as dicas da Diana, era afrodisíaco para os homens.

«Bom! Eu vim cá apenas trazer-te a lembrança, tal como tinha dito que faria. Como já está entregue, já me posso ir embora.»

Abandonei a cozinha e fui à sala buscar a minha mala. Logo depois, o **Afonso** surgiu à entrada da cozinha e antes que eu pudesse abrir a porta do apartamento, ele deteve-me com uma pergunta:

«A Mafalda ligou-te?»

O *timing* perfeito para a minha saída tinha-se desvanecido com aquela pergunta, mas também a minha preocupação naquele momento tinha passado a ser outra.

«Por acaso ligou, como é que sabes?»

«Eu não sabia, por isso é que perguntei.»

Revirei os olhos e passei à frente o jogo de palavras.

«Como é que sabias que ela provavelmente me iria ligar?»

«Talvez porque fui eu que lhe disse para o fazer.»

«Porque é que havias de ter feito isso?»

«O que é que ela te disse nessa chamada?»

«Para ser sincera, o assunto foi profissional. Ela queria saber qualquer coisa sobre seguros, mas não acreditei nela.»

A expressão inicial dele foi de estranheza, mas logo depois o seu olhar suavizou-se, como se ele tivesse chegado a uma explicação.

«E não disse porquê? Foi só isso?»

«Sim, basicamente. Quer dizer, mais ou menos. Eu percebi que ela queria saber se me poderia encontrar lá na empresa, mas eu expliquei que não era eu que tratava dessas coisas, por isso não percebi porque é que ela queria saber se eu estava lá.»

«Talvez porque queria estar pessoalmente contigo.»

«**Afonso**, para com isso! Se sabes o que ela queria, diz-me!»

«Se fui eu que lhe disse para falar contigo, não vou ser eu a falar. Em relação a isso, só há uma coisa que te posso dizer...»

«Então diz o que puderes dizer.»

«Dou-te uma informação depois de me dares outra.»

«E que informação é que...» Parei a pergunta a meio ao perceber qual era. «Eu não tenho tempo para estes joguinhos. Já me devia ter ido embora e já te disse que não te vou dizer o que se passou em Madrid. Se é essa a tua condição, não faz mal, eu tenho o número da Mafalda e eu mesma ligo-lhe para saber o que ela queria.»

«Não acho que te vá dizer por telefone...»

Protestei em silêncio comigo mesma e com ele, depois rendi-me ao som de um suspiro frustrado.

«Beijei uma mulher...», sussurrei.

«O quê?»

«Beijei uma mulher em Madrid!», disse mais alto.

A expressão dele passou de admiração para curiosidade.

«E foi bom?»

«Sim... Acho que sim.» Ele pareceu mais relaxado e até animado. «Mas não te incomoda esta informação?»

«Nem por isso. Até gostei. Não só por saber que te envolveste com uma mulher, mas também por saber que não te envolveste com um homem. Fico mais descansado assim.»

«Mas será que os homens têm todos essa paixão secreta de verem mulheres a comerem-se? Mesmo as vossas?»

«Talvez seja algo que já faz parte da nossa natureza...»

«Bem, também não importa agora.» Abanei a cabeça. «Diz lá que informação é essa que podes partilhar comigo.»

Respirou fundo e olhou em volta, agora mais sério.

«Sabes aquela história de a Mafalda ter tido uma oportunidade de emprego imperdível em Vila do Conde e de precisar de tempo até encontrar uma casa à sua medida?»

«Siiim...», respondi lentamente com receio do que aí vinha.

«Parece que não é bem assim. Ela não teve nenhuma proposta de trabalho e nem sequer está à procura de casa...»

Fulminei-o com o olhar e tive de sacudir a cabeça para tentar assimilar aquela última frase, que mudava tanta coisa.

«O quê? Tu enganaste-me este tempo todo?»

«Ei, calma! Eu também não sabia disto. Só há pouco tempo é que ela

me contou. Mais concretamente no momento em que me fez companhia no hospital, naquele dia do desaguisado.»

«Então ela mentiu-nos aos dois, é isso?»

«Basicamente», atirou com um ligeiro inclinar da cabeça.

«Afinal, porque é que ela foi para o apartamento?»

«Essa é a parte que deve ser ela a dizer-te, tal como me disse a mim. Até porque foi o que eu lhe exigi.»

«Oh, **Afonso**. Qual é a diferença? Se sabes, diz! Estás a guardar segredo? Parece que estás do lado dela.»

«Se quisesse guardar segredo e se estivesse do lado dela, não lhe exigia que te contasse. Só acho que não há ninguém melhor do que ela para repor a verdade também contigo. Eu faço questão de te levar até ela, mas não me compete a mim falar. Não será a situação mais agradável do mundo, mas, se achares melhor, eu estarei presente.»

«Mas tem alguma coisa que ver comigo? Ou contigo?»

«Não, mas talvez tenhas algo a dizer...»

«Eu não vou estar sozinha com uma pessoa dessas, por isso, sim, tu vais comigo. E quando é que pode ser?»

«Em princípio, quando quiseres e puderes.»

«Então já amanhã vou falar com ela e tu vais acompanhar-me.» Abri a porta para me ir embora e lembrei-me de um pormenor que não quis deixar de referir. «Ah! Mas eu quero que essa conversa aconteça no teu apartamento da Póvoa.»

41

Assim que a Filipa me apanhou em casa, não me largou enquanto não satisfez as suas curiosidades todas acerca da viagem a Madrid e do posterior encontro com o **Afonso**. Aproveitei também para enviar uma mensagem à Mafalda a contar, de uma forma resumida, o que ele me tinha dito e perguntei-lhe se tinha disponibilidade para nos receber, no dia seguinte, no apartamento. Ela respondeu-me logo que sim e, apesar do alívio que isso me deu, a ansiedade não me abandonou. Mas antes disso, tinha ainda um dia de trabalho que iria exigir o máximo da minha concentração, por isso esforcei-me para deixar esse assunto na gaveta.

Já no trabalho, a luzinha do telefone fixo na minha secretária começou a piscar com uma chamada e atendi.

«Estou, sim?»

«*Passe no meu gabinete, por favor.*»

Era a voz do Dr. Silva e só disse aquilo. Quando pousei o telefone, fechei os olhos por um momento e respirei fundo. A náusea já era automática e inevitável assim que ouvia aquela voz. Levantei-me, ajeitei a roupa, endireitei as costas e subi ao andar de cima. Assim que a Diana me viu a aproximar, apontou com o dedo para a porta do gabinete do Dr. Silva, como que perguntando se era para lá que me dirigia, e eu anuí com a cabeça.

«Porque é que te chamou?», perguntou-me baixinho.

«Não sei, vou descobrir dentro de momentos.»

«Qualquer coisa... Lembra-te das nossas conversas.»

Piscou-me o olho e fui bater à porta do Dr. Silva.

«Entre!», ouviu-se do outro lado.

Antes de entrar, a Diana voltou a chamar-me e encheu o peito para me transmitir confiança, acabando por me arrancar um sorriso que me ajudou a descontrair. Podia parecer algo inofensivo, mas o meu subconsciente já estava a disparar os alarmes.

«Então? As férias foram boas?», perguntou ele mal eu entrei, enquanto remexia nuns papéis sobre a secretária.

«As férias? Não percebi, doutor...», fiz-me de desentendida.

«As férias em Madrid. Souberam bem, imagino. Ainda por cima pagas pela empresa, melhor era impossível.»

«Mas a viagem foi de trabalho. Eu fui em trabalho.»

«Trabalho? Sabe qual é o seu trabalho? Isto aqui.» Atirou uma pilha de processos para o meu lado da secretária. «Se fosse uma viagem de trabalho, o seu trabalho não estaria aqui empilhado.»

Alguma coisa não estava a bater certo e o meu ritmo cardíaco começou a acelerar e a temperatura corporal a aumentar.

«Não estou a perceber, doutor. Eu fui nesta viagem com o devido conhecimento do Dr. Carlos. Aliás, fui na vez dele. E fui, obviamente, em trabalho e com sentido de responsabilidade.»

Ele reclinou-se na cadeira e depois passou a mão à volta da boca. Percebi logo que não vinha coisa boa dali.

«Com sentido de responsabilidade? Se você tivesse um pingo de responsabilidade, não teria abandonado o seu lugar e as suas funções, que sabe muito bem que são cruciais dentro do departamento onde trabalha, para ir passear para Madrid com a sua amiga Diana. A sua sorte foi que só soube que era você que ia no lugar do Carlos ao congresso no dia da viagem, porque senão não teria permitido, está a perceber? Fica-lhe muito mal...»

«Mas o Dr. Carlos disse...»

«Não me interrompa, que eu ainda não acabei. Ou já se esqueceu de quem é que manda aqui e de quem é que está acima de quem? Você interrompe quem estiver abaixo de si, se quiser. E sabe quem é que está abaixo de si nesta empresa, tendo em conta que foi a última a entrar?» Pensei que era uma pergunta retórica e não respondi. «Eu fiz uma pergunta!», insistiu.

«N... n... ninguém...», gaguejei.

«Errado! Existe um funcionário nesta empresa que está abaixo de si, embora esteja cá há mais tempo, que é aquele caixote do lixo ali no canto», disse, mantendo o tom arrogante. «Aquele é o único funcionário que você pode interromper quando quiser. Em relação a todos os outros, a menina ouve, aprende e cala. Estamos entendidos?» Anuí com a cabeça, apesar da revolta interior. «Como eu estava a dizer, fica-lhe muito mal, uma vez que é o elemento com menos tempo de casa, aceitar um convite para ir a Madrid e deixar o trabalho que deveria ter sido feito

por si aos seus colegas. Eles já têm muito trabalho, não têm de acumular o seu.»

«Dr. Silva, foi a Diana que me convidou e eu até lhe disse que havia pessoas em melhor posição do que eu para ir, precisamente porque estava aqui a trabalhar há pouco tempo, mas ela insistiu que fosse eu, pois iria ser mais confortável para ela. Eu sei que poderia ter recusado e, se soubesse dos problemas que ia causar, com certeza tê-lo-ia feito, mas falei com os meus colegas do departamento e eles compreenderam a situação. Eles têm muito trabalho e não têm de acumular o meu, concordo totalmente. Contudo, também me lembro, se me permite a emenda, de que uma vez uma colega do departamento comercial faltou e foi o próprio Dr. Silva que passou para mim a responsabilidade de assumir o trabalho dela. Daquela vez foi ela a faltar, desta vez fui eu, da próxima será outra pessoa e estou certa de que continuaremos a trabalhar como uma equipa e a sermos uns para os outros, para continuar a ajudar a empresa.»

Ele esperou que eu acabasse de falar e, pela sua serenidade e paciência, percebi que já sabia como iria contrapor.

«Acho engraçado ter referido esse ponto, menina Inês», começou por dizer num tom irónico antes de regressar ao habitual tom arrogante. «Porque ao contrário de si, essa sua colega faltou porque estava doente!», berrou. «Não faltou por ter ido passear! E além disso, essa sua colega não era a caloira da empresa!»

«Eu sei que não são situações comparáveis, eu só...»

«Cale-se, que eu ainda não acabei!» Berrou ainda mais alto e a sua voz estremeceu-me o corpo todo. «Sabe porque é que tenho estes processos todos aqui comigo?» Abanei veemente a cabeça. «Porque não deixei que os seus colegas fizessem o seu trabalho. Esta pilha que vê aqui em cima da mesa é exatamente o trabalho que lhe competia fazer durante estes dias.»

A voz maligna dele fedia a perversidade.

«Como assim, doutor? Esses processos estão por fechar?»

«Claro! Estavam aqui todinhos à espera de que a menina Inês regressasse de férias. Ou o trabalho já se faz sozinho?»

«Isso quer dizer que o doutor sujeitou a empresa a perder dinheiro e até mesmo clientes para de alguma forma me castigar?»

«Não! O seu castigo, que não é castigo nenhum porque não é mais do que a sua obrigação, é precisamente evitar que a empresa perca dinheiro e clientes. Por isso, tem aqui estes três dias de trabalho em atraso para compensar. Mas não pense que vai fazer isto durante o seu horário laboral e prejudicar a qualidade do trabalho novo para compensar o que está em atraso. Nada disso. Só vai tratar destes processos depois do seu horário laboral. Por isso, assim que terminar o seu dia de trabalho, passa aqui a recolher alguns destes processos e no dia seguinte, que neste caso é só segunda-feira, antes de começar a trabalhar, vai deixar aqui no meu gabinete os processos que levou. Que é para eu ter a certeza de que não andou a tratar deles durante o seu horário laboral normal.»

Estava abismada com tamanha ruindade e não estava a conseguir encontrar as palavras certas para lhe responder.

«Dr. Silva, para compensar este trabalho, eu teria de sair da empresa às dez da noite durante mais de uma semana.»

«É muito trabalho? Mas não lhe pareceu muito trabalho quando decidiu empurrá-lo para os seus colegas de departamento. Pensasse nisso antes de ter aceitado esse convite.»

«Mas foi tudo acordado com o Dr. Carlos e os colegas. E eu não fui convidada, fui destacada por elementos superiores para ir representar a empresa. Não me parece justo o que está a fazer!»

«O que não é justo é eu estar a pagar-lhe por um trabalho que não fez. Por isso, se não quiser fazer o trabalho que lhe competia para estes três dias, eu terei de os descontar do ordenado. Não é isso que quer, pois não? Então já sabe. Assim que terminar o seu horário de hoje, passa aqui no meu gabinete e leva alguns destes processos para ir começando já a compensar. Agora dê-me licença, que tenho muito que fazer e estou muito cansado, já que, ao contrário de si, não tive três dias de folga a meio da semana. Faça o favor!»

Estendeu a mão na direção da porta e eu, incapaz de me impor, à semelhança das vezes anteriores, baixei a cabeça e dirigi-me para a saída. Naqueles curtos três passos, as palavras da Diana sobre a necessidade de tomar uma atitude perante do Dr. Silva, independentemente das consequências, vieram-me à cabeça. Subitamente, uma onda de coragem assomou-me e ia virar-me para trás

e dizer-lhe um majestoso «*não*», mas a minha convicção era tão frágil e fugaz, que o restolhar de umas folhas na sua secretária foi motivo suficiente para acreditar que já tinha perdido o *timing*. Engoli em seco a minha cobardia e abandonei o gabinete fechando a porta atrás de mim com uma subtil força a mais.

Compenetrada na minha revolta interior, não só pela injustiça de que acreditava estar a ser vítima, mas também por mais uma demonstração das minhas inseguranças, passei apressadamente em frente à secretária da Diana e não lhe disse nada. Ela veio de imediato atrás de mim e, antes que eu metesse pela escadaria que dava acesso ao piso inferior, agarrou-me pelo braço e puxou-me.

«Então, miúda? O que é que aconteceu lá dentro?»

Já imaginava que os meus olhos estivessem raiados de sangue e não fossem necessárias grandes explicações, mas mesmo assim quis esclarecê-la, até porque se não falasse, explodia.

«Foi mais do mesmo, Diana... O Dr. Silva embirrou comigo no início e agora tenho de levar com este martírio. Apercebeu-se das minhas fragilidades e agora faz o que quer de mim.»

«Tem calma! O que é que foi desta vez?»

Arrumei o cabelo para trás das orelhas e pus as mãos na cintura. Depois soltei um longo suspiro e respondi-lhe, por fim.

«Ele implicou por ter aceitado o convite para ir contigo a Madrid. Disse que, se soubesse, não o teria permitido. Para me castigar, ou vingar-se, sei lá, guardou todo o trabalho que me estava destinado e ordenou que o fizesse em horas extras, obviamente não remuneradas, durante os próximos dias. Caso não aceite, desconta-me estes três dias do ordenado.»

«O quê?» Fez cara feia. «Ele não pode fazer isso! Tu foste em trabalho e devidamente autorizada, Inês!»

«Foi o que tentei explicar-lhe, mas mal me ouviu.»

«Eu vou lá falar com ele.»

Desta vez, fui eu que a detive.

«Não! Não vás. Não gosto de ser queixinhas nem quero que sejam os outros a resolver os meus problemas.»

«Não é isso que está em causa. Agora até me sinto um pouco culpada porque fui eu que te convidei para ires comigo. Não posso deixar que ele

seja injusto desta forma contigo.»

«Mas eu não quero que o faças. Por favor! Estou a pedir-te.»

«E tu não vais fazer nada? Vais comer e calar? O que é que te pedi antes de entrares? Ando a falar para uma parede, é?»

«Eu tentei fazer o que me disseste, mas não consegui. Mais uma vez. Não sei o que me acontece, mas bloqueio. Agora, olha... Fica assim e da próxima pode ser que tenha coragem.»

«A próxima era supostamente esta, Inês.» Desviei o olhar para o chão e aceitei o reparo. «Então vou falar com o Carlos. Vou expor a situação e ele vai ter de fazer alguma coisa.»

«Não, Diana! Peço-te, por favor, que não fales disto a ninguém. Eu já sou crescidinha e sei assumir as minhas responsabilidades. Não ter conseguido impor-me como talvez deveria já é punição suficiente para mim. Se agora fosse alguém defender-me, eu ia sentir-me ainda pior do que já me sinto. Não digas nada a ninguém, estou a pedir-te. Tenho de ir trabalhar porque senão vou estar a dar-lhe ainda mais motivos para se vingar.»

Meti pelas escadas sem lhe dar oportunidade de me demover e regressei para o meu local de trabalho. A frustração e raiva já eram muitas, mas quando me lembrei de que tinha combinado com o **Afonso** ir ao seu apartamento da Póvoa para saber o que é que a Mafalda tinha para me confessar, fiquei ainda mais frustrada. À hora a que iria sair do trabalho, já não dava para fazer nada e muito menos com o estado de espírito com que ia estar. Aquele homem conseguia atrapalhar a minha vida dentro e fora da empresa e o pior disso tudo é que eu permitia, o que fazia de mim cúmplice dele num ataque continuado a mim própria. Uma conclusão que me deixou com raiva não só dele, mas principalmente de mim.

A frustração voltou a aumentar quando chegou a hora em que supostamente acabava o meu turno e toda a gente se começou a preparar para ir embora e eu sabia que comigo não seria assim. Respirei fundo algumas vezes, numa tentativa de que o oxigénio funcionasse como desinfetante para aquela sensação negativa no peito, e levantei-me para ir buscar os respetivos processos, tal como o Dr. Silva me havia dito para fazer. Quando me voltei a cruzar com a Diana, ela olhou-me com uma expressão intrigada.

«Ele voltou a chamar-te ou ganhaste finalmente coragem de lhe dizer o que ele merece ouvir?», questionou-me.

«Nem uma coisa nem outra. Ele disse-me para passar cá depois do meu horário laboral para pegar nos processos. Assim tinha a certeza de que eu não fazia o trabalho em atraso durante o tempo em que deveria concentrar-me no trabalho atual.»

A expressão dela transformou-se em repulsa.

«O quê? Estás a falar a sério?»

Levantou-se, veio até mim e agarrou-me pelo braço, puxando-me na direção de onde eu tinha vindo.

«O que é que estás a fazer?»

«Tu não vais buscar nada ali dentro. O teu turno já acabou e são horas de ir embora. Não és obrigada a trabalhar mais tempo.»

«Diana! O Dr. Silva já está furioso comigo, se eu for contra ele, vai ser ainda pior para mim.»

«Se tu não és capaz de te impores e de te opores a esse abuso, então parece que a única forma é obrigar-te a fazê-lo. Por isso, tu vais embora agora mesmo, tal como num dia normal, pois não te pagam mais do que isso. Quando ele se aperceber de que não aceitaste o abuso que te tentou infligir, vai começar a espumar-se pela boca e vai confrontar-te. Nesse momento, tu não terás outro remédio que não seja impor os teus limites e exigir o respeito e o tratamento que mereces e a que tens direito. E depois? E depois arcas com as consequências. Com certeza que ninguém há de morrer. Agora, põe esse rabinho a mexer daqui para fora.»

Só faltou empurrar-me até à porta, mas eu acatei a imposição dela e voltei para trás de livre vontade. No fundo, aquela sempre fora a minha intenção, mas faltava-me aquele empurrão, que acabou por ser quase literal. Assustavam-me um pouco as consequências, mas saber que tinha o apoio da Diana ajudava-me a lidar melhor com esse medo. Ao mesmo tempo, saber que estava a ir contra uma ordem sem que isso me pesasse na consciência, já que tinha noção de que era uma injustiça, dava-me uma boa sensação de rebeldia.

Sendo assim, os planos de ir com o **Afonso** falar com a Mafalda voltavam a ser uma hipótese, por isso agarrei nas minhas coisas, meti-me no carro e conduzi até ao seu apartamento no Porto.

Não era propriamente um final de dia de sonho, mas, mal por mal, preferia isso a ficar até mais tarde a fechar processos.

Toquei à campainha e ele atendeu quase de imediato.

«Estás pronto para uma viagem até à Póvoa?»

«Entra e espera por mim junto aos elevadores. Já desço.»

Destrancou a porta e fiz como me pediu. Mal entrei, a porta de um dos elevadores abriu-se e embora soubesse que era impossível ser ele, não consegui evitar uma pequena desilusão quando saiu um casal de idade. Percebi o quão ansiosa estava por voltar a vê-lo e essa sensação agradou-me. Uns instantes a seguir, a porta do outro elevador abriu-se e do lado de dentro surgiu ele, vestido de negro (como sempre) e de olhar penetrante.

«Entra. Vamos no meu carro», convidou.

42

Entrei no elevador e descemos em silêncio até às garagens do prédio. Só quando entrámos no carro é que fez uso da palavra.

«Pareces tensa», comentou enquanto punha o cinto.

«O dia não correu muito bem e não sei se vai melhorar.»

«O que é que aconteceu?»

«Stresses com um superior meu, mas está tudo bem.»

Deu a volta ao carro e dirigiu-se para a saída.

«É preciso fazer-lhe uma espera à porta da empresa?»

«Agradeço o instinto protetor, mas não é necessário.»

«Tens a certeza?» Anuí com a cabeça e desviei o olhar para a janela. «Porque achas que o dia não vai melhorar?», perguntou.

«É difícil perceber porquê?»

«Não, mas quero ouvir a tua versão.»

«Estamos neste momento a caminho do teu antigo apartamento, para falarmos com a tua ex, que, pelos vistos, nos mentiu e afastou. Tudo isto me parece errado e constrangedor.»

«Tenho de concordar que é constrangedor para todos, mas não há nada de errado em querer saber a verdade e ninguém melhor do que ser a própria pessoa que a escondeu a repô-la.»

Durante o resto da viagem, tentei puxar por ele para descobrir mais alguma coisa acerca daquilo que ela eventualmente teria para me dizer, mas ele aguentou bem a pressão e não se descoseu. Assim que chegámos, o **Afonso** seguiu à minha frente e subimos até ao apartamento. Ao sair do elevador, possuiu-me uma ligeira sensação de *dejà vu* ao relembrar-me do momento em que, naquele mesmo local, aguardávamos a chegada da Mafalda. Entretanto muita coisa tinha mudado, mas a ansiedade parecia a mesma.

Ele bateu à porta do apartamento e esta não demorou em ser aberta pela Mafalda, vestida com uma roupa casual, de andar por casa, que nos recebeu com um sorriso tímido.

«Entrem!», convidou.

Não trocámos beijos e eu segui, por instinto, para a sala.

«Vou deixar-vos à vontade», sugeriu o **Afonso**. «Nós já tivemos esta conversa e já disse o que tinha a dizer», atirou com um ar desinteressado e despreocupado.

«Então se calhar ficas aqui na sala e nós conversamos no quarto», disse a Mafalda, olhando para mim.

Encolhi os ombros, também para tentar demonstrar que estava tranquila em relação ao que pudesse ter para me dizer, e ela fez-me sinal com a mão para a acompanhar até ao quarto. Enquanto a seguia pelo corredor, olhei de relance para o **Afonso,** que aguardava à entrada da sala, observando-nos com atenção. Convidou-me a entrar à sua frente e depois entrou ela, fechando a porta. De repente, o ambiente ficou mais sério e ainda mais constrangedor. Depois, ela entrelaçou os dedos e estalou-os.

«Antes de mais, peço desculpa por todo este embaraço», começou por dizer. «Mas é uma conversa que te estava a dever, uma vez que és uma das pessoas às quais faltei à verdade, embora não fosse com más intenções. Tentei que fosse há uns dias, mas acabou por não se proporcionar.»

«Não faz mal, melhor tarde do que nunca, não é?», disse, apenas com o intuito de criar a ideia de uma conversa.

«Melhor tarde do que nunca, de facto, mas espero que não seja tarde de mais. E percebi que poderia ser tarde de mais no dia em que nos cruzámos naquele bar e me apercebi de que as coisas entre ti e o **Afonso** não estavam bem. Não queria acreditar que pudesse ter algo que ver comigo, mas, pelas dúvidas, decidi, nessa mesma noite, esclarecer tudo. Sobretudo o verdadeiro motivo que me levou a contactá-lo. Pelo menos para ter a certeza de que não havia mal-entendidos e segundas interpretações.» Anuí com a cabeça em modo de incentivo para ela desenvolver e ir direta ao assunto. Ela pareceu ter entendido o sinal. «Pronto, infelizmente, e ao contrário do que te disse quando nos conhecemos, eu não vim para aqui por causa de uma oportunidade de emprego, mas sim para fugir da casa onde vivia com o meu namorado.»

A minha expressão foi bastante elucidativa do quanto aquilo me apanhara de surpresa. Os meus olhos arregalaram-se e o meu queixo mergulhou no pescoço. Era um semblante que dispensava qualquer

pergunta, mas, ainda assim, não quis deixar de a fazer.

«Podes explicar-te melhor?»

Mudei de posição para me sentir mais confortável e poder estar mais concentrada no que ela estava prestes a revelar-me.

«Basicamente, eu estava a viver uma relação profundamente abusiva há demasiado tempo com o agora meu ex-namorado. No início, parecia tudo bem, mas com o tempo ele foi-se revelando uma pessoa ciumenta, manipuladora e mesmo agressiva. Mais tarde, quando comecei a juntar as peças, percebi que ele sempre fora assim, eu é que não o conseguia ver por causa do sentimento que tinha por ele. Ou então não via porque não queria acreditar, talvez fosse mais isso. A verdade é que, a dada altura, as coisas foram ficando fora do controlo, especialmente depois de eu ter tentado terminar o relacionamento a primeira vez. Ele chegou mesmo a...», engoliu em seco. «A agredir-me e a ameaçar que me fazia isto e aquilo. Enfim. Tudo o que possas imaginar. Chegou a um ponto em que ele ia levar-me e buscar-me ao trabalho, controlando cada um dos meus passos, convencido de que aquilo que me tinha levado a tentar terminar o relacionamento era outro homem. E não era!»

«Mas alguém sabia do terror que estavas a viver?»

Senti que a minha entoação deixara de ser tão inquisitiva e tão - desconfiada para ser mais compassiva.

«Não é propriamente algo de que tenhamos orgulho em falar e admitir que estamos a viver. Acabamos por esconder numa tentativa de disfarçar as nossas fraquezas e também para evitar que nos digam o que temos de fazer e tentem viver a nossa vida. E essa foi uma das razões pelas quais eu também não quis dizer a verdade, porque tinha esperança de conseguir amenizar as coisas sem que ninguém se apercebesse do que estava a acontecer.»

«E a tua família? Os teus pais e amigos...»

«Não tinha como esconder dos meus pais, porque sabia que, ao fugir, o primeiro lugar onde o meu ex me iria procurar seria em casa deles. E assim foi. O meu pai disse-me que por várias vezes viu o carro dele estacionado num café em frente. Deve ter começado a frequentá-lo para controlar a casa dos meus pais e verificar se eu estava ali ou não. E de certeza que fazia o mesmo no meu local de trabalho e até na casa da Maria Leonor, a minha melhor amiga, que tu já tiveste oportunidade de

conhecer naquela noite e que, ao contrário do que te disse quando nos conhecemos, não está emigrada. Ela, assim como os meus pais, vive em Leiria, por isso eu sabia que tinha mesmo de sair daquela zona.»

«Mas chegaste a apresentar alguma queixa?»

«Só em último recurso...»

Baixou o olhar para as mãos.

«Parece-me que o facto de já teres tido necessidade de fugir seja considerado um último recurso. Provavelmente ele não vai descansar enquanto não te encontrar. E não vais conseguir fugir a vida toda, Mafalda. Mais tarde ou mais cedo, vais ter de o enfrentar. Convinha era que tivesses algum tipo de proteção.»

«Ele não saber onde estou já é uma grande ajuda. Tenho inclusive pensado em instalar-me por cá. Não aqui no apartamento, claro, porque já atrapalhei a vossa vida o suficiente, mas começar uma nova vida longe de casa. Até já comecei a procurar emprego aqui na zona. De certeza que é uma questão de tempo até ele perceber que a sua postura está errada e seguir com a sua vida e deixar-me em paz. Estar a fazer uma queixa agora é deitar gasolina para a fogueira. O melhor é esperar que ela se apague por si.»

«Mafalda, acabaste de dizer que ele sempre foi assim e que tu é que não conseguias ou não querias ver a realidade. O que é que te leva a crer que de repente ele vai mudar? As pessoas são o que são. Infelizmente, não mudam. Tens de fazer alguma coisa em concreto. O que estás a fazer é fugir, é contornar o problema.»

«O que estou a fazer é gerir o problema à minha maneira. E foi precisamente para evitar ouvir esse tipo de conselhos que preferi guardar para mim. E se estou a contar isto foi porque senti que os meus problemas estavam a afetar terceiros. Gostava de poder terminar o que tinha para te dizer, que é o que nos traz por cá.»

«Tens razão, desculpa. Como deves imaginar, é difícil não me expressar depois de um testemunho desses. Mas continua...»

«Então é assim, quando percebi que a única solução seria desaparecer do mapa, pelo menos por uns tempos, lembrei-me de entrar em contacto com o **Afonso**, já que não tenho confiança com nenhuma das pessoas que conheci para estes lados durante os tempos de faculdade e, no fundo, algo me dizia que ele não me ia dizer que não.

Até porque eu também nunca lhe neguei ajuda quando ele precisou, inclusive em relação ao irmão. Apesar da forma como a nossa relação terminou, eu sabia que ele não tinha perdido o seu bom coração e que não tinha motivos para me odiar ou vingar-se de mim porque nunca nos enganámos um ao outro.»

Quando a conversa dela começou a enveredar por aquele caminho, um cenário começou a ganhar forma na minha cabeça e tinha mesmo de esclarecer aquela questão.

«Posso fazer uma pergunta?» Aquiesceu. «Este namorado que te fez isto tudo é o homem por quem trocaste o **Afonso**?»

Ela comprimiu os lábios e baixou a cabeça, denotando alguma culpa, depois ergueu o rosto e confessou.

«Eu não lhe chamo troca. Não é assim que vejo as coisas, ainda que compreenda que possam ser interpretadas dessa forma. Enfim, no final do meu curso tive de regressar a Leiria e eu e o... **Afonso** acabámos por nos ir afastando. Por consequência, eu acabei por me aproximar de outra pessoa. E, sim, essa pessoa era o Heitor. O mesmo homem que me está a fazer passar por isto.»

«Ou seja, tu deixaste o primeiro para ficar com o segundo e voltaste a procurar o primeiro depois de deixares o segundo?»

Notei que ela ainda não se tinha apercebido disso.

«Pois, parece que sim...», confirmou, com algum embaraço. «Mas não com as mesmas intenções. E era isso que eu também queria deixar claro com esta conversa, porque nunca foi minha intenção atrapalhar a vossa relação. Mas se me deixares dizer o que tenho a dizer até ao fim, talvez seja mais fácil de entender.»

«Claro, claro! Eu não te estava a acusar de nada. Foi só um esclarecimento que quis fazer para entender melhor a história.»

Ela lançou-me um sorriso compreensivo e eu voltei a ajeitar o rabo, encostado na cómoda, para ficar mais confortável.

«Então eu liguei ao **Afonso** e contei-lhe essa... pronto... mentira de ter tido uma excelente proposta de trabalho e de precisar de um lugar onde ficar enquanto não encontrava uma casa para mim, e ele falou da possibilidade de ficar no apartamento dele, na Póvoa de Varzim, que estava vago. A partir desse momento, comecei a planear a minha fuga e, assim que surgiu a oportunidade, agarrei nas minhas coisas e arranquei

em direção ao norte. Algum tempo depois, a Maria Leonor começou a chatear-me a dizer que queria estar comigo e, como eu também precisava de espairecer, já que estava aqui fechada há algum tempo, disse-lhe que podíamos sair juntas, uma noite, no Porto, se ela não se importasse de vir ter comigo. Acabámos por combinar precisamente para aquela noite em que a conheceste e em que aconteceram todas aquelas peripécias. Como eu tinha visto qualquer coisa no Facebook que o **Afonso** ia a uma festa de um amigo na baixa, quer dizer, ele e tu, supus eu na altura, acabei por sugerir à Maria Leonor que passássemos nesse bar e assim até aproveitava e falava com ele sobre algumas coisas do apartamento, nomeadamente a necessidade de ficar cá mais algum tempo. Foi por isso que nos viste chegar a esse bar. Garanto que não havia qualquer segunda intenção. Algum tempo depois, o amigo do **Afonso**, o Miguel, recebeu uma chamada dele e eu e a Maria Leonor ficámos preocupadas e quisemos ajudar. Acabámos por ir com eles até ao hospital e quando se soube que só uma pessoa podia acompanhar o **Afonso**, eu percebi que não podia desperdiçar essa oportunidade de estar a sós com ele. Dificilmente voltaria a ter uma oportunidade daquelas e depois de ter descoberto, momentos antes, que as coisas entre vocês não estavam bem, e de perceber que poderia ter algo que ver comigo, senti-me na obrigação de repor toda a verdade. Depois ele exigiu-me, e bem, que fizesse o mesmo contigo e aqui estamos a ter esta conversa. Só gostava que ficasse claro que nunca foi minha intenção interferir na vossa relação e que as coisas entre mim e ele estão mais do que ultrapassadas. Lamento se em algum momento duvidaste disso, mas se pudesses ver o olhar do **Afonso**, naquele dia no hospital, quando falámos de ti, tenho a certeza de que não duvidarias do quanto ele te admira.»

Aquela mudança brusca da conversa na minha direção apanhou-me desprevenida e tive de sacudir a cabeça.

«Desculpa, não apanhei essa última parte.»

Ela mudou de posição antes de se explicar.

«Nessa conversa que tivemos no hospital, enquanto aguardávamos que fosse chamado para fazer os exames, acabámos por falar de ti e eu apercebi-me do encanto e do brilho no olhar dele. Confesso que me deu uma certa inveja.» Cerrou os dentes, envergonhada. «Mas uma boa

inveja, atenção. Notei que ele te admirava muito e que gostava genuinamente de ti, o que me levou a questioná-lo se tinhas sido tu a tomar a iniciativa de te afastares. Disse-me que partiu dele, a decisão, e não quis explorar o assunto, mas deu para perceber que não tinha nada que ver comigo. Além do brilho no olhar, que só quem gosta de verdade tem, eu vi medo. Como se algo o assombrasse e o obrigasse a tomar essa decisão. Tentei que desabafasse um pouco comigo, mas não quis falar muito sobre o assunto. O que te quero dizer com isto é que não duvides do quanto ele gosta de ti e ajuda-o a ultrapassar qualquer que seja esse medo ou essa sombra que o persegue, porque não vejo mais ninguém em melhor posição para o fazer. Sei que não tens de o fazer, muito menos se ele não quiser ser ajudado, mas acredita em mim quando te digo que ele gosta mesmo de ti.»

Fiquei a encará-la por alguns instantes sem saber o que lhe dizer. Entrei naquele quarto a acusá-la, mentalmente, de me mentir e de estragar o meu relacionamento e naquele momento só conseguia sentir compaixão por tudo o que acabava de me relatar.

«Não sei que te diga.» Ajeitei o cabelo. «Se tudo isso for verdade, então eu julguei mal muitas coisas...»

«Julgaste em função daquilo que sabias e não tens de te sentir culpada por isso. A culpa é toda minha e lamento imenso ter vindo atrapalhar a vossa vida ao tentar resolver os meus problemas, mas tudo o que puder fazer para remediar esta situação, farei.»

Caminhei até à janela com as mãos na cintura enquanto tentava digerir toda aquela informação e sensações associadas.

«Acho que o teu foco deve ser a tua própria situação», disse-lhe e só depois me voltei para ela. «Não te preocupes comigo ou com o **Afonso**. Preocupa-te, sim, em resolver essa questão. Não podes fugir a vida toda, nem condicionar a tua vida por causa de uma pessoa. E não, não estou a dizer isto para que antecipes a tua saída deste apartamento, é mesmo a pensar no melhor para ti. Se foste violentada e se por causa disso te viste obrigada a fugir, acho que tens motivos mais do que suficientes para apresentares queixa.»

Pareceu incomodada por eu voltar a tocar no assunto, depois sentou-se na beira da cama e apoiou os cotovelos nos joelhos.

«Oh! A polícia nunca faz nada em relação a isso.»

«Menos vai fazer se não souber de nada. Mafalda...» Aproximei-me ligeiramente dela. «O que ele te fez é crime, mas é um crime público. Ou seja, o procedimento criminal não está dependente de queixa por parte da vítima, bastando uma denúncia. Se eu sei o que se passa e também não faço nada, estou a ser cúmplice desse Heitor. Por isso, por favor, formaliza a tua queixa. Se precisares de alguma coisa, eu também me disponibilizo. Está bem?»

Ela olhou-me, cabisbaixa, por cima do ombro e, por um segundo, senti que as minhas palavras tinham surtido efeito.

«Eu prometo que vou pensar nisso. Mas se me queres ajudar, eu também quero ajudar-te. Por isso, diz-me o que é que posso fazer para atenuar as consequências que tudo isto te trouxe.»

Fitei-a por alguns segundos, depois peguei na minha mala e tirei do interior a chave do escritório do irmão do **Afonso**.

«Se me deres uns minutos a sós com o **Afonso**, já será uma boa ajuda. Há uma coisa que tenho de fazer e não posso adiar mais.»

43

Ela ficou intrigada ao ver-me com uma chave na mão.

«Queres que eu saia para vos deixar à vontade?»

«Não, também não te quero atrapalhar.»

«Então eu fico aqui pelo quarto. Não vos incomodo.»

Sorri em forma de agradecimento e subitamente senti a coragem a dissipar-se. Tarde de mais. Agora tinha de ir até ao fim.

Regressei à sala onde esperava encontrá-lo e ele estava sentado no sofá, com o comando na mão, a ver televisão. Assim que me viu, apressou-se a levantar-se e a vir ter comigo.

«Mais esclarecida?», questionou-me esticando o pescoço na direção do corredor à espera de que a Mafalda viesse atrás.

«Sim! Se tudo o que ela disse for verdade, então significa que fiz alguns julgamentos errados durante todo este tempo, mas as evidências eram demasiadas. Era difícil pensar de outra forma.»

«Eu compreendo, mas espero que agora tenhas menos motivos para pensares coisas erradas. Podemos ir embora?»

Tentou avançar em direção à porta, mas eu detive-o.

«Espera!» Encarou-me com expectativa. «Não foi à toa que te pedi para que a conversa com a Mafalda fosse aqui. Não sabia se encontraria tão cedo outra boa desculpa e oportunidade para vir a este apartamento contigo. Independentemente do que ela tivesse para me dizer, e acredita que eu vinha preparada para o pior dos cenários, havia algo que tinha de fazer mais tarde ou mais cedo e o destino decidiu que fosse hoje.»

Mostrei-lhe a chave que tinha na mão. Ele olhou para ela por um bocado e depois olhou para mim com um ar tranquilo.

«Vejo que não a deitaste fora como eu disse para fazeres.»

«Óbvio que não. Eu tinha aceitado o desafio e não o ia deixar a meio. E acho que temos tudo para o cumprir hoje mesmo.»

«Pensei que fosses esperar que a Mafalda fosse embora.»

«Não poderia estar dependente de algo tão incerto quanto isso, mas também não faz grande diferença. Já lhe pedi um momento a sós contigo, por isso não nos vai interromper. Disseste que precisavas de um

empurrão para fazeres o que tinha de ser feito e confiaste em mim para o dar. Aqui está ele. Chegou o momento de entrares no escritório do teu irmão e, quem sabe, perceberes o motivo pelo qual ele te pede, durante os sonhos, para lá entrares.»

Contorceu a boca e anuiu com a cabeça.

«Bem jogado, Inês. Por esta é que não esperava. Mas talvez tenha sido melhor assim. Se estivesse à espera, talvez o meu instinto fosse encontrar uma nova desculpa.»

«**Afonso**...», baixei os olhos para a chave. «Eu só aceitei viver este estágio intermédio de “vai ou não vai” e de “é ou não é” em relação a nós porque ainda tinha algumas coisas a fazer. Não foi por não ter noção do que mereço, nem foi por falta de amor-próprio que me sujeitei a isto. Foi por saber e sentir que ainda não tinha feito tudo o que podia e seria razoável fazer para poder desistir de consciência tranquila. E uma dessas coisas era dar-te este empurrão.»

Ele balançava insistentemente a cabeça denotando a incerteza que também pendia dentro dele, mas depois respirou fundo e olhou em volta antes de fixar o olhar em mim.

«Vamos a isso», atirou.

44

Ele agarrou na chave e dirigiu-se para a porta da sala, depois, ao aperceber-se de que eu não o acompanhava, olhou para trás.

«Não vens?»

«Quero que fiques à vontade. É melhor eu esperar aqui. Não te preocupes, leva o teu tempo, eu assim aproveito e continuo a ver o filme que estavas a ver na televisão para depois te contar.»

Ele assentiu com um aceno de cabeça e seguiu sozinho. Então sentei-me e fiz o que lhe tinha dito que ia fazer, ainda que, por dentro, morresse de curiosidade de ver também como seria aquele escritório. Decidi, contudo, ser o menos intrusiva possível, colocar-me no meu lugar e aguardar por alguma reação. Surpreendentemente, não tive de esperar muito porque, cerca de dez minutos depois, o **Afonso** regressou à sala trazendo qualquer coisa na mão.

«Afinal era ele que o tinha», comentou em voz alta.

«Do que é que estás a falar?»

Ergueu um pequeno objeto metálico de aspeto cilíndrico com cerca de dez centímetros de comprimento. O primeiro pensamento que me ocorreu foi de que se tratava de algum tipo de caneta, ainda que me parecesse demasiado pequena. Ele deu-me dois segundos para eu perceber o que era e depois esclareceu-me.

«É um apito de ultrassons.»

Movida pela curiosidade, aproximei-me e peguei no objeto.

«Isso são aqueles apitos que só os cães conseguem ouvir?»

«Mais ou menos, nós também conseguimos ouvir porque a frequência do apito ainda abrange o espectro do ouvido humano, mas, sim, é um som que alcança longas distâncias e se destaca dos demais, tendo especial efeito nos cães e não só.»

«E que história há por detrás deste objeto?»

Baixou o olhar para ele e respirou fundo antes de responder.

«Eu pensava que se tinha perdido, tendo em conta que já não sabia dele há anos. Afinal estava ali dentro.» Fez uma pausa e depois o seu tom de voz mudou. «Usávamos muito isto quando éramos miúdos, mas

o nosso foco não eram os cães...»

«...eram os lobos.», completei.

Ergueu o olhar para mim sem levantar o rosto.

«Nós adorávamos lobos. Adorávamos o risco de nos cruzarmos com algum, pois isso dava-nos uma grande adrenalina. Éramos miúdos, nem sequer pensávamos nas consequências, mas a nossa avó passava-se.» Escapou-lhe um sorriso. «Às vezes desaparecíamos tardes inteiras nas matas e usávamos este apito para tentar atraí-los e podermos vê-los de perto. O que nos tornou excelentes trepadores de árvores. Enfim... miúdos...» Guardou o apito no bolso da frente e, do bolso de trás, tirou o que parecia ser um pequeno álbum de fotografias. «Nunca te mostrei o meu irmão, pois não?»

Neguei com a cabeça, peguei no álbum e abri-o, enquanto ele me observava encostado à ombreira da porta. A primeira foto que me apareceu era de um jovem deitado num sofá, em tronco nu e com uma garrafa de cerveja pousada ao seu lado, no chão. A perspetiva não era a melhor e não dava muito bem para lhe ver o rosto. No canto da foto, a vermelho, dizia o dia em que tinha sido tirada: 25.03.2007. Na fotografia seguinte aparecia ele de novo e dessa vez já era possível ver-lhe melhor o rosto e não havia dúvidas de que era irmão do **Afonso**. As semelhanças eram imensas. Os olhos, a boca e o formato do rosto. Talvez o nariz fosse o que mais os diferenciava.

«Como é que ele se chamava?», perguntei por instinto. Ele inspirou, parecendo que me ia responder, mas algo o deteve no último segundo. Nunca tinha referido o nome do irmão e naquele momento percebi que, talvez pelo desuso, transformara-se num bloqueio. «Deixa estar, também não é importante...»

Voltei a focar-me no álbum e virei mais uma foto. Pela primeira vez, apareciam os dois juntos na mesma foto, mas esta era bem mais antiga do que as anteriores. Devia ter uns vinte anos, aquela fotografia, pois eles eram bastante novos. Apareciam sentados numa escadaria de pedra na fachada da frente de uma casa de arquitetura antiquada. A escadaria dava acesso a uma grande e maciça porta pintada de verde e, além da porta, via-se apenas uma pequena janela recortada na pedra. Naquela foto era ainda mais difícil distingui-los porque eram ainda mais idênticos.

«Tu és este aqui, não és?», perguntei, enquanto apontava para o mais franzino dos dois. Esse era, também, o que estava mais recuado e tinha o ar mais envergonhado dos dois.

«Pareço-te assim tão atadinho?»

«Eu sei que o teu irmão era mais velho, logo, em princípio, será o maior dos dois. Tu só podes ser o outro mais pequenino. Mas, atenção, tinhas um ar muito fofo e angelical.»

«OK. Já chega de fotos.» Tirou-me o álbum da mão. «Era para veres o meu irmão, não as minhas figuras tristes.»

«É engraçado ver como mudaste tanto.»

«Pois...», disse com o olhar absorto, depois bateu com o álbum na mão três vezes. «Não necessariamente para melhor. Vamos?»

«Vamos? Como assim? Já viste o que tinhas a ver?»

«Sim, está visto. Reencontrei o apito... nada mau.»

«Tanto tempo para entrar ali e em dez minutos viste tudo?»

«Eu já imaginava que isto não fosse fazer diferença, mas ainda assim quis tentar. Pronto. Tentei e confirmei.»

«Porque é que dizes isso? Não te sentiste mais em paz contigo mesmo? Não sentiste nenhum conforto? Nem que seja por teres tido a coragem de entrar depois de todo este tempo. Confesso que tinha esperança de que isso te ajudasse a aceitar essa perda.»

«Inês... A perda eu já a tinha aceitado antes mesmo de acontecer. No fundo, já me estava a mentalizar há muito tempo. Só não estava era preparado para a forma como aconteceu.»

«E como é que aconteceu?»

Afastou-se alguns passos e ficou de costas para mim.

«De uma forma muito ingrata para os dois.»

«**Afonso**... Diz-me. Como é que aconteceu? Não foi pacífica, é isso? Ele já não estava internado na fase final da doença?»

«Eu não sei...»

«Como é que não sabes? Não o acompanhavas?

«Lembras-te daquele dia em que me perguntaste pelo acidente e eu até te mostrei o local onde aconteceu? Nesse dia, eu disse-te que a noite do acidente foi a segunda pior noite da minha vida. A pior noite da minha vida foi mesmo quando eu acordei do coma, dois meses depois, e percebi que o meu irmão já não estava cá.» Encarei-o, confusa, e ele

devolveu-me um olhar raiado de culpa. «O meu irmão morreu enquanto eu estava em coma, Inês. Eu nunca consegui despedir-me dele nem ouvir as suas últimas palavras.»

Um silêncio mórbido abateu-se de repente sobre a sala. Fiquei sem saber o que lhe dizer e limitei-me a olhá-lo numa tentativa de dividir comigo, através da empatia, a dor que lhe ia no peito. Subitamente, deu-me uma vontade de o abraçar e não me contive. Dei dois passos na direção dele, enfiei os braços por baixo das suas axilas e apertei-o contra mim. Demorou a retribuir o gesto, mas acabou por me envolver a cabeça entre os seus braços.

«É essa a tua mágoa. É esse o teu fantasma», murmurei ainda com o rosto encostado ao seu peito.

«A minha mágoa é isso, mas acima de tudo é o que isso significa.» Afastei-me para o poder ver enquanto falava. «E isso significa que fui egoísta e irresponsável no pior momento em que o poderia ser. Refugiei-me no álcool e à custa disso pus a minha vida em risco e deixei de conseguir acompanhar os últimos dias da vida do meu irmão. Falhei-lhe quando ele mais precisava de mim. Nós não tínhamos ninguém, Inês. Só nos tínhamos um ao outro e eu deixei-o morrer sozinho por causa de uma estupidez e irresponsabilidade minha.» Uma lágrima começou a escorrer-me pelo rosto, mas ele parecia resistir, apesar dos olhos humedecidos. «É essa a razão dos meus pesadelos. O meu irmão aparece-me nos sonhos e quando eu lhe peço para se despedir de mim e para me perdoar, ele desaparece. Confesso que tinha uma certa esperança de que entrar naquele escritório, que é um espaço tão dele, onde eu sempre o encontrava envolvido nalgum livro ou pesquisa, me pudesse ajudar, de alguma forma, mas só me faz lembrar ainda mais do imbecil que fui. Havia coisas mais importantes do que a dor de ser trocado pela Mafalda, pois há sempre algo mais importante do que ser deixado por alguém que amamos. Sempre. Sempre. Na verdade, o que nos dói quando nos trocam é apenas o ego. E às vezes damos-lhe mais valor do que o que ele merece. Nessa altura, deixei-me levar por ele e a única forma que encontrei de lidar com essa dor e todas as outras foi fugir delas com as ferramentas que tinha à mão. Mas isso custou-me caro. Demasiado caro...»

Passei as mãos no rosto para enxugar as lágrimas.

«Eu sabia que era algo mau, mas não imaginava isso...»

«Eu daria tudo o que tenho para o ouvir uma última vez. Para o ouvir dizer que me perdoa, que compreende que a situação também não estava a ser fácil para mim e que eu não tinha a força e a consciência dele. Só ele poderia livrar-me deste fardo e deste fantasma, mas já se foi. Está morto e enterrado e não há mais nada a fazer.» Fez uma pausa de mão na cintura. «Se quiseres, podes ir ao escritório, fica à vontade, eu espero por ti no carro.»

Desviou-se de mim e dirigiu-se calmamente para a saída. Pouco depois, ouviu-se a porta do apartamento a bater.

Fiquei ainda por um momento, impávida, a tentar digerir as emoções. Depois pensei em ignorar o escritório e ir atrás dele, mas lembrei-me de que talvez lhe fizesse bem apanhar um pouco de ar e estar sozinho por um bocado. Decidi então ir ver o escritório e, quando entrei, a sensação que tive foi de *dejà vu*.

45

O escritório já não era aberto há muito tempo e tinha claros sinais de desuso, a começar pelo cheiro a pó, mofo e humidade. Segundo ele, aquele espaço estava intocado desde a morte do irmão, o que significava que as coisas estavam tal e qual como ele as havia deixado, e isso dava um significado denso e pesado a qualquer marca que pudesse ali encontrar. Contudo, o que mais me intrigou foi o facto de aquele lugar ser, de certa forma, semelhante à «sala de estudo» que ele tinha no apartamento do Porto. Também a parede estava repleta de recortes, apontamentos e diagramas, todos eles relacionados direta ou indiretamente com psicologia e sexualidade. Tinha também várias estantes carregadas de livros sobre as mesmas temáticas, inclusive vários sobre *kamasutra* e massagens eróticas. Toda aquela divisão encerrava um estudo intensivo do comportamento humano, com especial foco na mulher e no prazer feminino. Junto à janela, viam-se alguns livros e cadernos dispostos sobre uma secretária, já com as capas desbotadas e encarquilhadas pela exposição ao sol, e ainda algumas caixas de medicamentos, cuja validade já tinha expirado, um pouco por todo o lado. Cada um daqueles objetos estava carregado de um significado nostálgico e doloroso que se a mim me estava a afetar muito, mais haveria de ter afetado o **Afonso**.

Havia ali muitas coisas curiosas e passíveis de serem exploradas, mais pela curiosidade que me despertavam do que propriamente pela hipotética utilidade que pudessem ter para aliviar a consciência do **Afonso**. Mas aquele ambiente estava a ficar cada vez mais pesado para mim. Principalmente porque, agora, tinha o rosto do irmão na minha cabeça e era ainda mais fácil imaginá-lo naquele escritório. Quanto mais pensava nisso, mais me arrepiava e percebi que era melhor também me ir embora. Mas quando ia a sair do quarto, a Mafalda surgiu do lado de fora da porta e assustámo-nos uma à outra.

«Desculpa, desculpa! Pensei que já tinham ido embora depois de ouvir a porta da entrada a bater», apressou-se a dizer.

«Ora essa, eu é que peço desculpa.»

«Está tudo bem? Ele foi-se embora?»

«Foi apanhar um pouco de ar. Parece que já não entrava no escritório do irmão há algum tempo e não reagiu muito bem.»

«A sério?» Espreitou para o interior da divisão com curiosidade. «Algum motivo para ter entrado agora?»

«Nenhum em especial, mas algum dia teria de ser.»

Assim que terminei aquela frase, lembrei-me de que ela, indiretamente, estava ligada à altura da vida dele em que aconteceram todas aquelas coisas e pensei que talvez pudesse saber algo.

«Soube agora que o irmão dele morreu enquanto ele estava em coma», acrescentei, numa tentativa de a estimular a fazer um comentário, mas arrependi-me logo depois ao perceber que o que acabava de dizer podia ser entendido como uma tentativa de a fazer sentir-se culpada, e não era de todo essa a minha intenção.

«Eu sabia que tinha tudo acontecido mais ou menos na mesma altura. Mas confesso que não tinha conhecimento disso...»

O olhar dela ficou absorto por um momento e percebi que já era tarde de mais, por isso só me restava ir até ao fim.

«Ele apenas precisava de um perdão do irmão. E acho que isto está relacionado com aquele medo ou sombra que lhe notaste no olhar e que me contaste há pouco. Mas tu nessa altura já não convivias com eles. Não sabes de nada, pois não?»

Negou, cabisbaixa, e afastou-se dois passos.

«Só faço porcaria.» Murmurou. «Não bastou o que aconteceu há uns anos e agora voltei a trazer problemas à vida dele.»

Embora não discordasse totalmente do que ela tinha dito, sentia-me na obrigação de lhe dizer algo que a reconfortasse, já que eu é que tinha explorado aquele assunto.

«Não digas isso. Com certeza que há um propósito para tudo e se ainda não percebemos qual é, acabaremos por saber. Olha, por exemplo, se não tivesses voltado, se calhar ele iria continuar a negar o passado e todos estes fantasmas. Pelo menos assim houve um pretexto para ir à procura de uma solução. Nada é por acaso.» Foi o que me saiu.

Ela começou a abanar a cabeça em jeito de autopunição.

«Eu só consigo pedir desculpa por tudo isto. Para fugir aos meus problemas, acabei por despertar outros e não é correto.»

«Como te disse, agora o teu foco deve ser enfrentares esse problema, como o **Afonso** vai enfrentar os dele e eu, os meus. Fugir nunca é solução e tu já sabes o que tens de fazer.»

Aquele discurso fez-me sentir como se fosse uma espécie de conselheiro ou guia espiritual e foi uma sensação estranha.

«Sim... já sei o que tenho de fazer e vou fazê-lo.»

Comprimi os lábios e pousei a mão no braço dela, esboçando um leve sorriso em jeito de despedida.

«Agora, se me permites, tenho de ir atrás dele.»

Abandonei o apartamento, depois o prédio e, quando cheguei à rua, encontrei o **Afonso** de braços cruzados encostado na lateral do carro. Assim que me viu a aproximar, fez-me sinal para irmos embora. Entrei e arrancámos em direção a casa.

Se por um lado estava orgulhosa dele por ter conseguido abrir aquela porta, e de mim por ter feito parte desse momento, por outro lado, sentia um certo vazio por perceber que tinha sido em vão. O problema era, afinal, mais complexo do que aquilo que imaginava e as esperanças depois daquela tentativa falhada eram ainda mais ténues. Mas tentei não transparecer isso.

«Como é que te sentes?», questionei-o.

«Melhor aqui do que lá, mas estou tranquilo.»

«Preferias não ter entrado?»

A resposta só veio depois de um momento de reflexão.

«Não. Eu já imaginava que não ia ter lá as respostas de que precisava, mas ter conseguido entrar foi uma grande conquista para mim. E tu és a grande responsável...»

Ouvir aquilo soube-me bem, mas não era fã de vitórias morais e era exatamente esse o caso.

«Gostava que olhasses para isto não como um acontecimento isolado, mas como o primeiro passo de uma nova caminhada. Que
o facto de teres aberto aquela porta fosse também, simbolicamente, o abrir a porta de um novo capítulo na tua vida. Estou certa de que seria isso que o teu irmão desejaria. Ele gostava muito de ti, não iria querer que te culpasses pelo que aconteceu.» Ele não reagiu às minhas palavras e percebi que não era um caminho por onde ele quisesse ir. «Posso fazer-te uma pergunta?»

«Sim, claro.»

«Reparei que o escritório do teu irmão é muito semelhante à sala de estudo que tens no teu apartamento. Pelos vistos ele também estudava muito sobre comportamento humano, sedução, sexualidade e... a mulher. O que é que tudo isto significa?»

«Sim, é verdade. Muito do que sei sobre mulheres e como as seduzir foi ele que me ensinou. Sempre foi algo que ele estudou intensivamente e eu acabei por beber da sua sabedoria. Foi uma arte que fui aprendendo com ele e que depois da sua morte continuei a desenvolver, criando o meu próprio espaço de estudo. Mas acho curioso teres falado nisso porque me fez lembrar do cognome que atribuí a este apartamento a propósito desse escritório fechado.»

«E que cognome é esse?»

«Passei a chamar-lhe a minha... *Sala da Culpa*. Perdido por cem, perdido por mil. Já que aquele apartamento era todo ele um símbolo de culpa, em especial essa "sala de estudo" que era o escritório do meu irmão, então passei a usá-lo para tudo o que me pudesse despertar esse sentimento. Tinha esperança de que, talvez dessa forma, pudesse isolá-lo dentro daquelas paredes.»

«Imagino que tenha que ver com as fodas que davas com qualquer uma e depois te arrependias.» Revirei os olhos. «Mas agora que se iniciou um novo capítulo, parece-me o momento ideal para também deixares cair esse cognome. Ou então substituí-lo por outro que não tenha a palavra culpa. Sei lá, tipo... *Sala da Esperança* ou *Sala do Perdão*.» Ele olhou-me aborrecido. «OK, OK! Já sei que não tenho jeito para atribuir nomes, mas ficam as sugestões.»

«Vou pensar nisso...» Fez uma longa pausa. «Parece que agora é a minha vez de cumprir a minha parte do nosso acordo.»

«Qual acordo?»

«O que é que tínhamos combinado?»

«A sério? Vais levar-me ao teu... *canto*?»

«Claro! Foi esse o meu compromisso e eu quero honrá-lo.»

«Mas agora? Vais levar-me agora?»

«Não. Hoje não. Até porque...» Olhou-me de cima a baixo. «Não irias com essa roupa. Mas uma vez que já fizeste a tua parte do desafio, a partir de agora já está a valer e pode ser a qualquer momento. Desde

que tenhas dois ou três dias livres.»

«Vou ficar à espera desse convite.» Apercebi-me de que tinha dito aquilo de um modo muito apaixonado e decidi retificar. «Quer dizer, não vou ficar à espera de nada. Vou continuando com a minha vida e quando quiseres fazes o convite e logo se vê.»

Entretanto chegámos ao prédio onde o **Afonso** vivia e ele meteu o carro na garagem. Entrámos no elevador e saímos no piso zero. Já estava convencida de que iria para o carro para me ir embora, mas ele trocou-me os planos.

«Sabes aquela lembrança que me trouxeste de Madrid?»

«Sim, o que é que tem?»

«Descobri que ela toca e roda. Não me tinhas dito nada.»

«Também não sabia, estou a saber agora, mas ainda bem.»

«Mas tenho uma boa e uma má notícia sobre ela.»

«Ah, sim? Então diz-me primeiro a má.»

«A má é que descobri que não são dois bailarinos de tango. Na verdade, são de *paso doble*. O que faz sentido teres encontrado isso em Espanha, porque é uma dança típica de lá.»

«A sério?» Bati com a mão na testa. «Olha, desculpa, não percebo nada, mas valeu pela intenção. E qual é a boa notícia?»

«A boa notícia é que, entretanto, estive a aprender uns passos com uns tutoriais. Queres subir e ter uma aula comigo?»

46

Estanquei a olhar para ele. Já estava tão mentalizada de que ia embora, que aquele convite me deixou sem reação. Queria aceitá-lo, queria muito aceitá-lo, mas também não queria passar a ideia de que era só pela dança ou pelo que estaria implícito.

«Só se tiveres o que se coma primeiro. Estou cheia de fome, já não como nada desde o lanche.»

«Eu preparo qualquer coisa para nós comermos.»

O seu olhar era seguro e sedutor, como de resto já era habitual nele, mas naquele momento apercebi-me de algo mais no semblante dele. Talvez uma gentileza e uma calma que já não lhe via há muito e isso transmitiu-me uma boa vibração.

Quando chegámos ao apartamento, ele arregaçou as mangas e seguiu à minha frente para a cozinha. Quando lá cheguei, encontrei-o já a vasculhar um dos armários.

«Estava a pensar preparar uns *wraps* para nós. Não tenho bifes de frango, mas faço com *nuggets*. Parece-te bem?»

«Sim, claro. Diz-me o que queres que faça.»

«Podes cortar um tomate, vou pôr os *nuggets* no forno.»

Também eu arregacei as mangas e pus mãos à obra. Enquanto ia preparando o tomate, ia apreciando o **Afonso** pelo canto do olho e, tal como acontecia sempre que o via envolvido nas tarefas domésticas, fiquei deliciada. Depois de pôr os *nuggets* no forno, pousou uma lata de ananás ao meu lado e pegou numa alface.

«Já que estás com a mão na massa, podes cortar em bocadinhos umas rodelas de ananás, enquanto eu preparo a alface?»

«Claro...»

Ele parecia muito concentrado na tarefa de preparar os *wraps*, mas para mim era uma questão secundária. Gostava de o apreciar, mas gostava ainda mais de nos ver a trabalhar em equipa.

«A Mafalda disse-me umas coisas sobre ti hoje», comentei.

«O que é que ela te disse?»

«Disse-me que notou no teu olhar e na forma como falavas que

gostavas mesmo de mim. O que é um pouco improvável e estranho de se ouvir, tendo em conta que é uma ex tua...»

«Se é improvável e ainda assim ela fez questão de o dizer, então é porque deve ter fundamento. Mas acreditaste nela?»

«Bom... Se ela me dissesse o contrário, eu ainda poderia vislumbrar algum motivo, mas sendo assim, não encontro razão para que me tivesse mentido. No entanto, não foi ao acaso que toquei neste assunto, foi mesmo para que pudesses confirmar.»

Sacudiu a alface e pousou-a sobre a banca.

«Há luzes que, por mais nevoeiro que exista no nosso horizonte, sempre se irão ver do lado de lá. Como um farol que nos guia. E parece que o que sinto por ti é uma dessas luzes.»

Ele virou-se para ir ao forno confirmar o estado dos *nuggets* e eu fiquei a observá-lo embasbacada depois do que acabava de ouvir. Por momentos fiquei à deriva nos meus pensamentos e levou algum tempo até voltar a despertar e continuar o que estava a fazer. Já ele continuava a agir com naturalidade, como se fosse apenas mais um dia normal a preparar uma refeição comigo.

Quando os *nuggets* ficaram prontos, já tínhamos terminado de preparar todos os ingredientes para o *wrap*, mas foi o **Afonso** que quis ficar com a tarefa de os montar. Sobre a folha de pão, pôs a alface, o tomate, o ananás e por fim os *nuggets*, um pouco de queijo ralado e molho de iogurte. Depois colocou-os em dois pratos.

«Comemos aqui ou na sala?», perguntou-me.

«Pode ser aqui mesmo.»

Sentámo-nos à mesa da cozinha e saboreámos aquela refeição que sabia ainda melhor por a termos feito juntos.

Ele não estava muito falador, mas isso não me incomodou, pois sentia que não era por um mau motivo. Apercebia-me de que ele estava pensativo, mas não distante. O que poderia ser um sinal de que aquilo que o inquietava estava ali.

Quando terminámos de comer, ele pegou nos pratos e foi colocá-los na bancada, e eu aproveitei para me esticar até à prateleira onde tinha pousado a miniatura que lhe trouxera de Madrid. Peguei nela e investiguei-a para saber onde estava o botão que a faria tocar, tal como ele me tinha dito, e assim que o encontrei, liguei-a. Ela começou a tocar

e a rodar na minha mão e o **Afonso**, atraído pelo som, voltou-se para mim e eu levantei o rosto para ele.

«Tens razão», disse-lhe. «Só pela música se nota que não é tango. Eu bem te disse que comprei isto à pressa no aeroporto, nem sequer tive tempo de perguntar à senhora o que é que isto era.»

«Não faz mal, até foi melhor assim porque me fez aprender uns passos de uma nova dança.» Proferiu aquela frase enquanto se dirigia para mim e, assim que a terminou, já me estava a pegar na mão. «Estás preparada? Podemos começar?»

«Aqui na cozinha?»

«Claro! Quanto menos espaço houver, mais juntos ficamos.»

Puxou-me para me afastar da mesa e tive de esticar o braço para conseguir pousar a tempo a miniatura sobre ela. Depois, colocou-se diante de mim, pegou numa das minhas mãos, elevando-a à altura das nossas cabeças, e a outra colocou-a nas minhas costelas, junto ao meu braço, ficando os dois em posição de dança.

«Pelo que estive a ver, isto é uma espécie de marcha», começou por explicar. «Portanto, o primeiro passo que vamos aprender é muito simples porque só temos de andar para trás e para a frente. Ora vamos lá: um, dois, três, quatro.» Andei eu para trás. «Cinco, seis, sete e oito.» Andou ele para trás. «Mais uma vez: um, dois, três quatro. Cinco, seis, sete e oito. Muito simples, não?»

«Sim, mas já vai complicar, não vai?»

«Pouca coisa.» Piscou-me o olho. «Agora vais dar uma volta sobre ti mesma e logo a seguir uma volta a mim.»

Ergueu a minha mão acima das nossas cabeças e, sem a soltar, segui as indicações que acabava de me dar. Logo depois, repetimos os dois passos que já tinha aprendido.

«Vamos aprender mais dois?», perguntou-me, e eu acenei afirmativamente com a cabeça, com receio de que, se falasse, me iria baralhar toda. «Então vamos a isso. Agora, sem soltarmos as nossas mãos, vamos estender os nossos braços assim na horizontal, virar as palmas das mãos para fora e caminhar para o lado e depois voltar para trás.» Executámos o passo com a devida contagem em voz alta da parte dele. «Agora, para finalizar, a parte mais interessante: vamos bater com o pé deste lado no chão, ao mesmo tempo que esticamos e afastamos a

outra perna. Além disso, levantamos também o braço do lado da perna que esticámos.» Exemplificou. «Depois fazemos o mesmo com os pés para o outro lado e baixamos o braço. As mãos que temos dadas ficam sempre assim. OK?»

Aquela parte final baralhou-me, mas ele foi paciente e exemplificou várias vezes. Algum tempo depois, os passos foram ficando cada vez mais fluidos e pude começar a desfrutar daquela dança ao som da miniatura, que ia tocando em cima da mesa.

«Sensibilizou-me aquilo que me disseste há pouco sobre a luz e o nevoeiro», sussurrei-lhe, enquanto ele me guiava e rodopiava pelos espaços livres da cozinha.

«É uma imagem que ilustra bem aquilo que tenho vivido.»

«Algo me diz que as coisas vão começar a melhorar.»

«O que é que te leva a crer isso?»

«O que aconteceu hoje e não só. Eu gosto de ti e tu gostas de mim, e agora que tenho mais certezas em relação ao verdadeiro motivo que te levou a afastar de mim, não te vou dar tréguas. Vamos caçar juntos cada um desses fantasmas que te atormentam. Hoje provei-te que não sou um problema, sou parte da solução.»

Demos mais uns passos e voltas em silêncio e ele manteve o olhar fincado em mim enquanto escolhia as próximas palavras.

«Então e qual será o próximo passo dessa tua solução?»

Parei de dançar e deixei-me ficar bem próxima do corpo dele sem tirar os olhos dos seus e dando claramente a entender que aquela dança ia passar a ser um pouco diferente. Depois encostei a mão no sexo dele, por cima da roupa, e sussurrei:

«Estava a pensar em aumentar a temperatura. Acho que pode ajudar a dissipar esse nevoeiro. Não concordas?»

«Não custa nada tentar...»

47

Sem perder tempo, agarrou-me no rosto e espetou-me um beijo, depois pegou-me ao colo e prendi-me a ele com as pernas o melhor que consegui. Estava com um vestido simples e formal cujo tecido era pouco elástico e me prendia os movimentos, mas o **Afonso** puxou-o para cima e fiquei com mais margem de manobra. Carregou-me para fora da cozinha, sem parar de me beijar, e sentou-me no braço do sofá da sala. Despiu a camisola e eu não resisti em beijar-lhe o peito e os mamilos. Os nossos corpos tinham-se inflamado numa fração de segundo, tal era o nosso desejo.

«São horas de terminar o que ficou a meio», grunhiu. «Mas já que me deixaste um dia inteiro à espera, vou castigar-te.»

Descalçou-me os botins, puxou-me para fora do sofá e despiu-me os *collants* e as cuecas. Depois agarrou-me pelo braço e levou-me até à janela. Abriu-a, fez-me debruçar sobre o parapeito e prendeu-me com o seu corpo contra ela.

«O que é que estás a fazer, **Afonso**?», perguntei, completamente perdida, enquanto tentava vislumbra-lhe o rosto.

Ele levou três dedos à boca para os lubrificar com saliva e introduziu um deles dentro de mim. Com a outra mão, agarrou-me no queixo e rodou o meu rosto na direção da rua lá em baixo.

«Olha para a rua lá em baixo. O que estás a ver?»

«O que estou a ver? Não entendi...»

Acariciou-me ao de leve a nádega direita antes de a esbofetear com estrondo e fazer-me soltar um guincho de dor. Depois, voltou a penetrar-me com um dedo, mas desta vez com mais veemência. Por fim, aproximou a boca do meu ouvido e repetiu:

«O que estás a ver na rua?!»

«Carros... parados no semáforo...», respondi, reticente, com medo de não ser a resposta que ele queria ouvir.

«Quantos?»

«Quantos?», devolvi a pergunta.

«Sim! Porra!», disse, apertou-me ainda mais o rosto e acelerou os

movimentos com que me masturbava. «Quantos carros estão parados no semáforo? Conta-os.» Comecei a contá-los em surdina, sem perceber qual era a intenção dele. «Em voz alta!», berrou.

«...sete, oito, no-nove...», gaguejei e ele aumentou não só a velocidade como o número de dedos que metia em mim. «...dez, o-onze, doze, treze...» Escapou-me um gemido a meio. «...catorze, quinze!», finalizei com um suspiro.

Ele soltou-me.

«Linda menina! Agora escolhe uma pessoa que esteja na rua. E conta-me tudo sobre ela. O que traz vestido, o que está a fazer, com quem está, para onde achas que vai... quero saber tudo.»

Voltei a olhar para ele com um ar confuso.

«Agora!», atirou de olhos arregalados.

Afastou-se de mim, depois veio por trás, enfiou-se por entre as minhas pernas e sentou-se no chão com as costas junto à parede. Meteu uma das mãos pelo meio das minhas pernas, agarrou-me no rabo e puxou a minha pélvis contra o seu rosto para poder começar a chupar-me o sexo enquanto eu cumpria a sua ordem.

«A pessoa que escolhi é uma mulher...», comecei por dizer. «Está a falar ao telemóvel e traz uma bolsa na outra mão. Ela está... Hummm...», voltei a gemer. «Que bom...»

Sem soltar a boca do meu sexo, deu-me uma bofetada no rabo em forma de reprimenda por não me estar a concentrar. Naquele momento, percebi que a minha concentração era o que menos interessava. Na verdade, ele estava apenas a testar o quão bom era a chupar-me, ao ponto de não me conseguir concentrar na tarefa que me dera. Imaginei que a posição em que ele estava não fosse a mais confortável, mas já sabia que, para ele, o meu prazer estava acima de qualquer coisa. Um aspeto que eu admirava profundamente no **Afonso**. O desconforto que pudesse sentir seria, com certeza, um pormenor insignificante perante a missão que tinha pela frente. Logo de seguida, ele aumentou ainda mais a velocidade com que vibrava a sua boca junto ao meu sexo e eu voltei a gemer.

«Ela está sozinha...», continuei, apesar das dificuldades. «Traz umas calças de ganga e uma ca...», tentei mover a cintura para me soltar da boca dele e acalmar um pouco, mas ele fez força com as mãos para me

impedir. «Não estou a conseguir, **Afonso**!» Cravou as unhas no meu rabo e isso pareceu dar-me um impulso extra. «Tudo bem! Tudo bem! Eu acho que ela está a ir embora do trabalho e parece exaltada.» Mais um gemido. «Deve ter uns trinta anos e eu diria que trabalha nalguma loja ou assim. Pronto! Já está», finalizei, afastando-me da janela, ofegante.

Ele ergueu-se, limpou a boca ao braço e voltou a puxar-me para junto da janela, pois, pelos vistos, ainda só tinha terminado a primeira parte do nosso momento. Tirou o calçado e, de seguida, a roupa da cintura para baixo. De pau feito e pronto para o meter em mim, deitou uma mão ao meu ombro e fez-me ajoelhar diante dele. Depois, com uma mão no seu pau e outra a agarrar-me por trás da cabeça, foi controlando a velocidade e profundida com que o chupava, até que deixou essa tarefa a meu cargo.

Naquela posição, eu estava totalmente tapada pela parede atrás de mim, mas uma vez que ele estava de pé em frente à janela e a luz estava acesa, qualquer pessoa dos prédios do outro lado da rua poderia ver o que estava a acontecer.

Levantou-me pelo braço e, sem qualquer complexo por eu ter acabado de o chupar, lambeu-me a boca e virou-me de novo para a janela. Pegou no seu pau, deu-me com ele nas nádegas e meteu-o, devagarinho, pelo meu corpo adentro. Assim que entrou todo, deixou-se estar um segundo dentro de mim, quieto, depois agarrou-me firmemente pelas ancas e começou a foder-me toda à janela.

Lá em baixo, viam-se algumas pessoas entretidas nas suas vidas e aparentemente sem grande preocupação sobre o que se passava nas janelas dos prédios em volta. E nos prédios em frente viam-se algumas luzes acesas, mas não se vislumbrava ninguém à janela. O que, de certa forma, nos dava alguma privacidade. No entanto, se o objetivo dele fosse a privacidade, não me estaria a foder ali.

Entretanto, apercebi-me de que o cortinado de uma das janelas onde se via uma luz acesa, no andar abaixo do nosso do prédio em frente, foi corrido para trás e uma mulher surgiu à janela. O meu reflexo foi afastar-me para trás, mas ele não me deixou.

«**Afonso**!», murmurei, por entre dentes.

«Confia...», murmurou ele de volta.

A dada altura, a mulher pareceu olhar na nossa direção e, nesse

momento, ele pegou-me na mão e simulou um aceno para ela.

«Oh, meu Deus!»

Tentei esconder o rosto, envergonhada, e ele soltou uma gargalhada sem parar de meter e tirar o pau de dentro de mim a toda a velocidade. Do outro lado, talvez pela distância ou pela miopia, a senhora continuou naturalmente à janela. Parecia não se ter apercebido do que estávamos mesmo a fazer, o que tornou aquele momento, além de excitante, também engraçado. Por fim, ele puxou-me para dentro e pegou em mim, ficando eu com as pernas à volta da sua cintura e ele a segurar-me nelas pela parte de trás dos joelhos. Agarrei-me ao seu pescoço, beijei-o e desci pelo seu pau, fazendo-me penetrar por ele.

«Está cumprido o pequeno castigo e até te portaste bem, agora vamos acabar isto no meu quarto...», sussurrou.

Acenei afirmativamente com a cabeça, voltei a beijá-lo e, sem tirar o sexo de dentro de mim, carregou-me até ao quarto.

48

O que viria a passar-se naquele quarto foi muito diferente do que tinha acontecido junto à janela ou no dia anterior na cozinha. Houve muito mais além da agressividade natural e característica do sexo dele. Houve momentos em que apenas me beijou e em que substituiu a obscenidade pelo romantismo. Mais do que prazer, naqueles momentos eu senti de novo esperança. Não tinha tudo voltado ao que era antes daquele turbilhão recente, mas já vislumbrava um pouco mais daquele **Afonso**, que não era o **Afonso** que me fez aproximar, mas era o **Afonso** que me fez ficar e era esse que eu queria continuar a ter ao meu lado. Sentia, acima de tudo, que a resistência e a luta interna que lhe havia notado nos últimos tempos tinha amenizado, e isso não só me permitia aproximar-me um pouco mais, como lhe permitia entregar-se um pouco mais.

«Preciso de beber água. Também queres?», perguntou ele, enquanto eu descansava a cabeça no seu peito ainda ofegante.

«Sim, pode ser...»

Levantou-se e, todo nu, abandonou o quarto. Esperei por ele, sentada na cama, com as costas na cabeceira e com o lençol preso entre os braços a tapar-me os seios suados. Regressou de copo na mão e o membro a balançar entre as pernas, depois sentou-se na beira da cama e passou-me o copo. Bebi metade da água e pousei-o na mesinha ao meu lado.

«Obrigada!» Ele limitou-se a lançar-me um olhar calmo como se me dissesse «de nada». «Porque é que quiseste ir para a janela há bocado? Dá-te um prazer especial seres visto a foder?»

Apoiou os cotovelos nas coxas antes de me responder.

«Dá-me mais prazer ver do que ser visto.»

«Então porquê aquela cena à janela?»

«Para testar os teus limites, já que me disseste que ultimamente abriste um pouco mais a tua mente. Sentiste-te confortável?»

«Excita-me mais a ideia de poder ser vista e apanhada do que ser efetivamente vista e apanhada. Acho que isso ainda é um pouco

constrangedor para mim. É mais o risco que me estimula.» Ele abanou a cabeça, dando a entender que me compreendia. «Mas consegues reconhecer que estou diferente e com uma mente mais aberta?»

«Noto que a tua postura mudou um pouco. E devo confessar que me agrada, mas gostava de ter a confirmação...»

«A confirmação? E como é que a poderias ter?»

«Com um desafio mais a sério.»

Demorei a fazer-lhe aquela pergunta com receio da resposta.

«Que desafio seria esse?»

«Disseste que em Madrid beijaste uma mulher, certo?», perguntou, rodando o rosto para mim.

«Sim...»

«Então acho que podemos explorar mais isso.»

«Diz logo o que é que vai nessa cabeça.»

«Vai a possibilidade de experimentarmos um *ménage*.»

O semblante dele era sério. A firmeza com que disse aquilo não era de quem estava a fazer um pedido com um convite. Lembrei-me de uma conversa que a Diana teve comigo, ainda em Madrid, sobre aquele desejo ser bastante comum entre os homens. Mas, claro, para eles teria de ser com duas mulheres. Contudo, antes de pôr em prática o conselho dela sobre nós, mulheres, sugerirmos que primeiro fosse com dois homens, quis confirmar.

«Deixa-me adivinhar, queres foder duas ao mesmo tempo.»

«Bom, na prática, o *ménage* seria só para ti.»

«O que é que isso quer dizer?»

Levantou-se e caminhou até à janela. Eu fiquei a observá-lo a partir da cama, com especial foco nos seus glúteos definidos.

«Primeiro, eu não sou desses homens que nunca experimentaram nada na vida e usam a mulher para realizar os desejos que ficaram por cumprir nos tempos de solteiro. Depois, eu já fiz os *ménages* que tinha a fazer, não é isso que procuro. Por fim, se eu não iria querer ver-te a ser fodida por outro homem à minha frente, também não iria sugerir foder outra mulher à tua frente. Eu quero que a experiência seja tua e para ti, mas isto, claro, se for do teu interesse. Isto não é nenhum pedido ou sugestão, é um desafio. Aceitas ou recusas e está tudo bem de qualquer das formas.»

«Mas continuo sem saber exatamente que desafio é esse…»

Voltou-se para mim, mas não saiu do lugar.

«O desafio é o seguinte: eu, tu, outra mulher e uma noite de sexo. Contudo, eu só posso tocar em ti e ela só pode tocar em ti. Ou seja, não há qualquer contacto entre mim e a outra mulher. Isso significa que, teoricamente, tu tens o lado bom de receber prazer de ambas as partes, mas não tens o lado mau de eu me envolver com outra mulher à tua frente. Como disse, é algo feito para ti.»

«*Wow!*» Arregalei os olhos sem saber como reagir. «Mas estás a partir do princípio de que eu gostaria de me envolver sexualmente com uma mulher e que por isso seria algo bom para mim.»

«Tu é que disseste que beijaste uma mulher e gostaste. E eu não tive nada que ver com essa tua aventura. Estou só a sugerir outra, mas desta vez uma que possa acontecer à minha frente.»

«Mas a tua ideia não é ser só uns beijos, **Afonso**...»

«Não disse que não podia ser só isso, mas, no calor do momento, é difícil ser só isso. Seja como for, e aconteça o que acontecer, da minha parte está tudo bem. Ver-te com outra mulher seria algo prazeroso para mim e não precisaria de me envolver com ela. É só uma questão de dar continuidade ao que tu começaste. Mas compreendo perfeitamente a tua renitência em fazê-lo.»

«Não é renitência, apenas nunca tinha colocado essa hipótese. Nem sequer tive tempo de refletir sobre ela, mas admito que há uns tempos já a teria descartado.»

«É só um desafio, agora fazes o que quiseres com ele, tens todo o tempo do mundo e o que não me faltam são ideias para muitos outros desafios que gostaria de colocar, não só a ti como também a mim. No entanto, caso queiras aceitá-lo, avisa-me com tempo, pois vamos ter de ir à caça do unicórnio.»

«À caça de quê? O que queres dizer com isso?»

Ele deu uma rápida gargalhada.

«É uma expressão que se usa para designar uma mulher que esteja disponível para alinhar nesta aventura, já que são raras.»

Naquele momento, só um nome me veio à cabeça.

«Ah! Mas não te preocupes com isso. Caso decida experimentar, só existe uma mulher com quem eu o faria.»

«Ah, sim? E posso saber quem é?»

O resto do fim de semana foi passado em casa do **Afonso**, na sua companhia, e durante aquele tempo não existiu mais nada nem ninguém além de nós. Foram dois dias que usámos essencialmente para compensar o tempo em que as coisas não estiveram tão bem, que, por pouco que tenha sido, foi (e seria sempre) demasiado.

Durante aquele fim de semana, percebemos que estar juntos era melhor para os dois do que estarmos afastados, apesar das circunstâncias. Tanto um como o outro tinha os seus problemas e fantasmas, mas sem dúvida que, juntos, os conseguiríamos ultrapassar mais rápida e facilmente. Evitámos falar sobre como é que as coisas seriam a partir daquele momento e o tema Mafalda não veio à conversa, ainda que fosse um capítulo por fechar, tal como era o tema do irmão e as palavras que ficaram por dizer. No fundo, ambos sabíamos que ainda muitas peripécias estariam por vir e muitas batalhas seriam travadas nos próximos dias, mas foram preocupações que ficaram de fora da nossa agenda naquele fim de semana.

Regressei a casa no final do dia de domingo, mas tinha avisado a Filipa para que não se preocupasse comigo, pois havia uma boa razão para não ter ido dormir a casa. Porém, quem me deu razões para me preocupar foi ela quando abri a porta do apartamento e a encontrei no sofá com uma expressão abatida.

«Estiveste a chorar?», perguntei-lhe.

49

«Eu? Não!», respondeu ela prontamente, mas sem convicção. «Conta-me lá essas novidades. Onde passaste o fim de semana?»

Aproximei-me dela, desconfiada, e sentei-me ao seu lado. Na televisão estava a dar um programa de domingo à noite num canal generalista e ela baixou o volume para me ouvir melhor.

«Passei o fim de semana com o **Afonso**...»

«A sério? As coisas finalmente voltaram ao normal?»

«Vamos ver. Um passo de cada vez. Pelo menos agora tenho mais razões para acreditar que aquilo que o afastou não foi outra mulher ou algum tipo de indecisão, e ele também já percebeu que estar longe de mim não será melhor para ninguém.»

«E como vai ficar esta história da Mafalda?»

Aproveitei para a pôr a par de tudo o que tinha descoberto recentemente acerca da Mafalda e ela abriu a boca de espanto.

«Bemmm! Quem diria que essa história ia dar uma reviravolta dessas», comentou, admirada. «Mas olha, o que importa é que as coisas estão de novo encaminhadas e tudo indica que estão de volta ao normal. Ao menos uma de nós que esteja bem.»

Levantou-se e eu agarrei-a pelo braço e voltei a sentá-la.

«O que é que foi isso?»

«Do que é que estás a falar?»

«Dessa tua reação. O que é que se passou?»

«Não se passou nada. Apenas estou mais em baixo, mas isto deve ser do período, que está para vir, e fico mais sensível.»

«É mesmo só isso? Tens a certeza?», insisti.

Ela olhou seriamente para mim e soltou um suspiro.

«Talvez haja mais qualquer coisa...»

«E estás à espera de quê para me contares?»

Continuei a olhar para ela e, depois de um compasso de espera, cruzou as pernas em cima do sofá e lá desabafou:

«É assim, na noite passada tu tinhas dito que não vinhas dormir a casa e eu como me sentia assim mais... pronto... fogosa, decidi dar um

toque ao Miguel. Enfim, o período não me deixa apenas mais sensível, se é que me entendes, e como estava mesmo a precisar, fiz como costumava fazer. No entanto, ele disse que não podia e deu-me uma desculpa que não me caiu muito bem. Disse que já tinha coisas combinadas, mas que também não andava com muita vontade nem previa que tivesse nos próximos tempos. Eu aceitei e fiz de conta que compreendia, mas a verdade é que fiquei a matutar naquilo a noite toda e hoje decidi contactá-lo de novo e apertar com ele a ver se me dizia o verdadeiro motivo.»

«E ele disse-te qual era?»

Encolheu os ombros e fez-se de desinteressada.

«Parece que começou a sair com uma miúda recentemente.»

«E isso mexeu contigo, não foi?»

«Claro, agora não tenho ninguém de confiança com quem dar as minhas. Vou ter de arranjar outra pessoa.»

Levantou-se e foi para a cozinha e eu fui atrás dela.

«Não é só por isso que estás assim, admite.»

«Queres um pouco de chá frio? Fi-lo hoje», perguntou-me, erguendo uma garrafa de vidro cheia de chá na minha direção.

«Sim, aceito.»

Encheu duas canecas e passou-me uma delas.

«Desculpa, não te perguntei se querias açúcar.»

«Não, está bem assim, o que quero é que confesses o que eu disse. Estás com ciúmes pelo facto de ele ter outra.»

«Óbvio que estou!»

Revirou os olhos e encostou o rabo na mesa. Sorveu um pouco da sua bebida e eu fiz o mesmo, encostando-me depois ao balcão.

«Então, mas tu disseste-me que a tua intenção com ele era unicamente a tua satisfação sexual e não havia nada além disso.»

«Sim, eu sempre disse isso e sempre acreditei nisso até ele recusar estar comigo pela primeira vez. Agora, desde ontem à noite, tenho posto todas essas minhas crenças em causa.»

«Achas que esse envolvimento gerou outros sentimentos?»

Deu mais um trago no chá e fitou-me por cima da caneca.

«Parece que sim, a julgar pelo que estou a sentir.»

«E não achas que esses ciúmes possam ser apenas o resultado de

um ego ferido e de um sentimento de posse?»

«Como assim?»

«Por exemplo, aquilo que te incomoda mais é o facto de deixares de poder estar com ele dessa forma ou o facto de ele passar a estar dessa forma com outra rapariga?»

«As duas, mas claro que me incomoda mais saber que ele anda a foder ou vai começar a foder com outra.»

«E se amanhã percebesses que, afinal, era tudo mentira e o que ele queria mesmo era ficar contigo, tu ficarias com ele?»

«Ó Inês, sei lá, só sei que isto me está a afetar e não estou a gostar nada disto. Principalmente quando me lembro de que, em tempos, ele demonstrou interesse em algo mais e eu recusei.»

«Quando nós estamos habituados a receber sempre um sim, acabamos por desvalorizá-lo. Apenas quando recebemos um não é que percebemos a sorte que tínhamos quando recebíamos o sim.»

«Estás a dar-me na cabeça? Se eu soubesse, estava calada.»

«Não foi essa a minha intenção, desculpa. O que quero dizer é que esta nega que levaste foi um bom estímulo para te fazer refletir sobre a tua vida e sobre ti própria. E isso não é mau.»

«É mau quando te apercebes de que pode ser tarde de mais.»

«Antes de pensares e de te preocupares se é tarde de mais para fazer alguma coisa, é importante refletires sobre aquilo que te move. Não foi há muito tempo que me aconteceu algo semelhante com o **Afonso**. Quando ele percebeu que eu tinha voltado para o Victor, desdobrou-se em formas e maneiras de vir atrás de mim.»

«Porque realmente percebeu que gostava de ti», completou.

«Exato, mas no início tive receio de que não passasse de ego ferido e toda aquela vontade de me ter não fosse mais do que uma ilusão. Aparentemente, e felizmente, não era só isso, mas não sei como é no teu caso. Por isso é que digo que, antes de dramatizares, é importante refletires sobre a verdadeira razão que te move.»

Pousou a caneca e passou as mãos no rosto.

«Eu não sei! Não sei! Sabia desta possibilidade desde o início e até sabia que ele provavelmente estava com outras porque não era impeditivo nem eu queria saber. Mas agora é diferente porque, pela primeira vez, ele deixou de estar comigo para estar com outra. Ou seja,

à partida, será algo sério e está a ser difícil de lidar.»

«Eu sempre desconfiei dessas coisas de amigos com benefícios. Nunca dá coisa boa, há sempre um dos elementos que acaba por se afeiçoar demasiado e há um desencontro de expectativas.»

«Não quero acreditar que isso tenha acontecido comigo...»

«E já pensaste em falar com o Miguel? Expor a tua situação e ver o que ele te diz ou até perceber se ele sente o mesmo.»

«Não! Não! Não! Não lhe vou dizer nada!»

«Também não tens de perguntar diretamente, podes só dar-lhe a entender que talvez estivesses a sentir e a querer mais. Se quiseres, eu posso fazer essa sondagem por ti», sugeri.

«Não, Inês. Nem pensar. Esquece lá isso.»

«Então fala com o **Afonso**. Ele passou por uma experiência semelhante comigo. Talvez te ajude a perceber o que te move.»

«Que merda!», vociferou com um movimento brusco no ar. «Eu preciso é de ir dormir, a ver se isto passa.»

Comprimi os lábios e deixei-a ir, até porque já não sabia o que dizer. Talvez lhe fizesse bem dormir e eu fui fazer o mesmo. Tal como ela, também eu precisava de uma noite de sono reparadora, visto que, no dia seguinte, o Dr. Silva iria testar as minhas inseguranças uma vez mais, depois de eu não ter cumprido a tarefa que me incumbiu, e a ansiedade começava a apoderar-se de mim.

50

Comecei o meu dia de trabalho com normalidade, mas com a desconfortável sensação de que a qualquer momento a bomba iria explodir e foi isso que veio a acontecer pouco depois.

«Você está a gozar com a minha cara, não está?», gritou o Dr. Silva por cima da minha divisória.

Estremeci com o susto e, quando ergui a cabeça para ele, já toda a gente do *open space* estava a olhar para nós.

«Do que é que está a falar?», fiz-me de desentendida.

«É burra ou faz-se? Eu não lhe disse da última vez o que tinha a fazer? Então porque é que não fez o que eu mandei?»

Fitei-o de olhos arregalados sem dizer nada e o *suspense* tinha-se instalado como se estivesse toda a gente à espera da minha reação. Lembrei-me então que aquilo estava a acontecer porque a Diana me tinha impedido de ir buscar os processos ao gabinete do Dr. Silva no final do último dia de trabalho. Como é óbvio, não seria aquela a minha desculpa, mas também não foi por isso que me lembrei dela, mas sim para recordar o motivo por que ela o tinha feito. Foi para me obrigar a passar por um momento como aquele e deixar-me sem outra alternativa que não fosse enfrentar o Dr. Silva e exigir o respeito a que tinha direito. Independentemente do estatuto que ambos ocupávamos naquela empresa. Sabia que se daquela vez eu não tomasse uma atitude, estaria a passar uma mensagem de cobardia e subordinação aos meus colegas. Além de que estaria a falhar à Diana, a mim e a todos os que gostavam de mim. Sabia também que se daquela vez, quando as desculpas e as alternativas se tinham esgotado, eu não me impusesse, então nunca mais o faria. Por isso, disse dentro da minha cabeça o mais visceral «que se foda» que alguma vez tinha dito e fiz o que tinha de ser feito.

«Peço desculpa, o que é que o senhor me chamou?»

«Eu quero saber porque é que não fez aquilo que mandei!», repetiu ele, muito devagar, ignorando a minha pergunta.

«E eu gostaria que repetisse aquilo que me chamou, mas agora mais alto, para o caso de eu precisar de testemunhas quando formalizar a

minha queixa por assédio moral no local de trabalho.»

Ele fulminou-me com o olhar tenso de raiva. O lábio tremia-lhe. O meu coração disparara no peito, mas mantive o meu ar calmo para transmitir a maior convicção possível no que acabava de dizer. Rodou a cabeça e, à medida que a ia rodando, as outras cabeças iam mergulhando uma a uma nas respetivas divisórias.

«Quero-a daqui a cinco minutos no meu gabinete.»

Virou-se para ir embora e eu levantei-me para lhe dizer:

«Não posso, doutor. Tenho muito trabalho. Mas pode falar à vontade, não tenho nenhum segredo para com os meus colegas, além disso, não cometi nenhum erro nem ilegalidade.»

O tom de voz não era alto o suficiente para ser ouvido pela sala toda, nem era essa a minha intenção, contudo, tendo em conta o silêncio que se tinha instalado depois daquele incidente, até o meu batimento cardíaco se podia ouvir no lado oposto.

«Você sabe que está a brincar com o fogo, não sabe?», vociferou, por entre dentes, depois de se voltar a aproximar.

«Doutor, eu apenas estou a exigir o respeito que mereço e a que tenho direito. Como lhe disse, a viagem que fiz a Madrid foi com a devida autorização da direção e consentimento dos meus colegas a respeito da distribuição do trabalho que me competia. No entanto, a questão neste momento é muito mais complexa que isso, pois prende-se com a forma hostil, depreciativa e humilhante com que recorrentemente se dirige a mim. Entendo que, por alguma razão que desconheço, não vá com a minha cara, mas em momento algum lhe faltei ao respeito e em momento algum, independentemente da minha competência ou falta dela, faltei ao meu compromisso profissional pelo qual sou paga.» A minha voz era calma e segura, e quanto mais falava e ele me ouvia, mais confiante ficava. «O doutor não tem o direito de me tratar dessa forma porque no meu entender e, acredito, no entender de qualquer pessoa com bom senso, é uma forma de tratamento desrespeitosa e que pode ser punível por lei. Mantive-me calada por diversas vezes e, talvez por isso, dei azo a que, de uma forma continuada, o Dr. Silva abusasse do seu poder, mas finalmente disse chega e não vou continuar a aceitar isso. Eu ainda sei o que valho e ainda sei os meus direitos.»

Os seus olhos arregalados e a sua boca tensa transbordavam de ódio,

mas também de algum receio, o que me deu algum gozo.

«As consequências não vão tardar!», atirou antes de desaparecer pela porta como um rato assustado.

Caí sentada na cadeira como um peso morto e reclinei-me nela. Expeli o ar dos pulmões e afastei o cabelo do rosto. Ainda não acreditava no que tinha acabado de acontecer. A adrenalina fazia-me disparar o coração e as mãos tremiam-me. Tentei voltar a trabalhar, mas cada clique que dava no rato multiplicava-se por três e percebi que tinha de recuperar durante mais algum tempo. Respirei fundo algumas vezes e, aos poucos, o ritmo cardíaco foi voltando ao normal, assim como também voltava ao normal o ruído do escritório, sendo que agora vinha acompanhado por um burburinho.

Já tinha conseguido estabilizar e retomar o meu trabalho quando a Diana surgiu à entrada da minha divisória.

«Vem comigo. O Carlos quer falar contigo.»

Disse-o de um modo calmo, mas com alguma apreensão. Era óbvio que tinha que ver com o que tinha acontecido com o Dr. Silva e acompanhei-a até ao andar de cima com a certeza de que ia sofrer as consequências da minha tomada de posição. A Diana seguiu à minha frente até à entrada do gabinete do Dr. Carlos, bateu à porta e, assim que recebeu a ordem do lado de dentro, abriu-a e piscou-me o olho antes de eu entrar. Do lado de dentro, o Dr. Carlos estava sentado atrás da sua secretária e, ao fundo, virado de costas e de pé junto à janela, estava o Dr. Silva. *OK, já fui*, pensei.

«Olá, Inês, seja bem-vinda», cumprimentou o Dr. Carlos, estendendo a mão para apertar a minha. «Sente-se!» Respondi com um sorriso tenso e sentei-me. «Sabe o que a traz por cá?»

«Imagino o que seja, Dr. Carlos, mas devo dizer que nunca foi minha intenção desrespeitar a autoridade de ninguém e...»

Ele interrompeu-me com um movimento frenético da mão.

«Nada disso, nada disso! Eu não a chamei cá para que se justificasse, na verdade foi mais para lhe pedir desculpa. Em meu nome, em nome do Dr. Silva e da empresa pelo mal-entendido e por tudo o que daí adveio. Houve uma falta de comunicação entre mim e o Dr. Silva que originou tudo isto e queremos pedir desculpa. A Inês foi, e muito bem, a Madrid com o meu consentimento e autorização, e não há razão alguma

para acumular o trabalho desses dias e muito menos para que lhe sejam retirados do ordenado. Lamento também que de alguma forma o meu colega tenha sido demasiado áspero consigo, mas ele mesmo tratará de se desculpar.»

Aquela reação foi completamente inesperada e senti os músculos do meu corpo a relaxarem. O Dr. Silva olhou para nós por cima do ombro e depois, claramente contra a sua vontade, aproximou-se, cabisbaixo, mas sem perder o semblante ríspido.

«Talvez tenha exagerado um pouco...», murmurou.

Em vez de dirigir o olhar para mim, dirigia-o para o Dr. Carlos, como se procurasse nele um sinal de que o frete estava cumprido. Contudo, o Carlos permaneceu em silêncio e o Dr. Silva viu-se obrigado a continuar:

«Talvez eu me tenha exaltado demasiado e o meu comportamento não tenha sido o mais adequado. Assim...», fez uma pausa, denotando que o que iria dizer depois lhe custava muito: «...peço desculpa por isso.» O Dr. Carlos fechou os olhos, comprimiu os lábios e baixou a cabeça, dando-lhe o sinal que ele procurava para se livrar daquele momento constrangedor. «Com licença!»

O Dr. Silva abandonou o gabinete e o Dr. Carlos debruçou-se sobre a mesa para ficar mais próximo de mim.

«Mais uma vez, peço imensa desculpa por tudo isto. Não quero que trabalhar nesta empresa seja uma experiência negativa para si, até porque sei que, se não se sentir confortável e segura, a sua concentração e consequente rendimento nunca serão os melhores. Por isso, esta empresa só tem a ganhar em ter os seus colaboradores bem-dispostos e motivados. Qualquer coisa que se volte a passar aqui dentro que vá contra os seus valores, já sabe, não guarde para si. Enfrente-a ou fale comigo ou com a Diana, está bem?»

«Claro! Assim farei. Grata pela compreensão e peço mais uma vez desculpa por qualquer problema que possa ter causado.»

Esticou o braço para ver as horas.

«Ora essa, não foi problema nenhum, já pode ir. Não quero roubar muito tempo da sua pausa para o almoço.»

Sorri, levantei-me e saí. Do lado de fora, a Diana levantou-se assim que me viu sair e veio ter comigo.

«Então? Como é que te sentes?», questionou-me.

«Já sabias o que ia acontecer ali dentro?»

«Digamos que sim. Eu vi o Dr. Silva entrar no gabinete dele furioso e fiquei intrigada sobre o que é que tinha acontecido. Logo atrás, veio uma colega do teu departamento e eu aproveitei para lhe perguntar se sabia alguma coisa. Ela contou-me mais ou menos o que tinha acontecido, e uma vez que já tinhas ultrapassado essa barreira que tanto precisavas, já não fazia sentido deixar-te travar essa batalha sozinha. Assim, antes que o Dr. Silva pudesse fazer das suas, decidi pôr o Carlos a par do que se estava a passar. Até porque, mais tarde ou mais cedo, ele iria saber e era a única forma de eu não perder o rasto da situação. Mas vês? Correu tudo bem e eu estou muito orgulhosa de ti. Vamos, eu desço contigo para almoçar.»

Quando cheguei ao refeitório acompanhada pela Diana, os olhos dos demais caíram sobre mim com uma curiosidade fora do normal. Senti-me constrangida, mas agi com naturalidade. Pus a minha comida no micro-ondas e uma colega aproximou-se.

«Parabéns pela atitude de há bocado com o Dr. Silva», disse ela. «Ele já estava a precisar de ser posto no lugar dele.»

Deu-me duas palmadinhas no ombro e voltou a afastar-se. A Diana viu a cena e sorriu-me com um ligeiro inclinar da cabeça. Quando me encaminhei para a nossa mesa, um outro colega do meu departamento dirigiu-me a palavra sem sair do lugar.

«Estiveste bem, Inês. É assim mesmo!»

Um elogio que acompanhou com o polegar levantad0.

«Oh, meu Deus! Eles tratam-te como uma heroína, já reparaste?», exultou a Diana assim que se sentou à minha frente.

«Não é caso para tanto. Não fiz nada de especial.»

A resposta foi modesta, mas por dentro a sensação era muito boa, pois era notável a admiração com que me olhavam.

Passámos quase todo o almoço a falar do mesmo assunto. A Diana quis saber exatamente o que tinha acontecido e como é que eu me tinha sentido. Depois, fez questão de deixar alguns alertas para o futuro. Nomeadamente sobre a importância de manter a minha postura não só no trabalho como em todos os campos da minha vida, pois não havia apenas doutores Silvas nos ambientes de trabalho. Avisou-me também da possibilidade de o Dr. Silva se esquecer dos acontecimentos daquele

dia e voltar a abusar do seu poder sobre mim ou algum dos nossos colegas. Mas caso isso viesse a acontecer, deveria lembrar-me de que, se consegui impor-me uma vez, apesar de ter duvidado das minhas capacidades, então conseguiria fazê-lo todas as vezes que fossem necessárias. Conselhos que fiz questão de ouvir com toda a atenção.

«Agora o importante é desfrutares dessa pequena conquista e desse salto evolutivo e sentires orgulho de ti mesma, pois mereces», finalizou. «Ah! E não menos importante que isso, se se trata de uma conquista, merece uma celebração.»

«Celebrar o que deveria ser uma atitude normal que qualquer pessoa deveria ter quando é inferiorizada...», comentei em modo de reprimenda pessoal.

«Não vamos apenas celebrar a atitude. Vamos celebrar o efeito que essa mesma atitude terá em ti e na tua vida futura.»

«E o que é que sugeres?»

«Sei lá, uma saída, um jantar, um bar de *strip* tuga», brincou.

Demos uma gargalhada. E que bem me soube rir depois de toda a tensão a que estivera sujeita naquela manhã. Logo de seguida, a minha mente começou a divagar, e já que o ambiente estava mais leve e me sentia mais animada, decidi mudar de assunto.

«Posso fazer-te uma pergunta? Não tem que ver com esta conversa, mas é um tema que surgiu recentemente na minha vida.»

«Sim, claro, faz lá!», disse ao recostar-se na cadeira.

«Tu sabes o que é o sexo unicórnio?»

51

A pergunta apanhou-a de surpresa e não era para menos.

«Sim, sei qual é o conceito, sim, mas porque dizes que é um tema que surgiu recentemente na tua vida?»

«Foi o **Afonso** que me falou disto...»

«A sério? Mas tens falado com ele?»

Inclinei a cabeça para o lado e não escondi um leve sorriso.

«Passámos o fim de semana juntos.»

«O quê?» Os olhos dela abriram-se. «Conta-me tudo!»

Fiz-lhe um breve resumo do que tinha acontecido naquele fim de semana e ela ouviu-me com atenção e curiosidade.

«...e ele lançou-me esse desafio», finalizei.

«E tu achas que serias capaz?»

«Não sei. Talvez... Hoje em dia sinto-me mais recetiva a novas coisas, é verdade, mas iria depender de muitas condições.»

«Nomeadamente se estarias pedrada ou não», gracejou.

«Em relação a isso, já tive a minha dose e está bom assim. Acho que iria depender mais de quem seria o tal... unicórnio.»

«Há quem prefira alguém próximo, um amigo ou amiga de confiança, e há quem prefira um desconhecido completo. Não vá a experiência correr mal e terem de se cruzar constantemente depois disso. Mas qual seria a tua preferência?»

«Meu Deus! Até parece que estou numa *sexshop* e que me estás a tentar vender alguma coisa.» Encolhi-me de vergonha. «Não tinha pensado na possibilidade de ser um desconhecido sequer. Quando ele me falou nisto, confesso que só me veio um nome à cabeça.»

«Ah, sim? E eu posso saber de quem se trata?»

Olhei-a de cima a baixo e o seu semblante mudou de curiosidade para admiração quando percebeu em quem eu tinha pensado. A sua boca abriu-se de espanto e levou a mão ao peito.

«Estás a falar a sério? Queres que seja eu?», questionou-me.

«Não foi bem isso que quis dizer. O que quis dizer foi que, se algum dia decidir fazê-lo, faria sentido que fosse contigo. Enfim, foi o **Afonso**

que me veio com esta conversa e confesso que não sei se estou preparada, nem se me faz falta essa experiência.»

«Não tem de te faltar para quereres ter. Nem sempre comemos porque temos fome, às vezes comemos apenas porque temos apetite ou para termos a boca ocupada. Às vezes vamos a um restaurante e pedimos um prato diferente só para saber como é. E precisamos? Não, nem por isso. O que precisamos é de nos alimentar, não temos necessidade de experimentar um prato diferente, mas fazemo-lo pela curiosidade. Para nos acrescentar algo novo. Um sabor, um aroma ou uma textura que inevitavelmente terá influência nas nossas experiências futuras e nos enriquecerá de alguma forma.»

«Tanto nos pode enriquecer como traumatizar.»

«Inês, não estragues o belo trabalho que tens vindo a fazer nos últimos tempos. Arrependeste-te de alguma coisa que eu te aconselhei a fazer? Arrependeste-te de alguma das coisas que fizemos em Madrid?»

Encolhi os ombros e abanei a cabeça.

«Isto foi só um cenário hipotético, Diana. Decidi partilhar contigo porque tu entendes destas coisas muito mais do que eu e gosto da forma como vês e encaras este mundo. Mas é apenas isso, uma hipótese e nem sei se tu alinharias em tal coisa.»

«Claro que alinhava!», deu-me uma palmada ao de leve no braço. «Porque não? Ia ser divertido. Quer dizer...» A sua postura ficou mais apreensiva. «Depende do papel que teria.»

Passei a mão no rosto e cruzei os braços.

«Nem acredito que estou a ter esta conversa, mas agora que se lixe. O **Afonso** disse que a experiência seria, supostamente, para mim. Ou seja, que não haveria qualquer envolvimento entre ele e a mulher que convidássemos para essa... aventura.»

Simulou uma salva de palmas.

«Boa! Não é como a maioria dos homens que imploram *ménages* às mulheres só para poderem comer duas ao mesmo tempo, mas quando é ela a dizer que quer foder com dois, eles já não acham piada nenhuma. Mas não é nada que me admire, vindo dele. Mas, e como sabes, eu estou num compromisso...»

«Claro!», interrompi. «Como disse, isto não passa de uma hipótese e estou a falar nisto mais a brincar do que a sério.»

«...por isso o Carlos também teria de participar», completou.

Ficámos a olhar uma para a outra em silêncio. Tinha de confessar que não estava à espera daquela reviravolta.

«Como assim “participar”?»

«Eu adoraria participar e o Carlos, como já te disse, tem uma mente aberta como a minha e até gosta da ideia de me ver com outras mulheres, mas não ao ponto de concordar que eu fosse para um quarto com um casal e ele ficasse em casa a ver um filme.»

«Estás a sugerir os quatro no mesmo quarto? Tudo ao molho?» Ela inspirou fundo para dizer qualquer coisa e eu antecipei-me. «Não, nem pensar. Esquece. Isso é demasiado para mim.»

«Ele não tem necessariamente de participar de uma forma ativa, se isso te deixar menos constrangida.»

«O que é que isso quer dizer? Que ficaria a ver?»

«Por exemplo. Um pouco como o **Afonso** faz com os clientes dele e que tu deves saber. Seria como voyeurismo. Basicamente, foi o que nós fizemos naquele espaço noturno em Madrid.»

«Ele pode ser o teu namorado, mas continua a ser o Dr. Carlos, o meu patrão. Como é que depois eu ia olhar para a cara dele sabendo que ele me tinha visto naqueles preparos? Nem eu sei se conseguia sequer despir-me com ele ali. Desculpa...»

Ela deu uma gargalhada e levou a mão à boca.

«Entendo que seja complicado para ti, mas foi apenas uma solução que me ocorreu para que tu possas cumprir esse desejo.»

«Não é um desejo, é mais um desafio», corrigi.

As pessoas começaram a levantar-se e a arrumar as coisas para regressarem aos respetivos gabinetes.

«Pronto, como quiseres chamar. Também não sei se o Carlos estaria interessado, mas era uma questão de conversarmos. Mas desconfio que, se não acontecer, é só porque tu não queres.»

Começou a arrumar as coisas e levantou-se. Eu fiz o mesmo.

O resto do dia foi tranquilo apesar das peripécias, ou por causa delas. Quando precisava de ir à secretária de algum colega, ou algum colega de vir à minha, lá vinham as palavras de incentivo e admiração pela minha reação ao Dr. Silva e, à medida que se foram acumulando, eu comecei a sentir-me uma verdadeira estrela naquele departamento. A

sensação era boa, mas tentei desvalorizar. De resto, ao longo daquela tarde, não foram apenas o trabalho e o incidente com o Dr. Silva a ocuparem-me os pensamentos, foi também a conversa com a Diana e toda a história do unicórnio. Se, por um lado, me sentia relaxada por ter encontrado uma desculpa para não pôr à prova os limites da minha mente, por outro, sentia-me um pouco desanimada, porque até já tinha começado a gostar da ideia.

Terminado o meu dia de trabalho, abandonei a seguradora e dirigi-me para o carro. Estava ainda a arrumar as minhas coisas no banco de trás quando o telemóvel começou a vibrar.

«Estavas mesmo à espera de que eu saísse do trabalho.»

«*Não é um assunto urgente, mas deixou-me intrigado e ninguém melhor do que tu para me esclarecer*», ouviu-se do outro lado da linha através da voz grossa do **Afonso**. «*A Filipa ligou-me para falar sobre a altura em que eu tive de te reconquistar quando voltei do Brasil, mas foi muito vaga quando a questionei sobre a sua intenção por detrás daquela conversa. Sabes de alguma coisa?*»

Aquela pergunta era, na verdade, um dilema, porque de um lado tinha a minha melhor amiga e a privacidade que ela merecia, e do outro o meu namorado e a honestidade que lhe devia. O melhor era ser suficientemente vaga e logo depois mudar de assunto.

«Oh! Coisas de mulheres. Não ligues. Ela anda muito sensível e confusa, mas em breve volta tudo ao normal. Olha... já que me ligaste... aproveito para te contar uma coisa.»

«*Espero que seja algo bom*.»

«Digamos que tem um lado bom e outro mau.» Fechei a porta de trás do carro e entrei para o lugar do condutor antes de continuar. «Eu falei com a Diana sobre aquela nossa conversa e por ela até alinhava, mas... como é natural... para ela participar, o namorado também tinha de participar e isso está fora de questão. Desculpa.»

«*Que fique a ver, então, se quiser*.»

Achei graça à prontidão com que encontrou uma alternativa.

«Pois, ela disse o mesmo, mas não dá para mim.»

«*Qual é o problema?*»

«Qual é o problema? É ter um homem dentro do quarto a olhar para nós. Ainda por cima que eu conheço. Não é estranho?»

«*Se é esse o teu problema, eu tenho a solução*.»

Foram necessários alguns dias até eu juntar a coragem e o atrevimento suficientes para lhe dizer «sim, vamos a isso». Durante esse tempo, foi um assunto recorrente nas conversas de ocasião que tinha com a Diana e vi que as forças à minha voltam convergiam todas nesse sentido, até porque, pelos vistos, todos os intervenientes já tinham dado o sim e só faltava eu. Logo eu que, supostamente, era a pessoa que mais beneficiaria dessa aventura, ou não tivesse eu ainda alguns complexos a precisar de serem limados.

O **Afonso** tinha-me falado no HF Fénix Porto, que era o hotel onde ele fazia as avaliações às performances sexuais dos seus clientes e onde existiam dois quartos lado a lado devidamente preparados para o efeito e que serviam perfeitamente as nossas intenções. Segundo ele, num dos quartos estaríamos nós e no quarto ao lado, onde normalmente estaria ele, estaria o Carlos, a observar-nos através de uma abertura na parede, devidamente ocultada por um espelho que, na verdade, não passava de um vidro espelhado.

Foi para lá que me dirigi com ele naquela noite, para viver uma experiência que estava longe de imaginar o quão incrível seria.

52

Já me vinha a sentir ansiosa o dia todo, mas quando estacionámos junto ao hotel, a ansiedade e o medo atingiram o pico. Tínhamos combinado com a Diana encontrar-nos na entrada às 22h00, a hora nobre, segundo o **Afonso**, para aquelas coisas, e faltavam uns cinco minutos para essa hora quando entrámos no hotel. Ele limitou-se a cumprimentar os funcionários da receção com um aceno de cabeça, demonstrando que já toda a gente o conhecia, e dirigimo-nos para o bar. A Diana estava ao balcão, de minissaia e perna cruzada, com um copo à sua frente. Um sorriso floresceu no seu rosto quando nos viu chegar, mas, embora fosse um sorriso confiante, não era o mais descontraído que já lhe tinha visto.

«Chegaram cedo! Tinha acabado de pedir o meu *gin*», disse a Diana, descendo do banco para nos cumprimentar.

«Cumprir horários é uma das minhas regras. Estar no local marcado, à hora marcada, cinco minutos antes», retorquiu ele.

«Animados?», questionou a Diana.

Os olhares de ambos caíram sobre mim.

«Animada, mas nervosa», respondi envergonhada. «Onde é que está o Carlos? Não era suposto ter vindo também?»

«Seguimos as instruções do **Afonso** e ele subiu à frente para o quarto 406, correto?», dirigiu a pergunta para ele.

O **Afonso** anuiu com a cabeça e eu fitei-o. Não sabia daquelas instruções, mas percebi que era uma estratégia para me deixar mais à vontade, como se o facto de em momento algum me cruzar com o Carlos criasse a ilusão de que ele não estaria ali.

O **Afonso** apartou-se de nós e aproximou-se do *barman* para trocar algumas palavras com ele que não consegui ouvir.

«Ei! Relaxa», pediu a Diana com um sorriso, certamente ao se aperceber da minha tensão. «Vai ser divertido!»

Pouco depois, ele voltou para junto de nós carregando uma garrafa de champanhe numa das mãos e três copos na outra.

«Vamos subir?»

«E o meu *gin*?», interrogou a Diana.

«Não te preocupes. O José não lhe vai dar tempo de aquecer sequer», retorquiu, inclinando a cabeça na direção do *barman*.

Seguimos para o elevador e subimos até ao quarto andar. Depois, conduziu-nos até junto da porta com a numeração 404, ao lado da 406, e passou-nos a garrafa e os copos.

«Entrem, eu já vou ter convosco», disse enquanto aguardava diante da porta 406 que nós entrássemos.

Olhámos uma para a outra e entrámos. O quarto era amplo, a cama bastante larga e tinha um cadeirão num dos cantos. Pousámos as nossas coisas e a Diana começou logo a tirar o invólucro da garrafa de champanhe. Já eu detive-me por um momento diante do espelho grande e retangular na parede em frente à cama. A Diana apercebeu-se do que ia na minha cabeça, aproximou-se e acenou para o espelho. Nesse momento, a lembrança de que do outro lado estava alguém a ver-nos arrepiou-me e desviei-me por instinto.

«Não é nenhum estranho. Estamos em segurança», relembrou ela com um sorriso antes de se voltar a concentrar na garrafa.

Logo depois, a porta do quarto voltou a abrir-se e entrou o **Afonso** com um telemóvel na mão que não era o seu e que pousou na mesa em frente à cama. Só poderia ser o telemóvel do Carlos e entreolhámo-nos à espera de um esclarecimento dele.

«Gosto de ter tudo sob o meu controlo», limitou-se a dizer.

Pegou na garrafa de champanhe e abriu-a sem *suspense*, fazendo-me estremecer com o estouro. Depois serviu-nos e fizemos um brinde. Seguiu-se um momento de silêncio e o olhar dele intercalava entre nós as duas. Percebi que estava a dar algum sinal à Diana e o meu batimento cardíaco voltou a acelerar. Ela tirou-me o copo da mão e pousou os dois na mesa. Depois puxou-me para si e agarrou-me no rosto. Olhou-me nos olhos, sorriu e deixei que me beijasse lentamente. Não fechei os olhos, ao contrário da Diana. Em vez disso, desviei-os para o **Afonso** para apreciar a sua reação enquanto as nossas bocas e línguas se entrelaçavam uma na outra. Ele fitava-me de copo na mão, olhar firme e um leve sorriso nos lábios. Era bem visível o prazer nos olhos dele e isso, por sua vez, deu-me ainda mais prazer a mim e ajudou-me a relaxar. Quando ele levou o copo à boca para mais um

trago no champanhe, eu fechei, por fim, os olhos e entreguei-me a ela. A sensação era bem diferente da última vez que nos tínhamos beijado. Parecia tudo muito mais real e intenso e a boca dela parecia ainda mais delicada.

Não demorou muito até o **Afonso** se aproximar por trás de mim e começar a tirar-me a roupa da cintura para cima. Enquanto me despia, a Diana continuava agarrada à minha boca e só deixou de ser assim quando já estava em sutiã e me virou para ele. Foi a sua vez de me beijar e aquela sensação de trocar de uma boca para outra foi absolutamente inédita para mim. Principalmente porque trocava uma boca e um rosto macio e delicado de uma mulher pela dureza e aspereza do rosto de um homem. Aquele contraste e a ideia de universalidade e transversalidade implícita naquela troca excitou-me ainda mais. Pela primeira vez, percebi que o prazer não tem sexo. O prazer é prazer e é algo que acontece dentro de mim, logo, é uma marca pessoal minha. É algo que me pertence e que eu sou livre de ter porque acontece em mim e eu sou dona de mim. Se ninguém estava ali contra a sua vontade, se todos estavam conscientes e ninguém devia nada a ninguém, então não havia qualquer razão para eu não explorar cada recanto do meu corpo e dos deles.

Foi a Diana a despir-me o sutiã enquanto eu beijava o **Afonso** e logo depois também ela me começou a beijar as costas, ao mesmo tempo que me acariciava os seios a partir de trás. Escusado será dizer que todas aquelas sensações eram e continuariam a ser inéditas para mim. Sentia-me estimulada por todos os lados e ainda só estávamos a começar. De facto, melhor do que uma boca e duas mãos a darem-me prazer, eram duas bocas e quatro mãos.

Enquanto eu despia o **Afonso,** a Diana despia-me a mim e não demorou muito a ficarmos todos em cuecas. Ela virou-me de novo para si e voltou a beijar-me, mas agora com as suas mamas quentes e arrebitadas encostadas às minhas, proporcionando-me uma sensação prazerosa e, ao mesmo tempo, estranhamente aconchegante. Mas isto foi antes de o **Afonso** me agarrar na cabeça e me baixar em direção ao seu pau, que apontava vigorosamente para a minha boca, para que eu o chupasse. Comecei a chupá-lo e, por trás, a Diana despiu-me as cuecas, introduziu-me um dedo na cona e começou a masturbar-me. Com uma

mão, o **Afonso** agarrava-me no cabelo e, com a outra, acariciava-me uma das mamas enquanto eu ia entrando em ebulição no meio deles. Tive de fazer um esforço extra para me concentrar no broche que lhe estava a fazer tendo em conta a azáfama sexual que acontecia pelo meu corpo todo e que me dava uma vontade avassaladora de gemer. Gemidos esses que eram abafados pelo pau duro e grosso dele que me fornicava a boca. Até que ele me puxou para cima, levou-me pelo braço para junto da cama e empurrou-me para cima dela.

A forma como eles atuavam, sem necessidade de proferirem qualquer palavra para saberem qual o próximo passo a dar, fazia parecer que eram uma verdadeira equipa treinada e preparada para me dar prazer. Assim que caí de costas sobre a cama, ele ajoelhou-se do meu lado, debruçou-se sobre mim e enfiou-me o seu sexo na boca, fazendo-me chupá-lo com sofreguidão. Tal como antes, não deixou as minhas mamas ao abandono e continuou a acariciá-las. Ao mesmo tempo, a Diana atirou-se para o meio das minhas pernas e começou a fazer-me sexo oral, destronando o momento anterior do topo da lista dos momentos mais prazerosos daquela noite. Tinha de admitir que me surpreendeu o talento com que usava aquela boca em mim. O prazer que me consumia era arrebatador.

Como qualquer equipa, também aquela tinha um líder e esse líder era o **Afonso**. Era em função dele que eu e ela nos movimentávamos. Por onde ele fosse, nós íamos, e assim foi quando ele quis o meu sexo em detrimento da minha boca. Deitou-se do meu lado, rodou-me para que ficasse de costas para ele, ajeitou o pau e começou a penetrar-me. Por melhor que fossem os dedos e a boca talentosa da Diana, a verdade é que estava desejosa de me sentir preenchida pelo pau dele. Era maravilhoso tê-lo todo dentro de mim, e ainda mais naquela posição, porque podia sentir todo o seu corpo encostado a mim e isso transmitia-me uma boa sensação de proteção. Rodei o rosto para olhar para ele e ele começou a beijar-me enquanto me penetrava suavemente.

Pela frente, a Diana lambia-me os mamilos enquanto percorria o meu corpo com as mãos e assim que o **Afonso** libertou a minha boca dos seus beijos, ela apoderou-se de imediato dela. Depois, encostou também todo o seu corpo ao meu e de repente vi-me completamente ensanduichada entre os dois corpos. Naquela posição, eu recebia o

máximo possível do corpo de ambos sem que ambos se tocassem entre si, provando-me assim que era possível um envolvimento a três sem que isso implicasse, necessariamente, uma cedência significativa de alguma das partes.

Aquela sanduíche (de resto bastante saborosa) ganhou uma nova dimensão quando ele me empurrou e nos fez tombar. A Diana ficou por baixo de mim e ele por cima. O prazer do contacto físico com o corpo dela triplicou, pois agora tinha quase todo o meu peso sobre ela e o **Afonso** não parava de me foder.

Naquela posição, não havia muito mais que eu pudesse fazer que não fosse desfrutar da boca dela e do pau dele a entrar e a sair de mim. Entretanto, enquanto eu e ele íamos gemendo, a Diana ia sorrindo e, de vez em quando, dando também algumas palavras de incentivo, tornando aquele ambiente ainda mais erótico.

Algum tempo depois, o **Afonso** parou, puxou-me para ele, rodou-me e fez-me deitar de costas em cima da Diana. Ele mexia em mim, rodava-me e mudava-me de posição como se eu fosse uma boneca, mas no fundo aquilo agradava-me. Dava-me prazer a sensação de que ele fazia o que quisesse de mim durante o sexo e ele, melhor do que ninguém, sabia disso. Pela primeira vez, ele teve de explicar à Diana o que é que tinha de fazer comigo, o que demonstrava que era uma ideia bastante particular. Pegou nos braços dela, fê-los passar por baixo dos meus e mandou-a cruzar as mãos por trás da minha cabeça. Depois passou as pernas dela por dentro das minhas, a pressioná-las junto aos pés contra o colchão. Naquela posição, eu ficava totalmente imobilizada e à mercê dele. Conseguia apenas mover os antebraços, mas não conseguia fazer nada com eles. Estava presa pela Diana, com o meu corpo todo em cima do dela e o **Afonso** à minha frente a acariciar o pau como se estivesse a afiá-lo para o meter em mim, até que se debruçou sobre nós e penetrou-me, aumentando abruptamente a velocidade.

Aquela cena tinha tanto de controverso como de excitante e a sensação que tive foi assustadoramente prazerosa. Era como se ele conhecesse melhor a minha mente do que eu própria e percebi que os meus desejos e fetiches eram bem mais obscuros e perversos do que eu imaginava. Mais do que um momento de sexo intenso e diferente, aquele era um momento de autodescoberta e não podia pedir melhor instrutor

do que aquele que me estava a foder.

O **Afonso** continuava a penetrar-me à velocidade máxima enquanto rugia como um leão. Eu vociferava por entre os dentes porque, com o queixo colado ao meu tórax, não conseguia sequer abrir a boca. E a Diana gritava de incentivo como se fosse ela que estivesse a ser fodida e quisesse sempre mais. O meu organismo injetava-me adrenalina no sangue, as células estalavam de prazer, os músculos contraíam-se convulsivamente e o coração batia-me descompassado no peito, enquanto me vinha por entre as penetrações ininterruptas dele. Por fim, tirou o seu membro de dentro de mim e desferiu-lhe três movimentos bruscos. Tal como se de um filme em câmara lenta se tratasse, um jato de sémen saiu disparado, atingindo-me nos olhos, nariz e boca, e vários outros se seguiram encharcando-me o peito e a barriga.

53

A Diana libertou-me e eu deslizei pelo corpo dela até ao colchão. Depois soergueu-se e encostou-se à cabeceira da cama. O **Afonso** levantou-se e foi beber o que restava de champanhe no seu copo, oferecendo um dos outros à Diana. Enquanto eles bebiam, eu ia regressando lentamente ao meu estado normal e à realidade.

«Foi divertido, não foi?», questionou ela.

Ergui a cabeça para ver a reação do **Afonso** e encontrei-o a encarar-me, como se tivesse de ser eu a responder à pergunta.

«Foi surpreendentemente bom, sim», respondi, sorrindo.

«Temos de repetir mais vezes, então.» Deu um último gole no champanhe e pousou o copo na mesinha. «Bem! Já que o meu papel está cumprido, vou-me adiantando, antes que vocês me mandem embora. Esta brincadeira abriu-me o apetite.»

Meti uma almofada debaixo da cabeça para poder olhar para ela enquanto se vestia e o **Afonso** encostou-se à mesa em frente à cama, de copo na mão, igualmente a observá-la. Ainda não me tinha limpado e o sémen começava a escorrer-me pelas costelas, o que me fazia alguma impressão, mas a moleza ainda era demasiada para eu me propor a fazer alguma coisa em relação a isso.

Entretanto a Diana foi à casa de banho acabar de se arranjar e o olhar dele caiu sobre mim. Aquilo deixou-me envergonhada e pus a mão à frente do rosto para atenuar o constrangimento.

«Para, **Afonso**. Não quero que me vejas neste estado.»

«Estava só a apreciar a minha obra de arte.»

Ela regressou ao quarto pouco depois, pegou na sua mala e no telemóvel que havia sido apreendido ao namorado.

«Continuem a divertir-se, meninos. Está bem?», disse ela com um piscar de olho e lançando-me um beijo com a mão.

Assim que a Diana abandonou o quarto, ele dirigiu-se à casa de banho e regressou com um rolo de papel na mão.

«Pus a banheira a encher para tomarmos um banho antes de irmos embora, mas primeiro deixa-me limpar-te um pouco.»

Ele começou a limpar-me e eu deixei que ele tratasse de tudo sem intervir. Era delicioso vê-lo concentrado a cuidar de mim e só tive pena que não pudesse durar mais tempo. Assim que terminou, voltou à casa de banho e eu ergui-me da cama.

«O banho está pronto!»

Ao dirigir-me para a casa de banho, apercebi-me de uns sons que vinham do lado de fora do quarto e parei para apurar a audição. Umas vezes pareciam gemidos, outras, gargalhadas. Desconfiei que pudessem vir do quarto ao lado e aproximei a cabeça do espelho grande retangular para ouvir melhor.

«O que é que estás a fazer?», perguntou o **Afonso** desde a porta da casa de banho ao ver-me naquela figura.

«Agora percebo ao que é que a Diana se estava a referir quando disse que esta brincadeira lhe tinha aberto o apetite.»

Dei uma gargalhada, corri para a casa de banho e mergulhei com ele na banheira. Se o estado de êxtase me tinha dado moleza, aquele banho morno e tranquilo, ainda para mais envolta nos braços protetores do **Afonso**, tinha intensificado ainda mais aquela sensação. Só quando a água arrefeceu o suficiente para deixar de estar à temperatura ideal é que tomámos a decisão de sair.

Pus o robe, saí para o quarto e foi inevitável ir encostar o ouvido ao espelho para saber se a festa deles ainda durava.

«Algum movimento do outro lado?», questionou ele, despreocupado, ao passar por mim em boxers.

«Não! Nada, já devem ter ido embora.» Ele começou a ajeitar as calças para as vestir e eu, enquanto o observava, comecei a organizar umas ideias. «Temos mesmo de ir embora?»

«Como assim?» Fitou-me na expectativa. «Queres ficar?»

«Amanhã não é dia de trabalho...» Encolhi os ombros e abri os braços. «Confesso que não me está a apetecer muito ir embora.»

Ele atirou as calças para o cadeirão ao canto e aproximou-se com um ar atrevido já característico dele.

«Se queres ficar... Ficamos!», sorriu.

Depois, pegou em mim e atirou-me para a cama.

Dormi como um anjo e mais do que aquilo que era suposto, mas

estava a saber-me tão bem, que deixei a preguiça tomar conta de mim e estiquei ao máximo aquela experiência relaxante. Já me sentia acordada há algum tempo, mas foi quando o **Afonso** recebeu uma chamada e começou a caminhar pelo quarto enquanto falava ao telemóvel que me ergui definitivamente da cama. Deixei-me estar sentada, com os lençóis a taparem-me as pernas, atenta à conversa dele, e percebi que do outro lado da linha era a Mafalda e tinha alguma coisa que ver com o apartamento. Esperei que acabasse a chamada para o questionar.

«Algum problema?»

«Não sei...» Torceu a boca. «A Mafalda ligou-me a dizer que ia lá um técnico hoje fazer uma inspeção de gás.»

«E o que é que tem?»

«Segundo a pessoa que lhe ligou da companhia de gás, tinha sido uma inspeção solicitada pelo dono do apartamento e queria saber se a inquilina estava por casa para ser feita hoje. A questão é que ainda no ano passado fiz uma inspeção e tem validade de cinco anos. Além disso, também não dei o número dela a ninguém.»

«Liga-lhe de volta, por favor. Deixa-me falar com ela.»

Comecei a sentir-me desconfortável e com um mau pressentimento. O **Afonso** pôs a chamar e passou-me o telemóvel.

«Estou? Mafalda? É a Inês, conta-me melhor essa história da inspeção de gás.» Ouvi-a atentamente e só depois lhe fiz perguntas. «Essa pessoa sabia a morada do apartamento?»

«*Sim, ela já sabia a morada e eu só tive de confirmar. Disse-me que era uma informação no sistema e que tinha sido o dono do apartamento a facultar o meu contacto porque era eu que estava aqui a viver e a inspeção teria de ser necessariamente feita na presença de uma pessoa maior de 18 anos.*»

«Mafalda, nem eu nem o **Afonso** demos o teu contacto a ninguém. Tu disseste a alguém onde é que estavas a viver?»

«*Não! Eu não disse nada a ninguém.*»

«Pensa bem, Mafalda. É importante. E eu preciso de saber isso para despistar as minhas desconfianças.»

«*Mas o que é que achas que pode ser?*»

«Acho que pode ser o teu ex a preparar-se para ir atrás de ti.»

Um momento de silêncio do outro lado da linha.

«*Mas vocês são os únicos que sabem onde eu estou a morar e nenhum de vocês conhece o Heitor, o meu ex namorado.*»

«Por isso é que eu preciso que penses se alguém da tua parte sabe onde estás e possa ter-se descaído.»

«*Não! Que eu saiba ninguém... quer dizer... não pode ser...*»

«Diz-me. Fala comigo. Em que é que estás a pensar?»

«*Não! Não faz qualquer sentido!*»

«Diz-me, Mafalda!»

«*A Maria Leonor... No dia em que me veio visitar, naquela noite em que o* ***Afonso*** *foi para o hospital, ela ficou aqui em casa porque já era tarde para voltar para Leiria. Mas eu não acredito que ela fosse capaz de contar alguma coisa ao Heitor*.»

«Tu não me disseste que ela insistiu para te visitar?»

«*Sim! Mas já não nos víamos há algum tempo. É normal.*»

«Seria descabida a ideia de ela ter sido ameaçada, de alguma forma, pelo Heitor para vir ter contigo, descobrir onde estavas refugiada e contar-lhe para que ele te pudesse fazer uma "visita"?»

Novamente silêncio do outro lado e por fim um suspiro.

«*Não seria a primeira pessoa que ele ameaçaria...*»

«A que horas é que é suposto esse "inspetor" passar aí?»

«*Dentro de meia hora, mais ou menos.*»

«Mafalda! Ouve-me com atenção. Não saias de casa e não abras a porta a ninguém, nós vamos já para aí.» Desliguei a chamada e virei-me para o **Afonso**. «Espero que consigas chegar à Póvoa em meia hora.»

54

Saltámos da cama, vestimo-nos o mais depressa possível e corremos para o carro. Depois ele acelerou o mais que pôde em direção à Póvoa de Varzim. Até podia estar a precipitar-me no meu julgamento, mas batia tudo demasiado certo para estar errada. Seja como for, sempre era melhor jogar pelo seguro. Não foi ao acaso que ela teve de fugir do tal Heitor. Se ele era como ela o tinha descrito, seria de prever que não descansasse enquanto não a encontrasse e montasse todo um plano para o conseguir. Não necessariamente para se vingar e lhe fazer algum mal, mas para tentar manifestar, ainda que de uma forma errada, dado o seu desequilíbrio, o quanto a queria. O que não era, de resto, muito incomum em casos semelhantes. O problema era mesmo a forma obsessiva com que o fazia e isso, sim, era perigoso e tínhamos de o evitar.

Chegámos em tempo recorde à Póvoa, estacionámos junto ao prédio, saímos do carro e olhámos em volta. Não vimos ninguém suspeito e seguimos para dentro. Batemos à porta do apartamento e do lado de dentro ouviu-se um «quem é?».

«É a Inês, podes abrir.»

A porta entreabriu-se até ao batente de segurança para que ela pudesse espreitar e depois abriu a porta por completo.

«Entrem. Eu estava a arrumar umas roupas na mochila.» Ela dirigiu-se para o quarto e eu fui atrás dela. O **Afonso** dirigiu-se até à janela para controlar a rua. «Assim que terminei de falar contigo, liguei à Maria Leonor e confrontei-a com a tua teoria.»

«E o que é que ela disse?»

Antes de me responder, dobrou uma calças e enfiou-as sem jeito na mochila, acabando por as enrodilhar.

«Depois de alguma insistência, ela acabou por confessar que ele a pressionou a descobrir de uma forma dissimulada onde é que eu estava. Não a ameaçou diretamente a ela, mas o que estava à sua volta. Em vez de me perseguir a mim, perseguiu-a a ela. Começou por lhe partir um vidro de casa. Depois acho que lhe furou um pneu do carro ou qualquer

coisa assim. Mas a gota de água foi quando a irmãzinha dela, que tem 11 ou 12 anos, chegou a casa da escola com um presente qualquer que lhe tinha sido dado... pelo Heitor. Isto foi claramente um sinal que ele lhe enviou e ela viu-se sem alternativa que não fosse descobrir onde eu estava. Às vezes, temos de fazer escolhas difíceis. Não a posso culpar.»

«Meu Deus, Mafalda! Isto é ainda mais sério do que eu pensava. Ele não está a brincar. Temos de sair daqui e agora!»

Agarrei na mochila com o que tinha dentro, fechei-a e levei-a comigo. Ao passar pela sala, vi o **Afonso** ainda à janela.

«Algum movimento estranho?»

«Ninguém se dirigiu para o prédio», retorquiu.

Olhei para ela.

«Vamos!»

Descemos os três pelo elevador e saímos para a rua. O *BMW* do **Afonso** estava mesmo em frente ao portão e enquanto ele contornava o carro para entrar no lugar do condutor, nós já tínhamos aberto a porta da frente e de trás. No entanto, um grito vindo do meio dos carros deteve-nos por um momento.

«Mafalda!», berrou um homem de barba e *t-shirt* justa ao corpo que caminhava na nossa direção a uns vinte metros.

«É ele!», exclamou ela com os olhos tolhidos de medo.

«Entrem para o carro já!», berrou o **Afonso**.

Precipitámo-nos para o interior do carro. Eu entrei para o lugar da frente e a Mafalda para o banco de trás, arrancando a todo o gás logo de seguida. O coração ameaçava saltar-me do peito e a Mafalda ia murmurando desesperadamente qualquer coisa impercetível.

«Que visão assustadora», desabafei ofegante. «Nem parecia real. Mais um minuto e tínhamos de levar com ele.»

«Mais ou menos. Parece que ele não é homem de desistir facilmente», murmurou o **Afonso**, olhando pelo retrovisor.

Olhei para trás por entre os bancos e vi um carro a acelerar atrás de nós. A adrenalina voltou a disparar.

«Eu não acredito, ele está a seguir-nos!»

«Oh, meu Deus, desculpem, desculpem!», lamentou a Mafalda.

«Não te preocupes, vai ficar tudo bem.»

O **Afonso** acelerou ainda mais e os nossos corpos afundaram-se nos

respetivos bancos com a aceleração. O carro atrás não desarmou da perseguição e acelerou também.

«Liga para a polícia e diz o que se passa», pediu ele. «Entretanto vou metendo por caminhos secundários para o tentar despistar. Segurem-se porque algumas curvas vão ser apertadas.»

Mal terminou de falar, cortou bruscamente à direita e eu tive de me agarrar à porta para não cair sobre ele. Assim que consegui estabilizar, apesar dos solavancos, agarrei no telemóvel e pus a chamar para um número da polícia que já tinha gravado.

«Estou, sim? É da polícia?», disse eu, mal me apercebi de que tinham atendido. «Queria denunciar uma perseguição que está a acontecer neste momento. Precisamos que façam alguma coisa!»

«*Antes de mais, mantenha a calma, diga-me o seu nome e onde é que se encontra*», disse uma voz feminina.

Com uma mão a agarrar no telemóvel e outra no *tablier* para me segurar, fui respondendo às perguntas que ela me fazia, ao mesmo tempo que relatava o que estava a acontecer.

A perseguição estava a ficar cada vez mais agressiva. Por onde quer que virássemos, ele mantinha-se no nosso encalço e o medo já há muito se tinha transformado em pânico. Lembrei-me de olhar para o painel do carro e vi que o combustível não era muito, o que não abonava nada a nosso favor. Principalmente se o carro que nos perseguia estivesse bem mais abastecido do que o nosso. O **Afonso** sabia que se optasse pela autoestrada ou por outra estrada mais retilínea, as hipóteses de o despistar eram mais escassas e, além disso, corríamos o risco de ficar com o depósito a zero num local mais inóspito do que aquele. Não nos restavam melhores opções do que esperar que ele desistisse, o que não parecia que fosse acontecer, ou esperar que a polícia aparecesse. O que me levou a explodir com a pessoa que me atendia.

«Por favor, venham rápido!», gritei.

Depois de alguns minutos, que pareceram horas, a andar às voltas no meio de um aglomerado de casas, e percebendo que a destreza do Heitor ao volante era tão boa quanto a sua e o carro pelos vistos tão potente quanto o seu, o **Afonso** adotou uma nova estratégia e começou a abrandar o carro até o parar definitivamente.

«O que é que estás a fazer?»

«A ganhar tempo.»

O Heitor parou logo atrás, com certeza convencido de que nos tínhamos rendido ou então que nos tinha acabado o combustível. Ainda assim, demorou algum tempo a sair do carro.

«**Afonso**!», murmurei. «Vamos embora!»

«*Vocês estão bem? Aconteceu alguma coisa?*», ouviu-se do outro lado da linha, mas só teve silêncio como resposta.

Olhei de novo pelo vidro de trás e o Heitor já estava junto à traseira do carro.

«Vamos embora! Pelo amor de Deus!»

«Agora, sim!», disse ele ao mesmo tempo que carregava no acelerador a fundo, fazendo o carro patinar.

Meteu de imediato por um atalho e já não consegui ver qual foi a reação do Heitor. Dobrámos mais três esquinas e pela primeira vez não vimos aquele carro cinzento pelo retrovisor. Senti um alívio momentâneo percorrer-me os músculos.

«Acho que finalmente conseguimos despistá-lo», murmurei.

«Graças a Deus!», rejubilou a Mafalda no banco de trás.

Contudo, apenas alguns segundos depois de eu ter dito aquilo e ao dobrar uma curva mais apertada, algo fez as rodas da frente derraparem mais do que o que era suposto e o **Afonso** perdeu o controlo do carro. Acabámos por sair da estrada e embater no muro de um portão de uma das casas que ladeavam a estrada.

55

Os *airbags* dispararam e uma nuvem branca, que não consegui perceber se era fumo ou pó, apoderou-se do habitáculo do carro. Tirei o cinto e abri a porta por instinto para sair dali e apercebi-me de que a Mafalda, atrás de mim, também o fizera. Quem não se moveu foi o **Afonso,** que estava caído sobre o volante. Na minha cabeça, os piores cenários surgiram como um trovão. Atirei-me de volta para dentro do carro e afastei a cabeça dele com cuidado do volante. Apercebi-me de que ele não trazia o cinto posto e do sobrolho esquerdo começavam a jorrar dois fios de sangue.

«Merda! Merda! Como é que te foste esquecer disto?», murmurei, ao mesmo tempo que o pânico voltava a tomar conta de mim. «**Afonso**! Acorda, por favor! Não me faças isto!»

Dei-lhe duas leves bofetadas no rosto enquanto tentava endireitar-lhe a cabeça com a mão, a segurá-la pelo queixo.

«Está consciente?», perguntou a Mafalda, do lado de fora.

Apercebi-me de que a sua boca mexera e logo depois os olhos pareciam querer abrir.

«**Afonso**? Estás a ouvir-me?»

A sua cabeça teimava em não se segurar sozinha, mas vi que o olho direito dele se tinha aberto por um segundo para olhar para mim. Depois, tentou dizer alguma coisa, mas foi impercetível. Então aproximei o meu ouvido da sua boca e ele repetiu.

«Eu estou bem...»

«Tens a certeza? Olha para mim. Quem é que eu sou?»

Ajeitei-me para ficar de frente para ele e continuei a segurar-lhe na cabeça. Desta vez, notei-lhe um pouco mais de força. Os seus olhos entreabriram-se e focaram os meus.

«A mulher que eu amo», murmurou com a boca seca. Foi uma boa resposta, mas não era o momento para romantismos. «E vocês, como é que estão? E o carro? Está muito estragado?»

«Nós estamos bem, o carro... mais ou menos...»

«Inês!», chamou a Mafalda.

Quando olhei para ela, reparei que o seu olhar fixava a zona por cima do tejadilho, em direção à estrada. Baixei a cabeça para espreitar pela janela e a visão que tive gelou-me o corpo. Era o carro do Heitor, que acabara de parar do outro lado da estrada. O **Afonso** apercebeu-se de que se passava algo e também olhou.

«A Mafalda que fuja.» Avisou ele de olhos semicerrados. «E já agora, tu também. Escondam-se nalguma casa aqui perto.»

«Não te vou abandonar, não sei o que é que ele te pode fazer!»

«Ele não quer saber de mim. Fujam! Agora!», gritou.

Voltei a olhar pela janela e ele já vinha na nossa direção como se se tratasse de um filme de terror. A Mafalda saiu disparada atrás de mim e eu vi-me sem outra opção.

«Eu não me demoro, prometo!», disse-lhe, antes de também eu me precipitar pelo beco por onde tinha ido a Mafalda.

«Mafalda! Espera! Ouve-me!», gritou o homem.

Ela corria sem olhar para trás e eu corria no seu encalço. Temia quem nos estava a perseguir, mas aquilo que me movia não era medo, era um instinto protetor. Por pior que aquele homem fosse, não se iria preocupar muito comigo quando tinha todas as possibilidades de apanhar o seu alvo. Por isso, corria atrás dela para que ela não fugisse sozinha. Para que não se sentisse abandonada à mercê da sua sorte. E porque duas mulheres juntas, ainda que frágeis, sempre tinham mais hipóteses do que uma sozinha.

«Espera! Ouve-me!», continuava a gritar o ex-namorado.

A Mafalda galgou um muro que vedava um terreno e avançou galopante por um descampado irregular que abrangia uma vasta área nas costas de um bairro. Não havia pior lugar do que aquele para fugirmos. Ali éramos duas presas fáceis para o nosso perseguidor que, além de ser mais veloz do que nós, tinha-nos sempre no seu campo de visão. Mas ela, tolhida pelo pânico e movida pelo instinto animalesco de sobrevivência, não estava a perceber isso. Tive de me aproximar, agarrá-la pelo braço e mudar de direção.

«Temos de ir para as casas. Anda!», gritei.

Corremos então na direção das casas, mas não se notava nelas muito movimento. Eram um tanto degradadas e antiquadas, o que podia antever que as pessoas que nelas viviam, se viviam, deveriam ser já

idosas. Numa emergência como a nossa, não era um fator animador. Metemos pelo meio de umas árvores de fruto, saltámos um portão e a Mafalda tentou abrir a porta de uma das casas ao mesmo tempo que eu batia na janela do rés-do-chão.

«Abram a porta, por favor!», gritámos.

O Heitor já estava na zona das árvores de fruto e preparava-se para saltar o portão tal como nós. Não havia tempo para esperar que alguém nos abrisse a porta e a Mafalda esquivou-se pela lateral da casa, por um caminho cimentado descendente que parecia contornar a casa, e eu segui-a. Contudo, assim que dobrámos a esquina, percebemos de imediato o erro que tínhamos cometido. Aquele caminho não ia dar a lado nenhum. Era apenas um acesso para a garagem que ficava nas traseiras da casa a um nível abaixo da terra, mas cujo portão estava fechado. A toda a volta, a altura dos muros desincentivava qualquer tentativa de os alcançar e as únicas hipóteses seriam voltar para trás ou subir uma escadaria exterior que dava acesso ao andar de cima por uma porta que, também ela, deveria estar fechada. Mas ambas as hipóteses foram rapidamente descartadas quando a figura do Heitor surgiu, ofegante, à nossa frente. Os meus músculos enrijeceram de imediato.

«Socorro! Ajudem-nos!», gritei para o ar.

«Tenham calma! Não é preciso gritar!», disse ele.

Agarrei num pau que a minha visão periférica detetou a dois passos de mim e afastei-me o máximo que pude para trás, arrastando comigo a Mafalda. Só parámos quando os nossos calcanhares embateram no muro atrás de nós.

«Não te aproximes!», avisei-o. «Não tens força para dar conta de nós as duas e a primeira estocada és tu que a levas.» Agitei o pau com impetuosidade na sua direção. «Socorro!»

«Cccchiu!», sussurrou, levando o dedo aos lábios, e depois fez o gesto de calma com as mãos. «Eu não te quero fazer mal, Mafalda. Não era preciso tudo isto. Só quero que me ouças.»

A Mafalda chorava e balbuciava atrás de mim. Os olhos dele estavam fincados nela como se eu não estivesse ali.

«Vai-te embora, Heitor. Por favor. A polícia já vem aí!», pediu ela com a voz trémula.

Percebi a intenção da Mafalda, também eu me queria ver livre dele o

mais rápido possível, mas percebi que a estratégia não era convencê-lo a ir embora, até porque se ele se dera a todo aquele trabalho para chegar até ela, não iria embora assim. A estratégia passaria por aguentá-lo àquela distância o máximo de tempo possível e rezar para que alguém nos descobrisse, mais tarde ou mais cedo. Levei a mão ao bolso na esperança de encontrar o telemóvel e lembrei-me de que devia ter ficado caído no carro depois do acidente. Fiquei chateada comigo mesma, mas pegar no telemóvel à frente dele seria despertar o seu pior lado. O melhor seria iniciar algum diálogo e tentar acalmá-lo e empatá-lo, jogando cuidadosamente com as pretensões dele em relação à Mafalda.

«Diz o que é que tens a dizer, mas não te aproximes. Senão só vais piorar as coisas para o teu lado», disse-lhe com a voz firme.

«Mafalda, meu amor», prosseguiu, cauteloso. «Eu não queria ter feito nada disto e lamento o que aconteceu hoje, mas não podia desperdiçar esta oportunidade de falar contigo, pois não sei quando terei outra. Não foi correta a forma como te foste embora de nossa casa e hoje quando tentei falar contigo, nem sequer me deste ouvidos e fugiste.» Havia um tom falso e doentio de vitimização na voz dele. Estava a manipulá-la, consciente ou inconscientemente, fazendo-a acreditar que ela era a culpada por se estar a passar aquilo tudo. «Sabes que isso não é justo. Eu não te quero fazer mal, por isso é que me mantenho a esta distância. Eu só...»

O som de uma porta a abrir-se interrompeu-o. Era a porta ao cimo da escadaria exterior. De dentro, saiu uma senhora idosa.

«O que é que se passa aqui?»

«Chame a polícia, minha senhora. Este homem é perigoso!»

Ela precipitou-se para o interior, assustada, e o Heitor voltou a dirigir o olhar na nossa direção sem dar importância à senhora. A sua preocupação era clara: transmitir a mensagem que trazia.

«Eu não quero saber da polícia, Mafalda. Posso ser preso e podem fazer o que quiserem comigo, mas não antes de te dizer o que sinto. De te dizer o quão gosto de ti e o quão estou arrependido por ter tido comportamentos menos corretos contigo. Mas eu sei que tu sabes que a culpa não foi só minha. Tu sabes que às vezes tens um feitio complicado e isso exalta qualquer pessoa, mas nada que não se resolva com muito diálogo e paciência. Acredito que compreendas que qualquer pessoa no

meu lugar faria o mesmo. Qualquer pessoa no meu lugar ficaria desesperada se o amor da vida dela desaparecesse do nada e sem deixar rasto nem uma explicação. Qualquer pessoa que ame tanto quanto eu te amo, e queira como eu te quero, faria tudo o que estivesse ao seu alcance para conversar, justificar-se e tentar compor as coisas. E é só isso que eu estou a tentar fazer, mas entendo que tu estivesses assustada porque a última imagem que te deixei minha não foi a melhor, mas isso é passado. Agora eu percebi como és importante para mim. Podemos finalmente voltar para Leiria e ser felizes? Sim?»

Ele deu um passo na nossa direção e eu tive de varejar o barrote que tinha na mão para o deter onde estava. Olhei de soslaio para a Mafalda para ver a reação dela àquele discurso e encontrei-a reflexiva. *Meu Deus!,* exclamei para mim mesma. Ela estava a ponderar as palavras dele como se estivesse a ser hipnotizada. Com certeza que ele a conhecia como ninguém e sabia bem quais eram os seus pontos fracos. Era um manipulador puro. Conseguia identificar facilmente isso depois de ter lidado com alguns no passado recente. Mas desconfiava de que o Heitor, no fundo, acreditava que aquilo que o movia era mesmo amor e não uma obsessão doentia. A verdade é que, intencionalmente ou não, ele estava a tentar ludibriar-nos e percebi que a melhor forma de o ludibriar de volta era fazê-lo acreditar que acreditávamos no que nos estava a dizer. Era também a única forma de ganhar tempo enquanto torcia para que a dona da casa tivesse feito alguma coisa para nos acudir.

«Heitor, a Mafalda só precisa de algum tempo sozinha para organizar as ideias. Estou certa de que ela sabe o quão gostas dela, mas nós, mulheres, às vezes precisamos de respirar.»

Ele continuava de olhar fixo nela como se eu não estivesse ali.

«Mafalda, olha para mim», pediu e ela acedeu ao pedido. «Tu sabes que eu quero o melhor para nós e o melhor para nós é continuarmos juntos. Será que já te esqueceste das experiências incríveis que vivemos? No fundo, sabemos que não vivemos um sem o outro. Por isso peço-te só mais uma oportunidade para te mostrar como gosto de ti. E ter vindo até aqui e ter passado por tudo isto é mais uma prova de que o que sinto é forte e verdadeiro.»

Senti uma náusea depois de ouvir tantas barbaridades.

«Heitor, não está correto aquilo que fizeste!», disse ela.

«O que é que é errado se for feito por amor?»

Deu mais um passo e eu coloquei-me à frente dela, mas percebi claramente que começava a perder terreno. Ele parecia cada vez mais indiferente às minhas advertências, pois sabia bem que o elo mais fraco era a Mafalda e que, se a conseguisse virar a seu favor, eram os dois contra mim e eu pouco ou nada poderia fazer.

Estava demasiado perto. Mais um passo e não teria outra escolha que não fosse dar uso à arma que tinha na mão, independentemente das consequências que dessa ação adviessem.

«Anda, meu amor! Vamos para casa.»

Ele voltou a aproximar-se e no momento em que eu me preparava para lhe desferir uma paulada, um vulto vindo do alto da escadaria abateu-se sobre ele atirando-o ao chão. Rapidamente, o alívio deu lugar de novo à tensão quando me apercebi de que quem tinha atravessado o andar de cima da habitação e se tinha atirado do primeiro andar sobre o nosso adversário tinha sido o **Afonso**.

A Mafalda aninhou-se atrás de mim aos gritos e com as mãos no rosto, enquanto o **Afonso** rebolava no chão a tentar conter a força do Heitor e eu continuava a segurar o pau com medo de o usar e acertar na pessoa errada. Tinha de fazer alguma coisa, não o ia abandonar desta vez. Voltei-me para trás e com uma mão agarrei na Mafalda e fi-la erguer-se.

«Corre e vai pedir ajuda. Rápido!», ordenei-lhe com uma coragem e uma frieza que me surpreenderam.

Ela saiu disparada e quando voltei a olhar para a cena que acontecia junto aos meus pés, percebi que podia usar a minha força de forma mais inteligente e atirei o pedaço de madeira para o chão.

O **Afonso** estava agarrado a ele como uma carraça, bloqueando-lhe os movimentos da melhor forma que conseguia, com os braços à volta do pescoço e as pernas à volta da cintura. O Heitor vociferava e esperneava, debatendo para se libertar dele e tateando o chão à procura de algum objeto com que lhe pudesse provocar algum dano. O primeiro passo foi, portanto, afastar todos os objetos que estivessem ao seu alcance. Depois tentei libertar as mãos dele dos braços do **Afonso,** cravando-lhe na carne as minhas unhas, mas ele socou-me o ombro

com tanta força, que me atirou para trás. As mãos dele eram demasiado ágeis para eu ter poder sobre elas e a minha alternativa foi atacar-lhe as pernas. Se me conseguisse agarrar a elas como o **Afonso** se agarrava a ele, conseguiria reduzir substancialmente os seus movimentos e, consequentemente, o esforço necessário para o conter. Não foi uma tarefa fácil, pois ele pontapeou-me por diversas vezes, mas acabei por conseguir fazendo uso do peso do meu corpo para lhe neutralizar as pernas.

Quando os meus braços ameaçavam ceder, três agentes da PSP, empunhando uma arma cada um, surgiram na esquina. Atrás deles, surgiu a Mafalda de mão na boca.

«Quietos!», gritaram na nossa direção.

Eu libertei-lhe as pernas e deixei-me cair para trás completamente exausta, mas aliviada pelo fim daquele pesadelo.

56

Era já noite quando as burocracias terminaram e eu, o **Afonso** e a Mafalda nos dirigimos para junto d0 Miguel e da Filipa, que nos aguardavam no passeio, junto aos seus carros estacionados na estrada. Tínhamos-lhes telefonado durante a tarde a explicar o que tinha acontecido e eles prontificaram-se a vir ter connosco para nos ajudarem com o que fosse necessário.

Depois de muitos interrogatórios e muitos papéis preenchidos, o Heitor tinha ficado detido, o carro do **Afonso** tinha ido de reboque para a oficina e tínhamos escrito mais uma página para recordar, ou não, no livro das nossas vidas. Sentia-me completamente esgotada, mas pior estava a Mafalda, que tinha passado o dia inteiro a chorar e a desculpar-se por nos ter arrastado para aquela situação. Rapidamente a lembrámos de que o importante era que tinha acabado tudo bem, ninguém se tinha magoado significativamente e que o seguro assumiria os estragos materiais.

Quanto regressámos para junto do Miguel e da Filipa, o Miguel deu um abraço ao **Afonso** e a Filipa agarrou-se a mim.

«Tudo resolvido?», questionou a minha colega de casa.

«O que não está há de ficar com o tempo», repliquei.

«Vamos lá embora, que vocês precisam de descansar», aventou o Miguel. «Como é que querem fazer? Quem vai comigo?»

«Talvez fosse melhor a Mafalda ficar em nossa casa esta noite», sugeriu a Filipa. «Pelo menos para se sentir mais segura.»

«Não!», recusou a Mafalda de imediato. «Eu prefiro ficar aqui no apartamento da Póvoa. Preciso de estar sozinha e assim aproveito para arrumar as minhas coisas e amanhã regresso a Leiria.»

«Tens a certeza?», quis confirmar. «A Filipa tem razão. O Heitor está detido e não te vai fazer mal nenhum, mas teres alguém por perto ia ajudar-te a sentires-te mais segura.»

«Eu prefiro ficar por aqui, mas obrigada.»

«Sendo assim, em que é que ficamos?», insistiu o Miguel.

«Acho melhor irmos os três com a Filipa», decidiu o **Afonso**.

Despedimo-nos do Miguel e entrámos para o carro da Filipa. Quando chegámos ao apartamento na Póvoa, voltámos a sair todos para nos despedirmos da Mafalda, à exceção da Filipa, que se despediu do lugar do condutor.

«Qualquer coisa, liga-nos», disse-lhe eu. «Não se adivinha uma noite fácil, mas se pudermos fazer alguma coisa, faremos.»

«Já fizeram muito por mim. Fico-vos eternamente grata», disse.Voltou-se para o **Afonso**. «Amanhã passo em tua casa quando estiver a caminho de Leiria para te deixar a chave do apartamento.»

Feitas as despedidas, voltámos para o carro e seguimos para casa do **Afonso**. Quando a Filipa estacionou em frente ao prédio, ele virou-se para o banco de trás e perguntou-me:

«Vais ficar aqui, certo?»

«Se a Filipa tiver medo de ficar sozinha esta noite, vou com ela. Por isso, hoje é ela que decide.»

«Tu é que viveste o drama, não fui eu», disse ela. «Além disso, acho que ele te vai fazer mais falta esta noite do que eu.»

Sendo assim, estava decidido. Abandonámos o carro e subimos até ao apartamento dele. Deixei-me cair no sofá, ele foi até à janela e ficou a olhar para a rua lá em baixo, de mãos nos bolsos.

«Não deixa de ser irónico...», comentei. Ele voltou-se para mim e ficou à espera que eu desenvolvesse. «Tudo isto. Não deixa de ser irónico. A Mafalda deixou-te para ficar com um canalha. E eu deixei um canalha para ficar contigo. Contudo, tu hoje contribuíste para a livrares desse estupor, como também um dia o fizeste comigo. Ainda que de formas diferentes, e ainda que não sejas nenhum anjo.»

«E o que é que isso quer dizer?»

Inspirei fundo e depois expeli o ar todo dos pulmões.

«Quer dizer que eu e ela não somos assim tão diferentes e que pelos vistos temos queda para os maus. O que até pode ser muito intenso e excitante, mas acabamos sempre por nos foder. E também quer dizer que preciso de um bom banho antes de ir dormir.» Bati as mãos nas coxas e levantei-me. «Vens comigo?»

Não foi uma noite fácil. Parecia que tinha passado a noite toda a correr e a fugir de alguém. Quando acordei, sentia-me tão cansada como

quando me tinha deitado. E se eu me sentia assim, nem queria imaginar como tinha sido a noite da Mafalda.

Ela tinha ligado ao **Afonso** logo cedo de manhã, o que indicava que não tinha dormido muito, a avisá-lo de que já tinha arrumado tudo e que em breve passaria em casa dele. Acabou por demorar mais do que estávamos à espera, mas ao final da manhã a campainha do apartamento tocou, dando sinal de que ela já tinha chegado. Desci com ele e encontrámo-la a meio da pequena escadaria em frente à porta de entrada do prédio. Estava de costas e só quando o **Afonso** abriu a porta é que se virou para nós. As olheiras salientes denunciavam o que já se suspeitava, mas o sorriso tímido com que nos cumprimentou revelava uma esperança revitalizante. Reparei ainda que segurava um pequeno quadrado nas mãos.

«Aqui tens», disse ela, entregando-lhe as chaves do apartamento. «Não sei como te agradecer mais por toda a ajuda que me deste, mesmo não tendo obrigação de o fazeres. E também não sei como me desculpar por todos os problemas que te trouxe, depois de todos os que já te tinha trazido. E a ti também, Inês.»

Comprimi os lábios e abanei a cabeça.

«Agradece-me tendo mais cuidado com as pessoas que escolhes para ter ao teu lado. Além disso, também me ajudaste quando eu e o meu irmão precisámos. Devia-te uma retribuição.»

Ela sorriu e olhou para o caderno que trazia nas mãos.

«Sabes... Depois daquela conversa que tivemos as duas», falava para mim, «em que tu me disseste que nada é por acaso e que há um propósito para tudo, eu comecei a refletir sobre qual seria o meu propósito neste regresso depois de tanto tempo. Poderia ter sido para remexer no passado do **Afonso** e fazê-lo enfrentar os seus fantasmas, como sugeriste. Poderia ter sido para eu própria me obrigar a enfrentar os meus fantasmas. O que culminou naquilo que aconteceu ontem. Mas quero acreditar que também possa ter que ver com isto que eu encontrei naquele escritório que estava trancado lá em casa e que vocês deixaram aberto quando lá foram.» Entregou o caderno ao **Afonso**. «Confesso que a curiosidade me levou a remexer nalgumas coisas, peço-te que me perdoes por isso, mas talvez tivesse mesmo de ser assim. Quero mesmo acreditar que nada disto foi por acaso e que todos teremos o final feliz

que merecemos. Agora, sim, são horas de voltar a casa. Obrigada por tudo!»

Dirigiu-se para o carro e fiquei a vê-la a afastar-se e a desaparecer no horizonte enquanto ele ia folheando o caderno.

«O que é isso, **Afonso**?»

Levantou a cabeça e o seu olhar estava absorto.

«Parece que é um diário do meu irmão...», murmurou.

«Eu lembro-me que da primeira vez que falei com a Mafalda e lhe perguntei pelo teu irmão, ela me disse qualquer coisa sobre ele gostar de escrever. Mas isso é o que eu estou a pensar?»

Ele folheou rapidamente mais algumas páginas.

«Eu penso que sim. Algumas das datas coincidem com o período em que eu estive em coma.» Fez uma pausa e olhou-me nos olhos. «Não ouvi as últimas palavras dele, mas vou poder lê-las.»

A emoção apoderou-se de mim e os meus olhos humedeceram.

«Afinal o teu sonho fazia sentido. Tinhas de abrir aquela porta porque a resposta estava do outro lado. **Afonso**! Está aí o que tanto procuravas! Tens de ler esse diário já!»

«Não...», atirou de olhar distante.

A minha reação foi de perplexidade.

«Como não?»

«Quero lê-lo num local especial. Num local que me diz muito. A mim e a ele. Quero lê-lo no meu *canto*.» Desviou o olhar para mim. «Assim aproveito e cumpro a minha parte do nosso desafio, que é levar-te lá. Por isso, vais comigo.»

57

Tinha-se passado quase uma semana desde o episódio do diário à porta do prédio do **Afonso**. Ele decidira aguardar pelo fim de semana seguinte para me levar ao tão misterioso *canto*, pois, segundo ele, era preciso irmos com tempo e disposição. Tinha-me alertado também para dar preferência a roupas leves e descontraídas. E eram precisamente essas roupas que eu terminava de pôr na pequena mala que estava a preparar para a viagem, que ia acontecer nessa noite, quando a Filipa entrou no meu quarto.

«Acho que tinhas razão», disse ela.

Congelei todo o meu corpo e rodei a cabeça para olhar para ela, mas a sua expressão não foi esclarecedora.

«Tinha razão em relação a quê?»

Ela sentou-se na cama e eu encostei-me na cómoda.

«Em relação àquela conversa sobre o Miguel e sobre a possibilidade de ser apenas uma questão de ego aquilo que me estava a desinquietar. Agora que já me passou o período e eu pude assentar as ideias, ser um pouco mais racional e observar a situação à distância, percebo que talvez tivesses razão. Acho que hoje já te responderia com outras certezas à pergunta que me fizeste.»

«A qual delas? Fiz-te várias.»

«Àquela sobre “se amanhã ele percebesse que o que queria mesmo era ficar contigo”, se eu ficaria com ele. Se me fizesses esta pergunta agora, eu ia responder-te que... não. Não faria qualquer sentido porque não seria algo que eu continuasse a querer nos dias seguintes. Talvez fosse apenas o desejo de que ele só me quisesse a mim, mas não necessariamente de eu o querer a ele.»

«E como é que te sentes agora em relação ao facto de ele andar a sair com outra? Ainda te incomoda?»

«Claro que incomoda!» Achei graça à prontidão da resposta dela. «A diferença é que agora compreendo e aceito melhor.»

«Soube que também chegaste a falar com o **Afonso** sobre esse assunto. Ele disse-me. Também te ajudou a opinião dele?»

«Ele disse-me que aquilo que o ajudou a perceber se era realmente amor e não um ego ferido, em relação a ti, foi responder a algumas perguntas. Um pouco semelhante com o que fizeste comigo. Mas no caso dele eram perguntas mais complexas. Por exemplo, se ele conseguia imaginar-se velhinho ao teu lado, ou os filhos dele serem parecidos contigo ou simplesmente se te admirava. E as respostas dele foram todas afirmativas. No entanto, quando eu coloquei essas perguntas a mim mesma... nem por isso.»

«Então ainda bem que não seguiste a minha segunda sugestão de falares sobre isso diretamente com o Miguel.»

«Sim, é verdade. Não era correto eu estar a interferir, de alguma forma, no relacionamento que ele possa estar a iniciar. O meu ego pode não gostar, mas não vou deixar que o meu coração aja de acordo com ele. Seria mero egoísmo da minha parte. Mas agradeço-te por teres levantado essas questões. Ajudaram-me muito!»

O meu telemóvel começou a vibrar com uma chamada do **Afonso**. Era o aviso de que já tinha chegado para me levar até ao seu *canto* e apressei-me a fechar a mala e a despedir-me da Filipa. Ele estava dentro do seu *Mégane*, ainda a trabalhar, parado na estrada. Coloquei a minha mala na bagageira e entrei para o carro. Dei-lhe um beijo e perguntei-lhe, enquanto punha o cinto:

«Será que já me podes dizer onde fica esse teu *canto*?»

Ele olhou-me e fez um momento de *suspense*.

«Gerês.»

58

Quando chegámos ao destino, já era de noite. Pelo caminho, ainda parámos em Braga, não só para jantarmos, mas também para comprarmos alguns mantimentos para o fim de semana. O que fez com que a viagem demorasse umas três horas.

Logo após sairmos da estrada principal em betuminoso, metemos por um estreito caminho calcetado e ladeado por arcos metálicos envoltos em trepadeiras, que lhe conferia um aspeto de túnel. O caminho desembocava num amplo terraço em frente a uma casa em pedra de arquitetura antiquada. Um candeeiro de luz pública iluminava debilmente o espaço exterior da casa, que, para minha surpresa, não me era completamente desconhecida.

«Sinto que conheço esta casa de algum lado...», comentei assim que saí do carro e pude vê-la com mais atenção.

O **Afonso** saiu logo depois de mim e foi abrir a bagageira.

«É normal, as casas antigamente eram muito semelhantes.»

Aquela justificação não me convenceu. Quanto mais olhava para ela, mais certezas tinha de que já tinha visto aquela escadaria em pedra e a pequena janela recortada na parede.

«Já sei!» Ele levantou a cabeça para mim. «Foi naquele álbum de fotos do teu irmão que me mostraste. Havia lá uma foto em que vocês, ainda bem pequeninos, apareciam nesta escadaria. Está um pouco diferente agora, mas era esta. Tenho a certeza.»

Olhou para a casa, torceu a boca e assentiu com a cabeça.

«Tens razão. A nossa avó tirava-nos muitas fotos aqui», admitiu, antes de pegar nas nossas malas e dirigir-se para a casa.

A grande porta maciça ao cimo da escadaria dava acesso direto à cozinha, que, embora fosse antiquada, era requintada e acolhedora. Depois tivemos de atravessar várias divisões até chegarmos ao quarto que lhe era destinado. Um quarto amplo, com duas grandes janelas de cada lado da cama e com um teto tão alto que lhe concedia um aspeto de nobreza.

«O que te parece?», perguntou ele, atento à minha reação.

«É muito amplo. Faz-me sentir desprotegida.»

«Entendo o que dizes, mas não te preocupes, eu protejo-te.»

Abriu uma das portas do roupeiro e começou à procura de algo no interior enquanto eu continuava a olhar em volta.

«Quantas casas tuas me falta ainda conhecer?»

Ele deu uma gargalhada.

«Porque é que dizes isso? Por já ser a terceira?», questionou retoricamente sem tirar a cabeça do roupeiro. «Ah! Está aqui!» Voltou-se para mim segurando uma almofada. «Eu sabia que tinha uma a mais.» Atirou-a para cima da cama. «Quanto à casa... não. Não tenho mais nenhuma para te apresentar, mas se fosse há uns anos, tinha mais uma ou duas. A minha avó tinha algumas propriedades e terrenos. Mas depois da sua morte, eu e o meu irmão desfizemo-nos de algumas e, depois da morte do meu irmão, vendi o que restou, à exceção do apartamento da Póvoa e desta casa aqui no Gerês. Mais tarde, acabei por comprar o meu apartamento no Porto. Agora cada um destes lugares tem um significado e propósito diferentes em mim. Queres comer ou beber alguma coisa? Posso fazer um chá, já que gostas tanto. Também tenho biscoitos.»

«Adoraria», respondi sorridente.

Segui-o de volta à cozinha e fiquei a observá-lo a remexer nos armários à procura da chaleira. Assim que a encontrou, tirei-lha da mão e ofereci-me para preparar o chá.

«Será que já tenho livre-trânsito para te fazer as perguntas proibidas que me andaste a negar durante todo este tempo?», questionei.

«Eu sempre te disse que, quando te portasses bem, te contaria a minha história. Acabei por a ir revelando aos poucos, pois também aos poucos fomos ficando cada vez mais envolvidos, mas, sim, se tens alguma pergunta para fazer... é o momento certo.»

«Parece-me justo», enalteci enquanto enchia a chaleira de água. Depois coloquei-a no fogão, antes de lhe fazer a primeira pergunta. «Estás sempre a falar da tua avó, mas nunca fizeste referência aos teus pais. Posso saber o motivo?»

Ele levou algum tempo a organizar os pensamentos.

«Nunca falei neles porque nunca os conheci também. É como se nunca tivessem existido. Pelo menos os biológicos. Eu e o meu irmão

fomos acolhidos ainda muito novos por um casal endinheirado que sempre tratámos por avós. Eles já tinham uma certa idade e sempre quiseram ter filhos, mas parece que a nossa avó não conseguia. Embora tivéssemos curiosidade sobre os nossos pais, principalmente quando andávamos na escola primária, por causa dos outros miúdos, a verdade é que nunca sentimos falta deles porque crescemos habituados àquela realidade. E quanto mais crescíamos, menos nos interessava esse assunto. Os nossos avós também sempre foram muito reservados em relação a isso e o pouco que pudessem saber sobre eles... já não foi a tempo de ser revelado.»

«E os teus avós? O que lhes aconteceu?»

«Como deves imaginar, não vêm aí boas notícias. A minha história é um bocado trágica, como já podias antever, mas adiante. O nosso avô morreu quando eu tinha uns seis anos e o meu irmão, dez. Encontraram-no debaixo de um trator que ele costumava usar nos fins de semana para fazer biscates nos seus terrenos. Não tenho quase recordações nenhumas dele. Já a minha avó morreu pouco tempo depois de eu fazer dezoito. Foi a uma mercearia aqui perto, sentiu-se mal lá dentro e chamaram a ambulância, segundo o que me contou uma vizinha que vive aqui em frente e que estava lá naquele momento. Foi ela que veio cá a casa avisar-me que a minha avó tinha ido para o hospital. Mas segundo me disseram, quando chegou lá, já estava morta. E pronto, a partir daí, eu e o meu irmão só nos tínhamos um ao outro. Quanto ao resto, já sabes o que aconteceu. Parece que só sobrei eu.»

«Meu Deus, **Afonso**...», murmurei eu de mão na boca. Depois rendi-me à vontade súbita de o abraçar e só o soltei quando a chaleira começou a assobiar. «Que história!»

«Não tenhas pena de mim. Há histórias piores.»

«Certamente, mas é impossível ficar indiferente à tua. Quanto mais sei sobre ela, mais me surpreendo e mais sensibilizada fico.»

Verti a água quente para duas canecas já com os saquinhos de chá no interior e o **Afonso** remexeu qualquer atrás de mim.

«Prova!», disse, segurando um biscoito.

Não tive tempo de dizer nem sim nem não porque ele praticamente mo enfiou na boca. Logo depois, meteu também um na sua. Era estaladiço e tinha um delicioso sabor a canela.

«São muito bons!»

«É a vizinha aqui em frente de que te falei que faz. Gosto sempre de ter uma reserva deles para quando venho cá. Praticamente cresci a comer isto. Traz-me boas recordações.»

«E é por causa dessas boas recordações que vens cá quando te sentes mais confuso ou mais... sei lá... perturbado?»

«Também.» Pegou nas duas canecas. «Trazes os biscoitos?»

Dirigimo-nos depois para uma espécie de antecâmara da casa que tinha um sofá e duas poltronas dispostos em U em volta de uma salamandra desativada. Entre eles, havia umas mesinhas baixas e sobre cada uma delas, um candeeiro, assim como alguns livros e peças de decoração. Sentámo-nos no sofá, ele entregou-me uma caneca e eu pousei os biscoitos entre nós.

«Este lugar tem uma vibração tranquilizante. E ajuda-me a conectar com aquilo que sou. A calibrar a minha personalidade. É como se aqui não existisse o resto do mundo e com isso não existissem os problemas e as preocupações que me tiram o foco. Que me desequilibram de certa forma. É um espaço neutro. No fundo, é um retiro, como tu lhe chamaste várias vezes quando ainda não sabias do que se tratava. Sei que esta casa está repleta de passado e história, mas quando venho para cá, não venho a pensar nisso, senão ia ficar nostálgico e deprimido e não me ia servir de nada ter vindo. Este espaço funciona como um canal em direção à minha natureza. Onde eu posso despir a minha máscara.»

«E o que é que está debaixo dela?»

«O que está debaixo de qualquer máscara: verdade.»

Enquanto durou o chá, contou-me mais algumas histórias, umas engraçadas e outras desgraçadas, que se tinham passado naquela casa, e depois levantou-se e abandonou a antecâmara. Só percebi o que ele foi fazer quando voltou logo a seguir com o diário do irmão, que tinha guardado para ler ali.

«Toma», entregou-mo.

«Porque é que mo estás a dar a mim?»

«Para leres.»

«Espera lá, queres que eu leia para ti?»

«Porque não?»

«Porque é algo íntimo. Algo só dele. Só vosso. Pode haver aqui

alguma coisa que ele não gostasse que alguém soubesse. Especialmente alguém que não fosses tu.»

«Mesmo que fosse verdade, seria tarde de mais porque pelos vistos a Mafalda já leu algumas coisas. E depois eu conheço muito bem o meu irmão. Se ele não quisesse que alguém soubesse de alguma coisa, nunca a teria escrito.»

«Muito bem, se tu o dizes...» Abri o diário e detive-me logo na folha de rosto. Parecia que ele tinha dado um título ao diário. «Nada Menos que Tudo», li em voz alta. «Diz-te alguma coisa?»

«Foi um princípio que ele defendeu toda a vida e que naturalmente me passou a mim e eu passei às pessoas com quem me cruzei. Não me admira que tenha batizado o diário com esse nome.»

Ajeitei-me no sofá para ficar confortável e folheei rapidamente o caderno para ter uma ideia do que me esperava. Reparei que cada texto ocupava apenas uma única página e que nem todos estavam datados. Por fim, concentrei-me no primeiro de todos e quando os meus olhos percorreram a primeira frase, estanquei, surpreendida, antes que a pudesse proferir em voz alta. Dei uma vista de olhos no segundo e terceiro textos e murmurei:

«**Afonso**...»

«O que é que foi?»

«Isto parecem-me textos eróticos.»

«Ah, pois!» Tirou-me o caderno da mão e começou a folheá-lo. «Eu lembro-me de que ele costumava relatar as suas aventuras sexuais e escrever sobre as mulheres com quem se envolvia. Mas vamos saltar essa parte à frente.» Sorriu e continuou a folhear. «Aqui!» Bateu com o indicador na folha. «Este texto tem a data de alguns dias antes do meu acidente. Começa a ler a partir daqui, por favor.»

Fiz como ele me pediu e ficou a ouvir-me, atento e reflexivo, de olhar fixo no chão. Os textos já não tinham nada de erótico como os do início do diário, mas os primeiros que li também não passavam de pequenos resumos do dia, muitos deles com referências às sessões de quimioterapia e às dores que sentia. À medida que fui avançando na leitura, a escrita foi ficando cada vez mais densa e depois, subitamente, aconteceu o inverso. Como se a dada altura o ânimo do irmão tivesse batido no fundo e voltasse a subir. Foi nesse momento que começaram a

aparecer com mais frequência referências ao «mano», que era a forma como ele tratava o **Afonso** nos seus escritos. Foi também a partir dessa altura que o **Afonso** começou a ficar mais irrequieto. Quando finalmente surgiram as palavras perdão e compreensão, num excerto que se referia ao momento, também delicado, em que se encontrava o **Afonso** e que o levara ao acidente, eu vi-o, pela primeira vez desde que o conhecia, a chorar. Ainda tentei parar para que ele pudesse recuperar, mas recusou. Insistiu que continuasse porque queria ouvir tudo até ao fim de uma só vez. Continuei ainda por largos minutos a leitura, atendendo ao seu pedido, e durante esse tempo, ele não parou de chorar e de soluçar, como se lhe estivessem a tirar uma a uma as correntes que o encarceraram durante anos. O choro era de alívio e de libertação e eu própria não consegui conter as lágrimas porque parecia que sentia o que ia dentro dele. Por diversas vezes me turvaram a visão e tive de as enxugar com as costas da mão para não parar de ler. Quando terminei, ele caiu de joelhos sobre a alcatifa e eu abracei-me a ele e fiquei ali, ao seu lado, até que as lágrimas se esgotassem.

59

«Bom dia.»

A imensa luz que entrava pelas grandes janelas do quarto, logo pela manhã, ofuscava-me os olhos. Tive de os abrir devagar até poder ver com nitidez a figura do **Afonso**, sorridente, sentado na lateral da cama. Já estava vestido e pronto para sair.

«Bom dia», devolvi. «Já estás pronto? Não perdeste tempo.»

«Acordei cedo, com a luz, e já não voltei a dormir. Aproveitei e fui vestir-me e preparar o pequeno-almoço.»

«Acordar num quarto destes, que por si só já parece um aposento real, com um príncipe na cama a olhar para mim e já com o pequeno-almoço, que mulher não se sentiria uma princesa?»

Ele sorriu-me com delicadeza e pousou a mão na minha coxa.

«Não te esqueças de vestir uma roupa desportiva, hoje vamos dar uma volta pela natureza. Há uns lugares bonitos e especiais que te quero mostrar. Estou à tua espera na cozinha.»

Depois da leitura do diário, na noite anterior, não tivemos qualquer conversa sobre o que se tinha passado, nem eu queria beliscar aquele momento tão especial para ele, e do qual fiz parte, com uma análise e reflexão sobre os acontecimentos. Mais do que pensar, ele precisava de sentir e de purgar todas aquelas emoções culposas e martirizantes sobre as circunstâncias da perda do irmão.

Quando na noite anterior as lágrimas se esgotaram, conduzi-o de volta para o quarto e eu mesma o ajudei a despir-se. Depois deitei-me com ele, deixando que a sua cabeça repousasse sobre o meu peito, e adormecemos antes sequer de um *boa noite*.

Depois do que tinha visto naquela antecâmara e lido naquele diário, sabia que era impossível o **Afonso** continuar a mesma pessoa, ou pelo menos com os mesmos fantasmas. E quando o vi falar para mim naquela manhã e vi o brilho nos olhos dele, tive a certeza de que o seu coração tinha encontrado finalmente paz.

Vesti umas *leggings*, um casaco desportivo, uns ténis confortáveis e fui até à cozinha. À minha espera tinha uma mesa repleta de comida,

bastante mais do que aquela que alguma vez poderia comer, e isso reforçou ainda mais a ideia que tive, logo ao acordar, de que estava a viver um conto de fadas. O **Afonso**, do outro lado da mesa, barrava uma torrada com compota e a porta da cozinha aberta atrás de mim deixava entrar o sol até às pernas da mesa, como se também ele quisesse tomar o pequeno-almoço connosco.

«Sabes que não era preciso tanta coisa.»

Ele levantou o olhar para mim e depois desceu-o para a mesa.

«Não pus isto tudo para que comesses muito, mas sim para que pudesses comer aquilo de que gostasses. E quanto maior a variedade, maior a probabilidade de isso acontecer.»

«Tens sempre resposta na ponta da língua.» Puxei uma cadeira e sentei-me. «E já que tens resposta para tudo, responde-me lá a esta pergunta: o que é que me vais mostrar hoje?»

«Bom, isto é gigantesco e há montes de coisas para vermos, mas teremos tempo e oportunidade de virmos cá com essa intenção. Para já, quero levar-te a dois lugares em concreto que eu frequentava muito quando era mais novo com o meu irmão. E em cada um deles haverá respostas para alguns dos mistérios que eu fui guardando até hoje. O primeiro lugar... trata-se de um miradouro.»

Não levantou muito mais o véu sobre os mistérios que estaria prestes a revelar e deixou que a curiosidade aguçasse durante algum tempo a minha vontade de ter respostas.

Assim que terminámos o pequeno-almoço, dirigimo-nos para o carro e arrancámos. Não demorou muito até que a inclinação da estrada começasse a ficar cada vez mais acentuada e a vista, cada vez mais ampla. À medida que íamos ziguezagueando pela montanha acima, ia-se também intensificando um friozinho na barriga assim como a excitação para ver o resultado final daquela subida. Foram ainda vários quilómetros e vários minutos até o **Afonso** estacionar num largo onde estava apenas um outro carro que deveria pertencer a um casal que vislumbrámos a uns cinquenta metros. Depois, seguiu à minha frente até ao miradouro, que se tratava de um conjunto de penedos gradeados com alguns degraus esculpidos na própria rocha. A vista que se tinha de lá de cima era soberba.

«Isto é lindo!», exultei. «Não admira que vocês viessem muitas vezes

para aqui. Se eu vivesse aqui perto, também viria.»

«Não vínhamos apenas pela paisagem. Vínhamos também por causa disto.» Tirou um objeto metálico do bolso que eu reconheci como sendo o apito de ultrassons que ele encontrara no escritório do irmão. «Reza para que funcione porque o efeito é bonito.»

Meteu-o na boca e soprou, fazendo soar do apito um som agudo e raspado, mas não propriamente alto ou incomodativo. Parou por um bocado, à espera de alguma reação, e voltou a soprar. Pouco depois, os meus olhos arregalaram-se e o meu corpo ficou em estado de alerta com os uivos que se fizeram ouvir ao longe.

«Oh, meu Deus! Isto são lobos?»

«Não tenho a certeza. Também podem ser cães, eles também uivam. Mas quero acreditar que são lobos. Não é lindo?»

«Lindo? São lobos, **Afonso**! Sei lá se os estás a chamar. Não me quero cruzar com nenhum. Vamos embora daqui.»

Ele deu uma gargalhada.

«Relaxa. Não é propriamente comum. Infelizmente existem só algumas dezenas deles em toda a Peneda-Gerês.»

«Pois, mas basta um para nos fazer estragos!», alertei.

«Não te preocupes. O lobo-ibérico é por norma tímido. Mais depressa foge ele de ti do que tu dele. Relaxa.» Aquele esclarecimento tranquilizou-me, mas continuava em alerta. «Talvez seja a altura ideal para te esclarecer sobre a razão disto.» Puxou a gola da camisola e deixou-me vislumbrar parte da tatuagem que tinha no peito, que ilustrava as marcas deixadas por umas garras. «Recuando até ao dia do meu acidente, aquilo que provocou o meu despiste não foi apenas o excesso de álcool. Foi também o susto que apanhei pelo animal que me apareceu no meio da estrada àquela hora da noite e do qual me tentei desviar.»

«Era um lobo?!», perguntei perplexa.

«Foi o que eu vi. E foi a imagem com que fiquei, mesmo depois de ter despertado do coma e de me recordar de muito pouco do que aconteceu. Mas não era um lobo, como é óbvio. Devia ser um cão ou então não era nada e tudo não passou de uma visão provocada pelo álcool. A verdade é que foi com esta imagem que fiquei. Talvez por ser uma imagem com a qual sempre convivi.»

«E decidiste eternizar no teu corpo o suposto causador do teu acidente? Mas isso não é uma má lembrança?»

«As más lembranças já ficaram eternizadas pela cicatriz.» Afastou-se ligeiramente de mim e ficou a olhar para o horizonte. «A tatuagem simboliza essencialmente o outro lado. O lado do despertar que aquele acidente me trouxe porque me fez perceber a pessoa inconsciente, amarga, desprezível e insensível que eu estava a ser depois de ter desligado, de certa forma, os meus sentimentos para não sofrer com tudo o que se estava a passar. Sim, esse acidente roubou-me muitas coisas, como a possibilidade de acompanhar o meu irmão nos últimos dias da sua vida, mas se esse acidente não tivesse acontecido, eu hoje não seria apenas uma pessoa com muitos fantasmas.» Fez uma pausa. «Eu seria um fantasma...»

Ficámos em silêncio por um bocado.

«E esse lobo que te apareceu, ou essa visão que tiveste, não foi, afinal, a tua perdição, mas sim a tua salvação», murmurei, também de olhos postos no horizonte, em modo de conclusão.

«E a tatuagem, a recordação dela...» Depois de um momento meditativo, o **Afonso** inspirou fundo como se tivesse acabado de emergir de um mergulho e virou-se para trás. «Vamos. Está na hora de irmos ao segundo lugar que te queria mostrar.»

60

Regressámos ao carro e, aparentemente, o lugar onde me queria levar ficava no sentido em que tínhamos vindo, por isso não tivemos de fazer o caminho inverso e descer toda a montanha. Continuámos em frente e, depois de um troço em que estávamos rodeados de árvores altas de um lado e do outro, entrámos numa zona de vegetação rasteira, o que permitiu prolongar pela viagem a paisagem que tínhamos no miradouro. No entanto, ao mesmo tempo que tentava desfrutar da vista, ainda me esforçava por assimilar o que o **Afonso** me tinha acabado de contar e interrogava-me sobre que outras perguntas estariam por responder.

A estrada começou a descer com uma inclinação mais suave do que na subida, mas o piso, por sua vez, era mais irregular e descuidado. Foram cerca de trinta minutos até ele voltar a encostar o carro num largo, na berma da estrada. E, ao contrário do resto do caminho até ali, aquela era uma zona habitada. Viam-se alguns campos de cultivo por perto e, à nossa volta, uma dúzia de casas. Assim que parou, saiu do carro e começou a caminhar pela berma da estrada.

«Costumas vir a estes sítios quando fazes os teus retiros?», perguntei enquanto tentava alcançá-lo.

«Este lugar, em concreto, visitei-o uma vez pouco tempo depois da morte do meu irmão e nunca mais voltei, até hoje.»

«Alguma razão para teres vindo cá dessa vez e não teres voltado? Estou a fazer muitas perguntas, mas disseste que podia.»

«Sim, podes. Aproveita. Vim cá dessa vez porque quis deitar aqui as cinzas dele. Ele pediu-me isso quando percebemos que as coisas poderiam não ter retorno. E não voltei porque simplesmente nunca senti falta e também porque já não sou uma criança.»

«Mas ainda não me disseste o que é que significa este lugar.»

Caminhou mais uns metros com o passo acelerado, como se precisasse de estar no local certo para me responder àquela pergunta, e depois debruçou-se sobre as grades metálicas de uma ponte e olhou para o riacho que passava por baixo dela e que culminava numa cascata

uns cinquenta metros mais à frente.

«Diversão! Muita diversão», rematou sorridente.

Contornou a ponte e começou a descer por uma escadaria.

«Isso não é perigoso?»

«Não, basta não te aventurares a andar em cima das rochas, são bastante escorregadias. Mantém-te nos passadiços e estarás segura. Queres que te dê a mão?»

«Não! Prefiro ter as mãos livres para me agarrar a algo fixo. Se for agarrada a ti e me desequilibrar, ainda te levo comigo.»

Ele aceitou a minha opção e seguiu à minha frente, mas sempre com o cuidado de não me deixar muito para trás. Depois parou numa zona do passadiço que ficava um pouco mais afastada do riacho, o que eu agradeci, por me sentir mais segura, e ficou a olhar para a água que corria, agressiva, por entre as rochas.

«Aqui no Gerês existem muitas cascatas e quase posso jurar que as percorri todas, mas eu e o meu irmão tínhamos uma predileção por esta e por isso era sempre a que escolhíamos.»

«E porquê esta? Não me parece nada seguro nadar aqui.»

«Precisamente por isso. Por ser perigoso. Pelo risco. Pela adrenalina. Tal como quando nos aventurávamos nos bosques na esperança de nos cruzarmos com um lobo qualquer. Era essa adrenalina que nos movia. Não éramos os únicos que vínhamos para aqui, claro, mas todas as outras pessoas ficavam lá mais para trás por ser mais seguro.» Apontou com a cabeça na direção da ponte. «É óbvio que a nossa avó não podia sequer imaginar. Mas de vez em quando lá alguém nos denunciava e tínhamos a vassoura à nossa espera quando regressávamos a casa.»

Um sorriso nostálgico floresceu no seu rosto.

«O que essa mulher deve ter sofrido convosco...»

«Por acaso, ela dizia-nos muitas vezes que a íamos matar do coração, já nós defendíamos que isso só lhe dava ainda mais vida.»

«Então não eras tu que dizias que odiavas praia?»

«Sim. A areia fina que voa com o vento e fica colada ao corpo todo e suja a toalha. Água salgada cheia de algas e sei lá mais o quê... Sim, odeio isso tudo, mas não vês nada disso aqui.»

«Muito bem, então e porque é que me trouxeste aqui tendo em conta que já não vinhas cá há tanto tempo?»

Ele fez uma longa pausa enquanto procurava as palavras certas para me responder e eu comecei a ficar realmente intrigada. Depois meteu as mãos nos bolsos e de olhar fixo na água começou:

«Como já percebeste, o meu irmão era uma pessoa muito importante para mim e que eu admirava imenso. Sempre fomos muito unidos, também pela história de vida que tínhamos, e ele, sendo o mais velho, sempre me protegeu e defendeu, e eu sempre o vi como um modelo a seguir. Até porque era a única referência masculina que eu tinha. Houve uma fase, uns anos antes de ficar doente, em que eu mal o via porque ele passava muito tempo fora. Fosse por estar a viajar ou por estar a viver com alguma namorada nova que arranjava longe de casa, mas, mesmo assim, mantivemo-nos sempre próximos. E a verdade é que eu fui crescendo à sua imagem e isso foi ainda mais notório depois de o perder.»

«A Mafalda comentou comigo que te notou mais parecido com o teu irmão depois destes anos em que não teve contacto contigo», acrescentei para reafirmar o que ele estava a dizer.

«É bem provável. Ele era o meu ídolo e depois de ele morrer, eu não queria que o legado dele se perdesse. Por isso, continuei a seguir os passos e os princípios dele, e a fazer disso um incentivo e ferramenta extras para me reconstruir enquanto pessoa após o acidente. É claro que isso teve influência na minha personalidade, que é, hoje em dia, muito idêntica à dele. Continuei também, tal como ele fazia, a estudar mais sobre a mulher, o sexo e a sedução. Por isso é que criei a minha própria sala de estudo no meu apartamento do Porto, semelhante à que encontraste no apartamento da Póvoa. E foi também depois da morte dele e desse meu recomeço que comecei a educar homens a seduzirem, satisfazerem e valorizarem uma mulher. A serem homens feitos à minha imagem e, por consequência, à imagem do meu irmão. E isto tudo para te dizer o quê? Estás a ver aquela rocha?»

Apontou com o dedo para uma rocha do outro lado do riacho. Apercebi-me de que ela tinha qualquer coisa esculpida e semicerrei os olhos para ver melhor. Era o nome dele: **Afonso**.

«Diz lá o teu nome. Foste tu que o escreveste?», perguntei.

«Não, não fui eu. Foi o meu irmão e aquele também não é o meu nome, mas sim o dele.»

«O quê? Como assim? Não estou a perceber.»

«Foi uma forma que eu arranjei de o homenagear e de certa forma de continuar próximo dele. Depois de ele morrer, adotei para mim o seu nome. É claro que não oficialmente. Nos meus documentos continua a aparecer o meu nome verdadeiro. Mas foi um pedido que fiz às poucas pessoas que conhecia na altura, que também elas me começassem a tratar por esse nome. A Mafalda, por exemplo, conhecia-me antes de tudo isto e por isso sempre me tratou pelo verdadeiro nome. Contudo, tive de a lembrar, antes de te conhecer, para não se enganar no nome quando estivesses presente. Apenas porque queria ser eu a dizer-te e ainda não era o momento para saberes, pois iria ficar tudo muito confuso.»

«**Afonso**! Mas está tudo muito confuso na mesma», protestei de olhos arregalados, completamente atordoada com aquela revelação. «Como assim não te chamas **Afonso**?»

«Eu sei que é confuso, Inês, mas toda a minha história é complexa, por isso tive de a ir revelando aos poucos. E esta era a última revelação que eu tinha para te fazer.»

Abanei a cabeça ainda à procura de uma orientação.

«Não, não foi a tua última revelação, porque ainda há uma coisa que tens de me dizer: qual é, afinal, o teu verdadeiro nome?»